

1855

Centro de Documentação Farmacéutica
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1855

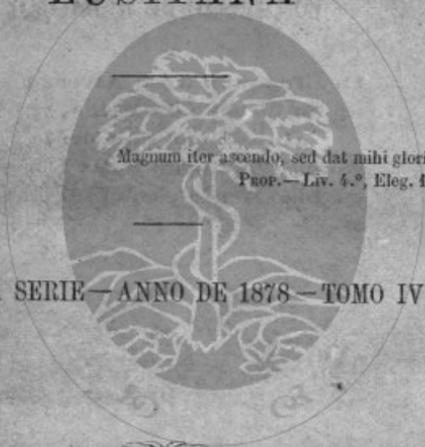
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY

1835

THE MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA



Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.
PROP. — Liv. 4.º, Eleg. 10.ª

SETIMA SERIE — ANNO DE 1878 — TOMO IV



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem Farmacêuticos

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1878

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Joaquim José Alves, director
Joaquim Urbano da Veiga, vice-director
José Dionysio Corrêa
António Augusto Felix Ferreira
João José de Sousa Telles

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Aviso aos senhores pharmaceuticos

A sociedade pharmaceutica lusitana, sabendo que muitos pharmaceuticos de Lisboa e das provincias têm encontrado embaraços no modo de fazer o preço dos medicamentos preparados pela pharmacopêa portugueza, e constando-lhe tambem que a alguns se tem querido impor a obrigação de taxar pelo actual regimento o preço de medicamentos que têm o mesmo nome na pharmacopêa e no codigo pharmaceutico, mas que differem na proporção dos componentes e até no *modus faciendi*, resolveu em sessão de 16 de dezembro de 1877 o seguinte:

- 1.º Que o preço dos preparados que tenham formula igual na pharmacopêa e no codigo deve continuar a ser o que marca o actual regimento emquanto se não publicar um outro;
- 2.º Que o preço dos simples, sommado com o da mani-

pulação, será o d'aquelles preparados que, ou não se acham inscriptos no codigo, ou têm n'elle formulas differentes das da pharmacopêa.

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 1 de janeiro de 1878. = O primeiro secretario, A. Felix Ferreira.

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 18 de dezembro de 1877

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

A sessão foi aberta pelas sete horas da tarde.
Foi lida e approvada a acta da anterior sessão.
O sr. *primeiro secretario* deu conta da

Correspondencia

Officios: — 1.º Do ill.^{mo} sr. Manuel Guilhermino da Silva, residente na Marinha Grande, referindo-se a assumptos sobre que fôra interrogado por esta sociedade. — Inteirada.

2.º Do ill.^{mo} sr. João Baptista Barbosa Gomes Osorio, Valongo, accusando a participação da sua admissão a socio, e referindo-se a assumptos de thesouraria. — Inteirada.

3.º Da ex.^{ma} sr.^a D. Maria José da Cruz de Oliveira e Silva, Lavos, accusando a recepção do nosso jornal, e fazendo algumas considerações sobre negocios de thesouraria. — Inteirada.

4.º Do ill.^{mo} sr. Francisco Profirio Albano Gonçalves, Salvaterra, informando a sociedade de ter terminado n'aquella localidade o abuso cujo termo a sociedade promovêra, e a auctoridade local tão dignamente corrigira. — Informada.

5.º Do ill.^{mo} sr. José Maria Ferreira da Silveira Almendro, Figueira da Foz, mencionando a falta de recepção dos jornaes, e sobre varios assumptos. — Inteirada.

6.º Do ill.^{mo} sr. Miguel José de Sousa Ferreira, Porto, participando o obito da sua esposa. — Recebido com pezar, ficando a mesa encarregada de, em nome da sociedade, dar os pezames a este senhor.

Teve primeira leitura uma proposta do socio benemerito o sr. José Dionysio Corrêa, reduzindo a uma cada mez as sessões da sociedade.

O sr. *Sousa Telles* agradeceu a sua eleição para o logar de primeiro vice-presidente.

O sr. *Delicioso*, vogal da commissão de direito pharmaceutico, fez a leitura de um parecer, com referencia á proposta do sr. José Dionysio Corrêa sobre a refôrma da lei de saúde.

O sr. *Sousa Telles*, referindo os abusos ultimamente praticados na habilitação de alguns pharmaceuticos, disse que taes abusos contribuiam para a degradação da classe; e portanto que era urgente, urgentissimo, empregar toda a diligencia no sentido de embargar, e pôr cobro a tão inconveniente pratica.

O sr. *Felix Ferreira* propoz que o parecer acabado de apresentar fosse impresso.

O sr. *presidente* poz á votação e foi approvada esta proposta.

Fallaram ainda sobre a necessidade de representar aos poderes publicos, contra os escandalos na habilitação pharmaceutica, os srs. *Delicioso*, *Jara*, *Telles*, etc.

Não havendo mais a tratar o sr. *presidente* encerrou a sessão, dando para ordem da noite da sessão seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. = O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Centro de Documentação Farmacêutica

PHARMACIA
da Ordem dos Farmacêuticos

Algumas considerações acerca dos actuaes
interesses dos pharmaceuticos portuguezes

A pharmacia não é uma profissão que se possa exercer sem previos conhecimentos, como são muitos outros misteres de vida, e em que aliás se auferem interessès muitos superiores.

O pharmaceutico digno d'este nome tem de empregar o

melhor tempo da vida, a juventude, na pratica da pharmacia, estudando conjunctamente as disciplinas dos cursos dos lyceus, o que é de grande difficuldade para o aspirante que deseja cumprir com os seus deveres, tendo muitos dias de fazer grandes esforços intellectuaes para vencer as lições e comprehender as materias.

Alguns, empregando o dia todo no laboratorio, chegam á noite cheios de fadiga; é essa a hora que lhes é destinada para o estudo; como poderão emprehendel-o? Com grande difficuldade, porque o moral, para bem poder funcionar, é preciso que o physico não esteja fatigado; ninguem ignora que o estudo da manhã, depois do descanso da noite, é o mais proveitoso. Concluido o tirocinio pratico de oito compridos annos, e os exames preparatorios que a lei exige, tem ainda o aspirante novos trabalhos para se habilitar para o exame de pharmacia, tendo de estudar esta disciplina e as sciencias correlativas, o que demanda muito tempo e por conseguinte muita despeza.

Depois de tão longos e arduos trabalhos consegue as suas cartas ou diploma de pharmaceutico e finalmente estabelece pharmacia, tendo de empregar avultado capital para esse fim.

Qual é pois o resultado que o pharmaceutico tira de tantos sacrificios? É, desgraçadamente para a classe pharmaceutica, mui pouco, e parece-nos que vae sendo cada dia menor. Por um lado os preparados de composição desconhecida com que os estrangeiros inundam o paiz. Por outro a venda de muitos preparados pharmaceuticos em casas que não são pharmacias, como toda a gente observa, chegando o atrevimento de seus donos a ponto de annunciar os mesmos. Vimos ha pouco n'um jornal de Lisboa annunciada uma injeccão para cura de blennorrhagias, e uma pomada para herpes, á venda n'uma loja d'esta cidade, dizendo-se no annuncio com o maior desplante *«garante-se o resultado»!* . . . Parece incrível que isto se consinta n'uma capital civilisada como a nossa.

Em presença d'estes factos a posição do pharmaceutico portuguez é má, os seus interesses soffrem immenso. Sa-

bemos de alguns que se vêem em circumstancias tão pouco lisongeiras, que têm de despedir os ajudantes por não poderem com a despeza. É realmente triste a posição do pharmaceutico, que, alem da perda dos seus interesses, perca tambem a liberdade, ficando um verdadeiro escravo entre cidadãos livres!

Este estado de cousas não pôde permanecer por muito tempo. Aos poderes publicos cumpre prover de remedio. A legislação pharmaceutica impõe graves penas ao pharmaceutico que se ingerir, ou invadir a esphera medica; que vender purgantes ou quaesquer outros medicamentos sem receita; se ha graves inconvenientes para a humanidade em o pharmaceutico proceder contra a lei, muito maiores são os que resultam de qualquer individuo, que não é pharmaceutico, proceder contra essa mesma lei. Sejam de uma vez para sempre cortados os abusos com severa fiscalisação ás casas, em que pseudo-pharmaceuticos expozerem á venda medicamento, e sejam os vendedores punidos com todo o rigor das leis, *suum cuique tribuere*.

Agora que se está elaborando o novo preçario legal, e em que pessoas competentissimas, formando uma commissão, têm empregado muito tempo e discutido muito para conseguirem o *desideratum* n'esta materia, favorecer o pharmaceutico sem lesar o doente, agora, repetimos, temos sobejos motivos para esperar de tão esclarecidas intelligencias, que os interesses dos pharmaceuticos portuguezes serão devidamente attendidos.

Torres Vedras, fevereiro de 1878.

D. A. PITTA SIMÕES.

Gargarejo alcoolico

Pelo sr. Watson

Agua-ardente.....	50 gram.
Agua commum.....	100 »
Misture. Para combater a salivação mercurial.	

Gargarejo contra a estomatita

Pelo sr. Van Holsbeck

Acido salicylico	2 a 4 gram.
Xarope de amoras	30 »
Agua de rosas	120 »

F. s. a. Aconselhado contra a estomatita e a angina.

Glycerado contra a blépharita ciliar

Pelo sr. Thiry

Subazotato de bismutho	4 gram.
Amido em pó	8 »
Glycerina neutra	12 a 15 »

F. s. a. Duas ou tres vezes por dia unções sobre a borda livre das palpebras, para abrandar os pruridos da blépharita ciliar. Nos intervallos loções com decocto de herba moura e dormideiras.

Injecção antileucorrhéica

Pelo sr. Rognetta

Cozimento de fuligem de lenha	400 gram.
Alumen em pó	15 »
Agua	100 »

Solva o alumen na agua e misture o soluto ao cozimento.

Esta injecção é empregada utilmente contra a leucorrhéa, administrando-se ao mesmo tempo e internamente os preparados ferruginosos, as tisanas amargas, e aconselhando-se um regimen tonico e de exercicio no campo.

Injecção contra a blennorrhéa

Pelo sr. Gamberini

Tinctura alcoolica de aloès	16 gram.
Agua distillada	120 »

Misture. Tres injecções por dia.

Injecção vaginal calmante

Pelo sr. Trousseau

Folhas seccas de belladona.....	} aã 15 gram.
Folhas seccas de estramonio.....	
Agua commum.....	750 »

Ferva até reduzir a 500 grammas, cõe e ajunte:

Laudano de Rousseau 2 a 4 gram.

Esta injecção é applicada para acalmar as dôres do cancro uterino, e tornar-se-ha toxica se for tomada em clyster.

Linimento albuminoso

Pelo sr. Christison

Clara de ovo.....	} aã partes iguaes
Alcolo.....	

Misture agitando. Este linimento é aconselhado para o curativo das excoriações que resultam da pressão violenta ou da contusão.

Linimento contra o coryza

Pelo sr. Van Holsbeck

Acido salicylico.....	50 centigram.
Acetato de morphina.....	5 »
Glycerina.....	30 gram.

F. s. a. Applica-se, por meio de fios, sobre a membrana pituitaria, para combater o coryza.

Pastilhas absorventes

Pelo sr. Beasley

Carbonato de cal precipitado.....	45 gram.
Magnesia alva.....	30 »
Noz moschada em pó.....	2 »
Assucar de fôrma em pó.....	90 »
Gomma arabica em pó.....	15 »
Agua distillada.....	q. b.

F. s. a. para obter pasta firme, a qual será dividida em

pastilhas e seccas na estufa. São administradas na d6se de 4 a 10, como absorventes, na dyspepsia acida com pyrosis.

Pastilhas de acido tannico

Pharmacop6a ingleza

Acido tannico.....	1,5 gram.
Tinctura de Tolú.....	1,5 »
Assucar de f6rma em pó.....	60,0 »
Gomma arabica em pó.....	2,5 »
Mucilagem arabica.....	5,0 »
Agua distillada.....	2,0 »

F. s. a. pasta homogenea, que ser6 dividida em 60 pastilhas e seccas na estufa. Cada pastilha cont6m 25 milligrammas de acido tannico.

Uma a seis pastilhas contra a diarrh6a, dysenteria, metrorrhagia, etc.

Pilulas de aconito

Pelo sr. Devergie

Extracto hydalcoolico de aconito..	50 centigram.
Conserva de rosas.....	q. b.

F. s. a. 20 pilulas. Uma a duas, de manh6 e de tarde, contra as d6res oste6copas da syphilis constitucional. Prescreve-se igualmente no tratamento geral da syphilis terciaria.

P6 alcalino

Pelo sr. Devergie

Carbonato de soda em pó fino.....	40 gram.
Fecula de batata.....	100 »

Misture. Este p6 6 aconselhado contra certas affec66es da pelle, o ecz6ma agudo, por exemplo. Internamente, bebidas diluentes, purgantes repetidos.

Poção absorvente alcalina

Pelo sr. Fonssagrives

Oxydo de magnésio.....	4 gram.
Agua de cal.....	60 »
Agua distillada.....	60 »
Xarope de flor de laranjeira	30 »

F. s. a. Administra-se ás colhéres, de hora em hora, na pneumatóse intestinal. Clystères frios preparados com infuso de macella.

Poção alcoolica

Pelo sr. Gubler

Alcool a 85°.....	} aã 50 gram.
Agua commum.....	
Xarope de casca de laranja.....	

Misture. Administra-se uma colhér das de sopa de duas em duas horas, ou mais repetidas vezes, na pneumonia ataxo-dinamica e n'outras affecções acompanhadas de delirio.

Poção tonica ferruginosa

Pelo sr. dr. Le Diberder

Agua.....	200 gram.
Extracto de genciana.....	5 »
Tinctura de genciana.....	15 »
Tartarato de potassa e de ferro.....	10 »
Xarope de casca de laranja	70 »
Acido citrico	50 »

F. s. a. Contra a chlorosa, e administra-se uma colhér das de sopa antes de cada comida.

Pomada antiseptica

Pelo sr. Van Holsbeck

Acido salicylico	4 gram.
Oleo de amendoas doces	2 »
Banha preparada	30 »

F. s. a. Para o curativo das ulceras atonicas de má natureza.

Soluto antiseptico

Pelo sr. Thiersch

Acido salicylico	2 gram.
Phosphato de soda	6 »
Agua distillada	100 »

F. s. a. Embeba fios de panno de linho n'este soluto e applique-os sobre as ulceras putridas, para apressar a granulação e a cicatrização. O auctor propõe substituir o acido salicylico pelo acido phenico no tratamento das ulceras pelo methodo de Lister.

Pomada de extracto de aconito

Pelo sr. Turnbull

Extracto alcoolico de aconito	3 gram.
Banha preparada	8 »

Misture. Este medicamento é aconselhado para combater as dôres nervalgicas. Para as dôres rheumaticas chronicas, o auctor recommenda o uso do preparado seguinte:

Extracto alcoolico de aconito	3 gram.
Ammonia liquida	10 gotas
Banha preparada	12 gram.

Misture intimamente para fazer pomada, a qual será conservada em frasco de vidro bem rolhado.

Tinctura dentifricia

Pelo sr. Jeannel

Alcool a 85°	100 gram.
Cato em pó	10 »
Benjoim em pó	2 »
Essencia de hortelã pimenta	1 »

Macere por 24 horas e filtre. Tónico adstringente, util na gengivita expulsiva e amolecimento das gengivas. Em um copo com agua fria deita-se 1 a 4 grammas d'esta tinctura, para enxaguar a bôca de manhã e á noite.

Soluto antiherpético

Pelo sr. Purdon

Acido chromico..... 4 gram.

Agua distillada..... 30 »

Solvã. É applicado externamente contra a tinha circinada, a tinha tonsurante, a sycôsa e outras affecções parasitarias. O auctor recommenda ainda contra certos eczêmas chronicos.

Pomada estimulante

Pelo sr. Wagner

Acido salicylico..... 4,5 gram.

Alcool..... 3,0 »

Banha preparada..... 15,0 »

F. s. a. É aconselhada contra as ulceras infectas e que se cicatrizam difficilmente.

Soluto contra a pityriasis

Pelo sr. Hillairet

Chloreto mercurico..... 0,15 gram.

Agua distillada..... 300,00 »

Solva. Loções de manhã e de tarde sobre o couro cabelludo.

Xarope alcalino

Pelo sr. Bazin

Bicarbonato de soda..... 8 gram.

Xarope simples..... 60 »

Solva o sal em pequena quantidade de agua, filtre e ajunte o soluto ao xarope, que será ligeiramente fervido. Administra-se uma ou duas colhéres d'este xarope, todos os dias, ás pessoas sujeitas a affecções cutaneas e que apresentem a diathese arthritica.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Sobre a presença dos compostos metallicos nas substancias alimenticias

Pelos srs. H. Paul e T. Kingzett

1.º O cobre existirá sómente no estado de mistura nas ervilhas de conserva, ou estará combinado com as materias albuminoides ou com algum outro principio constituinte?

2.º Entrará elle em dissolução sob a influencia do acto da digestão?

3.º Quando introduzido no estomago será absorvido em totalidade ou em parte, ou será eliminado?

O cobre encontra-se combinado com a mesma substancia das ervilhas de conserva, não se encontra o menor vestigio no liquido em que estão banhadas; a agua fervente não pôde separal-o, mesmo depois de certo tempo de contacto.

As conservas de ervilhas, córadas pelo cobre, foram reduzidas a polpa e submettidas durante quarenta horas, depois por espaço de dezoito horas a uma digestão artificial no sulto de pepsina acidulada pelo acido chlorhydrico; no fim d'este tempo o residuo que havia resistido á acção d'este liquido não continha cobre, por ter este metal passado inteiramente em solução. Por este motivo pôde-se suppor que, na digestão estomacal, as ervilhas de conserva abandonam o cobre que passa solvido nos liquido do tubo digestivo; mas a proporção dissolvida depende provavelmente da acidez do succo gastrico, da actividade do fermento pepsina e do espaço de tempo durante o qual se opéra o acto da digestão.

Quando as pequenas doses de cobre são absorvidas pelo estomago, não é jámais descoberto nas urinas, mas encontra-se nos excrementos uma porção consideravel da quantidade absorvida.

Portanto, se uma parte do cobre é absorvida pelo organismo, uma outra parte, é provavelmente a mais consideravel, não é ella eliminada com os excrementos? Isto concorda com

o que se conhece da acção dos preparados ferruginosos e mercuriaes introduzidos no corpo; uma parte parece ser absorvida e localisa-se ao menos temporariamente nos diversos órgãos do corpo, enquanto que uma outra parte é expellida com as dejecções, córadas quer em negro quer em verde.

(*Pharmaceutical Journal.*)

Estudo sobre a transformação do acido salicylico ingerido pelo homem

Pelo sr. dr. Byasson, pharmaceutico

As conclusões principaes d'este trabalho são as seguintes:

1.º O acido salicylico ingerido pelo homem, no estado de salicylato de soda, apparece nas urinas e pôde ser verificado 25 minutos depois da sua administração; uma dôse de 3 grammas elimina-se em 36 a 40 horas com pouca differença.

2.º Na passagem através da sua economia, uma porção do acido salicylico elimina-se na natureza, uma outra porção é transformada em salicina opticamente activa, em acido salicylurico e provavelmente em acido oxalico.

3.º As primeiras urinas emittidas, algumas horas depois da ingestão de 2 ou 3 grammas de salicylato de soda, reduzem-se á esquerda do plano de polarisação; a desviação é devida á salicina produzida.

4.º O salicylato de soda augmenta na urina a proporção das substancias azotadas e a do acido urico.

5.º A salicina ingerida pelo homem elimina-se na natureza e com suas propriedades opticas em algumas horas seguidas á ingestão.

(*Journal de thérapeutique.*)

Sobre a analyse do assucar na urina

Pelo sr. E. Kulz

O auctor observou uma urina que, á experiencia polarimetrica, continha 4,8 a 5,8 por 100 de assucar e, analysada pelo methodo de Trommer (aquecida com soluto alcalino de tar-

tarato de cobre), não deu precipitado de protoxydo de cobre. Esta singular reacção suggeriu-lhe a idéa de diluir primeiramente com agua a urina: 2 gotas sómente para 10 centímetros cubicos de agua. A operação, repetida nas mesmas condições, produziu instantaneamente precipitado de oxydo vermelho de cobre.

O sr. Kulz, para explicar esta differença, é de opinião que as substancias que, na urina não diluida, impedem a precipitação do oxydo de cobre, são paralygadas na sua acção pela forte diluição da urina.

Ácerca d'este assumpto, o sr. Wittstein observa que, nas numerosas analyses de aguas por elle feitas, nunca observára caso algum d'esta anomalia; emprega todavia o processo seguinte: alcalinisa fortemente a urina pelo soluto de potassa, separa pela filtração o precipitado alcalino-terroso formado e aquece primeiro o soluto cupro-alcalino.

(Zeitschrift des osterr. Apoth. Vereines.)

Doseamento da théina no chá

Pelo sr. Markownikoff

Aqueça 15 grammas de chá em pó com 15 grammas de oxydo de magnesio em 500 grammas de agua por espaço de algum tempo, filtre, lave o filtro, evapore o liquido até seccura, depois de haver-lhe ajuntado pequena porção de areia e de magnesia; o residuo secco é tratado a quente pela benzina. Este ultimo liquido abandona a théina pela evaporação á seccura.

Este processo pôde tambem ser empregado no doseamento da théina no café.

(Berichte der deutsch Chem. Gesellsch.)

Purificação do sulfato de zinco

Pelo sr. F. Stolba

Para desembaraçar o sulfato de zinco do ferro e do manganéz é tratál-o pelo permanganato de zinco. Este ultimo sal

é obtido misturando o permanganato de potassa com o silicofluoreto de zinco. O excesso de reactivo colóra o liquido; eleva-se então a temperatura até á ebulição para destruir o excesso de permanganato. O soluto de sulfato de zinco, filtrado e evaporado, produz depois crystaes perfeitamente puros.

(*Pharmaceutical Journal.*)

Purificação do bismutho

Pelo sr. H. Thurach

É difficil obter o bismutho isento de ferro e de prata. A fusão do bismutho com o azotato de potassa não é sufficiente para o tornar livre de ferro; consegue-se tendo o bismutho fundido debaixo do chlorato de potassa associado com 2 a 5 por 100 de seu peso de carbonato de soda. A separação do ferro por via humida é igualmente difficultosa; o ferro é arrastado com o bismutho se forem diluido com agua os solutos de bismutho; o mesmo resultado será obtido se for empregado o zinco ou o hydrogenio sulfurado como agente de precipitação.

Precipitando o soluto de bismutho pelo chromato de potassa, o precipitado não retém o ferro, mas o apartamento do chromo é uma operação complicada.

Ajuntando-se acido oxalico ao soluto de oxydo de bismutho, o precipitado ($\text{Bi}_2\text{O}_3, 3\text{C}^2\text{O}^3 + 15\text{H}_2\text{O}$) não contém ferro; o excesso de acido oxalico dissolve uma parte do precipitado.

O oxalato, depois das lavagens sufficientes, é facilmente decomposto pelo calor e reduzido ao estado metallico.

O sal duplo $2\text{KCl} + \text{BiCl}_3$ permite tambem obter o bismutho isento de ferro.

Não se consegue isolar a prata do bismutho pela via humida, mas sómente no estado de chloreto.

Para o doseamento do bismutho é mais vantajoso precipital-o a quente pelo hydrogenio sulfurado, lavar o precipitado

a quente e, depois de secco, põl-o ao lume n'um cadinho coberto á temperatura de 200 a 300°; então tira-se a tampa e espera-se que a transformação do sulfureto em oxydo seja completa.

(*Journal für praktische Chemie.*)

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Essencia de cravinho. — Tem sido falsificada com alcool, oleos fixos.

O alcool é reconhecido pelo processo do sr. Borsarelli, o qual é o seguinte: enchem-se dois terços de um tubo de vidro, graduado e fechado em uma das extremidades, com a essencia suspeita, e junta-se a pouco e pouco pequenas porções de chloreto de calcio secco; tapa-se e aquece-se no banho de agua por espaço de quatro a cinco minutos, agita-se o tubo algumas vezes e depois deixa-se esfriar. Se a essencia é pura, a superficie do chloreto não se transfórma; se, pelo contrario, contém alcool, fórma-se uma camada inferior liquida, que é o soluto alcoolico de chloreto de calcio.

O oleo fixo é manifestado pelo alcool, que o deixa como residuo; ou pela potassa ou a soda, que saponificam o mesmo oleo; ou ainda pela agua, no fundo da qual a essencia pura se precipita, enquanto que o oleo fixo sobrenada.

Escamonéa. — O sr. Ebermayer certifica que a escamonéa de Alepo tem sido falsificada com farinha, cinza, cré, areia, carvão e succo de apocyno. Diz mais que deve ser rejeitada a que for em pedaços, densos e não friaveis, e tenha cheiro empyreumatico; a que, solvida na agua, se tornar em geléa pelo resfriamento; a que fornecer bolhas de gaz acido carbonico, quando tratada pelos acidos; finalmente, a que espalhar cheiro de pez quando projectada sobre carvões ardentes.

O sr. Ferrand tem encontrado no commercio escamonéa contendo resina de jalapa, colophonia.

A resina de jalapa é insolúvel no ether, vehiculo ao qual

a boa escamonéa deve ceder approximadamente 80 por 100 do seu peso.

A colophonia, a trituração faz desenvolver o cheiro de terbinthina; o acido sulfurico produz coloração vermelha intensa, em quanto que a escamonéa pura apresenta coloração vinosa.

Oleo de noz moschada.— O sr. Christison diz que este producto tem sido imitado com substancias diversas, e muitas vezes pelo spermacete aromatisado com essencia de noz moschada e córado com açafão, cuja fraude é descoberta pela sua insolubilidade no alcool rectificado e frio.

Resina de guayaco.— O sr. Waltz, visitando as pharmacias do Palatinado, encontrou a resina de guayaco falsificada pelo residuo resinoso proveniente da preparação do acido benzoico por sublimação. Esta resina contém cheiro de benjoim, especialmente quando projectada sobre a lamina de ferro em brasa; tratada pela ammonia liquida, deixa residuo insolavel com todos os caracteres do resinoso acima referido.

A resina de guayaco tambem tem sido adulterada com a colophonia, o que se revela sendo posta em contacto com a ammonia, que lhe solve sómente o guayaco.

Lycopodio.— No commercio tem sido sophisticatedo com talco, areia fina, cré, sulfato de cal, fecula, pó de madeira, etc.

O talco é descoberto triturando uma porção do pó suspeito com agua fria: o lycopodio sobrenada e o talco precipita-se.

A areia, cré, sulfato de cal, reconhece-se, conforme recommenda o sr. Jansen, empregando a calcinação, para lhe destruir a materia organica, e depois submitter este residuo á acção dos respectivos reagentes chimicos.

A fecula, manifesta-se empregando o processo do sr. Legrip: deite, em um pedaço de panno de linho branco, 8 a 10 grammas do lycopodio suspeito, faça um embrulho e ate; ferva depois em agua distillada, durante dez minutos, em ca-

psula de porcellana; filtre o decocto, o qual, depois de frio, dará coloração azul pela tinctura de iodo.

Extracto duro de alcaçú.— Contém muitas vezes fela, farinha, polpa de ameixas, etc.

O sr. Bussy recommenda tratar pela agua fria o extracto suspeito; o extracto puro é completamente solúvel e o falsificado produz deposito pulverulento, que póde ser lavado e depois analysado pela agua iodada.

Cyaneto de potassio.— Altera-se facilmente ao contacto do ar, formando-se carbonato de potassa, que se conhece pela effervescencia que lhe produz os acidos, o que não acontece com o cyaneto no estado de pureza.

É um preparado delicado, difficil, irregular; o estado amorpho (massa fundida), sob o qual se vende ordinariamente, presta-se muito á falsificação. Para obviar estes inconvenientes, os srs. Fordos e Gélis apresentam o modo de analysar o cyaneto de potassio: o processo é a applicação do methodo de volumes, devido a Descroizilles e modificado por Gay-Lussac, que assenta sobre a propriedade que possui o soluto de cyaneto de potassio de descórar o soluto de iodo no alcool ou no iodeto de potassio.

Essencia de aniz.— O sr. Dubail tem encontrado essencia composta de 5 partes de essencia de aniz, 10 partes de essencia de sabão, 85 partes de alcool a 34° ou 35°.

O sr. A. Chevallier teve occasião de analysar uma essencia de aniz, composta de 5 partes de essencia, 10 partes de sabão animal com a base de soda, e 85 partes de alcool a 35°.

O sr. Procter reconheceu a falsificação de uma essencia de aniz, vendida de New-York, contendo mais de 80 por 100 de alcool.

O sr. Boutereau diz que a crystallisação da essencia de aniz não é por modo nenhum indicio da sua pureza, poisque as misturas, em diversas proporções d'esta substancia com o alcool a 96°, crystallisam com os caracteres mui semelhantes da essencia pura.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 8 de janeiro de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão pelas sete horas da noite.

Leu-se a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* leu a lista dos objectos doados e deu conta da correspondencia, que teve o competente destino.

O sr. *Delicioso* apresentou e leu o parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta do sr. José Dionysio Corrêa, ácerca da lei de saude. — Ficou para segunda leitura.

O sr. *presidente* disse que desejava chamar a attenção da sociedade sobre uma questão de interesse profissional.

Disse que tinha recebido cartas de varios socios da provincia e de Lisboa, perguntando-lhe o que deveria fazer o pharmaceutico para marcar o preço das receitas, em quanto não saísse o novo regimento, visto que o antigo não podia servir depois que a nova pharmacopéa estava em vigor.

Comquanto a sua opinião fosse clara e positiva a esse respeito, pois que sempre entendeu desnecessario e vexatorio um regimento imposto pela auctoridade, parecendo-lhe por isso que o pharmaceutico estava no seu plenissimo direito de fazer os preços como entendesse, não queria comtudo deixar de consultar a sociedade sobre este ponto, pois que na sua qualidade de pharmaceutico não estabelecido não tinha a pretensão de impor a sua opinião aos seus collegas estabelecidos, *maxime* em assumptos em que elles eram os unicos interessados.

Suscitou-se animada discussão sobre este assumpto, sendo por fim approvada uma proposta do sr. Tedeschi, para que fosse convocada a sociedade para uma sessão extraordinaria

e que nos avisos se declarasse que era expressamente destinada para a discussão d'este objecto.

Não havendo mais a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da immediata: propostas, discussão dos pareceres, sobre a lei de saude e sobre a eleição dos socios benemeritos, e segundas leituras. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 18 de fevereiro de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Foi lida e approvada a acta da anterior sessão.

O sr. *primeiro secretario* procedeu em seguida á leitura da

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Antonio José Rodrigues Barbosa, nosso delegado em Ponte de Lima, referindo-se a umas analyses de aguas mineraes, a assumptos de thesouraria, e informando a sociedade sobre abusos de policia pharmaceutica. — Inteirada.

2.º Do sr. Domingos Antonio Pitta Simões, dirigindo uma consulta á sociedade e solicitando o seu parecer. — Foi remettida á commissão de pharmacia.

3.º Da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo á sociedade o seu laboratorio para á analyse das visceras do marquez de Castello Melhor. — Concedido.

Terminada a leitura da correspondencia, o sr. Felix Ferreira, primeiro secretario, apresentou e offereceu á sociedade um officio acompanhado de uma estatistica obituarial de todos os pharmaceuticos fallecidos em Lisboa, durante a ultima metade d'este seculo, trabalho que a sociedade muito louvou e agradeceu e devido á louvavel actividade do ex.^{mo} sr. Domingos Lucio Monteiro, pharmaceutico estabelecido em Lisboa.

O sr. *presidente* consultou a sociedade sobre se deveria ou não ser publicado aquelle trabalho.

O sr. *Corrêa* disse que no nosso jornal existia a noticia da morte dos nossos fallecidos collegas, e que lhe parecia de pouca utilidade a sua publicação.

O sr. *Sousa Telles* lembrou a utilidade que sempre ha em aproveitar tudo quanto possa interessar á historia da pharmacia; e tanto mais que era esta tentativa um poderoso estimulo para o proseguimento em trabalhos d'esta ordem.

O sr. *Tedeschi* mostrou desejos pela publicação d'este trabalho, porém que se pedisse ao seu auctor para a ampliar e completar.

O sr. *presidente* encarregou então, por pedido da sociedade, o sr. Felix Ferreira de pedir ao sr. Monteiro de completar aquelle trabalho indicando a data da morte, local e natureza da doença.

Segundas leituras

Teve segunda leitura uma proposta do sr. Corrêa em relação a ser modificado o numero das sessões.

O sr. *presidente*, depois de algumas considerações, poz este assumpto á discussão.

O sr. *Tedeschi* impugnou a proposta, demonstrando a inconveniencia de tal pratica.

Posta á votação foi rejeitada.

Teve tambem segunda leitura e entrou em discussão o parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta do sr. Corrêa para socios benemeritos. Foi unanimemente approvada, referindo-se todos os socios com muito louvor aos serviços prestados pelos dignos membros da commissão que fez a *Pharmacopéa portugueza* e que são objecto da proposta e do parecer seguinte:

Senhores:—Desde a sua installação até 1871 occupou-se a sociedade, repetidas vezes, da falta de uma pharmacopéa que estivesse á altura dos fins para que é destinada. Nas actas das nossas sessões estão registradas as propostas dos nossos consocios, as opiniões e pareceres apresentados nas discussões,

e bem assim as representações feitas em diversas epochas ao governo de Sua Magestade.

Tantas e tão repetidas foram as nossas supplicas, acompanhadas das igualmente feitas pela benemerita sociedade das sciencias medicas de Lisboa, que o governo, annuindo ás instancias das associações scientificas e pessoas competentes e zelosas do bem publico, por decreto de 15 de novembro de 1871 nomeou uma commissão para elaborar e propôr um projecto de pharmacopéa.

Havendo a commissão concluido os seus trabalhos, foram estes submittidos á apreciação do governo em 16 de agosto de 1876.

Por decreto de 14 de setembro de 1876 foi approvedo o projecto de pharmacopéa, sob a denominação de *Pharmacopéa portugueza*, elaborado pela dita commissão, ponderando-se que, no mesmo projecto, *estão convenientemente consideradas e aproveitadas as indicações das sciencias applicaveis no seu progressivo desenvolvimento, o que torna esta obra recommendavel para o ensino e pratica da pharmacia em harmonia com as exigencias da epocha.*

Por decreto de 28 de junho do presente anno, o governo dá por dissolvida a referida commissão, e louva os seus voaes pelo *distincto zélo e incontestavel competencia scientifica, de que deram provas, no desempenho do difficil e utilissimo trabalho que levaram a cabo, e com o qual illustraram os seus nomes e honraram o paiz.*

O que poderei eu acrescentar ao que fica exposto nos dois decretos que acima deixo citados?

Quem deixará de louvar e de agradecer um trabalho tão difficil e tão digno, o da nossa *Pharmacopéa portugueza*, a qual, na minha humilde opinião, considero a primeira entre nós que mais aperfeiçoa e uniformisa o exercicio da pharmacia, pela observancia das melhores regras de pharmacotechnia, com os mais avançados descobrimentos da chimica e as mais auctorizadas indagações da historia natural?

Em presença do que deixo exposto, tenho a honra de apre-

sentar, como addeccionamento á proposta feita hoje pelo nosso consocio o sr. Alfredo Machado, o seguinte:

1.º Que seja consignado na acta, como demonstração de apreço d'esta sociedade, um voto de louvor e de agradecimento ao governo de Sua Magestade, pelos decretos de 15 de novembro de 1871 e 14 de setembro de 1876, e bem assim a todos os vogaes da commissão que elaborára e propozera o projecto da *Pharmacopéa portugueza*.

2.º Que a sociedade eleja para membros benemeritos, o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro d'estado honorario, e todos os vogaes da commissão da nova pharmacopéa que ainda não tenham aquelle titulo.

Sala das sessões, em 12 de julho de 1877.—O membro benemerito effectivo, *José Dionysio Corrêa*.

Senhores:—Com a data de 9 de agosto, foi mandada á commissão de direito pharmaceutico uma proposta do nosso illustrado collega, o ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, a qual tem a data de 12 de julho d'este anno, tendente a elevar á dignidade de membros benemeritos os vogaes da commissão, que redigira e publicára a nova *Pharmacopéa portugueza*, que ainda não fizessem parte d'esta classe de socios, e bem assim o ex.^{mo} conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro do reino, que attendeu ás supplicas d'esta sociedade, mandando redigir e publicar a mesma pharmacopéa pela referida commissão.

Os individuos, que estão comprehendidos na proposta do sr. Corrêa, por ainda não fazerem parte d'esta sociedade, são o conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro que decretou a nomeação da commissão da pharmacopéa, e Carlos May Figueira, medico pela universidade de Coimbra, lente de clinica medica da escola medico-cirurgica de Lisboa, medico da real camara, e clinico bem conhecido nos hospitaes e n'esta cidade. Além d'estes comprehende a proposta os drs. Francisco José da Cunha Vianna, Claudino José Vicente Leitão, Joaquim Urbano da Veiga, Agostinho Vicente Louren-

ço, Antonio Augusto d'Aguiar e Pedro José da Silva, que já pertencem ao quadro d'esta sociedade na classe de honorários. Não podendo a proposta comprehender os outros membros da commissão da pharmacopêa, Sousa Martins, Azevedo e Tedeschi por já serem membros na classe de benemeritos.

Esta honrosa distincção, senhores, é bem merecida, attendendo, em quanto ao primeiro proposto, a ter sido o ministro, que resolveu um problema, que todos os seus antecessores julgaram impossivel, e que o fez com grande applauso das classes pharmaceutica e medica; em quanto aos sete seguintes pelo modo honroso como se desempenharam de tão ardua e difficil commissão, tendo merecido extraordinarios elogios, não sómente das estações officiaes, mas até mesmo da imprensa nacional, e, o que mais é de admirar, da estrangeira, em cujo numero se tem tornado muito notavel o jornalismo medico hespanhol.

A sociedade de certo não deixaria de contemplar com igual honraria os restantes membros da commissão da pharmacopêa, se os não contasse já no numero de seus membros benemeritos.

O juizo critico, todo favoravel e laudatorio, que tem sido feito á pharmacopêa, assim no paiz como no estrangeiro, e que esta commissão de direito pharmaceutico gostosamente abraça, por ver n'elle uma honra para o paiz, e a bem conhecida probidade de todos os propostos, bem assim sua bem fundada fama de homens de sciencia, levou esta commissão ao accordo de que devia aconselhar a sociedade a que approvasse a proposta em questão. A sociedade resolverá, porém, como melhor julgar.

Lisboa e sala da commissão, em 22 de dezembro de 1877.—O director, *José Tedeschi*—Os vogaes, *Augusto de Oliveira Abreu*—*João Francisco Delicioso*.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. Corrêa que, propoz o voto de louvor ao governo e á commissão da pharmacopêa actualmente em vigor.

Motivando a sua proposta, o sr. Corrêa disse que a sociedade sinceramente agradecida para com o governo de Sua Magestade, cujo ministro do reino era o ex.^{mo} sr. Antonio Rodrigues Sampaio, tinha a mais entusiastica satisfação pela aprovação da sua proposta, que ao mesmo ex.^{mo} sr. ministro devia a sociedade a realização de um empenho tantas vezes manifestado e tantas vezes baldado.

Abandonadas por todos os governos as justas pretensões da sociedade, tinham uma vez achado echo no animo de s. ex.^a, já decretando a publicação de uma pharmacopêa, já consultando a sociedade sobre assumptos do seu verdadeiro interesse.

Sob proposta do sr. Tedeschi foi admittido socio correspondente o sr. Julio Carlos Gonçalves, Loures.

O sr. *Cunha* pediu que fosse lançado na acta um voto de sentimento pela morte do sr. Lazaro, nosso digno socio. — Assim se resolveu.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente deu para ordem da noite da sessão seguinte, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

PHARMACIA

Elixir antiasthmatico

Pelo sr. Trousseau

Polygala de Virginia 5 gram.

Infunda em:

Agua 100 »

Filtre e ajunte:

Iodeto de potassio 10 »

Agua-ardente antiga 50 »

Xarope diacodio 30 »

Nos casos de asthma essencial, administra-se duas vezes por dia, uma hora antes das comidas, uma colher das de sopa d'este soluto diluido em tres ou quatro colheres de agua as-sucarada.

Durante os accessos pôde-se dar a tinctura de lobelia inflada, na dóse de vinte a trinta gotas, de meia em meia hora; fazer respirar chloroformio, tocar a pharynge com ammonia diluida em agua.

Nos casos de não produzirem effeito estes remedios, experimente-se o soluto de arseniato de soda de Trousseau.

Agua-ardente antiarthritica

Pelo sr. Graves

Casca de laranja azeda	60 gram.
Rhuibarbo	30 »
Aloès	60 »
Canella	60 »
Agua-ardente	1:000 »

Macere por oito dias e filtre.

Este medicamento é aconselhado contra a gotta e o rheumatismo, na dóse de uma colher das de sopa, de manhã e de tarde. Administra-se ordinariamente diluida em determinada quantidade de agua.

Injecção antiblennorrhagica

Pelo sr. Bligh

Brometo de potassio	6 gram.
Glycerina	10 »
Agua distillada	150 »

F. s. a. soluto para injecções de quatro em quatro horas.

O auctor prescreve esta injecção, não sómente para a blennorrhagia chronica ou sub-aguda, senão tambem no periodo inflammatorio agudo. Demais, este methodo de tratamento não omitta os meios accessorios, taes como o regimen, emprego de bebidas emollientes, o uso do suspensorio e das injecções adstringentes, no ultimo periodo da doença.

Clyster de aloès

Pelo sr. dr. Gallois

Aloès barbadense.....	2,5 gram.
Carbonato de potassa.....	1,0 »
Cozimento de amido.....	300,0 »

Solva. Este clyster é aconselhado para expellir as ascari-
das do recto e determinar o effeito purgativo nas mulheres,
cuja constipação coincide com a amenorrhêa.

Pilulas antibiliosas

Pelo sr. Copland

Extracto de colocintidas composto	2,50 gram.
Ipecacuanha em pó.....	0,40 »
Sabão medicinal.....	0,60 »
Extracto de meimendro.....	1,80 »

F. s. a. 18 pilulas.

São aconselhadas na dôse de uma a duas, na occasião de
se deitar, como laxativas e antibiliosas.

Mistura antidyspeptica

Pelo sr. Dalpiaz

Infuso de casca de laranja azeda (5 gram.).....	125 gram.
Bicarbonato de soda.....	2 »
Tinctura de rhuibarbo.....	2 »
Tinctura de cascarilha.....	10 »
Xarope simples.....	30 »

F. s. a. Uma colher das de sopa, de duas em duas horas.
Esta mistura dá bom resultado no embaraço gastrico simples;
no dia seguinte administra-se um vomitivo.

Injecção adstringente

Pelo sr. Reece

Sulfato de alumina e de potassa	4 gram.
Acetato de chumbo crystallizado	1 »
Agua distillada	180 »

Solva. Tres injecções por dia na blennorrhagia, quando o corrimento é esverdeado e que tenham abrandado, pelas bebidas emollientes, as dôres da micção.

Pó alterante

Pelo sr. Cline

Salsa parrilha em pó	16 gram.
Quina em pó	6 »
Carbonato de soda em pó	4 »

Misture e divida em oito dôses.

Administra-se uma dôse por dia, nas doenças cutaneas rebeldes.

Pó amargo digestivo

Hospitaes de Londres

Camomilla em pó	16 gram.
Rhuibarbo em pó	8 »
Gengibre em pó	8 »

Misture e divida em 16 dôses.

Administra-se uma dôse por dia, uma hora antes ou depois da comida, para excitar o appetite e facilitar as digestões.

Poção antiacida

Pelo sr. Pierry

Bicarbonato de soda	6 gram.
Agua distillada	30 »
Xarope de flor de laranjeira	30 »
Essencia de aniz	1 gota

F. s. a. Para tomar por uma vez, contra a pyrosis. Se a doença reincide no mesmo dia, renova-se o uso da poção.

Poção anthelmintica

Pelo sr. Jaccoud

Alga de Corsega	20 gram.
Santonico.....	10 »
Xarope de artemisia composto	60 »
Leite.....	125 »

Infunda as duas primeiras substancias no leite e ajunte o xarope.

Administra-se de manhã, em jejum, para provocar a expulsão da ascarida lombricoide.

Poção antiasthmatica

Pelo sr. Leclerc

Lobelia inflada.....	6 gram.
Agua fervente	190 »
Xarope simples	30 »

F. s. a. Para tomar ás colhêres das de sopa durante o acesso da asthma.

Poção antiblennorrhagica

Pelo sr. Langlebert

Agua de copahiba	300 gram.
Agua de loureiro-cerejeira.....	10 »
Xarope simples	q. b.

Misture. Para administrar no espaço de um ou dois dias, aos doentes que não podêrem supportar a opiata de copahiba e cùbebas.

Tinctura amarga estomachica

Pelo sr. Beasley

Rhuibarbo contuso.....	60 gram.
Genciana contusa.....	15 »
Alcool	1:000 »

Digira por oito dias e filtre.

Administra-se na dôse de uma ou duas colhêres das de café, em agua ou em infuso de café, para excitar o appetite e facilitar a digestão.

J. D. CORRÊA.

Preparação dos extractos sem intervenção de calor

Nos jornaes belgas e francezes lêmos a noticia d'este novo processo, proposto pelo seu inventor, mr. Alph. Herrera, no *American Journal of Pharmacy*. É a applicação da propriedade já conhecida das soluções aquosas, de se concentrarem pela congelação, que M. Herrera teve a feliz idéa de aproveitar para obter os extractos dos succos ou dos solutos extractivos. Para isto introduz o liquido (succo ou soluto) n'um apparelho congelador e serve-se de uma mistura de gelo e sal marinho ou de gelo e chloreto de calcio para produzir o frio; quando uma boa parte do liquido está congelada espreme n'uma prensa a massa envolvida n'um panno, quebra o residuo e espreme-o de novo para separar quanto seja possível o que chama — *licor mãe*; repete duas ou tres vezes a congelação e a espressão para concentrar ainda o *licor mãe*, mas tem o cuidado de não concentrar a ponto de se separarem os principios menos soluveis que ficariam então, com prejuizo do extracto, envolvidos na massa congelada. O *licor mãe* assim obtido espalha-o em pratos e expõe-o ao calor do sol ou ao de uma estufa aquecida a 30° até que tenha consistencia de extracto.

Os extractos dos succos vegetaes não depurados, diz o auctor, conservam o cheiro, o sabor e a actividade da planta de que procederam; a albumina do succo fica no extracto e ahí conserva a sua solubilidade; dissolvidos na agua representam exactamente o succo.

Os solutos extrativos obtidos por infusão, decocção, digestão, etc., concentrados pelo frio, dão extractos muito superiores aos que se obtêm pela concentração a banho-maria.

O extracto de ratanhia é completamente solúvel na agua, e conserva a côr vermelha e adstringencia caracteristicas; o mesmo succede com os outros extractos, que a acção combinado do ar e do calor altera diminuindo-lhes a solubilidade, e entre estes faz-se especial menção dos que contêm tannino, que são de superior qualidade concentrados pelo frio.

O leite assim concentrado e secco depois por evaporação expondo-o ao calor do sol reproduz, quando é dissolvido em agua o leite primitivo com todas as suas propriedades.

O auctor propõe que aos succos extractivos concentrados por estes processo se dê o nome de opopycnoleos (em grego-succo concentrado).

A. A. FELIX FERREIRA.

CHIMICA

Processo para descobrir pequenas quantidades de morphina

Pelo sr. Pellagri

A substancia que se pretender analysar será secca, se for necessario, dissolvida no acido chlorhydrico concentrado e, depois de lhe adicionar pequena quantidade de acido sulfurico puro, evaporada em banho de oleo a 100 ou 120°.

Fôrma-se então, em presença da morphina, coloração purpura, que é ainda distinctamente reconhecivel, mesmo em presença de substancias que se carbonisam pelo calor.

Depois de evaporado o acido chlorhydrico ajunta-se-lhe nova quantidade, neutralisa-se com bicarbonato de soda; então apparece a côr violeta, que não muda ao ar e cuja materia córante não cede nada ao ether.

Pela addição de algumas gotas de soluto de iodo no hydrogenio iodado, a côr violeta passa a verde, cuja materia é então solúvel no ether e colora-se em purpura. Esta reacção é devida á formação de apomorphina.

A codéina apresenta as mesmas reacções, mas este alcaloide pôde ser separado da morphina pelo ether. A brucina, tratada do mesmo modo, produz, pela neutralisação com bicarbonato de soda, coloração azul, que muda para vermelho pela addição de iodo. Esta ultima reacção não é todavia muito sensível.

(Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruzelles.)

Pesquisa do pigmento biliar na urina

Pelo sr. R. Ultzmann

Para se reconhecer pequeno vestigio de pigmento biliar na urina, ajunta-se-lhe 3 ou 4^{cc} de lixivia caustica de potassa (1 p. de potassa e 3 p. de agua), depois acido chlorhydrico até perfeita neutralisação do alcali. Manifesta-se pela coloração verde-esmeralda.

(*Pharm. Zeitschrift für Russland.*)

Modo simples de reconhecer a presença da fuchsina nos vinhos, succos de fructos e xaropes córados por esta substancia

Pelo sr. Fluckiger

Tem-se observado, quando se dilue o soluto de fuchsina com agua, até que elle obtenha côr vermelha fraca, esta côr tornar-se mais carregada pela addição de agua chlorada e, ajuntando-lhe soluto tambem diluido de bromo, produzir côr violeta. A côr natural do vinho e das framboezas, pelo contrario, é immediatamente destruida pelo bromo e o chloro.

Póde-se d'esta maneira facilmente descobrir a fuchsina no vinho e no xarope de framboezas, quando se lhe ajunte um d'estes dois reagentes. O comestivel não falsificado torna-se amarello-pallido, enquanto que augmenta de côr em presença da fuchsina. A fraca resistencia das materias córantes dos fructos, na presença do chloro e do bromo, muda tanto mais facilmente á vista quando se considera que supportam bem o acido azotico de 1,20 p. esp.

(*Tydsch. voor de pharm. in Nerderland.*)

Pesquisa do acido tartarico no acido citrico

Pelo sr. Allen

Ao soluto de 2 grammas de acido citrico, em 45^{cc} de alcool, ajunta-se 5^{cc} de soluto saturado a frio de acetato de po-

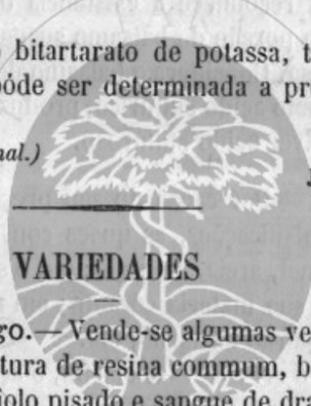
tassa no alcool e deixa-se repousar a mistura durante doze horas. O precipitado será recebido sobre um filtro lavado com alcool, depois separado do filtro por meio do soluto saturado a frio de bitartarato de potassa na agua; por fim, depois de algumas horas de digestão n'este liquido frio, deita-se sobre o filtro, lava-se com alcool e solve-se na agua fervente.

Este ultimo liquido será evaporado e o residuo pesado. Multiplicando-se o seu peso por 0,798 grammas, obtem-se o peso do acido tartarico contido em 2 grammas do acido citrico.

Carbonisando-se o bitartarato de potassa, transforma-se em carbonato, que pôde ser determinada a proporção pelo ensaio volumetrico.

(Pharmaceutical Journal.)

J. D. CORRÊA.



VARIEDADES

Sangue de drago.— Vende-se algumas vezes, por sangue de drago, a mistura de resina commum, bôlo armenio, colcothar, sandalo, tijolo pisado e sangue de drago; tambem se vende uma imitação feita com mucilagem de gomma arábica ou de gomma do paiz, córada pelo pau fernambuco e evaporada até á consistencia propria.

O falso sangue de drago arde facilmente até á extincção da materia organica, deixando cinza branca e ligeiramente alcalina; o verdadeiro sangue de drago arde tambem, mas apaga-se por si mesmo e deixa cinza não alcalina contendo vestigios de ferro.

Para analysar o sangue de drago, o sr. Pommier indica o processo seguinte: trate 1 gramma do sangue de drago suspeito por 10 grammas de alcool a 33°; na metade do soluto alcoolico deite acetato de chumbo neutro, que dará precipitado vermelho-tijolo se o sangue é puro; a outra metade do soluto será evaporada á secura e solvida pelo hydrato de potassa, e se, não apresentando alteração de côr, ennegrecer

pela adição de algumas gotas de acido sulfurico, o sangue é de boa qualidade.

Balsamo de Tolú.— É algumas vezes falsificado pela terebinthina, colophonia e outras resinas.

O sr. Geiger diz que o balsamo deve solver-se facilmente no alcool e no ether, ceder pela sublimação os acidos cinnamico e benzoico, espalhar cheiro de cravo da India quando solvido em lixivia alcalina.

O sr. Ulex reconhece a existencia das resinas estranhas, deitando uma porção do balsamo suspeito sobre a lamina de ferro em brasa. Considera o balsamo de boa qualidade quando, tratado pelo acido sulfurico, produzir coloração vermelha sem desenvolver acido sulfuroso.

Açafrão.— Por causa do seu preço elevado, é sujeito a numerosas falsificações, as quaes consistem em ajuntar-lhe agua, oleo, mel, areia, chumbo; em o substituir pelo açafrão exausto de sua materia corante; em misturar-lhe flores de açafrão ou açafrão bastardo, etc.

Conforme o sr. Stanislas-Martin, o açafrão humedecido conhece-se pela nodoa que produz nos dedos e no papel, o que não acontece com o açafrão não molhado; o açafrão oleoso mancha o papel em que esteja embrulhado; o que tiver mel cede-o facilmente á agua; a areia e o chumbo separam-se agitando o açafrão sobre o tamis de crina com malhas largas; o açafrão exausto de materia corante tem pouco ou nenhum cheiro, a sua cor perdida, ou apenas amarellece a saliva; o que tiver de mistura as flores de açafrão, póde ser reconhecido examinando-o ao microscopio ou fazendo-o macerar na agua, porque o verdadeiro açafrão apresenta os estigmas tripartidos, enquanto que as flores de açafrão são compostas de corolla tubulada dividida superiormente em cinco dentes contendo cinco estames unidos pelas suas antheras.

Sabina.— O sr. Ebermayer diz que as folhas têm sido substituidas com as do *Juniperus bermudiana*; mas existem

diferenças entre estas especies de folhas, cujos ramos são cobertos de casca amarella-atrigueirada.

Caixa de reactivos.— Os srs. Chevallier e Baudrimont recommendam a seguinte lista dos reactivos chimicos mais repetidas vezes necessarios e a dos de uso menos frequente.

- | | |
|-------------------------------|------------------------------|
| 1. Agua chlorada. | 21. Cyaneto de potassio. |
| 2. Acido sulphydrico. | 22. Cyaneto amarelo. |
| 3. Acido chlorhydrico. | 23. Cyaneto vermelho. |
| 4. Acido azotico. | 24. Azotato mercurioso. |
| 5. Acido sulfuroso. | 25. Azotato de prata. |
| 6. Acido sulfurico. | 26. Sulfato de soda. |
| 7. Acido oxalico. | 27. Sulfato de magnesia. |
| 8. Acido tartarico. | 28. Sulfato ferroso. |
| 9. Hydrato de potassa. | 29. Sulfato de cobre. |
| 10. Ammonia liquida. | 30. Carbonato de ammonia. |
| 11. Agua de cal. | 31. Carbonato de soda. |
| 12. Sulphydrato de ammonia. | 32. Oxalato de ammonia. |
| 13. Chlorhydrato de ammonia. | 33. Phosphato de soda. |
| 14. Chloreto de bario. | 34. Arseniato de soda. |
| 15. Perchloreto de ferro. | 35. Chromato de potassa. |
| 16. Protochloreto de estanho. | 36. Acetato de chumbo. |
| 17. Bichloreto de mercurio. | 37. Tinctura de tornasol. |
| 18. Bichloreto de platina. | 38. Agua amidonada. |
| 19. Trichloreto de oiro. | 39. Alcool. |
| 20. Iodeto de potassio. | 40. Permanganato de potassa. |

Os reactivos mencionados em segundo logar e de menos uso que os precedentes, que convém ter á disposição, são os seguintes :

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 1. Agua bromada. | 7. Sulfato de alumina. |
| 2. Acido fluossilicico. | 8. Azotato de palladio. |
| 3. Agua de barita. | 9. Molybdato de ammonia. |
| 4. Chloreto de calcio. | 10. Nitroprussiato de soda. |
| 5. Sulfocyaneto de potassio. | 11. Tinctura de sabão. |
| 6. Bicarbonato de soda. | |

Carbonato de ferro.— Quasi sempre retém carbonato ferroso.

Para se lhe determinar a proporção, o sr. Norbert Gilé manda dissolver 2 grammas, por exemplo, de carbonato em um excesso de acido chlorhydrico puro, deitar no soluto claro

o cyaneto vermelho, que não precipita o perchloreto de ferro e dá com o protochloreto precipitado de azul de Prussia, cuja quantidade faz conhecer, pelo calculo dos equivalentes, a proporção do protoxydo de ferro contido no carbonato.

Ambar.— É algumas vezes falsificado com colophonia.

O sr. Ebermayer indica a maneira de reconhecer esta fraude: 31 grammas de ambar suspeito, posto em contacto com 125 grammas de alcool, durante seis horas e agitando repetidas vezes, tem produzido soluto alcoolico que, pela evaporação, deixa residuo de colophonia, representando a sexta parte do ambar tratado.

Ratania.— Segundo o sr. Martiny, tem-se misturado á verdadeira raiz de ratania a que não pertence ao genero *krameria*, raiz dura e da grossura de 0^m,002 a 0^m,030.

Sassafrás.— O sr. Hahnemann diz ter encontrado algumas vezes, entre o lenho do verdadeiro sassafrás, pedaços com textura mais densa e mais solida, com o cheiro de aniz, que devem ser rejeitados como inactivos.

Escola de medicina e de pharmacia de Tours.— O sr. Dupont foi nomeado lente substituto das cadeiras de chimica e de historia natural e chefe dos trabalhos chimicos da dita escola.

Sentenças judiciais em França.— No tribunal correccional de Montpellier, e audiencia de 20 de junho de 1877, foi condemnada em 25 francos de multa e nas custas M.^{mo} Chiarini, de Calvisson (Gard), pela venda de elixir vermifugo, emplastros, etc.

Noticia importante.— O *Diario de noticias* de 8 de outubro de 1877, informa que matriculou-se, na cadeira de mathematica do lyceu de Lisboa, a sr.^a D. Maria Clara da Silva Guimarães, que se dedica ao estudo pharmaceutico.

Escola de medicina e de pharmacia de Poitiers.— O sr. Jouteau, pharmaceutico, foi nomeado lente

substituto das cadeiras de chimica, pharmacia e historia natural.

Escola de medicina e de pharmacia de Limoges.— O sr. Pillault, pharmaceutico, foi encarregado provisoriammente das funcções de lente substituto das cadeiras de chimica, pharmacia, materia medica e historia natural.

Faculdade de medicina e de pharmacia de Lille.— O sr. Machelart, pharmaceutico, foi nomeado preparador de chimica mineral.

Escola de medicina e de pharmacia de Marseille.— Foram nomeados lentes substitutos das cadeiras de sciencias naturaes: os srs. Bouisson, doutor em medicina e licenciado em sciencias naturaes; Caillol, pharmaceutico e licenciado em sciencias physicas.

Escola superior de pharmacia de Paris.— M.^{me} Buignet offereceu á escola o rendimento de 1:000 francos, destinado para estabelecer um premio annual de manipulações de physica.

Escola de pharmacia de Nancy.— O sr. Delcominête, pharmaceutico, foi auctorisado a fazer um curso complementar de pharmacia galenica.

O sr. Bleicher foi nomeado lente de historia natural, e o sr. Descamps lente de pharmacia.

Hospitaes civis de Paris.— O sr. E. Baudrimont foi nomeado director da pharmacia central.

Oleo de figado de bacalhau.— Tem sido falsificado com oleos de outros peixes, oleos vegetaes iodados.

O sr. Boudard tem empregado o acido azotico puro e fumante. O oleo puro, em contacto com este acido, adquire a coloração rosa, a qual não se manifesta contendo outros oleos de mistura.

O sr. Cailletet serve-se, para o mesmo fim, da mistura de 12 partes de acido phosphorico a 45°, 7 partes de acido sulfurico a 66°, e 10 partes de acido azotico a 40°: 1^{cc} d'esta

mistura, agitada durante alguns segundos com 5^{cc} de oleo, depois com 5^{cc} de benzina, que dissolve o oleo, apresenta, depois de vinte e quatro horas, coloração amarella decisiva para os oleos descórados, alambreados e loiros; todos os outros oleos de peixe coloram-se em escuro intenso, e o de arraia conserva a côr vermelha invariavel.

Emquanto aos oleos vegetaes, iodados artificialmente, não podem ser confundidos com o oleo de figado de bacalhau legitimo; a densidade, o chloro, o acido sulfurico, etc., tornam a distincção facil.

Essencia de terebinthina.— A do commercio contém sempre uma pouca de resina; para os usos pharmaceuticos e para a limpeza dos estofos deve ser purificada pela distillação. O sr. Mathieu diz que tambem pôde ser purificada, agitando-a vivamente com 2 por 100 de acido sulfurico a 66°, deixando-a precipitar e proceder á decantação; ajuntar depois á parte decantada pequena porção de carbonato de cal, a fim de neutralisar o acido e submittê-la á distillação.

Acido cyanhydrico normal.— É algumas vezes substituido pela agua concentrada de amendoas amargas.

O sr. Giovanni Righini indica o meio de reconhecer esta fraude, o qual consiste em deitar um pouco do acido suspeito em uma fiola, que será depois aquecida no banho de agua, tendo no gargalo uma faixa de papel azul de tornsol; á medida que o acido ensaiado se vae aquecendo ligeiramente, o acido cyanhydrico desenvolve-se e faz tornar-se vermelho o papel, o que não acontece quando o producto consiste sómente em agua de amendoas amargas.

O sr. Baudrimont prefere deitar-se no liquido um excesso de soluto de azotato de prata; este attrahe o acido cyanhydrico no estado de cyaneto de prata insolavel, roubando ao liquido todo o seu cheiro cyanhydrico se elle não contém agua de amendoas amargas, porque, n'este caso, o cheiro persistirá.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 12 de março de 1878

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

A sessão abriu-se ás sete horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura da correspondencia, e deu conta dos objectos doados.

Ordem do dia

O sr. *Corréa* mandou para a mesa uma proposta de candidatos para membros benemeritos e honorarios, sendo remettida para a commissão de direito pharmaceutico, para sobre ella emitir o respectivo parecer.

O sr. *presidente* apresentou tambem uma proposta para membro correspondente estrangeiro.

Em seguida o sr. Roberto pediu explicações, relativas a uma proposta do sr. Tedeschi.

A mesa informou que esta proposta estava em poder de uma commissão que a sociedade para esse fim nomeára.

Ficou encarregado o sr. Felix Ferreira de em nome da sociedade solicitar d'esta commissão o respectivo parecer.

O sr. *presidente*, referindo-se a um parecer da commissão de direito pharmaceutico, relativo a uma proposta do sr. *Corréa*, sobre lei de saude, fez varios considerandos, que a sociedade tomou em consideração, resolvendo que fosse creada uma commissão especial encarregada de estudar aquella lei e propor as bases para a sua reforma.

Não havendo mais nada a tratar o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da sessão seguinte: eleição de uma commissão para elaborar um projecto de reforma da lei de saude, na parte relativa á pharmacia, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras.

Eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

SAUDE PUBLICA

Chá da China

Pelo sr. E. Colin, pharmaceutico

O chá é a folha desseccada do arbusto sempre verde (*Thea chinensis*) da familia das ternstremiaceas, que cresce naturalmente na China e no Japão.

O arbusto do chá é o objecto da cultura mais importante na Cochinchina, na Coréa, nas ilhas de Lieou-Tcheou e em Tonkin. Os inglezes têm introduzido esta cultura nos seus estabelecimentos da Himalaya, depois no Assam e no Sikkim; e os holandezes têm obtido em Java productos pouco inferiores aos da China.

Os francezes têm ensaiado por duas vezes a cultura do chá em Cayenna e na Martinica, mas sem resultado.

Colheita.— A colheita é feita quando o arbusto tem quatro annos. Fazem-se geralmente duas colheitas por anno: uma na primavera e a outra em setembro, algumas vezes uma terceira e mesmo quarta. As colheitas da primavera fornecem o chá mais estimado, contendo o sabor mais fino e o aroma mais agradável.

Especies.— As diversas variedades de chá que existem no commercio podem ser reduzidas a duas grandes classes: *chá pretos* e *chá verdes*, que não correspondem ás especies vegetaes distinctas, mas ás das escolhas de folhas colhidas em uma epocha mais ou menos avançada sobre o mesmo arbusto, e ás que se faz sujeitar operações que lhes modificam o aspecto e as propriedades.

Entre os chás pretos que veem á Europa distinguem-se: o *chá souchong*, *chá congo*, *chá pekao*, *chá pekao alaranjado* e *chá pouchong*.

As sortes mais estimadas entre os chás verdes são: o *chá hyson* ou *hystwen*, *chá perola*, *chá polvora*, *chá schoulang* e *chá tonkay*.

Commercio e produção.— Os seguintes algarismos exarados

no *Polytechnisches Centralblatt* (N. F. xvii), dão uma idéa da importancia sempre crescente que toma o consumo do chá.

A produção annual do chá eleva-se a 218 ou a 220 milhões de libras.

Durante o anno de 1868 a China produziu 186 milhões de libras de chá, e em 1869 deu 189 milhões de libras.

O Japão exportou, em 1867, 10 milhões e em 1869 approximadamente 14 milhões de libras de chá.

Java e Madeira têm produzido, em 1870, perto de 2 milhões de libras de chá.

A Inglaterra é o paiz do mundo onde se consome mais chá, e a Italia é o paiz no qual se faz menos uso.

O consumo annual de 1868 a 1871 tem sido, em Inglaterra, de 3 libras 280 de chá por habitante, e na Italia de libra 0,012.

Conforme o sr. Husson, o consumo annual do chá em Paris é de 40:000 kilogrammas.

O chá tem sido, n'estes ultimos annos, o assumpto de analyses chemicas muito interessantes de parte de alguns chimicos allemães. Zöller tem estudado com toda a minudencia os chás da Himalaya, e Weyrick tem levado as suas analyses a 23 especies de chá distinctas; estes dois chimicos têm procurado nos processos empregados o meio seguro de se pronunciar sobre o valor commercial dos chás.

O sr. Weyrick, no seu trabalho, que tem sido reproduzido *in extenso* no *Jahresbericht über die Fortschritte der Pharmacognosie* (1873), tem procurado resolver as questões seguintes:

A proporção da théina está em relação com a qualidade alimenticia do chá?

O chá é tanto melhor o que apresentar maior porção de cinzas?

O chá, rico em principios soluveis, é melhor o que for menos abundante d'estes mesmos principios?

A proporção da cal e a do acido phosphorico podem servir para determinar a qualidade do chá?

Depois de haver comparado e estudado os resultados fornecidos pelas analyses, tão complexas e variadas, o sr. Weyrich conclue que a qualidade do chá depende do seu preço no mercado, porque o gosto do consumidor é o unico criterio da sua qualidade. O sr. Weyrick, de accordo com o sr. Zöller, certificam que não existe processo chimico positivo para determinar o valor das especies de chá isoladas.

Passámos a examinar se ha mais facilidade de provar as falsificações a que se póde sujeitar o chá.

Falsificações.— As falsificações do chá podem ser de differente natureza: umas consistem na coloração artificial d'este producto, destinado a fornecer o chá de inferior apparencia de qualidades que não possui; outras fundam-se na substituição de folhas estranhas as quaes devem compôr o chá.

No seu excellento trabalho sobre as falsificações das substancias alimenticias, os srs. Chevallier e Baudrimont apresentam os melhores processos praticos para determinarem a natureza das differentes materias que se ajuntam ao chá, com o fim de o córar artificialmente. Indicam tambem o meio de reconhecer o chá já esgotado, mas não ministram nenhum methodo preciso para reconhecer a fraude que se pratica mais commumente e que consiste na addição de folhas estranhas no chá.

O meio que me parece de mais facil execução, para reconhecer estas falsificações, consiste em tomar um gramma de chá suspeito e fazer infusão; depois de meia hora, em agua bem quente, as folhas têm absorvido grande quantidade e podem desenrolar-se mui facilmente; estendendo-as sobre a lamina de vidro é facil de achar, na fórma das folhas e na disposição das nervuras, os caracteres da sua origem e a natureza das ditas folhas submettidas á infusão. N'este caso, não sendo evidentemente accusados os caracteres, bastará sujeitar as folhas suspeitas a uma nova dessecação, reduzi-las a pó grosso e procurar, nos fragmentos assim obtidos, os caracteres anatomicos que distinguem visivelmente as folhas do chá.

N'este intuito vou encetar o estudo dos caracteres botânicos e dos caracteres anatomicos da folha do chá, depois estudarei as diferenças que apresentam as folhas estranhas que se lhe encontram mais frequentemente.

As folhas do chá medem 5 a 6 centímetros de comprimento; são curtamente pecioladas, ovaes-oblongas ou ovaes-ellipticas, acuminadas no vertice, inteiras sobre as bordas na parte inferior e dentadas mais ou menos sobre o resto da sua extensão; no seu estado natural estas folhas são coriáceas, de nervura mediana; as pequenas nervuras que se desprendem das nervuras lateraes são pouco apparentes, tornando-se difficil distinguir o tecido formado pelo seu enlaçamento.

Examinada a sua estrutura anatomica, a folha do chá é recoberta de epiderma composta de cellulas tabulares angulosas e mui pequenas na face superior, e pouco sinuosas na face inferior.

A substancia contida entre as duas faces da epiderma occupa, na parte superior, uma ordem de cellulas cylindricas que recobre o parenchyma molle de cellulas alongadas ou polyedricas. No estado recente, estas cellulas contêm chlorophylla, sob a fórma de massas escuras, e algumas d'ellas encerram crystaes de oxalato de cal.

A folha do chá, recente ou secca, possui uma particularidade anatomica bem distincta, a qual consiste na existencia de grossas cellulas irregulares, de natureza pedregosa, que occupam toda a espessura da folha e servem de forro ás duas faces; estas cellulas irregulares são geralmente acanhadas pela parte superior e desenvolvem-se muito irregularmente na parte que se sustenta sobre a face inferior da folha.

A existencia d'estas cellulas todas particulares e das sortes do forro nas folhas do chá, constitue um caracter anatomico muito importante e que concorre para certificar a pureza do chá, quando o exame dos caracteres botânicos das folhas tenham produzido alguma duvida no espirito do observador.

As folhas estranhas que substituem geralmente o chá, são:

as folhas de *abrunheiro*, *roseira*, *loureiro*, *choupo*, *salgueiro*, *freixo*, *sabuqueiro*, *morangueiro* e *espinheiro*.

Todas estas folhas podem ser descobertas pelos caracteres seguintes :

1.º Folhas alongadas, estreitas na base.

a. *Abrunheiro*. Folhas ellipticas, obovae, terminadas em agudo, com dentes frequentemente desiguaes e quasi duplas; as nervuras lateraes fórmam, com a nervura mediana, angulos assás agudos; algumas d'ellas, reunindo-se em distancia do limbo da folha, fórmam azas umas vezes simples outras vezes duplas; d'estas nervuras lateraes partem outras secundarias que, anastomosando-se entre si, produzem uma especie de rede com as malhas muito apertadas.

b. *Freixo*. Folhas alongadas, lanceoladas, menos largas e mais longas que as do abrunheiro, com dentes de serra agudos e pouco sinuosos; as nervuras lateraes, partindo da nervura mediana, dirigem-se para as bordas da folha sob o angulo de 45º com pouca differença; as mesmas nervuras não se reúnem em curvas, mas ajuntam-se entre si pelo intermediario das nervuras secundarias que fórmam tecido de malhas bastante largas.

c. *Salgueiro*. Folhas alongadas, sete a oito vezes mais compridas que largas, com a borda irregularmente dentada, com especialidade a parte inferior da folha; as nervuras lateraes terminam em qualquer distancia do limbo, sem tomarem a fórma de azas; e o tecido formado pelas pequenas nervuras é muito comprimido.

d. *Loureiro*. Folhas lanceoladas, distinguindo-se das antecedentes em que as bordas não são dentadas; as nervuras lateraes afastam-se da nervura mediana, ajuntam-se em fórma de azas, umas vezes simples outras vezes duplas, em qualquer distancia da borda da folha; e a rede formada das pequenas nervuras secundarias é muito mais unida que a das folhas de sabuqueiro.

2.º Folhas ovae, arredondadas na parte superior, terminadas em agudo na parte inferior: taes são as folhas de *mo-*

ranqueiro. Estas folhas têm as margens profundas e regularmente dentadas na sua parte superior; são mais ou menos providas de pellos, principalmente sobre a face inferior; as nervuras lateraes, que procedem da nervura mediana, dirigem-se quasi em linha recta pela margem da folha e terminam no cume dos dentes.

3.º Folhas ovaes, terminadas em agudo na parte superior e arredondadas na base.

a. Roseira. Folhas ovaes, tendo a margem regularmente dentada como a serra; as nervuras lateraes, que saem da nervura mediana sob o angulo de 45º, reúnem-se em curvas proximo das bordas da folha; as pequenas nervuras formam, anastomosando-se entre si, tecido de malhas muito unidas.

b. Choupo. Folhas ovaes, asymetricas, irregularmente dentadas sobre as bordas; as nervuras lateraes terminam no limbo da folha sem formarem curvas; o tecido das pequenas nervuras é menos regular, menos distincto e menos apertado que nas folhas de roseira.

(*Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruxelles.*)

Estofos de algodão tintos

A *Revista allemã*, publicada pela repartição imperial de saude, contém o seguinte:

«N'este momento, o commercio põe á venda estofos de algodão tintos de azul, rosa e cinzento, que contêm grande porção de arsenico. As analyses feitas no laboratorio da dita repartição de saude, têm provado que o arsenico encontrado n'estes estofos não provém, de modo algum, do emprego de materias córantes arsenicaes, mas unicamente dos mordentes e das substancias empregadas no seu preparo.

«Conforme a receita depositada na respectiva repartição, os ditos preparados contêm, em toda a sua massa, quasi $\frac{1}{6}$ de arseniato de soda. Os estofos, pelo decurso do tempo, podem tornar-se muito perigosos para a saude publica; a repartição imperial de saude julga do seu dever vigiar os tintos

reiros e os estampadores contra o emprego d'estas qualidades de preparados, e de os tornar especialmente cuidadosos sobre a existencia, em quantidade sufficiente, de aviamentos completamente inoffensivos que se encontram na pratica da tinctura e para o mesmo fim que os acima indicados.»

(*Le Monde pharmaceutique et médical.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Clyster opiado camphorado

Pelo sr. Ricord

Camphora em pó	50 centigram.
Extracto de opio	5 »
Gemma de ovo	n.º 1
Cozimento de semente de linho . .	150 gram.

F. s. a. Para fazer cessar as erecções dolorosas que acompanham a blennorrhagia aguda. Banhos geraes, bebidas emollientes e diureticas.

Embrocação contra a alopecia

Pelo sr. Wilson

Agua de Colonia	50 gram.
Tinctura de cantharidas	6 »
Essencia de alecrim	10 gotas
Essencia de alfazema	10 »

Misture. Para esfregar brandamente o coiro cabelludo com pequeno pedaço de flanela embebida d'esta mistura, a fim de activar o renovo dos cabellos.

Gargarejo deterativo

Pelo sr. dr. Gallois

Cozimento de quina	150 gram.
Melito de rosas	30 »
Acido chlorhydrico	20 a 30 gotas

Misture. Este gargarejo é util na angina gangrenosa. Preparados tonicos internamente e cauterisações repetidas.

Gargarejo adstringente

Pelo sr. dr. Gallois

Sulfato de alumina e de potassa	4 gram.
Vinho branco	75 »
Cozimento de casca de carvalho	125 »

F. s. a. Para ser empregado nas affecções inflammatorias chronicas da garganta, com relaxamento da uvula.

Este soluto pôde igualmente ser prescripto, em injecções, na leucorrhêa e a ulceração da vagina, e em clyster na ulceração do recto.

Injecção antiblennorrhagica

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de opio	0,50 gram.
Extracto de saturno	1,00 »
Mucilagem de semente de marmelo	10,00 »
Agua distillada	100,00 »

F. s. a. Para injecções, algumas vezes ao dia, no começo da blennorrhagia aguda, para abrandar a dôr resultante da micção da urina. Administra-se ao mesmo tempo bebidas emollientes e banhos.

Licor americano contra a calvicia

Pelo sr. Shampoo

Rhum	500 gram.
Agua-ardente	75 »
Agua distillada	75 »
Tinctura de cantharidas	3 «
Carbonato de ammonia	3 »
Sal de tartaro	5 »

Misture os liquidos, solva os saes e filtre.

Banhe o coiro cabelludo e, depois de alguns minutos de contacto, lave com agua tepida.

Gotas antispasmodicas

Pelo sr. Rotkin

Licor de Hoffmann.....	} aã 4 gram.
Tinctura etherea de valeriana	
Tinctura de dedaleira	
Tinctura de belladona.....	

Misture. Administra-se dez a vinte gotas, durante o accesso da angina do peito. Fricções excitantes sobre a região esternal e, se o accesso se prolonga, injeccão subcutanea de atropina no nivel da região dolorosa.

Gargarejo resolutivo opiado

Pelo sr. Oppolzer

Borato de soda em pó.....	4,00 gram.
Extracto de opio.....	1,25 »
Mel branco	30,00 »
Infuso concentrado de salva	180,00 »

F. s. a. Prescreve-se contra a angina inflammatoria. Revulsivos sobre os membros e sobre o thorax.

Gargarejo resolutivo tannisado

Pelo sr. dr. Gallois

Acido tannico.....	2 gram.
Melito de rosas.....	45 »
Infuso de rosas	150 »

F. s. a. Administra-se na angina chronica.

Linimento contra a queimadura

Pelo sr. Beasley

Agua de cal.....	200 gram.
Glycerina pura	30 »
Agua de rosas.....	80 »
Gomma alcatira em pó.....	2 a 15 »

Solva em pequenas porções a gomma na agua de cal, agi-

tando fortemente, para evitar os grumos; ajunte a agua de rosas e depois a glycerina.

Este linimento é recommendado para combater as queimaduras artificiaes, as excoiações, as fendas dos beiços ou dos bicos do peito.

Loção resolutive contra a acnéa

Pelo sr. Startin

Hyposulfito de soda	4 a 8 gram.
Sulfato de alumina e de potassa	4 a 8 »
Agua de rosas	180 »
Agua de Colonia	12 »

F. s. a. Este soluto é destinado para combater a acnéa chegada ao ultimo periodo. Embebe-se compressas, que se applica, duas ou tres vezes ao dia, sobre a parte doente. Prescreve-se tambem, internamente, uma tisana amarga adicionada de xarope ou vinho antiscorbuticos, pastilhas de enxofre ou, melhor ainda, tres copos por dia de agua mineral sulfurosa.

Pilulas antispasmodicas

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de meimendro	2 gram.
Valerato de zinco	2 »
Subazotato de bismutho	4 »

F. s. a. 40 pilulas. Tres ou quatro por dia, no tratamento da choréa, das nervalgias e outras doencas nervosas.

Pilulas contra a choréa

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de meimendro	2 gram.
Valerato de ferro	4 »

F. s. a. 40 pilulas. Tres por dia, no tratamento da choréa, nos chloroticos, e para combater as dores nervalgias das mulheres anemicas e debilitadas.

Outra formula

Extracto de meimendro	0,40 gram.
Extracto de belladona	0,40 »
Extracto de opio	0,05 »
Extracto de alcaçú	1,00 »

F. s. a. 12 pilulas. Uma a tres por dia, para combater a choréa. Hydrotherapia, gymnastica.

Outra formula

Assafetida	5,00 gram.
Extracto de valeriana	5,00 »
Oxydo de zinco puro	1,00 »
Castoreo	3,00 »
Extracto de belladona	0,40 »

F. s. a. 80 pilulas. Uma a duas, de manhã e de tarde, contra a choréa.

Pilulas emmenagogas

Pelo sr. dr. Gallois

Aloès socotríno	1,00 gram.
Arruda em pó	0,50 »
Sabina em pó	0,50 »
Açafrão	0,50 »

F. s. a. 10 pilulas. Uma de manhã e outra de tarde, dois ou tres dias antes da epocha dos menstrosos. Semicupios, ventosas seccas sobre a região lombar e nos membros inferiores, sanguesugas na face interna e superior das coxas, exercicio a pé e continuado. Nos intervallos das epochas menstruaes, regimen lacteo, uso da quina e ferro.

Pilulas estomachicas

Pelo sr. Reece

Extracto de genciana	7,50 gram.
Carbonatò de soda desseccado	1,25 »
Gengibre em pó	0,75 »

F. s. a. 36 pilulas. Administra-se duas, de manhã e de tarde, como absorventes e estomachicas.

Pilulas estomachicas

Pelo sr. Schmidtman

Fel de boi espessado.....	5 gram.
Extracto de genciana.....	5 »
Rhuibarbo.....	5 »
Carbonato de ferro.....	2 »

F. s. a. pilulas de dez centigrammas. Oito a doze por dia, para combater a inappetencia.

Pilulas ferruginosas

Pelo sr. dr. Gallois

Tartarato ferrico-potassico.....	15 gram.
Extracto de ratania.....	5 »
Conserva de rosas.....	q. b.

F. s. a. 100 pilulas. Uma a dez por dia ás chloroticas que soffrem metrorrhagias.

Pilulas ferruginosas compostas

Pelo sr. Bretonneau

Ferro reduzido pelo hydrogenio...	8,00 gram.
Sulfato de quinina.....	0,50 »
Gengibre em pó.....	0,50 »
Extracto de quina amarella.....	1,50 »
Extracto de rhuibarbo composto....	1,50 »
Aloès socotrino.....	0,25 »

F. s. a. 50 pilulas. Uma a cinco por dia aos chloroticos e doentes tornados anemicos, após de febres intermittentes graves ou de graves doenças syphiliticas. Estas pilulas têm a vantagem de não produzirem constipação.

Pó contra a choréa

Pelo sr. Réveil

Raiz de valeriana em pó.....	3,00 gram.
Artemisia em pó.....	3,00 »

Raiz de belladona em pó	0,12 gram.
Castoreo em pó	0,24 »
Assucar de fôrma em pó.	6,00 »

Misture e divida em 20 dôses iguaes. Quatro por dia contra a choréa. Se o doente é chloro-anemico, administra-se-lhe os ferruginosos no intervallo dos accessos.

Poção contra a albuminuria

Pelo sr. dr. Gallois

Acido tannico	4,00 gram.
Laudano de Rousseau	1,50 »
Cozimento de uva ursina	120,00 »
Xarope de gomma	60,00 »

F. s. a. Duas a quatro colhéres por dia, na albuminuria e catarrho chronico da bexiga.

Poção contra a anorexia

Pelo sr. Fonsagrives

Extracto secco de quina	2 gram.
Tinctura de noz vomica	5 gotas
Vinho de Bordeaux	250 gram.
Xarope de casca de laranja	50 »

F. s. a. Para tomar em tres ou quatro vezes, no principio das refeições, para incitar o appetite.

Poção contra a albuminuria esscarlatinosa

Pelo sr. H. Roger

Agua de alface	60 gram.
Oxymel de scilla	40 »
Tinctura de dedaleira	40 gotas
Xarope de gomma	30 gram.

Misture. Para administrar ás crianças, em colhéres das de

café, de duas em duas horas. Aplicar na região lombar a tinctura de iodo, friccionar os membros com flanela impregnada de vapores de benjoim, e dar um laxativo brando, uma ou duas vezes por semana.

Poção contra a diphtheria

Pelo sr. Hanow

Acido salicylico	1 gram.
Phosphato de soda	4 »
Xarope de framboezas	50 »
Agua	250 »

F. s. a. Administra-se, de hora a hora, uma colher das de sopa aos adultos, e uma colher das de chá ás crianças acomettidas de diphtheria; recommende-se que engulam lentamente.

Soluto contra a diphtheria

Pelo sr. Ferrini

Hydrato de chloral	2 a 3 gram.
Glycerina purificada	15 a 20 »

Solva. De duas em duas horas banhe a região inflammada com este soluto. Internamente, administra-se ao doente, de hora a hora, uma colher de xarope de quina adicionado, para 60 grammas, de 30 centigrammas de hydrato de chloral.

Vinho tonico amargo

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de calumba	2 gram.
Extracto de quassia	2 »
Vinho de Malaga	500 »

Solva e filtre. Duas colheres, meia hora antes de cada uma das duas principaes refeições, para incitar o appetite das pessoas convalescentes de doenças graves e das dyspepticas.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Pharmacopêa portugueza.— Com a devida venia copiámos do *Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa*, março de 1878, o que se segue:

« Não são sempre os grandes estados, que as guerras e as revoluções agitam amiudadas vezes, que caminham á frente do movimento scientifico. Muitos paizes pequenos, graças á profunda paz que n'elles reina, e ás sabias instituições que os regem, têm avançado com passo rapido na senda do progresso. Portugal, que acaba de ser dotado com uma pharmacopêa digna por mais de um titulo de fixar a attenção dos pharmaceuticos, tem logar entre estes ultimos.

« É assim que o sr. H. Verhassel, fazendo justiça ao louvavel empenho com que temos sabido manter a paz no nosso paiz, e á sensatez com que aperfeiçoámos as nossas instituições politicas, dá principio a um folheto que publicou com o titulo de *Observations sur la nouvelle Pharmacopée portugaise*.

« O digno pharmaceutico de Anvers, depois de dar sumariamente noticia do plano geral da nossa pharmacopêa, de apreciar favoravelmente a vantagem da ordem alphabetica adoptada, e o acerto com que a commissão procedeu, descrevendo muito resumidamente os processos para a preparação dos productos chimicos que o pharmaceutico vae buscar ao commercio, reservando as descrições minuciosas para aquelles que é obrigado a preparar no seu laboratorio, ou porque a industria os não offerece em estado de perfeita pureza, ou porque exigem rigorosa exactidão, encarece e louva o empenho com que se modificaram algumas formulas antigas, ainda muito usadas, fazendo que as quantidades dos componentes sejam multiplas ou submultiplas exactas do gramma e que a relação entre estas e o composto possa sempre exprimir-se por multiplos decimaes do gramma. Indica os motivos em que a commissão se baseou para não apresentar tabellas das doses maximas dos medicamentos heroicos e, em

seguida, diz que em todos os paizes se apreciam as vantagens que resultariam da introdução de uma pharmacopêa universal, e que é sem duvida este o motivo porque os auctores da nossa pharmacopêa se approximaram tanto quanto possivel do *Codex medicamentarius*.

« Parece-nos que a aproximação não é tal que auctorise semelhante juizo, porque a commissão nem seguiu o plano do Codex, nem aproveitou d'elle, como de qualquer outro livro do mesmo genero, senão o que lá encontrou bom. Depois das observações geraes que indicámos, faz o auctor algumas outras em especial sobre os preparados officinaes, e chama para muitos d'elles a attenção da commissão encarregada de rever a pharmacopêa belga.

« Termina o sr. Verhassel o seu trabalho exprimindo o desejo de que a nossa pharmacopêa seja considerada sob todos os pontos de vista, por ser a appareição de um livro d'estes um successo no mundo pharmaceutico e *importar a todos os que d'elle fazem parte conhecer e estudar uma obra d'esta importancia.*

« Como portuguezes e como pharmaceuticos folgámos com o favoravel juizo que se faz da nossa pharmacopêa, e por isso damos resumida noticia do folheto do sr. Verhassel. — *F. F.* ».

Opio. — As falsificações do opio são muito numerosas, pelo seu valor intrinseco assás consideravel, e tem-se-lhe encontrado pedras, areia, chumbo, argila, cera, resinas, extractos, etc.

A fraude mais seria é a que consiste em esgotar o opio da morphina e dar-lhe o aspecto primitivo; e, para se assegurar da riqueza da morphina, tem-se empregado o processo do sr. Guilliermond, filho (*Journal de pharmacie*, 1867).

O bom opio, de 10 por 100, deve dar, por este processo, 1,50 de morphina.

Essencia de flor de laranjeira. — Tem sido falsificada com essencia de terebinthina, e reconhece-se este dolo empregando o processo do sr. W. Greville, o qual consiste na

differença de acção que exerce cada uma d'estas essencias sobre o papel de acetato de chumbo, antecedentemente escurecido pela sua exposição sobre o boccal de um frasco contendo sulphydrato de ammonia.

Deita-se uma gota da essencia de flor de laranjeira sobre este papel, e aproxima-se do calor para lhe accelerar a evaporação; se a essencia é pura não se manifesta mudança alguma, se contém essencia de terebinthina a coloração é destruida.

Biantimoniato de potassa.— Conforme o sr. Mialhe, no commercio tem sido encontrado contendo de mistura carbonato ou phosphato de cal e alvaiade.

Reconhece-se esta fraude quando o biantimoniato de potassa produza effervescencia com acido azotico diluido: o liquido acido dá precipitado branco com o oxalato de ammonia, quando contenha carbonato de cal; precipitado branco gelatinoso de phosphato calcareo com a ammonia, no caso da presença d'este sal; precipitado branco com o sulfato de soda, amarello com o iodeto de potassio, negro com o hydrogenio sulfurado, se o biantimoniato submettido á analyse contém carbonato de chumbo (alvaiade).

Acido citrico.— Encontra-se algumas vezes misturado com acido tartarico e sulfato de cal.

A falsificação por meio do acido tartarico pôde ser reconhecida, como indica o sr. Gaffard, deitando, gota a gota em pequena porção de agua de cal, o soluto aquoso do acido que se pertende analysar; a presença ou a falta do acido tartarico manifesta-se pela turvação ou pela transparencia do liquido, depois de terminada a reacção: o citrato de cal sendo soluvel em grande quantidade de agua, o tartarato de cal solve-se com difficuldade.

Para se assegurar da presença dos saes calcareos, deve-se neutralisar o acido pela ammonia e dividir o liquido em duas porções: em uma deita-se oxalato de ammonia, n'outra chloreto de bario, e se os dois liquidos precipitarem é devido ao

sulfato de cal; a precipitação pelo oxalato sómente indica a presença do citrato de cal, proveniente de pequena porção de carbonato de cal misturado antes da crystallisação do acido; algumas vezes a neutralisação ammoniacal é sufficiente para promover a precipitação do sulfato de cal retido em solução pelo acido citrico.

J. D. CORRÊA.

Liquefacção dos gases julgados permanentes e liquefacção e solidificação do hydrogenio.—Um dos mais importantes assumptos que agora occupa o mundo scientifico é a liquefacção dos gases permanentes. Este brilhante resultado foi conseguido, quasi simultaneamente, por M. L. Cailletet e M. Raoul Pictet com o auxilio de pressões enormissimas e de consideravel abaixamento de temperatura, emapparelhos especiaes inventados para este fim. Entre os gases liquefeitos até agora contam-se o hydrogenio, o oxigenio, o azote, o ar atmospherico, etc.

Não se podem ainda apreciar os caracteres physicos dos liquidos obtidos, porque apenas se formam à vista do observador para logo retomarem o estado gazoso.

Segundo o que se affirma no extracto de uma carta dirigida a M. Dumas por M. Pictet, este senhor, servindo-se dos mesmos apparelhos que empregou para a liquefacção do oxygenio, liquefez o hydrogenio puro, obtido pela decomposição do formiato de potassa pela potassa caustica, submettendo-o a uma pressão de 650 atmospheras e a um frio de -140° . O hydrogenio, aberta a torneira de vedação do tubo que o continha, saiu com violencia pelo orificio, fazendo ouvir um silvo agudo; o jacto tinha a côr azul do aço e era opaco n'uma extensão de 12 centimetros. No mesmo instante ouviu-se uma crepitação similhante ao ruido que produz a grenalha caindo no solo, o jacto tornou-se intermittente, e sentiram-se abalos a cada saída de liquido. Era evidente que a congelação do hydrogenio se operára no tubo em consequencia da evaporação do hydrogenio liquido.

F. F.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
Balancete do 1.º trimestre de 1878

Receita		Despeza	
Saldo em cofre em 1 de janeiro de 1878.....	141,5930	Analyses toxicologicas.....	36,5000
Quotas dos membros contribuintes.....	141,5600	Assignaturas de jornaes estrangeiros.....	7,5200
Diplomas.....	2,5400	Iluminacao.....	2,5310
Analyses toxicologicas.....	48,5000	Contribuicao da renda da casa.....	6,3320
Assignaturas do jornal.....	3,5000	Ordenado do continuo.....	45,5000
Diferença da renda da casa, relativa ao 2.º semestre de 1877.....	10,5000	Gratificacao ao jardineiro.....	1,5500
		Gratificacao ao escriptuario.....	9,5000
		Estampilhas para jornaes e correspondencia.....	1,5380
		Despezas de expediente.....	6,5170
		Compra de moveis e concerto de outros.....	56,5000
		Diversas despezas.....	4,5260
		Saldo para o 2.º trimestre de 1878.....	175,5440
			171,5490
	346,5930		346,5930

Secretaria da sociedade pharmaceutica Lusitana, 31 de março de 1878.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felis Ferreira.

O thesoureiro,

Joaquim de Sant' Anna Machado Figueiros.

Centro de Documentação Farmacéutica da Ordem dos Farmacêuticos

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 2 de abril de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão pelas sete e meia horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da anterior sessão.

O sr. *primeiro secretario* leu a

Correspondencia

Officios: — 1.º Da academia medico-pharmaceutica de Barcelona, convidando a sociedade a estabelecer relações scientificas com ella, e enviando os seus estatutos. — Recebido com especial agrado.

2.º Do ex.^{mo} sr. Antonio Augusto de Aguiar, accusando a recepção do diploma de socio benemerito, e manifestando o seu reconhecimento. — Inteirada.

3.º Do ex.^{mo} sr. Carlos May Figueira, agradecendo o diploma de socio benemerito, que a sociedade lhe conferira. — Inteirada.

4.º Do ex.^{mo} sr. Izidoro da Costa Azevedo, dando noticia de ter recebido o diploma de socio benemerito, e significando o subido apreço em que estima tão honrosa distincção. — Inteirada.

5.º Do ex.^{mo} sr. Antonio José Rodrigues Barbosa, pharmaceutico em Ponte de Lima, alludindo a uma publicação da *Gazeta do Norte*. — Inteirada.

6.º Do ex.^{mo} sr. procurador regio, convidando a sociedade a mandar proceder á analyse chimica de uma gordura suspeita. — Inteirada.

Em seguida o sr. Drack offereceu á sociedade um exemplar do *Indice chymico-pharmaceutico*, publicação ultimamente feita pelo sr. Pratas. — Resolveu-se que se noticiasse no *Jornal* o apparecimento d'este trabalho.

Primeira parte da ordem do dia

Propostas

Sob proposta do sr. Tedeschi foram admittidos para socios correspondentes nacionaes os srs. Ezequiel Augusto Barata Taborda, pharmaceutico em Mora, e Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, pharmaceutico em Marco de Canavezes.

Tambem foram admittidos para membros correspondentes o ex.^{mo} sr. José Januario da Silveira Costa, pharmaceutico em Borba, e o ex.^{mo} sr. Manuel de Mattos Viegas, pharmaceutico em Santa Combadão.

Segunda parte da ordem do dia

Eleição de uma commissão para elaborar um projecto de reforma da lei de saude

O sr. *presidente* consultou a sociedade sobre o numero de vogaes que devia ter esta commissão.

O sr. *Delicioso* lembrou a conveniencia de ser encarregada a mesa, attentos os seus recursos para conseguir tão util melhoramento.

O sr. *presidente*, em nome da mesa, significou a impossibilidade de bem desempenhar tão importante commissão, adduzindo razões, que a sociedade acatou.

O sr. *Corréa* mostrou desejos de ver a commissão composta de membros nomeados *ad hoc*.

O sr. *Coelho de Jesus*, referindo-se aos membros da commissão de direito pharmaceutico de um modo lisonjeiro, disse que nada achava mais logico, que a nomeação d'aquelles cavalheiros, para um trabalho tão da sua competencia; que aptidões já tão dignamente experimentadas em assumptos d'aquella ordem garantiam á sociedade um resultado proficuo e satisfactorio.

O sr. *Sousa Telles*, adduzindo, além de outros motivos, o de ter a commissão já contribuido com um grande contingente para este assumpto, o que facilmente se verificava da leitura do respectivo parecer, opta pela eleição de cavalheiros estranhos á commissão de direito pharmaceutico.

Terminada a discussão, o sr. presidente interrompeu a sessão, para os socios fazerem as suas listas.

Reaberta a sessão, e procedendo-se ao escrutinio, saíram eleitos os srs. Veiga, Tedeschi, Felix Ferreira, Sousa Telles e Drack.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente deu para ordem do dia da sessão seguinte propostas, pareceres de comissões, segundas leituras. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 30 de abril de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão pelas sete e meia horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* leu a

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Joaquim Gonçalves de Aguiar, da Collegã, participando a mudança da sua residencia para Pom-bal, para onde deveria ser-lhe dirigida toda a correspondencia. — Inteirada.

2.º Do sr. Manuel de Mattos Viegas, de Santa-Combadão, agradecendo a sua admissão a socio, e referindo-se a assumptos de thesouraria. — Inteirada.

3.º Foi lido tambem um officio vindo da cidade da Praia, com referencia a uma local publicada no *Boletim official*, para a qual se chamava a attenção da sociedade. — Inteirada.

4.º Do sr. José Raymundo Alves Sobral, pedindo para lhe serem remettidos alguns numeros do *Jornal*. — Foram expedidos.

5.º Do sr. D. F. Prats Grau, de Barcelona, perguntando se se recebeu um exemplar da 2.ª edição do *Tratado de pharmacia operatoria*, do dr. Fors y Cornet, que offereceu á sociedade, cuja opinião sobre aquelle trabalho deseja conhecer. — Resolveu-se que a commissão de pharmacia dêsse parecer sobre este livro, se se recebeu, do que duvidava o sr. *primeiro secretario*.

Pareceres

Teve primeira leitura um parecer da commissão de pharmacia, relativamente á consulta do nosso socio o sr. Pitta Simões. — Ficou para segunda leitura.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões, segundas leituras, e discussão do parecer da commissão de pharmacia que acabára de ter a primeira leitura. Eram dez horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires.*

PHARMACIA

Resina de escamonêa

Obtem-se ordinariamente esta resina descorando pelo carvão animal a tintura alcoolica, concentrada, de pó de escamonêa, distillando para separar o alcool, que serve para novas operações, e evaporando até á seccura.

Observando, porém, mr. Perret que a materia corante da raiz de escamonêa está combinada com alumina e cal, e facilmente transformavel n'uma lacca, insolavel no alcool, addicionando-se um pouco de acido sulphurico, serviu-se d'esta reacção para extrahir a resina em grande estado de pureza.

Eis o processo de mr. Perret:

«Trate-se o pó de raiz de escamonêa pelo alcool fervente até separar toda a parte resinosa; no liquido negro, espesso, resinoso e alcalino com o papel de tornesol, que se obteve, vertam-se algumas gotas de acido sulphurico até completa saturação; deixe-se em repouso o liquido então turvo para se separar a lacca córada que se formou; filtre-se o liquido descorado que se obteve e distille-se para se aproveitar o alcool; seque-se o residuo a banho de area, o que se consegue com muita rapidez se houver o cuidado de elevar gradualmente a temperatura até 102.º

A resina, perdidos assim os ultimos vestigios de humidade

e de alcool, é vertida sobre uma superficie de pedra e por ultimo reduzida a pó.

Este processo, segundo affirma mr. Perret, dá uma resina muito pura, branca, muito secca, e tem sobre o do *Codex* entre outras vantagens as do rendimento e da facilidade de execução.

A. FELIX FERREIRA.

(*Journ. de pharmacie et de chimie*).

Clyster de chloroformio

Pelo sr. Bouchut

Chloroformio.....	2 gram.
Alcool a 85°.....	16 »
Solva e ajunte:	
Agua	250 »

Este soluto é dado em clyster, nos casos de colicas saturnina ou nervosa.

Linimento calmante

Pelo sr. dr. Gallois

Balsamo de Fioravanti.....	32 gram.
Chloroformio.....	8 »

Misture. Deite certa quantidade d'este medicamento sobre uma pasta de algodão em rama, e applique-a rapidamente sobre o logar da dôr, na região epigastica; por exemplo: na gastralgia e as caimbras do estomago, e sobre a região do fígado no caso de colica hepatica, etc.

Apozêma purgativa

Pelo sr. Hardy

Amor perfeito	8 a 16 gram.
Foliolos de senne.....	4 a 8 »
Agua fervente.....	384 a 572 »

Faça infuso, para dar no começo do eczema e diminuir a secreção abundante que existe á superficie da pelle.

Mistura diuretica

Pelo sr. Graves

Emulsão de amendoas doces	300,00 gram.
Azotato de potassa em pó	4 a 8,00 »
Tinctura de dedaleira	1,50 »
Tinctura de meimendro	1,00 »

Misture. Uma colher, de hora a hora, para combater diversas fórmãs de hydropisia e, em particular, o edéma que acompanha as doenças do coração.

Pilulas antiictericas

Pelo sr. dr. Gallois

Sabão medicinal	3,00 gram.
Aloès socotrino	1,25 »
Bitartarato de potassa	1,25 »
Xarope das cinco raizes	q. b.

F. s. a. 24 pilulas. Duas a quatro por dia, ás pessoas affectadas de colicas hepaticas, para obstar a frequencia dos accessos. Agua de Vichy na occasião das comidas, abstinencia completa de alimentos gordos.

Pilulas catharticas

Pelo sr. Dickson

Extracto de belladona	0,30 gram.
Rhuibarbo em pó	1,00 »
Extracto de aloès	1,00 »

F. s. a. 12 pilulas. Uma ou duas, todas as noites ao deitar, ás pessoas que soffrerem constipação habitual.

Pilulas contra a constipação

Pelo sr. C. Paul

Podophyllina	30 centigram.
Mel	q. b.

F. s. a. 10 pilulas. Uma á noite ao deitar, no caso de con-

stipação habitual. Esta pilula é sufficiente para desembaraçar o ventre no dia seguinte; mas se se quizer purgar são necessarias duas ou tres.

A podophyllina não produz constipação consecutiva, e pôde ser empregada por muito tempo sem perder a sua efficacia.

Pilulas purgativas

Pelo sr. Van den Corput

Podophyllina	0,20 gram.
Sabão medicinal.....	1,00 »
Essencia de funcho.....	20 gotas

F. s. a. 6 pilulas. Duas a quatro por dia, nas constipações seccas com inercia intestinal, que se observa nos hypochondriacos e nos homens de gabinete, adquirindo-se o appetite reparador e as regulares evacuações do ventre.

Pó contra a constipação

Pelo sr. Coutaret

Fava de Santo Ignacio em pó.....	2 gram.
Assucar de leite em pó.....	q. b.

Misture intimamente e divida em 36 doses. Uma dose, um quarto de hora antes de cada comida, contra a constipação habitual.

Poção de chloroformio

Pelo sr. Tourasse

Chloroformio.....	1 gram.
Alcool a 90°.....	8 »
Agua de loureiro-cerejeira.....	10 »
Agua de alface.....	120 »
Xarope de flor de laranjeira.....	30 »

Solva o chloroformio no alcool e deite na mistura das outras substancias. Administra-se esta poção ás colhéres, para combater as colicas hepaticas.

Pomada contra a calvicie**Pelo sr. Cazenave**

Medulla de boi purificada.....	32 gram.
Tinctura de cantharidas.....	4 »
Tinctura de canella.....	4 »

F. s. a. Para ser applicada de manhã e de tarde sobre a cabeça, tendo sido primeiramente lavado o couro cabelludo com agua salgada. Sempre que for possivel haverá cuidado de conservar os cabellos curtos.

Pomada resolutiva**Pelo sr. Bazin**

Iodeto de chumbo.....	7 gram.
Extracto de eicuta.....	7 »
Banha preparada.....	60 »

F. s. a. Para ser applicada em unções, de manhã e de tarde, nos ganglios engorgitados e dolorosos.

Pomada resolutiva**Pelo sr. dr. Gallois**

Iodeto de chumbo.....	2 gram.
Chloreto de ammonia.....	2 »
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Em fricções, duas vezes ao dia, sobre os tumores ganglionarios.

Pomada resolutiva**Pelo sr. Gray**

Iodeto de potassio.....	4 gram.
Alcool.....	4 »
Triture e ajunte:	
Banha preparada.....	30 »
Pomada mercurial.....	30 »
Camphora.....	8 »

F. s. a. Aconselhada como resolutiva.

Pomada de subazotato de bismutho

Pelo sr. dr. Gallois

Subazotato de bismutho.....	4 gram.
Coldcream	30 »

F. s. a. É empregada em unções, de manhã e de tarde, contra os dartros humidos e pruriginosos, a acnéa rosacea, etc.

Suppositorio laxativo

Pelo sr. Phoebus

Sulfato de soda desseccado.....	8 gram.
Sabão medicinal em pó	16 »
Mel espessado	q. b.

F. s. a. 4 suppositorios, que serão untados de oleo antes de os introduzir no recto. Estes suppositorios são uteis na constipação habitual.

Tisana diuretica

Pelo sr. dr. Gallois

Folha de dedaleira.....	1 gram.
Acetato de potassa.....	4 »
Xarope das cinco raizes.....	90 »
Agua fria.....	1:000 »

Macere a dedaleira na agua fria durante 24 horas, filtre, ajunte o sal e o xarope. Esta tisana é administrada nas affecções organicas do coração, acompanhadas de edéma dos membros inferiores.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA**Synthese dos corpos organicos**

Posto que a chimica, pelos meios analyticos, se apossasse da composição das substancias organicas, perscrutando os reconditos arcanos da sua mais intima composição, vedado lhe

era no entanto produzir essas mesmas substancias, ainda que conhecesse os seus elementos atomo por atomo.

Assim, não obstante ser completamente definida a composição do assucar, do alcool, do acido acetico, do acido tartarico, do acido galhico, etc., só á natureza pertencia a manipulação d'esses productos, exercendo d'este modo um monopólio rebelde aos conhecimentos scientificos, e invalidando todos os esforços empregados; sabia-se decompor, sabia-se a dosagem, conheciam-se os elementos, completa inutilidade, que não permittia produzír o corpo, de que se sabia a formula.

O genio investigador da sciencia afadigava-se em continuas lutas para conquistar o velócino de oiro, e legar assim á posteridade o fabrico dos corpos organicos.

Na realidade os trabalhos tentados sobre tal assumpto partiram do raciocinio e da reflexão bem applicada.

Segundo a definição da synthese apresentada por mr. Naquet, que considera esta parte da chimica o modo de produzir corpos compostos por meio de seus elementos, partindo dos menos complicados para os mais difficeis, facil é imaginar que em muitas composições geralmente executadas se produzem syntheses; e assim mr. Naquet, tentando comprovar esta sua asserção, aponta-nos como exemplo a reacção effectuada, quando se submete o alcool á acção do acido sulfurico, dando nascimento ao ether.

Assim, sendo a composição do alcool C^2H^6O e do ether $C^4H^{10}O$, mr. Naquet, considerando que o producto obtido é mais complicado, que o seu congenero, considera esta reacção uma verdadeira synthese.

Foi portanto d'estas considerações, que chimicos celebres chegaram a obter a synthese de muitos corpos organicos, e tão concludentes foram as suas experiencias, que fizeram mr. Naquet exprimir-se do seguinte modo:

«A sciencia, progredindo, demonstrou que a mais perfeita identidade existia entre as reacções da chimica organica e as da chimica mineral.

«Póde-se, introduzindo elementos novos nos compostos or-

ganicos, operando sobre estes ultimos por oxidação, redução, substituição, etc., obter varios corpos de que não existia o menor traço nos seres vivos.

«Mais tarde se obteve um dos principios da urina, a uréa, por meio dos cyanatos e dos saes ammoniacaes, que ambos podem ser preparados por meio de seus elementos; tinha-se portanto destruido a barreira que separava as duas chimicas. Podia-se conceber a esperança de preparar, n'um dia, syntheticamente todos os productos organicos. Este pensamento está em grande parte realisado pelos notaveis trabalhos de MM. Kolbe, Barthelot, Wurtz, Kekulé, Lanizaro, Perkins, Duppa, Maxwell, Simpson, Harnitzky, Limpmann... etc.

«Não existem portanto actualmente duas chimicas distintas; esta sciencia constitue um só ramo, comprehendendo os corpos organicos e inorganicos.

«Realmente a chymica organica póde-se considerar a parte da chimica, que estuda a serie dos compostos do carbonio.»

Tal a maneira como se expressa mr. Naquet, observando os progressos da sciencia, caminhando impavida por caminhos desbravados das matas, que se antepunham, com os seus espessos matagaes, ao rutilar do sol deslumbrante de purpura e oiro.

A luz, porém, infiltrando-se pelas mais estreitas fendas, lá vae projectar um ponto luminoso; e tendo por interprete Vœhler, surgiu, pela primeira vez em 1828, da retorta do laboratório, um producto organico, que só a natureza até aqui tinha preparado.

A natureza cedia á sciencia um dos seus arcanos, cabendo á uréa as honras de se deixar produzir syntheticamente; era o primeiro passo para a conquista do futuro, que gradualmente se deixaria avassalar por este espirito de novidade, que tudo perscruta, tudo descobre, tudo vê, e vae avante, sempre avante, com idéa fixa na estrella luminosa, que o guia e o conduz até á descoberta de um novo mundo.

Assim Vœhler fervia uma solução de sulfato de ammoniaco, com uma solução de cyanato de potassa, evaporava até

à seccura, e obtinha uma materia organica, a uréa, que até ali só se tinha obtido das urinas animaes.

Depois, em 1845, Kolbe fazia experiencias bastante fecundas em resultados syntheticos; este chimico obteve perchloreto de carbonio, fazendo operar o chloro secco sobre o sulfureto de carbonio; o enxofre do sulfureto de carbonio foi substituido pelo chloro, produzindo-se assim o perchloreto de carbonio; e este mesmo chimico, um pouco mais tarde, chegou a obter o acido trichloracetico, fazendo reagir simultaneamente o chloro e agua sobre o proto-chloreto de carbonio.

Éstes resultados syntheticos attrahiram a attenção de varios chimicos, que se dedicaram a novas experiencias, resultando de suas observações a fabricação synthetica do acido acetico, que mr. Melsens, em 1845, pôde obter do acido tri-chloracetico.

Mr. Melsens descobriu, que o hydrogenio nascente tem a propriedade de se substituir ao chloro dos compostos organicos chlorados, e d'este modo conseguiu converter o acido tri-chloracetico em acido acetico.

O primeiro passo para a synthese das materias organicas tinha sido empreendido em 1828; no fim de 1845 achavam-se produzidos syntheticamente: a uréa, o chloreto de carbonio, o acido acetico, etc.

Depois novas experiencias coroadas de bons resultados levaram outros investigadores á producção successiva da synthese do alcool, do acido lactico, do acido galhico, do acido tartarico, da mannita, etc.

A sciencia progride sempre, e nunca está dada a ultima palavra n'este certame de descobrir o desconhecido, de perscrutar os arcanos da natureza.

Seguimos de descoberta em descoberta; o que hoje é novidade amanhã torna-se rotina, e o espirito humano não cessa de investigar novos epigramas, seguindo sempre ávante, n'um caminhar vertiginoso, consolidando assim cada vez mais o pensamento de Pelletan, que para o mundo da publicidade ar-

remessou o seu brado grandioso de verdade, que repercute hoje com feliz echo pelo mundo scientifico: *Le monde marche.*

F. P. ALBANO GONÇALVES.

Extracção rapida da cafeina; processo dos srs. Cazeneuve e O. Caillot

Folhas de chá preto.....	uma parte
Agua fervente.....	quatro partes
Cal recentemente extincta.....	uma parte

Infundam-se as folhas na agua até que tenham amollecido, junte-se a cal, misture-se bem e seque-se a banho de agua. Introduza-se então a mistura na alonga do digesto-distillador e lixvie-se com chloroformio; distille-se até á seccura. Do residuo separe-se a cafeina, que está misturada com materia resinosa chlorophyllica, tratando-o pela agua a ferver, filtrando o soluto e evaporando-o a banho de agua.

Por este processo, que dispensa os successivos tratamentos pelo carvão animal aconselhados no que até ha pouco se usava, obtem-se logo a cafeina em cristaes brancos e sedosos.

A. FELIX FERREIRA.

Doseamento do gluten das farinhas

Pelo sr. P. Carles

Os nossos collegas que se occupam da analyse das substancias alimenticias notaram com interesse algumas das considerações feitas pelo sr. Lailler, após das experiencias comparativas de uma serie de amostras de farinha, as quaes são:

1.º A determinação exacta da quantidade de gluten, contido nos trigos e nas farinhas, é de uma importancia capital para apreciar o seu valor nutritivo e as suas qualidades commerciaes.

2.º O doseamento do gluten no estado humido não offerece interesse algum, óde ser a causa de falsas interpretações

sobre as qualidades dos trigos e das farinhas e de contestações entre os compradores e os vendedores.

3.º O doseamento do gluten no estado secco é o unico meio pratico que permite apreciar rigorosamente a quantidade de gluten contido nos trigos e nas farinhas.

Partilhamos inteiramente d'estas conclusões, e adicionamos que tendo sido muitas vezes incumbido de dosar o gluten de farinhas destinadas para exportação, havemos feito comparativamente os nossos doseamentos pelo methodo directo. Pelo processo recommendado pelo sr. Poggiale, processo que é baseado sobre o doseamento do azoto, os resultados obtidos por este ultimo methodo têm sido apresentarem uma tal exaggeração de cifras, que o considero falto de fidelidade.

Seguindo a opinião do sr. Lailier preferimos dosar o gluten no estado secco.

(*Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruxelles.*)

Meio de reconhecer o oleo de amendoas doces

Pelo sr. J. D. Bieber

Tendo este auctor analysado escrupulosamente grande numero de amostras de oleo de amendoas doces, conclue que o commercio fornece, com o nome de oleo de amendoas doces, pequena porção d'este oleo misturado com o de amendoas de pecegueiro. Apresenta o reagente proprio para distinguir estes dois oleos e o seguinte methodo de analyse:

Prepara-se a mistura de partes iguaes de acido sulfurico puro concentrado, de acido azotico fumante e de agua, e deixa-se esfriar.

D'esta mistura toma-se uma parte para cinco partes de oleo suspeito.

O oleo de amendoas doces produz linimento branco ligeiramente amarellado.

O oleo de amendoas de pecegueiro colóra-se em vermelho e depois em alaranjado.

Com o acido azotico puro $D=1,4$, o oleo de amendoas doces apresenta linimento amarello-pallido, e o de amendoas de pecegueiro linimento vermelho.

O mesmo auctor diz ter-se falsificado ou mesmo substituido completamente o oleo de amendoas doces com o oleo extrahido do fructo do *Pinus picea*, Linn.

(N. Tydschr. v. d. Ph. in Nederland.)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES

Sulfato de quinina.—É um dos agentes mais preciosos da therapeutica e, pelo seu preço elevado, tem sido sempre objecto de especulação pelos defraudadores.

Os nossos illustrados collegas e consocios, os srs. Chevallier e Baudrimont, descrevem um importante e minucioso trabalho, contendo os processos de analyse para reconhecer o grande numero de substancias ordinariamente empregadas na falsificação do sulfato de quinina; terminam pela necessidade da analyse escrupulosa d'este excellente medicamento, offerecendo o seguinte resumo das experiencias, ás quaes o pharmaceutico deverá sempre submettê-lo, para se certificar da sua pureza:

«1.º A incineração, o sulfato de quinina não deve deixar residuo algum fixo; aliás contém saes mineraes.

«2.º Tratado pela agua acidulada com acido sulfurico, deve dissolver-se completamente; do contrario contém corpos gordos, que sobrenadam no soluto, sulfato de cal ou fecula.

«3.º Em presença do alcool a 60º e fervente, deve solver-se sem residuo; as substancias insoluveis no alcool serão os saes mineraes, os corpos gordos, o assucar de leite, a fecula, etc.

«4.º Dissolvido no acido sulfurico concentrado, não deve produzir coloração; os assucares escurecem, a salicina e a phloridzina avermelham.

«5.º Agitado com o ether e a ammonia, não deve produzir precipitado algum (cinchonina, quinidina).

«6.º Solvido na agua fervente e precipitado pelo oxalato de ammonia, o soluto filtrado não deve turvar-se pela addição da ammonia caustica; um precipitado indicaria a presença da quinidina».

Com relação á existencia da cinchonina no sulfato de quinina, o sr. Liebig, indica o processo seguinte: tome 1 gramm de sulfato suspeito e introduza no tubo de ensaio de 20 a 25^{cc} de capacidade, deite sobre o sulfato 10 a 12^{cc} de ether sulfurico puro, agite a mistura e ajunte 2^{cc} de ammonia liquida. Se o sulfato é puro, observa-se sómente a junção dos dois liquidos de differente densidade, apresentando camada scintillante delgada; e, quando contenha cinchonina, esta fica insolúvel e fórma precipitado branco, caseoso, na linha de contacto dos dois liquidos ethereo e ammoniacal.

Cantharidas. — Estes insectos, quando novos, são inteiros e muito brilhantes; conservados em vasos bem fechados não deixam de ser atacados pela traça e pelas larvas. Tem sido empregada a camphora, o mercurio, e o processo de Apert para as conservar.

O sr. Pereira assevera que o pó de cantharidas tem sido frequentemente falsificado com euphorbio. Para se descobrir esta fraude, o sr. Stanislas Martin recommenda fazer ferver no banho de agua, com pequena quantidade de alcool a 22°, as cantharidas suspeitas, depois filtrar o liquido ainda quente; pelo resfriamento o decocto deixa precipitar a gommaresina, susceptivel de ser conhecida pelos caracteres que lhe são proprios.

Segundo as experiencias feitas pelo sr. Mortreux, 1 kilogramma de cantharidas em pó de boa qualidade fornece 150 a 160 grammas de extracto quasi inteiramente solúvel; e 40 grammas do mesmo pó fino deve produzir pelo menos 20 centigrammas de cantharidina.

Mirra. — Tem apparecido no commercio falsificada com diversas especies de bdellio (mirra da India), gommaresinas.

O sr. Bonastre diz que a mirra da India distingue-se da

verdadeira mirra pela sua côr denegrada, pouco transparente nas extremidades, abranda-se pelo calor da mão e é pouco aromática. Algumas gotas de ácido azotico, deitadas no soluto alcoolico d'esta materia, dão precipitado amarellado, o que não acontece com a verdadeira mirra que produz precipitado rosa passando ao vermelho.

Para se reconhecer se a mirra é pura ou alterada pela mistura de outras gommas-resinas, o sr. Giovanni Righini apresenta o meio seguinte: reduzir a pó muito fino 4 grammas de mirra e igual quantidade de chlorhydrato de ammonia muito puro, misturar os dois pós pela trituração e ajuntar a pouco e pouco 60 a 100 grammas de agua; se a mistura é solvida promptamente n'este liquido, é indício seguro de que a mirra não contém substancias estranhas.

Essencia de canella.—Em virtude do seu preço elevado, a essencia de canella de Ceylão, que é a mais estimada, tem sido falsificada com essencia de canella da China. A primeira, é de amarello-claro, cheiro agradável e muito aromático, sabor adocicado; a segunda, é de amarello-escuro avermelhado, cheiro desagradável e semelhante ao de persevejo.

O sr. Ulex certifica que a essencia de canella tem sido também adulterada com a essencia de cravinho. Aquecendo-se algumas gotas em vidro de relógio, ella enuncia vapor picante que provoca a tosse; o ácido azotico fumante, que a frio reduz a essencia de canella pura em massa crystallina, produz effervescencia com a essencia de cravinho, resultando um óleo escuro-avermelhado; o soluto concentrado de potassa solidifica a mistura das duas essencias e não a de canella; o perchloreto de ferro colóra o soluto alcoolico d'esta ultima, emquanto que a mistura é córada em azul ou em verde.

Escola de medicina e de pharmacia de Marseille.—O sr. Bouisson foi nomeado lente de botanica e de zoologia.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 4 de julho de 1877). O sr. Stanislas Martin enviou uma obser-

vação acompanhada de um exemplar da planta denominada *Néli*.

O sr. Andouard, lente da escola de medicina e de pharmacia de Nantes, remetteu umas observações sobre a preparação e conservação da pepsina.

O sr. Bussy apresentou o relatorio dos trabalhos da União scientifica dos pharmaceuticos de França, e o sr. Petit offereceu dois exemplares da these do sr. Landrin sobre os alcaloides da quina.

O sr. Petit, a proposito da communição do sr. Andouard, lembrou que os solutos de pepsina na glicerina são desde muito tempo usados na Inglaterra; é de parecer que na preparação de substancias tão alteraveis como a pepsina, a pancreatina e a diastase, os processos mais simples são os melhores.

Evaporando-se rapidamente, em baixa temperatura, os macerados de membranas internas do estomago em agua distilada, tem-se podido obter productos dissolvendo e transformando quinhentas vezes o seu peso de fibrina ou de albumina coagulada. Obtem-se ainda melhores resultados procedendo-se á evaporação no vacuo.

O sr. Méhu recordou o novo methodo de preparação da pepsina descripto nò appendice da *Pharmacopéa britannica*, o qual consiste em raspar a membrana interna do estomago, primeiramente lavada, e desseccar em baixa temperatura a materia assim obtida.

O sr. Yvon leu uns apontamentos sobre a composição de um liquido céphalorachidiano.

O sr. Méhu julga que a quantidade maior de albumina encontrada pôde ser devida ao estado de inflammação das membranas.

O sr. Planchon apresentou exemplares de quinas que lhe foram enviadas pelo sr. Howard, de Londres.

O sr. Marty fez conhecer os enganos que pôde causar o processo apresentado pelo sr. Robinet na Academia das sciencias, sobre a analyse do acido salicylico no vinho. Depois de

algumas observações feitas pelos srs. Limousin e Yvon, foi esta questão remetida á commissão respectiva.

O sr. Wurtz tem obtido com muita facilidade bons exemplares de santonato de soda pelo processo Dondé, que o sr. Lepage tem criticado em uma communicacão antecedente.

Nova pharmacopéa italiana. — Foi constituida em Roma uma commissão nomeada pelo governo italiano, sob a presidencia do senador Cannizzaro, professor de chimica da Universidade, a fim de elaborar uma nova pharmacopéa italiana.

Legião de Honra. — O sr. Rabot-Delaunay, pharmaceutico em Versailles, secretario do conselho de hygiene do Seine-et-Oise, e o sr. Caventou, membro da academia de medicina de Paris, foram nomeados cavalleiros da Legião de Honra.

Pharmacia portatil ou de campo. — Da *Officine de pharmacie* do sr. Dorvault copiámos por ordem alphabetica a lista das substancias, que póde ser modificada conforme os casos e as necessidades das pessoas para as quaes a caixa pharmaceutica é feita.

Açafrão.	Espirito de melissa.
Acido azotico.	Espirito vulnerario.
Acido phenico.	Ether sulfurico.
Acido tartarico.	Gomma arabica em pó.
Agua-ardente camphorada.	Hydrato de potassa.
Agua de Rabel.	Ipecacuanha em pó, em doses de
Alcool rectificado.	25 centigrammas.
Ammonia liquida.	Kermes mineral, em papeis de 5
Azotato de potassa em pó, em doses de 25 centigrammas.	centigrammas.
Bicarbonato de soda.	Laudano de Sydenham.
Calomelanos, em papeis de 3,5 e 10 centigrammas.	Macella.
Camphora.	Oleo de amendoas doces.
Cerato, ou antes as substancias para o fazer.	Oleo de cacáo.
Creosota odontalgica.	Opio, em pilulas de 3 e 5 centigrammas.
Esparadrapo.	Oxydo de magnesio.
Espirito de cochlearia.	Pedra infernal.
	Quina em pó.
	Raiz de althea.

Rhuibarbo em pó, em doses de 50 centigrammas.	Tafetá inglez.
Senne limpo.	Tafetá vesicante.
Soluto de subacetato de chumbo.	Tartaro emetico em pó, em doses de 5 centigrammas.
Sulfato de magnesia.	Tilia.
Sulfato de quinina, em papeis de 5 e 10 centigrammas.	Vinagre aromatico.
	Vinagre inglez.

Agarico dos carvalhos.	Espatula.
Ataduras.	Fios de linho.
Balança pequena.	Gral de porcellana.
Compressas.	Tesouras.

Acido tartarico. — No commercio tem sido algumas vezes misturado com o cremor de tartaro, sulfato acido de potassa, alumen, cal.

Os srs. Chevallier e Baudrimont descobrem estas fraudes, tratando o acido suspeito pela agua fria, o qual deixa insolavel o cremor de tartaro que lhe foi adicionado; e, submettido este á incineração, produz carbonato de potassa facil de reconhecer.

O sulfato acido de potassa e o alumen são descobertos tanto pelo alcool que os separa, solvendo sómente o acido tartarico, como pela calcinação que deixa em residuo o sulfato alcalino só ou misturado de alumina.

A cal, misturada ao acido tartarico, é manifestada pelo residuo de carbonato de cal que o acido produz pela incineração, pela effervescencia que os acidos produzem no mesmo carbonato, e pelo precipitado que o seu soluto produz com o oxalato de ammonia.

Carbonato de lithia. — Tem sido falsificado pela addição de certa quantidade de assucar de leite.

O sr. Schlagdenhauffen descobre esta fraude pela facil solubilidade do assucar na agua, pela sua acção a quente sobre o tartarato cupro-potassico que o reduz, e pelo cheiro de caramello que resulta da calcinação.

J. D. CORRÊA.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza

(Continuado do tomo 3.º da 7.ª serie, pag. 414)

N.º 328

Carta de lei, de 6 de maio de 1878, pela qual sanciona o código administrativo

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É approvedo o código administrativo que faz parte da presente lei.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 6 de maio de 1878.—EL-REI, com rubrica e guarda—*Antonio Rodrigues Sampaio*.—(Logar do sêllo grande das armas reaes.)

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 27 de abril ultimo, que approva o código administrativo que faz parte do mesmo decreto, o manda cumprir e guardar como n'elle se contém, pela forma retrò declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*João Pereira* a fez.

CÓDIGO ADMINISTRATIVO

TITULO VI

Das camaras municipaes

CAPITULO II

Atribuições

Artigo 102.º A camara municipal pertencem attribuições :

Artigo 103.º Como administradora e promotora dos interesses municipaes, compete á camara :

7.º Criar partidos para facultativos, pharmaceuticos, parteiras e veterinarios, e hem assim os empregos necessarios ao desempenho dos serviços da administração municipal e interesse do concelho, arbitrando-lhes a correspondente remuneração e extinguindo-os quando se tornem desnecessarios ;

19.º Deliberar sobre a aposentação dos empregados municipaes ;

Artigo 106.º Não são executorias, sem previa approvação da junta geral do districto, as deliberações das camaras municipaes tomadas :

2.º Sobre a suppressão de empregos e de estabelecimentos municipaes ;

7.º Sobre aposentação de empregados ;

10.º Sobre demissão de empregados e suspensão por mais de trinta dias ;

CAPITULO III

Da fazenda municipal

SECÇÃO II

Da despesa municipal

Artigo 127.º As despesas da camara municipal são obrigatorias ou facultativas; são obrigatorias:

2.º Os ordenados e vencimentos dos empregados, e em geral as despesas com o serviço municipal;

7.º A retribuição dos partidos municipaes, a dos funcionarios e empregados administrativos e o pagamento das despesas do serviço administrativo;

9.º Os vencimentos de aposentação dos funcionarios da camara e da administração do concelho, que forem pagos pelo cofre do municipio nos termos d'este codigo;

CAPITULO IV

Dos empregados da camara

Artigo 152.º Os facultativos, pharmaceuticos, parteiras e veterinarios providos nos partidos municipaes não podem ser suspensos nem demittidos, nem se lhes pôde alterar os vencimentos e condições dos partidos, sem que sejam previamente ouvidos, e sem que preceda approvação da junta geral do districto.

Artigo 153.º Os partidos de que trata o precedente artigo só poderão ser providos por meio de concurso annuciado na folha official do governo.

Artigo 154.º É da competencia da camara conceder licença aos seus empregados.

Páço, em 6 de maio de 1878.—Antonio Rodrigues Sampaio.

(Diario do governo n.º 107 de 1878.)

N.º 329

Carta de lei, de 7 de maio de 1878, pela qual cria na ilha das Flores o lugar de sub-delegado e guardá mór e o de pharmaceutico

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Al-

garves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É creado na ilha das Flores um logar de sub-delegado de saude publica e guarda mór, com o ordenado annual de 600,5000 réis fortes, e um logar de pharmaceutico com o ordenado annual de 400,5000 réis fortes.

Art. 2.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 7 de maio de 1878.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 13 de abril ultimo, que cria na ilha das Flores o logar de sub-delegado e guarda mór, e o de pharmaceutico, e designa o ordenado que a um e outro compete, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém pela fôrma retrô declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*José Joaquim Durães* a fez.
(*Diario do governo n.º 406 de 1878.*)

N.º 330

Carta de lei, de 23 de maio de 1878, pela qual cria nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores, logares de sub-delegados de saude publica e guarda mór, e logares de pharmaceuticos

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É o governo auctorizado a crear nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores,

logares de sub-delegados de saúde publica e guarda mór, com o ordenado de 600\$000 réis fortes; e logares de pharmaceuticos, com o ordenado annual de 400\$000 réis fortes.

Art. 2.º Os sub-delegados de saúde serão obrigados a curar os pobres gratuitamente, sendo a qualidade de pobreza dos enfermos comprovada por attestado da respectiva camara municipal.

Art. 3.º Os referidos logares serão dados pelo governo por meio de concurso, ouvida previamente a competente camara municipal sobre se póde augmentar os ordenados estabelecidos com qualquer somma pelo cofre da mesma camara, ou, pelo menos, dar residencia aos nomeados.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 23 de maio de 1878.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Rodrigues Sampaio*. — (Logar do sello grande das armas reaes.)

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 4 de maio corrente, que cria nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores, logares de sub-delegados de saúde publica e guarda mór, e logares de pharmaceuticos, estabelece as necessarias condições de provimento, e fixa os competentes ordenados, determinando que as respectivas camaras declarem se podem contribuir para o augmento d'estes, ou, pelo menos, dar residencia aos nomeados, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém, pela fórma retrò declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*José Joaquim Durães* a fez.
(*Diario do governo n.º 119 de 1878.*)

J. D. CORRÊA.

(Continúa.)

PEÇAS OFFICIAES

Parecer da commissão encarregada de apresentar o desenho de diploma para os socios, assim como o do timbre, approved em sessão de 27 de setembro de 1835.

«A commissão *ad hoc*, encarregada de apresentar a esta sociedade um desenho de diploma para os socios, assim como o do timbre que deve usar; havendo accordado sobre os que lhe pareceram melhores e mais analogos á sciencia: tem a honra de submittêl-os á sua deliberação.

Diploma

«Julgou a commissão que deveria ser lithographado e com diferentes emblemas allusivos á pharmacia e sciencias accessorias.

«No centro estabeleceu um grupo de figuras. No meio d'elle, se vê a *Natureza* coberta, em grande parte, com um véo e, á sua direita, a figura da *Pharmacia* sentada sobre os volumes das sciencias accessorias, que lhe servem de base, isto é, *Zoologia, Botanica, Mineralogia, Physica* e *Chimica*, tendo sobre a cabeça um môcho, symbolo da *Sabedoria*.

«Coadjuvada pelo *Genio do estudo* que, de um lado, forceja por levantar o véo á *Natureza*, e contrariada pelo *Genio da verdade* que, de outro, obra em opposto sentido: significando esta lucta, entre os dois genios, que o pharmaceutico não pôde fazer descobertas, nem alcançar os verdadeiros principios scientificos, sem pertinaz trabalho, repetidas observações e experiencias, miudas analyses, profundas meditações e exactos raciocinios.

«Para que estes condigam com a pratica, tem em torno de si diferentes objectos do seu laboratorio, como instrumentos physicos, chimicos e pharmaceuticos.

«Pretendendo ser protegida em sua ardua empreza, de cooperar para o allivio da humanidade enferma, observam-se de um e outro lado, como seus conselheiros seguros e expe-

rimentados, alguns dos maiores e mais antigos sabios da medicina, que exerciam simultaneamente os differentes ramos d'esta arte; como *Esculapio*, *Socrates*, *Theophrasto* e *Minos*.

«Como um dos principaes fins da Sociedade pharmaceutica de Lisboa, sejam os soccorros philanthropicos para com os seus consocios, viuvras e filhos dos mesmos, se acha, ao longe, o *Genio da Philanthropia* suspendendo, para que não caia, a um desgraçado cujas forças se acham extenuadas pela indigencia.

«No horisonte, o astro luminoso marca o dia 24 de julho de 1835, ou o da installação d'esta sociedade, que, á maneira d'aquelle, se vai elevando sobre a *Lusitania*, contribuindo com o seu movimento e influxo scientifico para o bem da humanidade enferma.

«Logo abaixo, os seguintes dizeres:

SOCIEDADE PHARMACEUTICA DE LISBOA¹. — A sociedade pharmaceutica de Lisboa, em conformidade de seus estatutos, admite o ill.^{mo} ... na qualidade de membro ... Lisboa, em sessão de ... de ... de ...

«Depois o logar para as assignaturas dos membros da mesa e os seus cargos; e á direita d'estes o timbre sellado em papel e obreia.

«A moldura ou faxa que guarnece este quadro é composta de differentes emblemas, como: os dos doze signos do anno, em que se nota a serie dos diversos tempos de que a pharmacia se utiliza em colher, preparar e conservar os productos dos tres reinos da natureza (conforme o estado de nascimento, acrescimo, vida e morte); os das sciencias physico-mathematicas; o da applicação, figurada pela candeia de *Epitheto*; e, finalmente, de corôas de carvalho, de louro e outras, como recompensa do amor das sciencias, da assiduidade no trabalho, etc.

¹ Esta sociedade, na refôrma dos seus estatutos approvados pelo governo em 7 de maio de 1838, tomou novo titulo de *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*; conservando a sua séde, antiguidade, direitos, deveres, propriedade e regalias.

Timbre

«Pareceu á commissão que deve ser cunhado e consistir em uma palmeira, como um dos symbolos da natureza, tendo enroscada uma serpente, emblema de *Esculapio*.

«Eis-aqui o que a vossa commissão julgou dever adoptar, e a sociedade determinará o que melhor lhe parecer.

«Sala da commissão, em 26 de setémbro de 1835.—*José Dionysio Corrêa*, presidente—*Carlos Gomes Barreto*—*Antonio Ignacio de Avelar*, secretario.»

PHARMACIA

Tisana forte de Zittmann, modificada
pelo dr. Constantino Cumano

Salsaparrilha cortada — trinta grammas.....	30
Chloreto mercurioso (<i>calometanos</i>) — doze decigrammas.....	1,20
Kino — setenta e cinco centigrammas.....	0,75
Sulfureto de mercúrio nativo (<i>cinabrio</i>) — vinte e cinco centigrammas.....	0,25
Sulfato de alumina e potassa — vinte e seis decigrammas.....	2,60
Alcaçus contuso — quatro grammas.....	4
Folhas de senne — oito grammas.....	8
Mericarpos de aniz (<i>herba doce</i>) — dois grammas..	2
Mericarpos de funcho (<i>sementes de funcho</i>) — um gramma.....	1
Agua distillada — setecentos e cincoenta grammas	750

Digira a salsaparrilha na agua por 24 horas; suspenda no liquido, envolvida em nodulo de panno, a mistura de chloreto, kino, sulfureto e sulfato; ferva até ficar reduzido a 250 grammas; infunda por meia hora o alcaçus, o senne, o aniz e o funcho; coe espremendo, deixe depositar e decante cuidadosamente.

**Tisana fraca de Zittmann, modificada
pelo dr. Constantino Cumano¹**

Residuo da operação antecedente.....	
Salsaparrilha — 15 grammas.....	15
Epicarpo de limão (<i>casca de limão</i>) — dois grammas	2
Cardamomo — dois grammas.....	2
Canella — dois grammas.....	2
Alcaçus — dois grammas.....	2
Agua distillada — setecentos e cincoenta grammas	750

Ferva o *residuo* e a salsaparrilha na agua até esta ficar reduzida a 250 grammas; infunda o epicarpo de limão, o cardamomo, a canella e o alcaçus por meia hora; coe espremendo, deixe depositar, decante cuidadosamente.

Modo de usar. — Toma-se pela manhã, e por uma só vez, a tisana **forte**; e de tarde, tambem por uma só vez, a tisana **fraca**.

Advertencias. — Haja cuidado de indicar nos letreiros das vasilhas qual é a tisana **forte** e qual a **fraca**.

Executem-se as operações em vasos bem esmaltados ou de vidro, grés, porcelana ou barro; os vasos metallicos devem proscrever-se.

Publicando as formulas d'estes medicamentos julgo prestar um serviço á humanidade, e rendo assim homenagem ao

¹ Da redacção d'esta formula deprehende-se bem que *todas* as substancias que servem para a *tisana forte* devem depois ser fervidas com a nova porção de salsaparrilha para se obter, infundindo no novo decocto a casca de limão, a canella, o cardamomo e o alcaçus, a *tisana fraca*. Não conseguimos ver a formula primitiva de Zittmann, cremos, porém, que os auctores que a transcrevem não alterariam tão profundamente o *modus operandi*, que devendo reservar-se para o segundo medicamento só a salsaparrilha, residuo do primeiro, o não advertissem, e para isso havia bastante motivo por serem muito outras as propriedades dos principios que o senne, o alcaçus, o aniz e o funcho cedem á agua, quando são submettidos a demorada ebulição. Sabemos que da redacção da formula, tal como se lê no Codigo Pharmaceutico Lusitano, em Bouchardat, no jornal *Os Estudos Medicos*, de Coimbra, etc., nascem duvidas sobre se deve considerar-se *residuo do decocto forte* tudo

saber do dr. Constantino Cumano, um dos homens de maior talento que tem pisado o sólo da nossa patria. Aos filhos do Algarve e especialmente aos de Faro, prestou este illustre medico com a sua sciencia relevantes serviços, que lhe conquistaram a estima e gratidão de todos que o conheceram. Fez curas quasi milagrosas, applicando com o maior criterio estas tisanas; muitos lhe devem a vida que hoje desfructam no seio de suas familias, por isso não duvido a affirmar a efficacia de taes medicamentos no tratamento de padecimentos originados pela syphilis secundaria ou terciaria como são, entre outros, as syphilides pustulosas, escamosas, papulosas, os tuberculos syphiliticos, as rhagadias, as vegetações, os tumores gommosos, as exostoses e necroses, a caria, as dores musculares e osteocopas, emmagrecimento, etc.

Occuparia muitas paginas d'este jornal se tentasse a des-

o que entra na composição d'elle, se só a salsaparrilha, unica substancia que é fervida. As duvidas a que nos referimos originam-se, talvez, o chamar-se *decocto* a este medicamento. Tal denominação é impropria; tres são as operações pharmaceuticas executadas, e só a uma se dá preferencia para denominar o medicamento. Porque? Ignoramos.

Indaguemos as causas de duvida na execução d'esta formula. Quando a natureza das diferentes substancias que se empregam para um medicamento exige que umas sejam tratadas por decoção, outras por infusão, usa-se, e é de rigor, fazer primeiro o decocto e n'elle o infuso; uns, porém, infundem as substancias no liquido sem o separar do residuo da decoção, outros separam-o primeiro; os que, executando a formula da *tisana de Zittmann*, a qual a maior parte dos livros chamam *decocto*, consultam Bouchardat, o Codigo ou os *Estudos medicos*, se usam o processo de separar o residuo dos decoctos para n'elles fazerem os infusos, natural é que tomem como residuo só a salsaparrilha, porque ali se diz = ao residuo do decocto antecedente junte, etc. =; e os que não usam separa-lo procederão de modo differente, considerando residuo tudo. Quaes erram? Os primeiros, cremos; e isto mesmo se conclue da inspecção das formulas publicadas no tratado de pharmacologia de Foy, em Jourdan, Henry et Guibourt, Soubeiran e outros. Se assim não devesse ser, para que serviria submeter a nova decoção só a salsaparrilha que já nada ou pouquissimo tem que ceder ao liquido? Não seria mais rasoavel fazer o segundo medicamento com uma porção um pouco maior de salsaparrilha?

cripção do estado medonho de um grande numero de doentes, que se têm apresentado n'esta cidade para serem aqui tratados, limitar-me-hei por isso a dizer que são tantos os casos de cura completa, e era tal o estado dos enfermos que duvidar da efficacia do tratamento equivaleria a duvidar do poder illuminante e calorifico do sol, e não lhe dar a maior publicidade seria praticar um crime.

As formulas que publico das tisanas forte e fraca são as que transcrevi para o meu copiadór quando pela primeira vez aqui as executei para o tratamento de Domingos José Alves Braga, primeiro doente que o dr. Constantino Cumano tratou. Estê homem, entrevado havia dez ou doze annos, restabeleceu-se completamente.

Faro, abril de 1878.

JOÃO AGOSTINHO FERREIRA CHAVES.

Tal duvida não existiria se, para denominar este medicamento, não se houvesse escolhido o nome do *formulato* que resulta de uma das muitas operações executadas para o obter. Nas formulas antigas deveria preferir-se o termo *apozema*, a que o uso modificou a primitiva significação, ou o termo *tisana*, como fez, e achamos que fez bem, o auctor do artigo que annotámos, e nós deveríamos crear, se não estivesse já creado, um termo proprio. A taes medicamentos chama-se hoje com muita propriedade *hydrolados*, segundo a nomenclatura do nosso illustrado collega o sr. Pedro José da Silva; como porém as nomenclaturas mais rigorosamente scientificas estão ainda, em pharmacia, n'um periodo de incubação, é preciso transigir com a rotina; transijámos, e chamemos ao *hydrolado de Zittmann* — *tisana* (ainda que tal nome deva antes servir para outros medicamentos destinados a preencher um fim differente dos de acção energica), e para justificarmos a preferencia que damos a este nome allegaremos que o grupo dos medicamentos que elle abrange se preparam ou só por digestão, ou só por decoção, ou só por infusão, etc., ou então por muitos d'estes processos successivamente, quando a natureza dos componentes o exige. É este ultimo o caso da formula publicada.

Se sempre se lhe tivesse chamado assim não appareceriam duvidas, porque quer se dissesse na segunda formula = *ao residuo da tisana antecedente* = quer = *ao residuo de operação antecedente* =, sempre se entenderia que era tudo; e, chamando-lhe decocto, resulta considerar-se residuo ou tudo, ou só a salsaparrilha, conforme o modo de operar, como acima observámos.

A. FELIX FERREIRA.

Glycereo contra o eczema

Pelo sr. Gintrac

Oxydo de zinco.....	10 gram.
Calomelanos.....	5 »
Glycerina pura.....	30 »

M. s. a. Unções sobre a pelle para combater o eczema, depois de haver antecedentemente amollecido e enxugado as escamas. Tisanas refrigerantes, purgantes repetidos.

Linimento calmante

Pelo sr. dr. Gallois

Balsamo de Fioravanti.....	80 gram.
Chloroformio.....	10 »
Laudano de Rousseau.....	10 »

Misture. Para fricções na região epigástrica, no caso de gastralgia aguda. Na insufficiencia d'este meio, applica-se sobre a mesma região um ou mais vesicatorios volantes, que serão curados com um sal de morphina.

Linimento contra as fendas

Pelo sr. dr. Gallois

Oxydo de zinco.....	1 gram.
Acido tannico.....	1 »
Glycerina.....	15 »
Tinctura de benjeim.....	2 »
Campbora.....	1 »

F. s. a. Unta-se a pelle, de manhã e de tarde, para curar as fendas.

Mistura contra a tosse convulsa

Pelo sr. Laborde

Infuso de café torrado.....	125,00 gram.
Xarope simples.....	125,00 »

Narceína 0,12 gram.

Acido acetico q. b.

Dissolva a narceína em algumas gotas do acido e ajunte o infuso e o xarope.

Esta mistura administra-se ás creanças, na dóse de uma colher das de doce, á noite, produzindo bom effeito contra a tosse convulsa e particularmente contra os accessos nocturnos d'esta affecção.

Pilulas antigastralgicas

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de meimendro 3,00 gram.

Azotato de prata crystallisado. 0,40 »

Subazotato de bismutho. 2,00 »

F. s. a. 40 pilulas. Uma de manhã e de tarde, na variedade de gastralgia que sobrevém assás frequentemente no decurso da gastrita chronica. Revulsivos na região epigastrica, hydrotherapia.

Pilulas antiictericas

Middlesex hospital

Massa das pilulas de mercurio 1,80 gram.

Dedaleira em pó 0,30 »

Scilla em pó 0,30 »

F. s. a. 10 pilulas. Uma de manhã e de tarde, para combater a ictericia, e eliminar do sangue a materia córante da bills. Tisana de saponaria, um copo de agua de Vichy a cada comida.

Pó antiacido

Pelo sr. dr. Gallois

Oxydo de magnesio 50 centigram.

Bicarbonato de soda. 25 »

Canella em pó. 25 »

Misture e divida em seis dóses, que se administra, de duas em duas horas, ás creanças cujas dejeccões são verdes e acidas. Cataplasmas sobre o ventre; clysters emollientes.

Pó contra a tosse convulsa

Pelo sr. Kopp

Raiz de belladona em pó.....	0,12 gram.
Raiz de ipecacuanha em pó	0,12 »
Enxofre sublimado e lavado.....	2,00 »
Assucar de leite em pó.....	2,00 »

Misture e divida em 12 dóses. Uma a tres por dia, ás creanças de dois a quatro annos, doentes de tosse convulsa.

Pó desinfectante

Pelo sr. Collin

Chloreto de calcio secco.....	20 gram.
Alumen calcinado em pó.....	10 »

Misture. Colloque este pó em covilhetes de louça, com ou sem agua, nos logares que se pretende desinfectar.

Poção contra o delirium tremens

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de opio.....	0,50 gram.
Xarope de ether.....	15,00 »
Xarope de gomma.....	25,00 »
Agua de alface.....	100,00 »

F. s. a. Administra-se uma colher, de meia em meia hora, para abrandar a agitação dos doentes acommettidos de *delirium tremens*. Suspende-se a poção quando a agitação começa a diminuir. Limonada tartarica para bebida.

Poção contra o delirium tremens

Pelo sr. Graves

Tartaro emetico.....	0,24 gram.
Tinctura de opio.....	4,00 »

Camphora.....	1,00 gram.
Alcool.....	2,00 »
Agua distillada.....	250,00 »

Divida a camphora por meio do alcool, ajunte a agua, cõe por panno de linho e addicione o tartaro e a tinctura.

Uma colhêr das de sopa de duas em duas horas.

Poção contra a dysmenorrhéa

Pelo sr. Delieux

Soluto de acetato de ammonia.....	6 gram.
Tinctura de castoreo.....	4 »
Agua de hortelã pimenta.....	40 »
Agua de melissa.....	60 »
Xarope de açafão.....	30 »

Misture. Administra-se diariamente, para facilitar a reaparição do menstruo, quando o corrimento do sangue é insufficiente ou quasi nullo. Banho sinapisado aos pés, cataplasma quente sobre o ventre.

Poção contra a tosse convulsa

Pelo sr. Jeannel

Agua de tilia.....	100 gram.
Agua de loureiro-cerejeira.....	15 »
Xarope de belladona.....	30 »

Misture. Uma colhêr das de sopa, de duas em duas horas, variando-se a dóse do xarope segundo os effeitos obitos.

Pomada contra as excoriações

Pelo sr. dr. Gallois

Lycopodio.....	4 gram.
Oxydo de zinco.....	4 »
Banha preparada.....	16 »

F. s. a. Unções de manhã e de tarde, sobre as excoriações cutaneas.

Pomada contra a sarna

Pelo sr. Orosi

Enxofre em pó.....	2 gram.
Nicociana em pó.....	2 »
Helleboro em pó.....	2 »
Sal marinho secco em pó.....	1 »
Pomada oxygenada.....	24 »

F. s. a. Unções de manhã e de tarde e um banho sulfuroso cada dia.

Suppositorios de acido tannico

Pelo sr. dr. Gallois

Acido tannico.....	2,00 gram.
Banha benjoinada.....	2,50 »
Cêra branca.....	0,50 »
Manteiga de cacau.....	5,00 »

F. s. a. 10 suppositorios, que conterão cada um 20 centigrammas de acido tannico, e serão applicados com utilidade para abrandar as hemorragias hemorrhoidaes.

Xarope de lithina

Pelo sr. Duquesnel

Lithina hydratada.....	4 gram.
Xarope simples.....	200 »

F. s. a. Uma colher das de sopa representam 10 centigrammas de lithina; esta base une-se ao assucar e fôrma saccharato.

Dóse: quatro a oito colheres por dia aos gottosos.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Sentenças judiciaes em França.—A *Union pharmaceutique* dá noticia de que Berteaux, herbolario, fôra condemnado em 500 francos de multa pelo exercicio illegal de

pharmacia; e Fontaine, antigo enfermeiro de Bicêtre, em 300 francos pelo exercicio illegal de pharmacia e 90 francos pelo exercicio de medicina.

Oxydo de magnésio.— Contém algumas vezes agua para lhe augmentar o peso. O sr. Dubail certifica que o melhor meio de descobrir esta fraude é submeter á calcinação um determinado peso do oxydo suspeito e verificar depois a differença no peso; mas, para que o resultado seja valioso, é necessario que o oxydo não esteja carbonatado.

O oxydo de magnésio tambem pôde conter de mistura a silica, alumina, cal, carbonato ou sulfato de magnésia ou de soda, provenientes da falta de cuidado na preparação do carbonato de magnésia e na escolha das materias que servem para o obter, tornando-o improprio para o uso medicinal.

Dissolvendo-se o oxydo no acido chlorhydrico, a silica precipita-se sob a fórma de pó branco insolúvel; a alumina é precipitada, depois redissolve-se pelo excesso de potassa; o liquido, filtrado e levado á ebulição com um excesso de sal ammoniaco, dá precipitado de alumina.

O soluto acido fórma, com o chloreto de bario, precipitado branco de sulfato de barita, insolúvel no acido azotico se o oxydo contém sulfatos.

Se o oxydo estiver incompletamente descarbonatado, produzirá effervescencia em contacto com os acidos e desenvolve o acido carbonico.

A cal descobre-se facilmente, dissolvendo o oxydo suspeito em agua acidulada de acido chlorhydrico e neutralizando depois com a ammonia; obtem-se um liquido no qual o oxalato de ammonia produz precipitado neutro de oxalato de cal, insolúvel no acido acetico e soluvel no acido azotico.

Veratrina.— O sr. Oppermann diz que este alcaloide é completamente soluvel no ether; o acido sulfurico communique-lhe a coloração amarella que passa a vermelha-sanguinea. Os solutos dos saes de veratrina, acidificados pelo acido tartarico, precipitam pelo carbonato sodico.

Kino.— Este succo concreto tem sido falsificado com sangue de drago, bitume ou asphalto, cato, extracto de ratania.

O sangue de drago, é reconhecido pela sua insolubilidade na agua.

O bitume, pela sua insolubilidade na agua e no alcool e a fusibilidade pelo calor.

O cato, é descoberto, conforme o sr. Guibourt, submettendo o soluto aquoso, da substancia suspeita, á acção do sulfato de ferro, que dá precipitado verde-denegrido.

O extracto de ratania, segundo as experiencias feitas pelo sr. Wahlberg, distingue-se humedecendo com a saliva pequena porção do kino suspeito: se a côr permanecer de vermelho-escuro, o succo é puro; se, pelo contrario, apresentar coloração branca, que persista emquanto a superficie se conservar humida, contém o extracto de ratania.

Althea.— O sr. Blondeau assevera que, no commercio, tem apparecido raiz de althea branqueada com carbonato de cal. Esta fraude é facil de reconhecer, fazendo macerar a raiz no acido acetico puro e muito diluido; deitar, no macerado limpido, o oxalato de ammonia, que fórma precipitado branco de oxalato de cal, o qual, pela calcinação, é transformado em cal viva, que avermelha o papel curcuma e azula o papel de tornasol avermelhado.

Essencia de cajepute.— É extrahida da casca e folhas da *Melaleuca cajuputi*, ordinariamente de côr verde-pallido muito fluida.

O vocabulo *cajepute* significa, na lingua dos habitantes das Molucas, *arvore branca*.

A essencia pura, segundo Thompson, deve ser completamente solúvel no alcool e, quando isto não aconteça, é por que contém essencia de terebinthina; se a mesma essencia deixar residuo, indica estar misturada com oleos gordos e côrada artificialmente.

A distillação annuncia igualmente se a essencia é ou não pura: se estiver pura, passa para o recipiente com a colo-

ração verde que lhe é propria e, quando impura, passa incolor.

Conhece-se se o residuo contém cobre, submettendo-o á calcinação e tratando as cinzas pelo acido azotico diluido, depois pela ammonia em excesso, que produz coloração azul característica dos saes de cobre.

Valerato de zinco.— Tem-se vendido em Paris, e por preço muito baixo, butyrato de zinco, impregnado de essencia de valeriana, por valerato de zinco.

Estes dois saes são muito semelhantes e difficeis de distinguir. Os srs. Larocque e Huraut apresentam o processo pelo qual pôde ser reconhecida esta fraude; e consiste na differença de acção que os acidos valerico e butyrico exercem no soluto concentrado de acetato de cobre. O acido butyrico fórma immediatamente n'este soluto precipitado branco-azulado, enquanto que o acido valerico não produz mudança visivel.

Phosphato de cal.— O sr. Lepage diz que esta substancia deve ser considerada não falsificada com a cré ou carbonato de cal, quando o liquido, separado do precipitado de phosphato de cal, não der precipitado com o oxalato de ammonia.

O sr. Duquesnel descobriu, no phosphato de cal, a presença do chumbo no estado de oxychloreto insolavel, introduzido accidentalmente pelo vaso no qual havia sido preparado; n'este caso, o soluto chlorhydrico diluido do phosphato precipita em negro pelo acido sulfhydrico.

Hydrato de chloral.— Contém algumas vezes acido chlorhydrico, proveniente da purificação incompleta.

O sr. Mueller aconselha a necessidade de examinar a pureza do chloral hidratado, procurando a proporção do chloroformio que elle pôde produzir. Para este fim, faz-se decompôr 25 grammas, em tubo graduado, pelo soluto de hydrato de potassa em ligeiro excesso, tendo cuidado de operar

a frio: o chloroformio ajunta-se no fundo do tubo. Em multiplicando o seu volume pela sua densidade, tem-se o peso que deve ser de 72,2 por 100.

Sulfato de atropina.—O sr. Hager tem encontrado no commercio este sal diferentes vezes córado e com mancha azul ou violeta. O soluto fervente d'este reduz a escuro o azotato de prata, e a vermelho o reagente de Frommehrs. Todo o sulfato de atropina que apresentar estas propriedades deve ser considerado impuro.

Alcool.—O alcool de vinho distingue-se dos de fecula, sementes, bagaço da uva, melação, beterraba, etc., pelo cheiro e sabor.

Para reconhecer se o alcool é genuino, deita-se certa quantidade na palma da mão, facilita-se a evaporação esfregando as mãos uma com a outra: o alcool puro deixa sobre a pelle cheiro agradável.

O sr. Molner recommenda o processo seguinte: introduza 60^{cc} de alcool suspeito em um frasco contendo 2 a 3 decigrammas de hydrato de potassa solvido em agua; agite bem e submetta tudo á evaporação, até se reduzir a 5 ou 6 grammas; metta depois o residuo em frasco bem esmerilhado e ajunte 5 grammas de acido sulfurico diluido: o cheiro caracteristico não tardará a desenvolver-se, mórmente para o alcool de sementes e de beterraba.

Oleo de cacáo.—Encontra-se muitas vezes misturado com o sebo de vitella, medulla de boi ou outras gorduras animaes, oleo de amendoas, cera.

O oleo de cacáo falsificado não se dissolve completamente a frio no ether, como acontece com o oleo puro.

O sr. Delcher diz que o ponto de fusão é o melhor meio para reconhecer se o oleo tem sido ou não contrafeito: o oleo alterado pela mistura de sebos ou gorduras funde-se a 26° ou 28°, o oleo falsificado com o de amendoas funde-se a 23°.

SAUDE PUBLICA

Differentes caracteres pelos quaes se pôde distinguir os vinagres de vinho dos de cerveja, cidra, etc.

Pelos srs. Chevallier e Grimaud

No norte faz-se mais particularmente uso do vinagre proveniente da fermentação acetica da cerveja, cidra, etc. Estes vinagres têm os nomes de *vinagre de cerveja*, *vinagre de cidra*, etc., conforme o liquido d'onde tiveram origem. Distinguem-se dos vinagres de vinho pelos caracteres seguintes:

Vinagre de vinho

1.º Cór amarelenta ou vermelha.

2.º Cheiro acido alcoolico.

3.º Extracto viscoso muito acido, amarello atrigueirado, contendo os saes que existem no vinho. Apresentam sempre crystaes.

4.º Precipitado branco pelo subacetato de chumbo.

5.º O vinagre de boa qualidade, para ser neutralizado, exige 6 a 8 por 100 de seu peso de carbonato de soda secco; o de qualidade mediocre não exige mais que 5 a 6 por 100 do mesmo sal.

6.º Precipitado mais ou menos abundante, mas fraco, com o azotato de prata, oxalato de ammonia e chloreto de bario.

Vinagre de cerveja,
de cidra, etc.

1.º Cór amarelenta.

2.º Cheiro recordando o liquido primitivo.

3.º Extracto vermelho intenso, viscoso e mucilaginoso, sabor salino, pouco acido, não crystallisa, ficando sempre molle; tendo, o de cerveja, sabor acido ligeiramente amargo, e o de cidra, sabor de pero cozido.

4.º Precipitado cinzento amarelado pelo subacetato de chumbo.

5.º O vinagre de cidra exige, com pouca differença, 3,50 por 100 de seu peso de carbonato de soda secco; o de cerveja só exige 2,50 do mesmo sal.

6.º O vinagre de cidra fornece ligeiros precipitados com o azotato de prata, oxalato de ammonia e chloreto de bario; o vinagre de cerveja precipita-se mui levemente pelo oxalato de ammonia e turva-se em grande quantidade pelos outros dois reactivos.

Quantidade de ar necessario ao homem e o meio de conhecer a alteração do ar que respira

Um homem adulto carece, por hora, pelo menos, seis metros cubicos de ar puro, e ha vantagem em augmentar esta quantidade.

O ar exhalado na respiração apresenta a composição muito diversa da composição atmospherica e, se o ar que respirar for da mesma natureza que o ar exhalado, as condições da respiração não são preenchidas: este ar é consumido, o pulmão não pôde reconciliar-se e a asphyxia sobrevem.

Portanto um homem não pôde respirar sem difficuldade, durante vinte e quatro horas, n'um espaço limitado que não tenha mais que oito pés de altura sobre nove de comprimento e oito de largura. Terminado este tempo, o ar encerrado terá a mesma composição que o ar exhalado.

Quando differentes pessoas estão reunidas n'um aposento fechado, onde existe lume ou ardem vélas, a parte salubre e respiravel do ar (oxygenio subtrahido para servir á combustão e á respiração) é substituido pelos gazes irrespiraveis e damnosos (acido carbonico, oxydo de carbono), productos d'esta combustão e d'esta respiração.

Póde-se observar a alteração do ar pelo alongamento e palidez da chamma das vélas. Concebe-se portanto a razão por que é necessario ventilar os aposentos, a fim de que a respiração seja livre quando haja grande illuminação ou muito fogo. A madeira que arde e o homem que respira effectuam o phenomeno da mesma natureza; é necessario boa tiragem para um e bom ar para outro.

Louças de barro vidradas

O edito do prefeito de policia, datado de 2 de julho de 1878, considera que o uso de louças de barro vidradas com oxydo de chumbo fundido ou incompletamente vitrificado, torna-se perigoso para a saude publica, e devem-se tornar toxicos os alimentos preparados n'estas vasilhas; prohibe a

fabricação e a venda d'estas louças, tanto francezas como estrangeiras, vidradas com o referido oxydo de chumbo fundido ou incompletamente vitrificado, e que cedem por consequencia o oxydo aos acidos fracos.

(*Répertoire de pharmacie.*)

Perigo do uso da semente de tremoceiro como vermifuga

Pelo sr. R. Bellini

A farinha de tremoço era empregada, como vermifuga, no tempo de Dioscorides e de Mésuê, seguramente por causa do seu amargor. Foureroy (*Ann. du Museum*, t. vii, p. 14), que a analysou, encontrou-lhe um oleo amargo que dá a esta farinha suas propriedades.

Conforme o sr. Bellini, a semente de tremoceiro contém um principio solúvel na agua, que será toxico para os homens e os animaes.

Quando este principio é absorvido, observa-se uma acção depressiva sobre o cerebro, uma perturbação dos vaso-motores, dos nervos de sensibilidade e dos musculos voluntarios.

O sr. Bellini concluiu dos seus trabalhos que é perigoso empregar a semente de tremoceiro como vermifuga. Os usos therapeuticos deverão ser sómente limitados ao exterior, como parasitico, por exemplo, ou em cataplasma como resolutivo.

(*Edinburgh Journal.*)

Envenenamento proveniente das conservas

O sr. Niepce, pae, deu conhecimento á sociedade de medicina de Nice de um caso de envenenamento produzido pelas conservas alimenticias.

M. X... foi atacado, á meia noite, de uma indigestão violenta com vomitos, grande resfriamento, emfim, todos os symptomas de verdadeira entoxicação. O doente não sabia a que

attribuir estes phenomenos, ainda que recordava-se ter comido de uma conserva alimenticia existente em uma boceta aberta ha tempo.

Foi examinada a boceta, e o microscopio descobriu, em toda a superficie da conserva, uma vegetação cryptogamica. Estes factos, acompanhados de outros relatados pela imprensa medica n'estes ultimos dias, fizeram imputar a causa do envenenamento á conserva. Deve-se aos estimulantes e aos vomitivos reiterados achar-se o doente inteiramente restabelecido.

O sr. Lambron recorda os envenenamentos, pelo tempo, das aves domesticas, as quaes produzem cogumelos analogos aos que se desenvolvem entre o miolo e a codea do pão fendido.

O sr. Niepce, filho, diz que deve-se receiar os mesmos effeitos do queijo de Roquefort, cuja coloração azul é devida ao miolo de pão holorento.

(*Nice médicale.*)

Alcaloide descoberto no pão de milho alterado

Pelos srs. Brugnatelli e Zenoni

A pellagra é, como se sabe, uma doença que se desenvolve nas pessoas que fazem uso do milho alterado. Esta alteração é devida ao cogumelo parasita.

O sr. Dupré extrahiu do milho alterado uma substancia que apresenta as reacções dos alcaloides, mas não determinou a composição e caracteres.

Os srs. Brugnatelli e Zenoni têm estudado este assumpto, por este motivo pozeram em observação grande quantidade de pão de milho, por se haver coberto de cogumelos.

Desde que o bolor começou a apparecer, a primeira quantidade do pão foi analysada, emquanto que a segunda porção não o foi senão depois de completo desenvolvimento dos cogumelos. Obteve-se um alcaloide nos dois casos, mas em maior abundancia no ultimo. Este alcaloide é insolúvel na

agua, mais soluvel nos acidos diluidos, d'onde é precipitado, sob a fórma de flocos brancos, pelos alcalis ou os carbonatos alcalinos; é soluvel no alcool e no ether, e o soluto ethereo produz precipitado branco com o soluto ethereo de acido tartarico.

O alcaloide livre possui sabor muito amargo e contém azoto; altera-se com muita facilidade, a ponto de não se ter podido submeter á analyse. Dissolvido no acido sulfurico concentrado dá, com os agentes de oxydção, coloração azul intensa, muito semelhante á que se obtém com a strychnina; e todavia elle distingue-se d'esta ultima pela bella côr de violeta que apresenta o vapor do bromo em reagindo sobre o seu soluto sulfurico.

(*Union médicale.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Clyster de chloral

Pelo sr. Griffiths

Hydrato de chloral	3 a 4 gram.
Gemma de ovo	n.º 1.
Leite	150 a 200 gram.

F. s. a. É destinado para provocar o somno. Os doentes conservam bem este clyster, sem experimentarem ardor.

Collodio hemostatico

Pelo sr. Carlo Pavesi

Collodio officinal	100 gram.
Acido phenico	5 a 10 »
Acido tannico	5 »
Acido benzoico	3 »

Misture agitando. Esta mistura tem a côr trigueira, adhere com mais efficacia aos tecidos que o collodio ordinario, coagula instantaneamente o sangue e a clara de ovo, e applica-se com um pincel ou embebe-se-lhe tiras de panno.

Electuario diuretico

Pelo sr. dr. Gallois

Azotato de potassa.....	4 gram.
Carbonato de potassa.....	4 »
Tinctura de scilla.....	2 »
Tinctura de dedaleira.....	2 »
Mel branco.....	60 »

F. s. a. Administra-se ás colhêres das de café, no espaço de tres ou quatro dias, para activar a secreção renal, nas diversas fórmias de hydropisia. Derivação sobre o intestino, por meio de purgantes repetidos.

Emplastro narcotico

Pelo sr. Graves

Opio em pó.....	2,50 gram.
Camphora em pó.....	2,00 »
Pez de Borgonha.....	} aã q. b.
Emplastro de chumbo.....	

F. s. a. Para combater as dores rheumaticas e nervalgicas do peito e da região lombar. Pôde ser ensaiado contra a sciatica e as dores thoracicas que se observam no fim da tísica pulmonar.

Injecção antileucorrhœica

Pelo sr. Maury

Acido salicylico.....	1 gram.
Agua distillada.....	300 »
Solva.....	

Linimento rubefaciente

Pelo sr. Hedenus

Petroleo rectificado.....	8 gram.
Tinctura de cantharidas.....	4 »

Misture. Este linimento é empregado em fricções, de manhã e de tarde, sobre o hypogastrio e a região lombar das

erianças acommettidas de incontinencia nocturna da urina. Banhos tepidos adicionados de carbonato de soda e de cevada germinada.

Loção resolutive

Pelo sr. Manec

Chlorhydrato de ammonia.....	10 gram.
Agua	500 »

Solva. Embeba uma compressa d'este soluto e applique-a sobre o joelho, no caso de hydarthrosa recente. Comprima moderadamente a articulação, com uma atadura, e banhe com este soluto. Se o derramamento não se dissipar por este meio, recorra aos vesicatorios volantes.

Pilulas contra a cephalalgia

Pelo sr. Hauches

Valerato de zinco	0,60 gram.
Extracto de belladona.....	0,15 »
Extracto de genciana	1,20 »

F. s. a. 12 pilulas. Tres por dia, para combater a cephalgia hysterica, principalmente se ha constipação habitual.

Poção bromada

Pelo sr. dr. Gallois

Brometo de potassio	6 a 8 gram.
Agua de tilia	100 »
Xarope de flor de laranjeira	32 »

F. s. a. Começa-se a dar uma colbér das de café d'esta poção, de manhã e de tarde, aos hystericos, depois augmenta-se progressivamente a dóse do sal, até que os doentes tomem 4 a 6 grammas por dia.

O uso do brometo de potassio deve ser por muito tempo

continuado; prescreve-se na mesma occasião os banhos de duche frios e o regimen tonico.

Poção de chloral

Pelo sr. dr. Gallois

Hydrato de chloral.....	5 gram.
Agua distillada.....	150 »
Xarope de cereja.....	50 »

Misture. Para tomar ás colhéres das de sopa, de hora a hora, até produzir o somno.

Poção contra a gotta aguda

Pelo sr. dr. Gallois

Tinctura de semente de colchico ...	10 a 15 gotas
Tinctura de dedaleira.....	10 »
Alcoolatura de aconito.....	15 »
Agua de alface.....	80 gram.
Xarope das cinco raizes.....	20 »

Misture. Administra-se ás colhéres, de duas em duas horas, nos accessos de gotta aguda. Algodão em rama e tafetá gommado, para cobrir as articulações dolorosas.

Pomada adstringente

Pelo sr. dr. Gallois

Noz de galha em pó fino	5 gram.
Banha benjoinada.....	32 »

Misture. Este medicamento é aconselhado no caso de hemorrhoidas facilmente sangrentas. Póde-se ajuntar 2 grammas de opio em pó, quando os tumores hemorrhoidaes são muito dolorosos.

Pomada antihemorrhoidal

Pelo sr. Sundelin

Sulfato de alumina e de potassa.....	3 gram.
Manteiga fresca e lavada.....	30 »

Solva o sal em pequena quantidade de agua e incorpore á manteiga. Unte de manhã e de tarde, com esta pomada, os tumores hemorrhoidaes fluentes. Para o mesmo fim, aconselha-se igualmente suppositorios de manteiga de cacão com extracto de ratania.

Pomada de oxydo de zinco camphorada

Pelo sr. Hardy

Oxydo de zinco.....	4 a 8 gram.
Camphora.....	2 a 4 »
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Unções de manhã e de tarde, sobre a pelle, para fazer cessar os pruridos provocados pelo lichen.

Pomada contra o herpes circular

Pelo sr. Hardy

Turbith mineral.....	1 a 2 gram.
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Applica-se de manhã e de tarde. Xarope de iodeto de ferro e oleo de figado de bacalhau; alimentação tónica e reparadora.

Pomada da viuva Farinier

Ann. do sr. dr. A. Bouchardat, 1849

Manteiga de vacca muito recente.....	60 gram.
Minio.....	1 »
Acetato de chumbo crystallisado.....	3 »

F. s. a.

Soluto antigottoso**Pelo sr. Garrod**

Carbonato de lithina.....	0,25 gram.
Agua de rosas ou de sabugueiro ...	24,00 »

Solva. Aqueça este soluto, embeba-lhe fios de linho ou esponja, e applique sobre as concreções, recobrando tudo de um tecido impermeavel de gutta-percha. Duas ou tres vezes ao dia, banha-se os fios ou a esponja, para conservar sempre humida.

Como remedio interno, prescreve-se o carbonato de lithina na dôse de 60 a 90 centigrammas, ou o citrato da mesma base na dôse de 1,20 grammas a 1,80 grammas, solvido na agua gazosa.

Suppositorio antihemorrhoidal**Pelo sr. dr. Gallois**

Extracto de ratania.....	0,50 gram.
Chlorhydrato de morphina.....	0,02 »
Estearina.....	3,00 »

Faça um suppositorio, que será efficaçmente empregado contra as hemorrhoidas dolorosas.

Xarope de chloroformio**Pelo sr. Bouchut**

Chloroformio puro.....	2,50 gram.
Alcool rectificado.....	12,00 »
Xarope simples.....	300,00 »

Misture o chloroformio com o alcool e depois ajunte o xarope e agite. Para dar ás colhéres aos hystericos, durante o insulto.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Novo methodo de doseamento do assucar

Pelo sr. Brumme

Knapp descobriu, ha annos, um novo methodo para dosar a glucosa, tão exacto como o de Fehling, mais prompto e muitas vezes mais applicavel, sendo o liquido de ensaio muito mais facil de preparar e inalteravel.

A glucosa reduz completamente o soluto alcalino de cyaneto de mercurio, e o processo de doseamento é fundado sobre esta reacção.

Solva 10 grammas de cyaneto de mercurio puro e secco em agua, ajunte 100 centimetros cubicos de soda de 1,145 de densidade e dilua até completar 1 litro. A experiencia tem mostrado que 100 de glucosa reduzem á ebullição 400 de cyaneto de mercurio. Tomando-se portanto 40 centimetros cubicos do soluto de cyaneto de mercurio, ajuntando-se-lhe o soluto de glucosa até redução completa, a quantidade do soluto de glucosa empregado contém por conseguinte 400 milligrammas de glucosa. Para reconhecer o fim da reacção, têm sido empregados diferentes methodos: o auctor deita uma gota de liquido sobre uma folha de papel de filtrar que esteja tapando um copo que contenha sulphydrato de ammonia; esta gota não deve escurecer.

A este processo pouco commodo, Sachse substitue o emprego do soluto alcalino de oxydo de zinco, o qual obtem-se saturando um sal de zinco com soluto de soda. Este liquido precipita o mercurio dos seus solutos alcalinos com a cor escura ou negra, conforme sua quantidade; a mais pequena proporção de mercurio livre descobre-se sob a fórma de precipitado escuro.

O sr. Brumme tem repetido esta experiencia, mas sem resultado; para achar o meio muito mais sensivel de distinguir o fim da reacção, serve-se de outro sal de mercurio para fazer o doseamento. O seu methodo funda-se no emprego do

soluto alcalino de iodeto de mercurio, o qual prepara solvendo na agua 18 grammas de iodeto de mercurio adicionando-lhe 25 grammas de iodeto de potassio. A este soluto ajunta 80 grammas de potassa solvida em agua, e que ao todo produza 1:000 centimetros cubicos; e, para ser empregado, é levado á ebullição em capsula: 40 centimetros cubicos d'este soluto corresponde a 0,72 de iodeto de mercurio, e addiciona-se a pouco e pouco com uma bureta o soluto de assucar.

O soluto mercurial deve ser primeiramente dosado com a glucosa pura, e achar-se-ha que 40 centimetros cubicos d'este soluto = 0,72 de iodeto de mercurio, corresponde á media de 15 grammas de glucosa. A superioridade d'este processo reside principalmente na nitidez com a qual se conhece o fim da reacção.

O soluto de Fehling é reduzido pela dextrosa, a levulosa e o assucar invertido. O soluto mercurial precedente comporta-se diversamente: 40 centimetros cubicos d'este soluto representando 0,72 de Hg I² correspondem a 0,1072 de assucar invertido. Esta reacção facilita poder-se determinar se o liquido assucarado contém glucosa, assucar invertido ou a mistura dos dois. É necessario então duas determinações: compara-se primeiramente a porção empregada de centimetros cubicos do soluto assucarado para reduzir 40 centimetros cubicos de soluto mercurial e, em seguida, observa-se com o licor de Fehling quanto o liquido assucarado contém de assucar C⁶ H¹² O⁶; estas duas quantidades permitem estabelecer duas equações, obtendo-se d'ellas duas igualdades, determinando-se facilmente a quantidade de assucar invertido e a glucosa contida no liquido analysado.

(*Zeitschrift für analytische Chemie.*)

Novo methodo de separação do arsenico de outros metaes

Pelos srs. Clermont e Frommel

Occupando-nos da dissociação dos hydratos de sulfuretos em presença da agua fervente, o caso particular do arsenico

suggeriu-nos a idéa de um novo processo de separação d'esta substancia de outros metaes, operação muito arriscada. Este methodo, de grande simplicidade, é applicado tanto na analyse qualitativa como na quantitativa.

Com effeito, um grande numero de hydratos de sulfuretos dissociam-se a 100° em hydrogenio sulfurado e em oxydo; portanto o sulfureto de arsenico é o unico que produz o oxydo solúvel, o acido arsenioso. Submettendo-se a mistura de sulfureto de arsenico e de outros sulfuretos á ebullição, serão todos oxydados e ficarão insolúveis na agua, á excepção do acido arsenioso que torna-se facil de isolar.

Para o ensaio qualitativo convém operar da maneira seguinte: deita-se a mistura dos sulfuretos em suspensão em determinada quantidade de agua, faz-se ferver durante algum tempo, e encontra-se immediatamente o acido arsenioso no liquido filtrado. A dissociação do sulfureto de arsenico é tão rapida que bastam dois ou tres minutos de ebullição para encontrar grande quantidade de acido arsenioso.

Quando se proceder ao doseamento é necessario tomar algumas precauções indispensaveis.

Supponhâmos que a mistura de arsenico, antimonio e estanho, se transfôrma toda em sulfuretos, fazendo-lhe passar a corrente de acido sulfhydrico, depois de haver acidulado pelo acido chlorhydrico e acido tartarico, se houver antimonio. Desde que ha certeza que a tótotalidade da mistura tem sido transformada em sulfureto, deixa-se precipitar em lugar quente até perder o cheiro do acido sulfhydrico, e deita-se tudo sobre um filtro. A lavagem deve ser feita com muito cuidado, por que a mais pequena quantidade de acido chlorhydrico, demorando-se no precipitado, occasionaria uma perda de arsenico, que se volatilisaria sob a fórma de chloreto. O precipitado completamente lavado será collocado com o filtro em um balão cheio de agua que será levada á ebullição.

Tem-se reconhecido que a reacção é muito mais rapida no aparelho distillatorio, por que a tensão de dissociação é mais consideravel no vapor da agua que no ar atmospherico.

A decomposição pôde ainda ser acelerada fazendo-se passar no aparelho uma corrente de ar que attraia o acido sulfhydrico á medida que este se desenvolva. Tem-se verificado que, para uma quantidade de arsenico não excedendo 2 decigrammas, a distillação de 500 a 600^{cc} de agua são sufficientes para a dissociação completa do sulfureto.

Filtra-se o residuo e, no liquido filtrado, encontra-se a quantidade integral de acido arsenioso, que será submettido ao doseamento por um dos processos conhecidos.

Sobre o filtro restam os sulfuretos não decompostos e os oxydos produzidos. Este processo permite a separação do arsenico de todos os outros metaes.

Differentes ensaios feitos com os sulfuretos de estanho, antimonio, oiro, ferro, etc., têm demonstrado o rigor d'este methodo.

(*L'Union pharmaceutique.*)

Soluto de albuminato de ferro

Pelo sr. dr. Trieze

A uma clara de ovo ajunte, pouco a pouco, 10 grammas de perchloreto de ferro liquido, que dará precipitado vermelho-sanguineo, será deitado sobre um filtro e lavado com agua distillada até que esta passe incolor; o precipitado é depois diluido em 500 grammas de agua distillada, á qual se tem adicionado 12 gotas de acido chlorhydrico: o soluto opera-se lentamente e, no fim de tres dias, fica completo.

O soluto constitue um medicamento que se administra ás colheres das de sopa tres vezes por dia; e, ainda que contenha diminuta quantidade de ferro (3 a 6 centigrammas para 100 grammas de liquido), produz resultados therapeuticos muito notaveis.

O albuminato de ferro secco do commercio é insolúvel, e emprega-se sómente para reproduzir instantaneamente o soluto precedente.

(*Journ. de pharm. de Alsace-Lorraine.*)

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Pepsina.— Encontra-se grande numero de pepsinas, que são distinctas umas das outras pelo seu aspecto, valor, origem, etc. É impossivel avaliar a qualidade medicamentosa sem se proceder á analyse.

O Codex indica o seguinte processo para a pepsina officinal: introduza em frasco de bocca larga e não rolhado, *pepsina medicinal* 0,25 gram.; *agua distillada* 25 gram.; *acido lactico concentrado* 0,40 gram.; *fibrina do sangue, humida e não molhada* 10 gram.; colloque o frasco na estufa de agua quente, marcando 45° o maximo, e agite de tempo a tempo a mistura. Passadas doze horas a pepsina, se for de boa qualidade, tem dissolvido toda a fibrina, produzindo no liquido consistencia semi-gelatinosa; diluida em agua e filtrada, não deve turvar pela ebullição nem pelo acido azotico a frio, mas precipitar pelo alcool forte e pelo tannino.

A pepsina tem sido algumas vezes misturada com assucar de leite e, se estiver mal preservada da humidade, torna-se muito acida, transformando o assucar em acido lactico.

Salicina.— Tem sido algumas vezes adulterada com sulfato de cal.

Para se assegurar da sua pureza, os srs. Chevallier e Baudrimont recommendam tratar, a salicina suspeita, pelo alcool fervente, que solve a salicina e abandona o sulfato de cal insolavel.

O sulfato, separado da salicina e tratado pela agua distillada fervente, fornece um liquido que dá, com o chloreto de bario e com o oxalato de ammonia, precipitados brancos de sulfato de barita e de oxalato de cal; aquecendo-se com agua distillada acidulada de acido chlorhydrico, obtem-se soluto que deposita, pelo resfriamento, o sulfato de cal crystallisado. Quando este soluto está muito diluido, a precipitação só tem lugar depois de ser concentrado o liquido.

Terebinthina copahiba.— No commercio tem sido encontrada contendo de mistura a resina de copahiba, terebin-

thina ordinaria, essencia de sassafrás, colophonia, oleo de ricino, etc.

A resina, reconhece-se pela espessura e aspecto lacteo que adquire a terebinthina copahiba.

A terebinthina ordinaria, faz augmentar-lhe a consistencia; o sr. Dublanc recommenda deitar, sobre o papel collado, uma gota da terebinthina de copahiba suspeita, que será depois secco a brando calor a parte do papel impregnado do liquido: a terebinthina de copahiba volatilisa-se e o cheiro da terebinthina ordinaria fica persistente.

A essencia de sassafrás, é conhecida, segundo o sr. Hager, misturando á terebinthina copahiba duas vezes o seu peso de acido sulfurico concentrado; depois do resfriamento ajuntar vinte partes de alcool, que produzirá coloração vermelha-escura, que augmenta pela ebulição, enquanto que, a terebinthina copahiba pura, tomará a côr amarella e deixará deposito resinoso.

A colophonia é, conforme o sr. Vivier, manifestada na terebinthina copahiba quando esta, solvida no alcool anhydro, deixa depositar crystaes brancos de acido sylvico. Este soluto alcoolico precipita em verde pelo sulfato de cobre, e em escuro pela potassa e a ammonia.

O oleo de ricino, faz com que a terebinthina copahiba não adquira, com o oxydo de magnésio, senão a consistencia de xarope ou de unguento, impropria para a confeição das pilulas, conforme as experiencias feitas pelo sr. Blondeau.

Polygala. — O sr. Oswald, pharmaceutico em Eisenach, descobriu uma falsificação da polygala com 1 por 100 de raiz de helleboro branco, que podia ter consequencias funestas; provando-se quanto é necessario examinar, com todo o cuidado, as drogas obtidas no commercio.

Casca da raiz de romeira. — É algumas vezes misturada ou substituida pelas cascas de buxo e de amoreira ou do tronco da mesma romeira.

A casca de buxo é branca exteriormente, muito amarga;

a de amoreira é amarella-avermelhada, muito enrugada, tuberculosa, de cheiro nauseoso e sabor doce.

A casca do tronco misturada á da raiz de romeira é, segundo as observações feitas pelo sr. Rigout-Verbert, facil de descobrir, por meio da lente ou do microscopio, pela presença de grande numero de vegetações cryptogamicas que se encontram sobre a epiderma das cascas do tronco, o que não acontece sobre a casca da raiz. As cascas dos ramos e troncos da romeira distinguem-se da casca da raiz, pela presença da medulla e do lenho esbranquiçado, que não se encontra nos corpos lenhosos amarellados das raizes.

O sr. Harz tem notado que a maior parte da casca do commercio é, na realidade, composta da casca do tronco; está substituição conhece-se porque as cellulas são mais largas, e as dos raios medulares não são alongadas mas quadrangulares.

Santonina.—O sr. J. Ruspini, de Bergame, diz que esta substancia tem sido falsificada pelo acido borico, o que se conhece pela acção do calor.

A santonina pura funde-se a brando calor sobre papel branco, liquida-se sem crepitação, deixando o papel um pouco gordurento e, depois de fria, crystallisa em massa de côr amarellada; misturada com o acido borico funde-se com ligeira crepitação, como os saes que perdem a sua agua de crystallisação, e colóra a chamma do alcool em verde.

Tambem se tem asseverado que a santonina tem sido adulterada com a gomma arabica, resina e assucar. Esta fraude reconhece-se pelo cheiro que exhala a substancia deitada sobre carvões ardentes; demais, a gomma e o assucar podem ser separados por meio do alcool ou do chloroformio, que solvem sómente a santonina.

Espermacete.—Tem sido algumas vezes falsificado com o sebo, materias gordurosas, cêra, acidos margarico e estearico, tornando-o saponificavel, menos laminoso, menos friavel, menos soluvel no alcool e no ether.

Com o nome de *solar espermacete*, tem sido exportado de New-York um pretendido espermacete que o sr. Ulex, de Hambourg, tem examinado comparativamente com o verdadeiro espermacete e que lhe pareceu ser o acido margarico.

Este *solar espermacete* é branco, opaco, com ligeira côr amarellada; duro, compacto e friavel; pouco gorduroso ao tacto; cheiro e sabor muito fracos, semelhantes aos das gorduras; composto de crystaes radiados, delgados, flexiveis, compridos e brilhantes, soluveis no alcool a 80° e igualmente nos alcalis causticos e nos carbonatos alcalinos.

Angelica.—No commercio tem sido algumas vezes substituida com a raiz de ligustico e a raiz de imperatoria.

O sr. dr. Hartung-Schwarzkopf, de Cassel, diz que:

A raiz de ligustico, não tem cheiro forte e aromatico como a de angelica; contém medulla amarellada, enquanto que a da raiz de angelica é de côr branca no interior.

A raiz de imperatoria, tem cheiro mais penetrante que o de angelica; a sua secção transversal apresenta a substancia interna de côr amarella-esverdinhada.

Oxydo de zinco.—Póde ser falsificado com o carbonato e o sulfato de zinco, carbonato de cal, amido, farinha, etc.

É reconhecida a presença do carbonato de zinco ou de cal, fazendo dissolver no acido azotico pequena quantidade de oxydo e produzir effervescencia; o soluto dará precipitado branco, com o oxalato de ammonia, contendo a cal.

O sulfato de zinco, descobre-se tratando o oxydo pela agua distillada, filtrando e analysando o soluto filtrado pelo chloro de bario.

O amido ou a farinha, conhece-se empregando o processo do sr. L. Schaffner, pharmaceutico em Meisenheim, que consiste em fazer aquecer o producto sobre a lamina de platina, o qual ennegrece e augmenta de volume; depois, tratado pela agua fervente, dá mucilagem mais ou menos ligeira, que será analysada pela agua iodada.

Aloès.—Tem sido algumas vezes adulterado, tendo as sortes de superior qualidade misturadas com as sortes inferiores. Também tem sido encontrado contendo colophonia, ocre, extracto de alcáçus, pez resina, ossos calcinados, o que tudo facilmente se reconhece, conforme indica o sr. Norbert Gille, fazendo aquecer o aloès suspeito com 10 vezes o seu peso de agua adicionada de 2 a 3 centesimos de carbonato de soda ou de potassa, e mesmo de ammonia liquida, de potassa ou de soda caustica.

A solução opera-se promptamente e sem sedimento se o aloès é puro; no caso contrario, precipita não sómente as resinas, senão também as impurezas ajuntadas por fraude ou as que os aloès podem conter accidentalmente. No residuo, depois de desembaraçado do alcali e incinerado, reconhece-se facilmente o ocre e os ossos calcinados; pôde-se também empregar a incineração directa.

O aloès de boa qualidade deve fornecer 80 por 100 de extracto.

Escola superior de pharmacia de Montpellier.— O sr. Collot, licenciado em sciencias naturaes e pharmaceutico, foi encarregado provisoriamente, durante o anno escolar de 1877-1878, das funcções de lente substituto.

Sociedade de pharmacia de Paris.— (Sessão de 1 de agosto de 1877).

O sr. Wurtz apresentou á sociedade uma porção de crystaes de santonato de soda, e bem assim alguns exemplares da memoria sobre a emetina, trabalhos por elle feitos e o sr. Lefort.

O sr. Poggiale chamou particularmente a attenção da mesma sociedade sobre o processo de graduar os sulfatos alcalinos pelo sr. Jean; as experiencias do sr. Houzeau relativas á desaparicação e ao doseamento da ammonia nas aguas; a analyse de um vinho antigo pelo sr. Berthelot; o processo para apreciar o alcool nos liquidos pelo sr. Fleury; finalmente, sobre a discussão levantada na academia das sciencias

acerca da theoria atomica, dos equivalentes chimicos e da lei de Gay-Lussac.

O sr. Dubail, a proposito da communicação feita pelo sr. Houzeau, lembrou as experiencias contidas na sua these inaugural, sustentada em 1832 na escola superior de pharmacia.

O sr. Desnoix apresentou uma capsula feita com um producto chamado *cellulosa liquida*, que offerece a vantagem de ser muito menos pesada que as capsulas metallicas empregadas nas garrafas, frascos, etc.

(Sessão de 3 de outubro de 1877.)—O sr. Stanislas Martin apresentou duas observações, sendo uma sobre o *Pau-pereira* e a outra sobre o meio de conservar o pó da cravagem de centeio.

O mesmo socio offereceu á sociedade o tronco com folhas e fructos de uma arvore do Senegal, conhecida com o nome de *Romboquirí*.

O sr. A. Petit apresentou dez exemplares da these do sr. Bougarel sobre a amygdalina.

O sr. Méhu fez presente de um novo apparelho para o do-seamento da uréa.

O sr. Yvon discorreu sobre o preparado da cravagem de centeio; expoz as experiencias que lhe fazem considerar o hydrato de chloral como caustico e não como vesicante; e apresentou novas experiencias sobre os azotatos de bismutho, as quaes lhe dão resultados differentes dos obtidos pelo sr. Ditte.

O sr. Bourgoïn fez varias observações concernentes á ergotina do sr. Tanret, por lhe parecer que o auctor não apresentára os caracteres de um producto bem definido e a descripção dos saes crystallisados.

O sr. Desnoix mostrou uma amostra de labdano de fôrma particular.

O sr. Dubail leu uma correspondencia do sr. Andral, vice-presidente do conselho d'estado, informando que o mesmo conselho emittira o parecer favoravel ao reconhecimento da sociedade de pharmacia como instituição de utilidade publica.

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Preparação da tinctura de kino

Pelo sr. Fox

A tinctura de kino tem a propriedade, como a tinctura de cato, de se tornar gelatinosa depois de algum tempo de preparação, o que se lhe attribue á presença do acido pectico.

O sr. Fox tem observado que a addição de pequena quantidade de glicerina oppõe-se a esta precipitação; e opera do modo seguinte:

Kino em pó fino..... 360 gram.

Alcool, glicerina e agua..... q. b.

Mistura-se quatro partes de alcool com uma parte de agua e uma parte de glicerina, e emprega-se sufficiente quantidade de d'este liquido para obter 473 grammas de tinctura.

(*Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruxelles.*)

Preparação dos bolos antiblennorrhagicos

Pelo sr. Simonnot

Balsamo de copaiba..... 200 gram.

Cúbebas em pó..... 590 »

Cera vegetal..... 90 »

Ratania em pó..... 70 »

Magnesia alva em pó..... 50 »

Total.. 1:000

De *uma parte*. — Misture em almofariz a magnesia com as cúbebas e a ratania.

De *outra parte*. — Faça fundir, a brando calor, a cera vegetal no balsamo de copaiba, que ajuntará depois da liquefacção as outras substancias. Pela epistação obtem-se uma pasta de consistencia de electuario assás molle, para ser dividida no pilulador em bolos de gramma cada um; e, á medida que vão sendo obtidos, serão deitados sobre o tamis coberto de

papel polvilhado de lycopodio e seccos ao ar livre durante quarenta e oito horas.

No fim d'este tempo serão os bolos collocados em um vaso capsular, rolados em *oxydo-ferrico carbonatado*, cujo excesso será separado pelo tamis.

Em seguida prepara-se um verniz pela formula seguinte:

Balsamo de Tolú.....	20 gram.
Almecega da India	5 »
Ether sulfurico.....	50 »

Nota. Esta quantidade é sufficiente para envernizar 2:000 bolos. Para o empregar introduza os bolos em uma capsula, deite-lhes em cima o verniz em quantidade sufficiente e, pelo movimento giratorio, são cobertos completamente.

Por este meio fixa-se na superficie o oxydo-ferrico carbonatado que os torna inalteraveis; o cheiro e o sabor desagradaveis da copaiba e das cúbebas são completamente encobertos, e os bolos têm uma bella cór de chocolate.

Este processo é muito pratico, de rapida execução, e obtém-se facilmente á mão e ao pilulador 300 bolos em uma hora.

A mesma pasta que serve para fazer os bolos, aromatisada com algumas gotas de essencia de hortelã pimenta, constitue uma opiata que póde conservar-se por tempo indefinito.

(*L'Union pharmaceutique.*)

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos
Hospitales de Londres

Collodio	30 gram.
Oleo de ricino.....	2 »
Raiz de orcaneta.....	q. b.

F. s. a. Este collodio torna-se elastico pela presença do oleo de ricino, e córado em rosa pela orcaneta; tem o aspecto menos desagradavel, quando estendido sobre a pelle, que o collodio ordinario.

Emplastro phenicado

Pelo sr. Lister

Azeite.....	120 gram.
Oxydo de chumbo em pó.....	120 »
Cera.....	30 »
Acido phenico crystallisado.....	25 »

Prepara-se este emplastro sem se lhe ajuntar agua; estende-se, como o diachylão, sobre panno delgado.

É applicado no curativo das ulceras que necessitam ser desinfectadas.

Glycerado desinfectante

Pelo sr. Gritti

Glycerina pura.....	80 gram.
Sulfito de soda.....	10 »
Amido em pó.....	8 »

Misture e aqueça no banho de agua, até que o preparado obtenha a consistencia de pasta molle. Este glycerado serve para desinfectar as chagas, diminuir a secreção do pus e activar o trabalho de reparação e de cicatrização.

Linimento antinervalgico

Pelo sr. dr. Gallois

Oleo morphinado.....	16 gram.
Chloroformio.....	4 »

Misture. Unções, varias vezes por dia, sobre as regiões accommettidas de neuralgia. Depois de cada unção, cobrir o ponto molesto com flanella e tafetá gommado.

Oleo de bacalhau desinfectado

Pelo sr. Carlo Pavesi

Oleo de figado de bacalhau.....	20 partes
Café torrado e moido.....	1 »
Carvão animal purificado.....	1/2 »

Misture tudo em um matrás de vidro, aqueça no banho de agua a 50 ou 60°, durante um quarto de hora, deixando o

matrás rolhado. Tira-se do calor; deixa-se repousar por tres dias a mistura, agitando de tempo a tempo; depois filtre por papel, obtendo-se um oleo muito limpido, de côr alambreada, cheiro e sabor semelhantes aos de café, contendo todos os principios activos do oleo puro.

Administra-se na tísica, escrofula, etc.

Oleo phenicado

Pelo sr. Lister

Azeite ou oleo de linhaça fervido..... 27 gram.

Acido phenico crystallisado 3 »

Solva. É applicado este oleo, embebido em fios de linho ou compressas, nas chagas que precisam ser desinfectadas.

Pilulas antinervalgicas

Pelo sr. Néligan

Extracto de meimendro..... 0,50 gram.

Valerianato de zinco 4,00 »

F. s. a. 20 pilulas. Uma a tres por dia, no tratamento das neuralgias faciaes; applicar, sobre o ponto mais doente, um epithéma morphinado.

Pó desinfectante

Pelo sr. Demarquay

Permanganato de potassa.....

Carbonato de cal em pó.....)

Amido em pó.....)

Misture. Póde-se curar com este pó, sem produzir dor, certas chagas de cheiro fetido, o cancro do seio ulcerado, etc.

Pomada antinervalgica

Pelo sr. Bertrand

Veratrina..... 0,30 gram.

Chlorhydrato de morfina..... 0,20 »

Banha recente ou glicerado de amido 30,00 »

Misture com cuidado. Em fricções, no momento dos paro-

xysmos, na neuralgia facial e a enxaqueca, quando a quinina e os vesicatorios têm sido inutilmente empregados. Repetese as fricções a cada paroxysmo, até desaparição completa e definitiva da dôr.

Pomada contra a surdez

Pelo sr. Boyd

Veratrina	1 gram.
Pomada rosada,	30 »

Misture com cuidado. O auctor recommenda esta pomada no começo da surdez nervosa. Toma-se uma porção do tamanho de uma ervilha, e faz-se fricção, de manhã e de tarde, atrás da orelha doente.

Pomada estimulante

Pelo sr. Wagner

Acido salicylico.....	1,50 gram.
Alcool.....	3,00 »
Banha preparada.....	15,00 »

Solva o acido no alcool e incorpore a banha.

Esta pomada é aconselhada contra as chagas infectas e que se cicatrizam.

Pomada resolutiva

Pelo sr. Langlebert

Pomada mercurial	20 gram.
Extracto de belladona.....	3 a 5 »

Misture. Para untar de manhã e de tarde, com pequena quantidade d'esta pomada, sobre o testiculo inflammado, e cobrir de cataplasma. Se a orchita é muito dolorosa, applica-se sanguesugas na base do cordão. Bebidas laxantes, banhos.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Methodo de extracção dos pigmentos
de origem animal

Pelo sr. Méhu, pharmaceutico

Este methodo foi apresentado á academia de medicina, e consiste essencialmente na saturação a frio do liquido côrado pelo sulfato de ammonia. Na maior parte dos casos o resultado não é completo emquanto o liquido não estiver mui ligeiramente acidulado pelo acido sulfurico.

Urinas.— Para extrahir o pigmento das urinas hemapheicas, addicione 2 grammas, com pouca differença, de acido sulfurico por litro, depois sature com sulfato de ammonia. Separe o pigmento vermelho (urobilina de Jaffe), recolha-o sobre um filtro e lave com soluto saturado de sulfato de ammonia, depois enxugue o filtro humido entre folhas de papel de filtrar e, finalmente, trate-o pelo alcool a 95 por 100, que solve o pigmento sem tocar nos uratos nem no excesso de sulfato de ammonia. Este soluto alcoolico contém o pigmento vermelho; agitando-o com chloreto ou brometo de zinco e filtrando depois, obtem-se um liquido dichroico vermelho-rosado, se for visto por transmissão, e verde-opaco quando observado por reflexão. Este mesmo soluto alcoolico, examinado ao espectroscopo, produz absorpção notavel na côr azul (a parte proxima da linha F de Fraunhofer).— A urina vermelha hepatica, exposta ao ar e tornada vermelha por effeito da oxydación ou da hydratação do pigmento, é menos facil de despojar-se do seu pigmento. É necessario primeiramente recorrer á acção dos agentes reductores.

Materia fecal.— Pelo mesmo methodo pôde-se extrahir um pigmento identico ao das urinas hemapheicas, saturando pelo sulfato de ammonia o liquido escuro-claro que se obtem fazendo macerar na agua a materia fecal de um adulto com boa saude.

A materia fecal contém, além d'isso, um acido resinoide de

origem biliario, cujo soluto alcoolico, examinado ao espectroscopo, absorve o extremo violeta do espectro solar e não dá lugar ao dichroismo precedente pela addição de chloreto de zinco.

Bilis.—O mesmo reagente torna insolueis os acidos e pigmentos biliares. O liquido filtrado, saturado de sulfato de ammonia, é incolor e contém vestigios de acido biliario. Póde-se applicar este methodo de extracção ás urinas e aos vomitos ictericos, e bem assim á pesquisa do acido chrysophanico nas urinas dos doentes que têm feito uso do rhuibarbo e do senne.

Leite.—Fazendo-se agitar o leite com sulfato de ammonia, toda a caseina separa-se com a manteiga; o liquido é incolor e presta-se perfeitamente ao exame saccharimetrico.

O auctor reserva-se, para outra communicação, apresentar as suas pesquisas sobre a applicação d'este methodo nos pigmentos de origem vegetal.

(*Répertoire de pharmacie.*)

Processo para conservar a madeira

Para se conservar as peças de madeira, destinadas a estarem introduzidas na terra, está em uso carbonisar a sua extremidade inferior ou cobril-a de alcatrão. Este methodo só é proveitoso quando se applica os dois processos, um depois do outro; com effeito, quando se contenta só com a carbonisação, a parte carbonisada torna-se porosa e attrahe a humidade do solo, e, quando se satisfaz com o alcatroado, a madeira apodrece com grande rapidez.

Consegue-se bom resultado carbonisando superficialmente a madeira e, antes que tenha arrefecido, envernisa-a depois com alcatrão quente e por bastante tempo para ser absorvido. Os principios mais volateis do alcatrão eliminam-se e os menos volateis (entre elles a creosota) preenchem os poros da madeira de uma camada impermeavel ao ar e á agua.

(*Moniteur scientifique.*)

Prateadura do vidro

O sr. R. Boettger descreve, no *Deutsche Industrie Zeitung*, um processo de pratear o vidro, o qual consiste empregar o tartarato de prata, que se obtém da maneira seguinte: precipita-se o soluto que contenha 17 grammas de azotato de prata pelo soluto de 28 grammas de sal de Seignette (tratarato de potassa e de soda); recolha-se n'um filtro o precipitado de tartarato de prata, lava-se repetidas vezes com agua distillada e conserva-se em agua ao abrigo da luz.

Para se proceder á prateadura, colloca-se em suspensão na agua distillada o tartarato de prata reduzido a pó finissimo, depois junta-se com precaução soluto muito diluido de ammonia até que o tartarato de prata seja dissolvido. É necessario que fique ainda pequeno excesso de sal de prata não dissolvido e que o liquido não exhale o mais leve cheiro ammoniacal. Mergulha-se o objecto que se pretende pratear, bem limpo, no banho assim obtido; passados dez minutos recobre-se de uma camada uniforme e espelhenta de prata.

Fabrica-se espelhos por este processo, suspendendo-se a lamina de vidro, em caixilho apropriado, á superficie do banho de prata, de fórma que a face inferior do vidro seja unicamente banhada pelo liquido. Convem renovar varias vezes esta operação para reforçar á vontade a camada argéutica.

(*Bulletin de la Société chimique.*)

Da presença do chumbo no subazotato de bismutho

Pelos srs. Chapuis e Linossier, pharmaceuticos

Do trabalho do sr. Carnot (*Comptes rendus de l'académie des sciences*, t. LXXXVI, p. 718) prova-se que, no subazotato de bismutho do commercio, fôra encontrado chumbo em proporções que podem causar graves prejuizos; a ponto do sr. ministro do commercio chamar sobre este assumpto a attenção dos conselhos medicos.

O processo indicado pelo sr. Carnot, para a pesquisa do chumbo, é o seguinte:

Para 10 ou 20 grammas de subazotato de bismutho, dissolvido no acido chlorhydrico e reduzido ao estado de soluto xaroposo, ajunta-se algumas gotas de acido sulfurico e, em seguida, trata-se a mistura pelo alcool forte, que solve o chloreto e o sulfato de bismutho sem solver o sulfato de chumbo.

Este methodo é, conforme a opinião do mesmo auctor, absolutamente defeituoso quando o subazotato examinado contenha cal; ainda que, no proseguimento das nossas pesquisas, encontrámos uma amostra que não continha quantidade notavel, cousa facil de comprehender, visto que a precipitação e a lavagem do sal foram feitas com agua mais ou menos calcarea ou selenitosa.

N'este caso, o sr. Carnot utiliza da insolubilidade do chloreto de chumbo no alcool, e trata por este dissolvente a mistura dos dois chloretos sem addicionar o acido sulfurico; estando esta insolubilidade muito longe de ser absoluta, pois que 100 grammas de alcool solvem 0,5 a 0,6 d'este sal. Obtendo-se mui diminutas quantidades de chumbo, este processo é ainda mais defeituoso que o primeiro.

Em presença da insufficiencia d'este methodo, propomos o seguinte processo qualitativo.

Para 3 grammas de subazotato de bismutho, collocado em uma capsula, ajunta-se 4 centimetros cubicos de soluto de soda caustica a 10 por 100 e bastante soluto de chromato amarello de potassa a 10 por 100, para que, depois da fervura, o liquido sobrenadante seja córado em amarello (aproximadamente 4 centimetros cubicos); decanta-se sobre um filtro o liquido transparente; o residuo solido é tornado á ebullição com 1 centimetro cubico de soluto de soda, algumas gotas do de chromato e 2 a 3 centimetros cubicos de agua distillada, e depois o liquido e os residuos são deitados sobre o filtro.

Ao liquido filtrado addiciona-se acido acetico até ficar bem

acidulado; o chromato de chumbo, que existir solvido na soda, precipita-se turvando-se mais ou menos o liquido.

Para $\frac{1}{100}$ de chumbo obtem-se precipitado abundante; para $\frac{1}{4000}$ a turvação é limpa, produzindo em pouco tempo precipitado denso e adherente ás paredes do tubo; para $\frac{1}{5000}$ a turvação é muito mais fraca e ás vezes depois do resfriamento completo do liquido, porque o calor faz conservar o chromato de chumbo mui ligeiramente solúvel na mistura do acetato de soda e do acido acetico.

Accusar-se-hão facilmente quantidades de chumbo menores para $\frac{1}{5000}$, operando-se sobre maior quantidade; mas a pesquisa de vestígios tão minimos de chumbo não offerecem interesse, nem temos querido encarregar-nos de menor porção de 3 grammas de subazotato.

Só uma vez obtivemos, em lugar do precipitado denso de chromato de chumbo, um precipitado flocoso e ligeiro, que se amontoou depois da ebulição em camada espessa no fundo do tubo, constando de phosphato de cal inquinado de silica e de alumina, que o subazotato analysado tinha de mistura. Se, todavia, o que não é muito provavel, houver duvida sobre a natureza de semelhante precipitado, descobrir-se-ha facilmente fazendo ferver o liquido, tornando-o de novo alcalino; o precipitado não desapparece, em quanto que elle se dissolve instantaneamente empregando-se o chromato de chumbo.

Operando-se com a soda impura, póde-se reproduzir a mesma turvação, devida ás impurezas do reactivo; é pois conveniente fazer com prevenção a mistura de soda, de chromato e de acido acetico em excesso, e assegurar-se que ella não produz turvação no liquido acido.

O processo, como acabámos de descrever, offerece muitas vantagens para a analyse do subazotato de bismutho nas pharmacias: a rapidez, postoque exija sómente alguns minutos; a exactidão, porquanto, tendo-se em conta as precauções indicadas, elimina-se todas as causas de erros; a sensibilidade,

visto que accusa facilmente a presença de $\frac{5}{10000}$ de chumbo, e, finalmente, a economia, porque só requer 3 grammas de subazotato de bismutho e reactivos de pouco valor.

Para a pesquisa quantitativa pôde ser empregado o mesmo methodo: é então sobre 10 grammas do mesmo subazotato que se deve operar, havendo cuidado de lavar o chromato de bismutho com a mistura de soda e de chromato de potassa e, em seguida, proceder-se á decantação sobre o filtro, até que o liquido filtrado não se turve mais pelo acido acetico em excesso. Leva-se depois á ebullição o liquido filtrado; neutralisa-se pelo acido acetico; deixa-se em descanso durante vinte e quatro horas; deita-se sobre o filtro o precipitado e lava-se com agua acidulada de acido acetico; secca-se a 100° e pesa-se. O peso encontrado, multiplicado por 0,6408, dá o peso de chumbo contido nos 10 grammas de subazotato de bismutho.

Conclusão.—Sobre doze amostras analysadas por este processo, uma só continha quantidade consideravel de chumbo (7 a 8 millesimos); duas com quantidades approximadas de 1 millesimo; e em todas as restantes o chumbo não existia ou apresentavam somente vestigios.

(*Jorn. de pharm. et de chimie.*)

J. D. CORRÊA.

TOXICOLOGIA

Das causas dos erros que podem sobrevir na pesquisa toxicologica dos saes de zinco

Pelo sr. Chapuis, pharmaceutico

Todas as vezes que, pelo processo de Otto (chlorato de potassa e acido chlorhydrico), se decomponha a materia organica, vegetal ou animal, contendo como principio toxico um sal de zinco, este metal é precipitado no soluto acido pelo acido sulfhydrico, de côr branco-amarellado, complexo de sulfureto de zinco, de enxofre e materias organicas.

As pesquisas que têm produzido estes resultados não si-

do feitas nas condições seguintes: 200 a 250 grammas de sôpa espessa, adicionada de 1 gramma de sulfato de zinco, foram postas em capsula de porcellana contendo acido chlorhydrico, approximadamente o terço do volume total, e agua distillada em sufficiente quantidade para fazer massa liquida clara; aquecida a mistura no banho de agua, ajuntou-se ao liquido quente 2 a 3 grammas de chlorato de potassa e, assim continuando, até que o conteúdo na capsula se tornou fluido, homogeneo e ligeiramente amarellado; durante esta operação houve cuidado de adicionar, de tempo a tempo, agua distillada quente, para substituir o liquido evaporado; depois de frio foi deitado o liquido sobre um filtro, e o liquido filtrado aquecido no banho de agua até desaparição completa do chloro.

Este novo liquido, quasi incolor e limpido, muito acido, foi neutralizado com ammonia; porquanto sabe-se que todos os saes são precipitaveis em soluto acido pelo hydrogenio sulfurado, excepto o arsenico, e deixam de o ser por este agente quando os solutos estejam excessivamente acidos.

Quasi instantaneamente formou-se na superficie do liquido um sedimento esbranquiçado, semelhante ao do enxofre precipitado, embaraçando a desinvolução do gaz sulfhydrico, formando-se numerosas bolhas persistentes, que occasionavam o augmento de volume da massa do liquido; passado pouco tempo a precipitação do sulfureto de zinco foi completa e toda a massa deitada sobre filtro; o liquido d'esta filtração, neutralizado pela ammonia até não precipitar mais pelo sulfureto de ammonia; este precipitado, deitado sobre filtro e levado á seccura, não foi completamente soluvel no acido chlorhydrico e cedeu o enxofre ao sulfureto de carbono; este mesmo precipitado, depois de calcinado, apresentou todos os caracteres dos saes de zinco.

Como se formou este sulfureto de zinco, e a que attribuir a sua presença?

Numerosas experiencias provaram que nem os vestigios de chloro se poderam separar completamente, fazendo-se

passar uma corrente de gaz carbonico no liquido aquecido, nem as materias organicas não decompostas inteiramente lhe poderam occasionar esta precipitação. Mas, em compensação, foi comprovada a influencia dos acidos organicos provenientes do amido e da célulallosa existentes no liquido muito acido e de um corpo oxydante, o chloro.

Depois de se haver decomposto de novo as materias organicas pelo chlorato de potassa e o acido chlorhydrico, e expellido o chloro formado, foi dividido o liquido em duas porções. A primeira para ser neutralisada pela ammonia e acidulada de novo pelo acido chlorhydrico, a segunda posta de parte sem ser neutralisada, e ambas submettidas ao gaz sulfhydrico: no primeiro caso, formou-se o precipitado de enxofre e de sulfureto de zinco e, no segundo, um ligeiro precipitado de enxofre.

Na primeira experiencia, a neutralisação pela ammonia deu origem ao chloreto de ammonia e aos saes organicos, acetato, formiato e oxalato de ammonia; depois, a addição de algumas gotas de acido chlorhydrico, produziu ainda chloreto de ammonia e regeneração dos acidos organicos combinados com ammonia, e o liquido tornou-se portanto francamente acido, e o zinco encontrou-se então em excellentes condições para ser precipitado pelo hydrogenio sulfurado. Na segunda experiencia, pelo contrario, o acido chlorhydrico em excesso obstou totalmente á precipitação do zinco.

Na pesquisa dos saes de zinco, seguindo-se este methodo de analyse, é conveniente, depois da neutralisação, acidular levemente e procurar o zinco no precipitado obtido pelo acido sulfhydrico.

(Lyon médical.)

Emprego do iodeto de potassio para combater as intoxicações produzidas pelos metaes venenosos

Pelo sr. Melsens

O auctor obteve, pela segunda vez, o premio de 10:000 francos estabelecido, na Belgica, pelo sr. dr. Guinard; e sa-

be-se que o seu methodo curativo, pelo qual combate as entoxicações produzidas pelos metaes venenosos, consiste em administrar o iodeto de potassio. Este corpo transforma os compostos metallicos insoluveis, que existem nos orgãos, em compostos soluveis e os faz expulsar da economia.

Este medicamento é inoffensivo e tem a condição de poder ser administrado primeiramente em dõse fraca e augmentar-se gradualmente. As dõses muito fortes produzem, na economia, um sal duplo assás consideravel para produzir verdadeiro envenenamento. Os compostos insoluveis, do mercurio e do chumbo, são do mesmo modo eliminados pelas secreções.

O sr. Melsens havia já obtido, pela mesma descoberta, o premio Montyon, fundado pela academia das sciencias.

(*Journ. de pharmacie et de chimie.*)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES

Gomma gutta. — O sr. Christison tem encontrado esta gomma misturada com os succos gomme-resinosos da *Garcinia cambogia* e do *Xantochymus pictorius*; o primeiro é tão molle, que torna-se plastico pelo calor da mão, é amarello-pallido e não emulsivo; o segundo é amarello-esverdinhado, ligeiramente translucido e não emulsivo.

Essencia de eucalypto. — O sr. Duquesnel diz ter-se encontrado n'esta essencia o alcool, oleo fixo, essencia de terebinthina e essencia de copaiba.

Reconhece-se a presença do alcool, agitando a essencia com agua que, solvendo o alcool, diminue o volume do liquido que o contém; tambem se pôde empregar a fuchsina, que não cõra a essencia pura, mas que lhe produz coloração vermelha quando contenha alcool.

A presença do oleo fixo, manifesta-se evaporando a essencia suspeita sobre papel ou distillando-a com agua; a da essencia de terebinthina, ensaiando-se pelo iodo pulverisado

(0,15 grammas para 3 ou 4 gotas de essencia suspeita), que não actua sobre a essencia pura, produzindo explosão tanto mais forte quanto ella contenha mais essencia de terebinthina; tendo de mistura a essencia de copaiba ou outra qualquer, a solução torna-se muito menos facil.

Morphina.— Tem sido encontrada com a materia c6rante do opio e a narcotina; a materia c6rante devida 6 sua purificaç6o incompleta, e a narcotina resultante da sua n6o completa separaç6o ou adicionada fraudulentamente.

Pelletier, faz conhecer a presenç6a da narcotina empregando o acido acetico fraco, que dissolve a frio a morphina sem actuar sensivelmente sobre a narcotina; Robiquet, o ether, que solve a frio a narcotina; Liebig, o soluto de hydrato de potassa a 20° B., que solve a morphina excluindo a narcotina.

Chloroformio.— Segundo as observaç6es feitas pelos srs. Chevallier e Baudrimont, o do commercio p6de conter chloro, acido chlorhydrico, acido hypochloroso, ether chlorhydrico, oleos hydrocarbonados, compostos methylicos e amylicos; e ser falsificado pelo alcool, ether sulfurico, ether acetico.

A existencia das tres primeiras substancias no chloroformio, prov6m da sua alteraç6o espontanea ou da purificaç6o incompleta; descobre-se pelo azotato de prata, que n6o precipita o chloroformio puro e precipita o que cont6m os corpos acima designados; o papel azul de tornasol 6 avermelhado pelo chloroformio quando contenha o acido chlorhydrico, e torna-se branco na presenç6a do acido hypochloroso.

Conforme o sr. Cattel, o meio de conhecer se o chloroformio tem de mistura o alcool, consiste em agitar, durante alguns instantes no tubo de ensaio, 12 grammas de chloroformio suspeito com um ou dois cristaes de acido chromico, ou com pequena quantidade de bichromato de potassa e de acido sulfurico: se no chloroformio existir alcool, o acido chromico transforma-se em oxydo verde de chromo.

A presenç6a dos ethers 6 facil de descobrir, distillando no

banho de agua pequena porção de mistura de agua e de chloroformio suspeito; o que se confirma pelo cheiro dos primeiros productos da distillação.

Emquanto á presença dos oleos hydrocarbonados, o acido sulfurico concentrado não tem acção sobre o chloroformio puro, e ennegrece o que contém productos estranhos; e a dos compostos methylicos e amylicos têm sido dados a conhecer pelo sr. L theby, sómente pelos accidentes que elles podem produzir sobre a economia: cephalalgia, prostração geral e rapida.

Desseccação dos ovos.— *Le Monde pharmaceutique*, fevereiro de 1877, contém a noticia de que em Passau (Baviera) estava-se procedendo aos ensaios sobre a desseccação dos ovos, para a fabricação das conservas alimenticias. As auctoridades militares allem s interessavam-se muitissimo com estas experiencias, pelos recursos que se encontrariam n'este novo producto, para a alimentação do soldado em campanha.

Quinas.— Segundo Vauquelin e Henry, os decoctos ou os macerados de quinas ricas em alcaloides precipitam abundantemente pela noz de galha ou o tannino, formando-se um composto dos alcaloides e do tannino.

Os pharmacologistas inglezes affirmam que a riqueza da quina amarella p de ser determinada com exactidão, conforme a abundancia do precipitado occasionado pelo sulfato de soda ou pelo oxalato de ammonia; porque consideram que a proporção de quinina n'esta especie corresponde   do quinato de cal, o que não acontece com as quinas vermelha e cinzenta.

Ether sulfurico.— Reconhece-se a presença do alcool no ether, quando seja pesado no areometro ou agitado no tubo graduado, contendo soluto de chloreto de calcio: a diminuão de volume indica a mistura. O sr. Boettger acrescenta que, deixando-lhe demorar um fragmento de hydrato

de potassa, produz coloração amarella que o ether puro não dá.

Oleo de ovos.—Rança-se rapidamente; o seu cheiro e a descoloração indicam o seu mau estado de conservação.

No commercio tem sido substituído, algumas vezes, com um oleo fixo córado pela curcuma. Para se conhecer esta fraude, os srs. Bussy e Boutron aconselham pôr em contacto o oleo suspeito com o soluto de hydrato de potassa ou de soda, que dará coloração vermelha-escura proveniente da acção do alcali sobre a materia córante da curcuma.

Valerianato de quinina.—O sr. Landerer, pharmaceutico de Athenas, encontrou uma porção de valerianato de quinina suspeito e, fazendo interessantes observações comparativas com o valerianato verdadeiro, resultou conhecer que este, triturado em gral, apresentava na escuridão uma bella phosphorescencia, enquanto que o valerianato suspeito não possuia esta propriedade. Analysando este, reconheceu ser um composto de sulfato de cinchonina, misturado com essencia de valeriana e acido valerianico.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 7 de novembro de 1877.)

O sr. Stanislas Martin apresentou um exemplar da *Doundaki*, arvore do Senegal, pertencente á familia das rubiaceas, e cuja casca é empregada como febrifuga.

O sr. Lefort apresentou uma obra sobre a fabricação dos vinhos de Champagne, pelo sr. Robiquet.

O sr. Desnoix offereceu amostras de ceras amarella e branca de origem mineral, cujo aspecto é absolutamente identico ao das verdadeiras ceras vegetaes.

O sr. Yvon exhibiu uma amostra de iodeto mercurioso crystallizado e indicou o modo de preparação.

O sr. Planchon entreteve a sociedade com as experiencias feitas em Montpellier, para a introdução em França de certas videiras americanas.

O sr. Vigier apresentou uma porção de salicylato de zinco crystallizado e leu uma nota sobre a preparação e a composição d'este sal.

O sr. Wurtz mostrou um falso sulfato de quinina que apresenta todas as propriedades do chlorhydrato de cinchonina.

O sr. Marty disse ter analysado um producto vendido com o nome de *pseudo-quinino*, que era o sulfato de quinidina.

Filtro de carvão silicifero.— No congresso scientifico de Liverpool o sr. Wanklyn apresentou carvão carregado de silica, empregado como agente de filtração e que tem dado importantes resultados. Este carvão detém facilmente grande numero de materias organicas, decóra os solutos córados de anilina, absorve os alcaloides e póde ser todas as materias organicas azotadas.

Analyses e falsificações diversas.— Do *Pharmaceutical journal*, setembro de 1877, extrahimos o seguinte:

O sr. Dott, tendo verificado o sulfato de morfina, vendido no mercado inglez, encontrou-lhe 34,63 por 100 de sulfato de soda anhydro e 65,37 por 100 de sulfato de morfina.

Tem-se vendido em Inglaterra a raiz de aconito contendo de mistura a raiz de imperatoria (*Imperatoria ostruthium*, L.) vinda das montanhas da Escocia.

O oxydo de zinco tem sido encontrado no commercio, pelo sr. Stoddart, contendo 9,13 por 100 de seu peso de sulfito de zinco, provindo com probabilidade da oxydação lenta d'este sulfito. Em contacto com acido chlorhydrico diluido e da lamina de zinco, este oxydo impuro produz desenvolvimento de hydrogenio sulfurado; a agua chlorada transforma-o em sulfato; o nitro-prussiato de soda dá coloração vermelha com o seu soluto acetico.

Escola superior de pharmacia de París.— O sr. Bourquelot foi nomeado preparador dos trabalhos praticos de botanica, em substituição do sr. Hariot.

O sr. Barbier, licenciado em sciencias, foi encarregado das

funções de preparador dos cursos de chimica analytica, de hydrologia e de mineralogia.

O sr. Schmidt, bacharel em sciencias, foi incumbido dos trabalhos de preparador dos cursos de cryptogamia e de toxicologia.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 5 de dezembro de 1877.)

O sr. Stanislas Martin apresentou á sociedade um exemplar da *Fondinge*, planta do Senegal, da familia das gramineas, e uma amostra da *Alcaparreira*, arbusto do Senegal.

O sr. Marais annunciou o fallecimento do sr. Cap, socio honorario, e bem assim o do sr. Grandval, professor da escola de pharmacia de Reims e socio correspondente.

O sr. Poggiale deu conta dos trabalhos apresentados á academia das sciencias, e chamou particularmente a attenção da sociedade sobre os seguintes: 1.º, experiencias demonstrando que a septicidade do sangue putreficado não tem fermento soluvel; 2.º, sobre o ferro de origem meteorica encontrado em Santa Catharina (Brasil), pelo sr. Damour; 3.º, sobre o novo metal, *Davyo*, pelo sr. Serge Kern; 4.º, acção do acido oxalico deshydratado sobre a dulcita, mannita, quercita e inosita, pelo sr. Lorin; 5.º, acção da luz sobre o acido iodhydrico, pelo sr. Lemoine; 6.º, quantidades de calor desenvolvido pela mistura da agua com o acido sulfurico, pelo sr. Berthelot; 7.º, nota do sr. Maumené sobre a mesma questão; 8.º, solubilidade do assucar na agua, pelo sr. Courtonne.

O sr. A. Petit communicou as suas experiencias sobre a cafeína. Este corpo é absolutamente neutro aos reagentes côrados e não neutralisa o menor vestigio de acido; a addição dos diversos acidos não lhe augmenta a solubilidade na agua.

O sr. Wurtz lembrou que a existencia da combinação da cafeína com os acidos citrico e valerianico é de ha muito tempo impugnada, e as suas experiencias têm confirmado que estas combinações não existem.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Balancete do 2.º trimestre de 1878

Receita		Despesa	
Saldo em cofre em 1 de abril de 1878.....	171\$490	Impresso do jornal.....	6\$100
Quotas dos membros contribuintes.....	118\$800	Analyses toxicologicas.....	18\$000
Diplomas.....	7\$200	Compra de livros e assignatura de jornaes.....	35\$850
Juros de inscriçoes.....	124\$500	Renda da casa.....	100\$000
Analyses toxicologicas.....	24\$000	Iluminacão.....	2\$490
Assignaturas do jornal.....	4\$440	Ordenado do continho.....	45\$000
Diferença da renda da casa, relativa ao 2.º semestre de 1878.....	10\$000	Gratificacão ao jardineiro.....	1\$500
Venda de jornaes avulso.....	\$120	Estampilhas para jornaes e correspondencia.....	4\$695
		Despezas de expediente.....	18\$650
		Diversas despezas.....	19\$370
		Saldo para o 3.º trimestre de 1878.....	260\$655
	457\$530		196\$895
			457\$530

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de junho de 1878.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felix Ferreira.

O thesorreiro,

Joaquim de Sant' Anna Machado Figueiras.

PHARMACIA

Balsamo opodeldoch com arnica

Pelo sr. dr. Gallois

Sabão branco.....	16 gram.
Alcool rectificado.....	40 »
Tinctura de arnica.....	20 »
Camphora em pó.....	4 »

Funda a banho de agua e filtre. É applicado em fricções contra o rheumatismo.

Gargarejo iodurado

Pelo sr. Cullerier

Iodeto de potassio.....	1 gram.
Xarope de mel.....	30 »
Cozimento de cevada.....	125 »

F. s. a. Para combater as ulceras syphiliticas da bócca e da garganta.

Gargarejo iodurado

Pelo sr. Gauthier

Iodeto de potassio.....	0,60 gram.
Tinctura de iodo.....	2,00 »
Agua distillada.....	140,00 »

Solva. Contra as ulceras syphiliticas da bocca e da garganta, e contra a ozêna.

Gargarejo com sublimado corrosivo

Pelo sr. Gibert

Agua de alface.....	180,00 gram.
Mel rosado.....	30,00 »
Laudano de Sydenham.....	0,25 »
Sublimado corrosivo.....	0,25 »

F. s. a. Este gargarejo produz os melhores effeitos nas ulcerações venereas da garganta.

Linimento iodado vesicante

Pelo sr. Néligan

Iodo.....	10 gram.
Iodeto de potassio	4 »
Camphora	2 »
Alcool	60 »

Dissolva successivamente no alcool o iodo, o iodeto e a camphora.

Este linimento deve ser applicado com precaução, porque possui a propriedade vesicante energica. Póde ser empregado na pleurisia com derramamento, quando se receia a acção do vesicatorio cantharidado sobre os rins.

Linimento revulsivo

Pelo sr. Laborde

Essencia de terebinthina	250 gram.
Chloroformio	8 »
Laudano de Rousseau	8 »

Misture agitando. Este linimento é muito effizaz nas dores nervalgicas ou myosalgicas localizadas, na pleurodynia, nervalgia intercostal, sciatica, lumbago, etc.

Loção antipruriginosa

Pelo sr. dr. Gallois

Sumo de limão.....	10 gram.
Vinagre aromatico.....	5 »
Agua.....	200 »

Misture. Varias loções por dia, para diminuir o prurido da vulva e do escroto. Depois de cada loção, enxugar a pelle e cobri-la de fecula de batata ou de lycopodio; banhos geraes repetidos e abstinencia de bebidas alcoolicas.

Loção antipruriginosa

Pelo sr. Meigs

Borato de soda..... 10,00 gram.

Sulfato de morphina..... 0,40 »

Agua de rosas..... 200,00 »

Solva. Esta loção é applicada em lavagens, duas ou tres vezes por dia, para combater o prurido da vulva. No intervallo das loções emprega-se o lycopodio ou a fecula de batata.

Loção contra o prurido da vulva

Pelo sr. Gellé

Hydrato de chloral..... 10 gram.

Agua distillada..... 100 »

Solva. Faça varias loções por dia e conserve, entre os grandes labios, uma prancheta de algodão embebida do soluto.

Pilulas antidyspepticas

Pelos srs. Sass e Lincoln

Sulfato de quinina..... 1,50 gram.

Pepsina..... 7,00 »

Extracto de losna..... q. b.

F. s. a. 40 pilulas. Administra-se duas pilulas, antes de cada comida, ás pessoas accommettidas de incommodidade nas funcções do estomago, tanto primarias como secundarias; especialmente nos casos de pyrosis, flatulencia, gastralgia seguida ás comidas e sobretudo n'aquellas onde a digestão dos alimentos azotados é laboriosa.

Pilulas contra o psoriasis

Pelos srs. Moriz Kohn

Acido phenico..... 1 gram.

Alcaçús em pó..... } aã q. b.

Xarope simples..... } aã q. b.

F. s. a. 20 pilulas. Administra-se 6 a 9 por dia, augmentando-se gradualmente o numero até 20.

Os srs. Moriz Kohn e Hébra têm administrado estas pilulas nas affecções da pelle, graves e antigas, obtendo bom exito em vinte e sete casos de psoriasis. Tambem não conseguido resultados favoraveis nos casos de pityriasis rubra e de prurigo; convém estar prevenido que a ingestão de doses elevadas de acido phenico irrita os rins e provoca a passagem da albumina na urina.

Pilulas contra a retenção de urina

Pelo sr. Horion

Extracto de belladona	3 centigram.
Extracto alcoolico de canhamo indiano	15 »
Brometo de potassio	30 »
Camphora	10 »

F. s. a. 45 pilulas. Cinco por dia, na retenção de urina devida ao aperto de uretra.

Pomada contra o prurido

Pelo sr. Guéneau de Mussy

Brometo de potassio	3,00 gram.
Camphora	0,30 »
Cerato simples	30,00 »

F. s. a. Aconselha-se contra o prurido que acompanha a erupção da variola, a fim de impedir as creanças e os adultos de escoriar a pelle em se coçando.

Pomada resolutiva fundente

Pelo sr. Hunefeld

Chlorhydrato de ammonia em pó	2 a 3 gram.
Extracto de cicuta	2 a 4 »
Pomada mercurial	30 »

Misture. Esta pomada pôde ser empregada em fricções, cada vez em quantidade da grossura de uma avelã, sobre os

tumores dolorosos; por exemplo, os bubões inflamados e que ameaçam suppurar, sobre o escroto no caso da orchita, sobre as exostosas, etc. Depois da unção, applica-se com successo, em certos casos, uma cataplasma tepida; mas de-ver-se-ha suspender o uso d'esta pomada logo que se obser-ve o começo de salivação.

Soluto alcalino concentrado de alcátrão

Pelo sr. Adrian

Alcátrão escolhido.....	100 gram.
Soda liquida a 36°.....	50 »
Agua	850 »

Misture. Este soluto, que póde ser diluido com mais agua, é limpido e conserva-se, indeterminadamente, sem depositar nenhuma parte de alcátrão. Para uso interno e externo.

Soluto antiseptico

Pelo sr. Martineau

Soluto de hydrato de chloral ao cente- simo.....	500 gram.
Alcooleo de essencia de eucalypto	50 »

Misture. Este soluto é aconselhado para curar as chagas gangrenosas, as escaras do sacro, para tratar os kystos pu-rulentos de suppuração fetida.

Soluto contra o prurido

Pelo sr. Hardy

Chloreto mercurico.....	1 gram.
Agua distillada.....	125 »
Alcool	q. b.

Solva. Uma colher das de café em um copo de agua quen-

te, para abrandar as comichões do prurigo; banhos addicionados de alumen ou de carbonato de soda.

Soluto desinfectante

Pelo sr. Demarquay

Permanganato de potassa 1 gram.
 Agua distillada 1:000

Solva. Este soluto é destinado para lavar as chagas infectas. Embebe-se pranchetas de fios, que se deixam permanecer sobre as sinuosidades que exhalam mau cheiro. Injecta-se nas narinas, no caso de ozéna; na vagina, no caso de cancro do utero.

Para fazer parar a transpiração fetida dos pés, aconselha-se lavá-los com o soluto de permanganato de potassa, contendo 15 grammas d'este sal para 1:000 grammas de agua.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Nota ácerca do subnittrato de bismutho

Por Alf. Riche

(Communicada á academia de medicina de Paris em 9 de julho de 1878)

A existencia de pequenas quantidades de chumbo, inquinando o sub-azotato de bismuto, foi ha muito tempo demonstrada por mr. Kitter¹ e outros sabios; recentemente annuncia mr. Carnot² que a proporção d'aquelle metal se eleva a 1 por 100, e manifesta o receio de que tal quantidade de um agente tão toxico como o chumbo possa produzir na economia perturbações mais ou menos graves.

Tal communicação alarmou a escola de pharmacia de Pa-

¹ Strasbourg, 1864.

² Comptes rendus de l'Académie des sciences, t. LXXXVI, p. 718.

ris, cujos professores logo obtiveram pessoalmente amostras n'um grande numero de officinas. Mrs. Bouis et Riche foram encarregados de fazer um estudo completo d'estes productos.

Eu, n'este trabalho, não me occupo do chumbo se não como materia estranha. Mr. Bouis examina o sub-azotato de ismutho sob outros pontos de vista e fará conhecer o resultado das suas pesquisas logo que estejam terminadas.

Os pharmaceuticos não preparam nunca, por assim dizer, esta substancia. As amostras que me foram enviadas são de nove fabricantes que designo pelas primeiras letras do alphabeto.

Não conheço outras casas productoras.

Este trabalho comprehende quatro partes: na primeira, trato do chumbo e da sua dosagem; na segunda, de um meio pratico de obter o sub-azotato puro respeitando-se as prescripções do *Codex*; na terceira, examino este producto sob o ponto de vista therapeutico; na quarta, indico um meio facil de determinar se foi convenientemente preparado.

O chumbo foi dosado seguindo-se com o maximo rigor o methodo de Rose, tal como o praticou mr. Carnot.

Dissolução em acido chlorhydrico e evaporação para expellir a quasi totalidade do acido;

Adição de algumas gottas de acido sulfurico para precipitar o sulfato de chumbo, e depois, de alcool até que o liquido se turve;

Depois de vinte e quatro horas de repouso, lavagem por decantação com alcool acidulado e em seguida filtração com alcool puro;

Finalmente, pesagem do sulfato depois de calcinado ao ar, tendo-se primeiro separado o filtro do precipitado para evitar a redução do chumbo.

Fizeram-se trinta e quatro ensaios em productos commer-

ciaes, que forneceram em 100 partes um sulfato bruto pesando:

A	B	C	D	E	F	G	H	I
0,580	0,275	0,340	0,344	0,200	0,365	0,195	0,578	0,160
0,580	0,264	0,260	0,272	0,483	0,210	0,140	0,480	0,145
0,330	0,260	0,240	0,435	0,160	0,180	0,437	—	—

Por consequencia se estes depositos fossem apenas constituídos por sulfato de chumbo, os dois productos menos puros não conteriam $\frac{6}{1000}$ d'este sal, ou $0^{\text{gr}},396$ de chumbo por 100 grammas, isto é, menos de $\frac{4}{1000}$ d'este metal. Em caso algum, porém, estes precipitados eram de sulfato de chumbo puro; muitas vezes este sal apparecia em fraca proporção, ou mesmo não apparecia.

Eis alguns resultados considerados só em relação ao chumbo, e referidos a 100 de sub-nitrato.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Sulfato bruto achado ...	0,580	0,275	0,240	0,272	0,160	0,365	0,437	0,480	0,145
Chumbo calcinado.....	0,396	0,188	0,164	0,186	0,109	0,249	0,093	0,423	0,099
Chumbo achado.....	0,340	0,072	0,105	0,072	0,038	0,056	0,050	0,000	0,030

Em vista de resultados semelhantes deliberei fazer a analyse exacta d'estes depositos, e resumo o methodo seguido no meu laboratorio, que me proporcionou favoravel ensejo de applicar a corrente electrica ha pouco indicada por mim como meio excellent de separar e de dosar muitos metaes¹.

O sulfato bruto aquece-se no cadinho de porcellana em que foi pesado, com acido nitrico diluido no seu volume de agua. Repete-se a operação tres ou quatro vezes para haver certeza de que todo o sulfato de chumbo está dissolvido. O processo é exacto:

¹ Annales de chimie et de physique, juin 1878. Journal de pharmacie et de chimie, 1878.

Pesam-se:

0^{gr},005 0^{gr},020 0^{gr},048 0^{gr},095 de chumbo.

Transformou-se este metal em sulfato que, depois de calcinado, foi dissolvido no acido azotico, e o soluto, quasi neutralizado, submettido á acção de um elemento de Bunsen; obteve-se um peso de bi-oxydo de chumbo correspondente a 0^{gr},0043 0^{gr},019 0^{gr},0475 0^{gr},0945 de chumbo.

Estes depositos fornecem ordinariamente uma parte insolvel no acido azotico, constituida por areia, argila e silica em pó.

O licor nitrico, pouco acido, faz-se communicar com um elemento Leclanché que precipita a prata, metal que se encontra com frequencia no bismutho do commercio.

As syntheses seguintes mostram a exactidão do processo:

Prata	Bismutho	Chumbo introduzido	Prata achada pelo ensaio
0 ^{gr} ,008	0 ^{gr} ,013	—	0 ^{gr} ,008
0 ,0063	0 ,013	0 ^{gr} ,005	0 ,0060

Quando a prata está separada por este meio, dirige-se para o liquido a corrente de um elemento de Bunzen. O chumbo vae para o polo positivo no estado de bi-oxydo, e o bismutho para o negativo no estado metallico.

Tem-se cuidado de acidular o liquido para evitar que seja arrastada uma certa quantidade de ferro.

A separação d'estes dois metaes é exacta quando, e é este o caso actual, o bismutho só representa alguns milligrammas. Se a proporção fosse maior, seria necessario dissolver o bi-oxydo em acido azotico com o auxilio de um pouco de assucar, evaporar até á secura e submeter de novo o soluto pouco acido á pilha.

Pesaram-se:

0^{gr},005 de chumbo e 0^{gr},013 do bismutho. Reencontraram-se

0 ,012 0 ,022

O oxydo de ferro e a cal são depois dosados no liquido pelos meios conhecidos.

A analyse completa de alguns d'estes depositos deu:

	A	B	C	D	F	G	I
N'um peso de sulfato bruto de	0gr.,580	0gr.,275	0gr.,240	0gr.,272	0gr.,267	0gr.,137	0gr.,160
Silica ferruginosa	vestigios	0 ,005	-	0 ,042	0 ,074	vestigios	0 ,007
Chloreto de prata	"	-	0 ,013	0 ,004	-	-	-
Oxydo de bismutho	"	0 ,036	vestigios	0 ,003	-	0 ,010	0 ,018
Sexquioxydo de ferro	"	0 ,016	-	0 ,003	-	-	-
Sulfato de ferro	0 ,085	0 ,121	0 ,060	0 ,113	0 ,133	0 ,048	0 ,080
Sulfato de chumbo puro	0 ,397	0 ,105	0 ,158	0 ,105	0 ,058	0 ,073	0 ,048
	0 ,582	0 ,283	0 ,334	0 ,270	0 ,265	0 ,131	0 ,153
O sulfato de chumbo corresponde a							
Chumbo	0 ,340	0 ,072	0 ,105	0 ,072	0 ,040	0 ,050	0 ,053

Em resumo, as amostras de sub-nitrato recolhidas authenticamente, logoque a precitada communicacão foi conhecida, tẽem de ordinario menos de $\frac{1}{4000}$ de chumbo ou proximo $\frac{1}{4000}$. N'um só caso a proporçãõ d'este metal se elevou a $\frac{3,4}{100}$.

Creio pois poder concluir que o chumbo não se encontra no sub-nitrato das pharmacias em quantidade sufficiente para occasionar qualquer desordem na economia.

(*Journ. de pharm. et de chim.*, aout 1878).

F. F.

(Continua).

Centro de Documentação Farmacêutica

HISTORIA NATURAL
da Ordem dos Farmacêuticos

BOTANICA

Pesquisas sobre a arvore que produz a araroba

Pelo sr. dr. J. F. da Silva Lima

No fim do anno proximo passado, ao sr. dr. Ramiro Monteiro, professor de clinica medica, tendo visitado as regiões meridionaes da provincia em que vegeta a arvore que fornece

o pó de *araroba*, pedi informações a proposito d'esta planta, e da maneira de extrahir o seu producto; e este eminente collega enviou-me os apontamentos seguintes:

A arvore d'onde se extrahê a araroba é denominada *Angelim amargosa*, nas paragens em que prospera esta industria. Ignora-se por que se chama angelim.

Existe proximamente outra arvore que dá um producto que possui propriedades vermifugas (*Andira anthelmintica*, Benth., e *Geoffræa vermifuga*, St.-Hil.), mas possui aspecto differente da que produz a araroba, ainda que ambas pertencem á familia das leguminosas. A qualificação de amargosa provém de que a parte lenhosa é amarga como a boa quina.

Encontra-se tambem a *Angelim doce* (*Andira vermifuga*, Martius) e a *Angelim pedra* (*Andira spectabilis*, Sald.) que pertencem igualmente á mesma familia das leguminosas.

A arvore d'onde se extrahê o pó de araroba acha-se em grande quantidade nas florestas de Camamu, Igrapiuna, Santarem, Taperoa e Valença, na provincia da Bahia, com preferencia nos logares baixos e humidos e nas regiões elevadas que não são muito aridas.

Em qualquer estação fende-se a arvore, comtanto que esta tenha a idade necessaria para se encontrar a araroba; não ha epocha do anno preferida para a sua extracção, que se faz sem regularidade e sem methodo. Esta arvore é das mais elevadas das florestas do sul da provincia, e só se encontra outra chamada *Oleo* (*Microspermum erythroxilum*), que rivalisa com ella em altura; é da mesma familia. A angelim amargosa é direita, lisa e, quando chega ao seu completo desenvolvimento, mede 1 a 2 metros de diametro e 20 a 30 de altura, desde a raiz até aos pequenos ramos. A arvore sobre a qual o sr. dr. Ramiro fendeu uma rodella na altura de 2 metros do solo, tinha de elevação 24 metros e 20 centimetros até aos primeiros renovos. A angelim amargosa não tem outro uso conhecido senão de fornecer a araroba; as arvores mais idosas são preferidas por causa da sua maior riqueza.

Esta substancia é encontrada nas fendas ou intervallos,

mais ou menos apertados, que se encontram no lenhoso, fendas que dividem a arvore em sentido diametral e se prolongam em toda a altura do tronco, tornando-se mais estreitas e menos extensas na sua parte superior. Algumas vezes encontram-se outras pequenas aberturas paralelas ás primeiras.

Para se colher a araroba, costuma-se derribar a arvore, cortar o tronco em pequenas secções ou pedaços, fender estes em sentido longitudinal, o que é facil pela disposição das fibras do lenho e da existencia das grandes aberturas, sobre as duas faces das quaes é colhida a araroba. Esta substancia é de côr amarella, semelhante á do enxofre em pó, um pouco mais carregada e sem brilho; pela acção do ar perde, pouco a pouco, sua bella côr amarella, que desaparece por gradações diversas, de sorte que algumas vezes assemelha-se á do rhuibarbo, outras vezes á do aloës e, finalmente, á de violeta carregada.

A araroba encontra-se sob a fórma de pó, depositado em camadas sobre cada face das superficies das fendas; é n'este lugar que os obreiros a separam com o gumo do machado, de sorte que a araroba do commercio é muito impura, porque contém de mistura grande quantidade de particulas lenhosas. Uma porção de araroba (quasi 250 grammas) que o sr. dr. Ramiro colheu com as proprias mãos e pelo mesmo processo, mas com mais cuidado, encontra-se isenta de fragmentos lenhosos, a qual nos foi remettida como amostra.

Os obreiros occupados n'esta colheita soffrem irritação da conjunctiva, que chega algumas vezes a produzir inflammacão d'esta membrana, e ficarem com a face intumescida e erythematososa por algum tempo; mas, para que a irritação causada pela araroba possa produzir entre elles estes effeitos, é necessario que sua acção se prolongue algumas horas, durante um dia e mais.

A araroba não se encontra no canal medullar, como se tem supposto geralmente, mas é depositada como concreção nas fendas acima mencionadas.

Ha muito tempo (ignora-se desde quando) que a araroba

é empregada para curar os herpes; diz-se que serve para matar os peixes, deitando-se nas lagoas e nos rios.

O sr. dr. Ramiro não tem podido saber a epocha exacta do anno em que floresce a angelim amargosa, mas ha noticia que sua flôr é de côr violeta e o fructo é uma vagem. Espera-se que, no presente anno, se obtenha esta flôr e o fructo, que será remettido opportunamente. A arvore não é cultivada, mas nasce e propaga-se nas florestas.

Taes são as informações colhidas pelo sr. dr. Ramiro. Julgo que este vegetal não tem sido ainda descripto; não é com certeza a angelim vermifuga, mas deve pertencer muito provavelmente ao genero *Andira* ou *Caesalpina*.

(*Journal de thérapeutique.*)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES

Agua de alcatrão.—Na sociedade de medicina de Bordeaux, o sr. Carles chamou a attenção sobre o perigo que resulta de preparar esta agua em vasilhas de barro ordinario vidrado com oxydo de chumbo. O alcatrão de Landes, que se emprega diariamente, contém acido acetico que, lentamente, decompõe este vidrado.

O sr. Carles certifica haver encontrado chumbo na agua de alcatrão assim preparada, e que duas pessoas que bebiam d'esta agua soffreram colicas. Previne os inconvenientes que apresenta uma tal preparação.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 9 de janeiro de 1878).

O sr. Petit offereceu á sociedade amostras de bromhydrato acido de quinina e de bromhydrato acido de quinidina por elle preparados. A composição d'estes saes, que elle prometeu estudar mais detidamente, pareceu-lhe ser: 4 equivalentes de agua, 2 de acido e 1 de base.

O mesmo socio communicou tambem uma observação interessante com relação ao sulfato neutro de quinidina encon-

trado em grande abundancia no commercio. Duas amostras procedentes, uma de Londres e outra do Val-de-Grace, apresentaram a mesma força rotatoria com identica intensidade, as quaes, tendo sido aquecidas na estufa, á temperatura de 100°, não perderam de peso mais que 5 milligrammas em 1 gramma de sal. Póde-se portanto inferir que o sulfato neutro de quinidina não contém agua de crystallisação.

O sr. Planchon apresentou observações muito interessantes ácerca do character commum de alguns lenhos e cascas da familia das istrychneas, e prometteu publicar uma noticia sobre este assumpto.

Legião de Honra. — Foi nomeado official da legião de honra o sr. Chatin, director da escola superior de pharmacia de Paris, e cavalleiro o sr. Baudrimont, lente da mesma escola e director da pharmacia central dos hospitaes.

Balsamo peruviano. — No *Pharmaceutische Zeitschrift für Russland* encontra-se o methodo seguinte para se conhecer a falsificação do balsamo peruviano pelo oleo de ricino: 10 gotas de balsamo suspeito são triturados rapidamente, durante um minuto em gral de vidro, com 2 grammas de acido sulfurico concentrado puro; em seguida agitadas fortemente, durante dois minutos, com 15 grammas de agua; deita-se depois a massa negra restante sobre uma porção de papel de filtrar, a fim de absorver o acido sulfurico diluido. Se o balsamo é puro, reduzir-se-ha no espaço de uma hora a massa friavel; mas se o balsamo é falsificado com oleo de ricino, a massa será viscosa, adherente aos dedos e muito semelhante ao pez negro.

Iodo. — Encontra-se algumas vezes contendo o cheiro de chloro, devido aos chloretos, cuja presença altera o iodeto de potassio preparado com este corpo.

Em certas epochas, e pela elevação do preço, o iodo tem sido encontrado algumas vezes no commercio misturado com plombagina, ardosia, carvão de pedra, peroxydo de manganéz, etc.

O iodo puro, exposto ao calor, sublima-se completamente; o alcool, ether e o soluto fraco de potassa caustica, dissolvem-o. Se for falsificado deixa em residuo todas as substancias estranhas, que são fixas e indecomponiveis pelo calor.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 6 de fevereiro de 1878).

O sr. Stanislas Martin offereceu um ramo do arbusto *Satia tabernix montana*, da familia das apocineas, que se encontra nas rochas montanhosas do Senegal. Quando se quebram as hastes verdes, transsuda um succo lacteo de sabor acre muito pronunciado; a raiz é empregada no paiz contra a morphêa.

O sr. Léard apresentou dois apparatus da sua invenção; um d'elles é um irrigador graduado, sem valvula e sem embolo, o outro é um aspirador destinado a extrahir os liquidos da thoracentese.

O sr. Poggiale deu conta dos trabalhos apresentados á academia das sciencias, e particularmente da descoberta do *acido persulfurico*, pelo sr. Berthelot, e das experiencias notaveis dos srs. Cailletet e Pictet acerca da liquefacção da acetylena, do oxydo de carbono, do oxygenio e do hydrogenio. Expoz igualmente o methodo geral da synthese dos hydrocarburetos, etc., pelos srs. Friedel e Crafts; o estudo sobre os oxydos de ferro, pelo sr. Moissan; e as pesquisas dos srs. Clermont e Guiot sobre a dissociação do sal ammoniaco em presença do sulfureto de manganez.

Os srs. Guichard, Yvon e Vigier entreteram a sociedade com os ensaios para obterem o extracto fluido de quina.

O sr. Vigier apresentou a observação do sr. Plauchud sobre a descoloração da tintura de tornasol pelos germens organisados e viventes.

O sr. Petit offereceu amostras de bromhydrato neutro e de bromhydrato basico de quinidina e de cinchonina, perfeitamente crystallizados; e participou haver feito uma modificação ao processo da preparação do azotato de pilocarpina.

O sr. Yvon deu conhecimento da excellente applicação da

glycerina na preparação de alguns oleos-estearatados de mercurio.

(Sessão de 6 de março de 1878.)

O sr. Tanret, pharmaceutico em Troyes, enviou uma carta contendo a observação sobre a identidade da inosita muscular e dos assucares vegetaes da mesma composição, semelhantes aos que se obtêm das folhas de nogueira, feijoeiro verde e freixo. Na mesma carta o sr. Tanret combate a opinião do sr. Duhomme, que attribue á creatina as anomalias que se observam em certas urinas pouco assucaradas e mesmo nas normaes aquecidas com licor de Fehling.

O sr. Stanislas Martin apresentou um exemplar do lichen, que se desenvolve sobre a casca do sobreiro, e elogiou as suas qualidades. Chamou a atenção da sociedade sobre a semente da familia das amomeas, que os indigenas da Abyssinia designam com o nome de *Kariska*, muito semelhante com a malagueta, contendo muito oleo fixo e oleo volatil.

O sr. Planchon participou que o sr. Holmes o encarregára de offerecer á sociedade dois exemplares do catalogo das colleções do museu da sociedade pharmaceutica da Gran-Bretanha.

O sr. Schaeuffèle offereceu, em nome do sr. Lamattina, uma obra em dois volumes, que trata da agricultura em todas as suas relações.

O sr. Poggiale communicou a observação do sr. Balland sobre uma alteração de moedas de oiro observada na Algeria.

O sr. Yvon fez a narração do processo para a preparação e a conservação do iodeto de ethylo.

O sr. Dubail propoz que fosse nomeada uma commissão encarregada de adquirir e colleccionar todos os elementos que possam servir para fazer a historia da sociedade de pharmacia de Paris. Aceita esta proposta, foram eleitos os srs. Dubail, Mayet, F. Vigier, Sarradin e Wuafart.

Hospitaes de Paris.—O sr. Villejean foi nomeado pharmaceutico em chefe dos ditos hospitaes.

103 **Escola de medicina e de pharmacia de Alger.**—
O sr. Batandier, pharmaceutico, foi nomeado lente do curso de historia natural e de materia medica.

104 **Sociedade de pharmacia de Paris.**—(Sessão de 3 de abril de 1878).

105 O sr. C. Husson, pharmaceutico em Toul, enviou á sociedade uma observação sobre a pesquisa, por meio da essencia de hortelã, dos productos da alteração do chloroformio e do hydrato de chloral.

106 O sr. Carles, pharmaceutico em Bordeaux, remetteu um trabalho sobre a cravagem de centeio e a ergotina. O sr. Yvon pediu para fazer algumas observações ácerca d'estes trabalhos.

107 O sr. Stanislas Martin fez a leitura de uma memoria sobre a importancia das sciencias phisicas e chemicas nos progressos da civilisação e da industria.

108 O sr. Morais expoz a emoção que tem produzido, no commercio da pharmacia, a noticia da presença do chumbo em varias amostras de subazolato de bismutho.

109 O sr. Durozier disse que o sr. Carnot estava-se occupando d'esta questão na escola das minas. O sr. Poggiale annunciou que as observações feitas pelo sr. Carnot seriam publicadas.

110 O sr. Petit apresentou o producto obtido do extracto de uma planta da familia das escrofulareas, a *Duboisia myopoides*, arbusto oriundo da Nova-Hollanda. Este extracto possui as mesmas propriedades que o extracto de belladona, mas em grau muito mais elevado. O principio colhido pelo sr. Petit apresenta todos os caracteres de um alcaloide, o qual combina-se com os acidos, é muito soluvel na agua, e o soluto é alcalino, dichroico e fluorescente. O sr. Petit deu a este principio o nome de *Duboisina*.

111 O sr. Marty communicou uma observação do sr. Burcker, sobre a preparação do carbonato duplo de uranio e de ammonia, e a separação dos oxydos de ferro e de uranio.

112 O sr. Limousin, em nome do sr. Duhomme, apresentou as

observações criticas sobre os trabalhos do sr. Tanret, e deu conta das experiencias que haviam sido feitas na sua presença, as quaes demonstram que á creatina e á creatinina se devem attribuir as irregularidades que apresentam certas urinas glycosicas em contacto com o licor de Fehling. Conforme o sr. Limousin, a presença dos principios creatinicos podia embarçar a redução do reagente, ainda mesmo que a urina contenha 10 e 12 grammas de glucosa por litro. O sr. Yvon combateu estas asserções, o que deu logar a tomarem parte na discussão os srs. Méhu, Marty, Bourgoïn e Petit. A sociedade elegeu uma commissão, composta dos srs. Bourgoïn, Méhu, Petit, Yvon e Wurtz, para estudar esta questão e dar o seu parecer.

(Sessão de 8 de maio de 1878.)

O sr. Méhu offereceu á sociedade a segunda edição do seu *Traité pratique et élémentaire de chimie médicale appliquée aux recherches cliniques*.

O mesmo socio deu conhecimento da presença de pequenas porções de cobre em varias amostras de acido borico do commercio.

O sr. Bussy observou que seria de todo o interesse scientifico saber se o acido borico que contém cobre é de origem natural ou proveniente da decomposição do borax pelo acido sulfurico nos vasos metallicos empregados na refinação do acido borico.

O sr. Planchon apresentou, em nome do sr. Debeine, um exemplar do *Agarico* verdadeiro encontrado sobre o carvalho verde.

O sr. Yvon indicou o meio facil de apreciar o grau de diluição da urina, quando seja necessario tratá-la pelo acetato basico de chumbo, para a desembaraçar dos corpos que impedem o doseamento da glucosa. Este meio consiste em dosar a uréa antes e depois do tratamento da urina pelo sal basico de chumbo, evitando-se d'esta maneira as lavagens muito demoradas e algumas vezes imperfeitas.

O sr. Marty notou que, pelo processo indicado pelo sr.

Yvon, obtinha-se com effeito grande economia de tempo quando se pretende determinar simultaneamente a glucosa e a uréa.

O sr. Coulier fez uma comunicação muito importante sobre as drogas de que se servem os persianos para tingirem os cabellos e a barba, e apresentou á sociedade amostras de plantas que fornecem estas materias córantes. Esta participação excitou um importante debate ácerca da composição e da acção mais ou menos inoffensiva dos diversos ingredientes actualmente usados para modificar a côr natural dos cabellos.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 5 de junho de 1878).

O sr. Husson enviou á sociedade uma observação ácerca da hematina e sua combinação chlorhydrica.

O sr. Lefort communicou um trabalho do sr. Bretet, pharmaceutico em Cusset, sobre a composição de uma agua mineral encontrada em Cusset (Allier).

O sr. presidente deu conta de uma observação que lhe havia sido dirigida pelo sr. Huguet, pharmaceutico em Clermont-Ferrand, com relação ao doseamento do assucar nas urinas dos diabeticos.

O sr. Baudrimont apresentou um trabalho do sr. Defresne sobre a composição e a acção do succo pancreatico. Conforme o auctor, este producto de secreção contém tres fermentos distinctos, que elle designa com os nomes de myopsina, amylopsina e esteapsina.

Os srs. Cazeneuve e Mialhe fizeram observações criticas sobre a conclusão do sr. Defresne. A sociedade resolveu que o trabalho fosse examinado por uma commissão composta dos srs. Petit, Yvon e Wurtz.

O sr. Bourgoin deu conhecimento das suas experiencias sobre a solubilidade do acido salicylico: um litro de agua a $+ 15^{\circ}$ solve 1,25 grammas d'este acido.

O mesmo socio fixou a curva de solubilidade, e tem observado que esta curva póde ser representada por equações do 2° e do 3° grau.

O sr. Cazeneuve declarou o processo de que se tem servido para extrahir os alcaloides da casca de *Hoang-Nau*, e bem assim indicou a operação para obter o acido hippurico da urina dos herbivoros.

O sr. Petit tem estudado a acção da duboisina sobre a luz polarisada. Com a duboisina purificada, por varios tratamentos successivos, conseguiu, para este alcaloide solvido na agua e no estado de sulfato neutro, uma desviação á esquerda de $15^{\circ},5$. A atropina, nas mesmas condições, não tem produzido nenhuma desviação.

O mesmo socio chamou a attenção da sociedade sobre os iodetos de potassio do commercio, cuja impureza é de tal fórma que certos productos analysados pelo processo do sr. Personne não accusam mais que 75, quando o iodeto puro corresponde ao grau de 100.

Estrychnina.— Esta substancia tem sido misturada com a brucina. Segundo o sr. Robiquet, póde-se descobrir esta fraude diluindo a estrychnina suspeita em pequena porção de agua quente, á qual ajunta-se algumas gotas de acido chlorhydrico; quando a dissolução esteja effeituada, faz-se ferver e precipitar o soluto fervente auxiliado da ammonia: se a estrychnina é pura, o precipitado é pulverulento e bem solto; se ella contém quantidade notavel de brucina, o precipitado toma a apparencia resinoides e adhire ás paredes do vaso.

A estrychnina tambem tem sido misturada com o sulfato de cal, amido, magnesia e saes de pouco valor. Todas estas substancias podem ser isoladas da estrychnina pelo alcool ordinario fervente, ou melhor ainda pelo chloroformio, agentes que solvem sómente a estrychnina e não as materias estranhas.

Escola superior de pharmacia de Nancy.— O sr. Hallier foi auctorizado a dar, na mesma escola, o curso completo de chimica analytica durante o anno escolar de 1877-1878.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Auto de installação da sociedade pharmaceutica de Lisboa, intitulada sociedade pharmaceutica lusitana desde 7 de maio de 1838

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos trinta e cinco, aos vinte e quatro dias do mez de julho, n'esta cidade de Lisboa e botica do hospital nacional e real de S. José, pelas oito horas da noite do dito dia, estando presentes os pharmaceuticos abaixo assignados, se procedeu á installação de uma sociedade denominada = *Pharmaceutica* = com os unicos fins do progresso da *Pharmacia* em toda a sua extensão; tudo que, nos limites da sciencia, for concernente á *Saude Publica*; e socorrer aquelles de seus membros, viúvas e filhos que para o futuro se acharem nas circumstancias de deverem ser por ella auxiliados, na conformidade dos estatutos que, para tão uteis fins, houverem de ser feitos e approvados pela mesma sociedade; e, para se obterem tão uteis como philanthropicos fins, os ditos abaixo assignados protestam empregar todos os meios compativeis com as suas forças, e com especialidade em cumprirem exacta e escrupulosamente os mencionados estatutos, assim como o seu regimento interno: em certeza do que, se mandou lavrar o presente auto de installação, que todos assignaram, que será guardado no archivo da mesma sociedade, a fim de todo o tempo constar onde convier. Feito n'esta cidade de Lisboa e botica do hospital nacional e real de S. José, aos vinte e quatro dias do mez de julho de mil oitocentos trinta e cinco. E eu José Dionysio Corrêa, pharmaceutico e administrador da dita botica, o fiz e assignei em ultimo lugar. = José Vicente Leitão = Francisco Mendes Cardoso Leal Junior = Manuel Teixeira Malheiro de Figueiredo = José Ferreira da Silva = Antonio de Carvalho = Guilherme Antonio Peres = Francisco Cesar Pereira = Antonio Joaquim de Sousa e Silva = Joaquim Nunes Barbosa = Francisco José Rodrigues Loureiro = Anacleto Antonio Rodrigues

de Oliveira = José dos Prazeres Batalhoz = Luiz Francisco Paulo de Araujo = Pedro Ferreira Norberto = Antonio Joaquim de Almeida = Antonio Ignacio de Avellar = Antonio José de Sousa = José Victorino da Costa Aroeira = Francisco Silvestre do Rego = Francisco Fortunato de Assis = Antonio José Moniz = José Maria Barral = José Martins Pereira e Crespo = João Fragoso = Bernardo José dos Reis = Bernardo de Almeida Ferreira = Antonio Feliciano Lopes = Alvaro Pimentel Teixeira = José Maria de Carvalho e Silva = José Lucio Monteiro = Antonio Joaquim Raymundo Bessa = Antonio Feliciano Alves de Azevedo = Gregorio de Sousa Pereira = João Baptista Ribeiro = Estanislau José de Lemos = Manuel Cesario Pinto = Carlos Gomes Barreto = José Dionysio Corrêa.»

Discurso feito pelo sr. José Dionysio Corrêa, na installação da sociedade pharmaceutica de Lisboa, em 24 de julho de 1835

«Meus prezados collegas:—Chegou felizmente o dia desejado pelos pharmaceuticos portuguezes! Dia de jubilo e gloria, dia memoravel em que nos achamos reunidos para, de commum accôrdo, lançar a grande *pedra fundamental* do edificio de uma sociedade, na qual nos tornemos mais uteis e respeitaveis a nossos concidadãos.

«Seja-me permittido, senhores, expondo os vossos pensamentos e usando de vossas mesmas expressões, apresentar em resumido quadro os poderosos motivos que nos inspiraram formar esta associação. Não é, por certo, pouco penosa a tarefa a que submetto minhas tenues forças, por ser necessario, ao mesmo tempo, avivar nos vossos espiritos a tristissima idéa do estado de atrazo em que se acha, geralmente fallando, em Portugal a nossa classe.

«A medicina, cirurgia e pharmacia, tão antigas como os homens, que das mesmas se viam forçados a lançar mão em suas enfermidades, formando por largos tempos um todo rude, informe e confuso, que ainda estava muito longe de merecer

o nome de arte ou de sciencia, foram n'esses mesmos tempos simultaneamente praticadas por aquelles que empiricamente se occupavam em curar. Mas pelo decorrer de seculos dilatando-se a sua esphera, por effeito das observações e experiencias que progressivamente se foram multiplicando, d'estas deduzindo pouco a pouco attentos pensadores algumas regras e principios geraes, podendo-se já dar a esta massa de conhecimentos o nome de arte e mesmo de sciencia; finalmente, observando-se que a um só individuo, em razão dos estreitos limites do espirito humano, era impossivel abraçar toda esta collecção de idéas, que se tornava cada vez mais vasta, pela variedade immensa dos casos e objectos que successivamente se apresentavam e descobertas que se faziam, foi forçoso dividir em tres secções, occupadas por diferentes pessoas, a arte ou sciencia de curar. Assim ella, que até certa epocha se comprehendia, por assim dizer, em um só reino, depois se dividiu em tres, formando entre si a mais estreita alliança; mas independentes de direito, fundado nos diversos terrenos que desde então os constituíram e nas balisas que os separaram.

«A medicina propriamente dita, conservando assim mesmo por muitos seculos uma especie de supremacia, emfim reconheceu, até entre nós, esta independencia quanto á cirurgia, e não pôde deixar de a reconhecer emquanto á pharmacia. Os conhecimentos do medico, aliás vastos, o habilitam para, em presença do enfermo, lhe indicar o remedio; ao pharmaceutico pertence preparal-o na sua pharmacia, para o que o habilitam exclusivamente os conhecimentos proprios do seu ramo, que abrangem a historia natural, a physica e a chimica. Taes são os pensamentos e com pouca differença as expressões do nosso collega Torres, de Coimbra, e do nosso insigne doutor e lente na mesma universidade, José Francisco Leal.

«Vós, senhores, não ignoraes que esta independencia de direito existiu de facto, por muito tempo, em Portugal, onde alguns de seus soberanos, apreciando devidamente os bene-

fícios que da nossa classe resultam aos povos, a honraram com muitas liberdades e isenções, como consta da carta de privilegios da sua criação de 22 de abril de 1449 e de outras. Vós sabeis tambem que, tornando-se depois em escravidão esta independencia, tem sido essa uma das causas por que a pharmacia, ramo tão importante da sciencia de curar, se acha entre nós, ha seculos, em um estado estacionario ou mui pouco progressivo; quando, por vergonha de Portugal (cumpre dizer-se em obsequio da verdade) tem dado passos tão agigantados em França, Inglaterra e Allemanha, e mesmo na Hespanha, que ha chegado ao ponto da perfeição ou pouco d'elle está distante.

«A prepotencia dos physicos-móres ou proto-medicos, os quaes nada mais faziam que promover os seus interesses, abusando da confiança dos monarchas, com o pretexto da saude dos povos, e contra a sua instituição feita por El-Rei D. MANUEL, em 25 de fevereiro de 1521, para terem por este meio um patrimonio á custa da desgraçada classe pharmaceutica, e viverem no luxo e grandeza, eis a causa primaria do atrazo da pharmacia em Portugal. O que lhes convinha era que não tivessemos estudos regulares, instrucção e conhecimentos exactos; pois d'este modo conseguiam haver grande numero de praticantes e examinados, e com a alluvião d'estes a certeza de muitas licenças de abertura de novas boticas: o que lhes augmentava as propinas e emolumentos, até nas visitas triennaes, nos regimentos dos preços de medicamentos, etc., embora este immoralissimo systema de avareza fizesse perigar a humanidade enferma!

«A isto accrescem, de um lado, as vexações recebidas dos mesmos physico-móres e seus delegados, em virtude do alvará de 22 de janeiro de 1810; e, de outro, a grande privação de meios pelo flagello das contribuições extorquidas, e das perseguições feitas pelo governo usurpador aos pharmaceuticos do reino.

«Em presença do que levo dito haveria ahi porventura quem ousasse accusar os pharmaceuticos portuguezes do

atrazamento em que, geralmente, se acham? Creio que ninguém terá o despejo de lhes fazer tão revoltante injustiça, e deixará de confessar que, não a desleixo e incuria d'elles, mas em particular ás causas apontadas, pois não trató de outras que são geraes e extensivas ao das outras sciencias e artes em o nosso paiz, é elle devido.

«Mas ao governo das extorsões e perseguição, havendo succedido o justo e philanthropico regimen da carta constitucional, á usurpação e feroz despotismo de um tyranno o doce e maternal reinado da Senhora D. Maria II, nossa adorada Soberana; em consequencia da prodigiosa restauração da liberdade e do throno legitimo, tendo sido despedaçadas as cadeias que ligavam as mãos aos pharmaceuticos lusitanos, pela quasi extincção de uma auctoridade que os considerava como seus *escravos!!!*... d'elles e só d'elles depende, sob pena das mais justas e graves censuras, se o contrario fizerem, marchar pela estrada real do progresso, forcejar, o mais possivel, por se approximarem na theoria e processos da sciencia aos pharmaceuticos das nações mais cultas e, pelo tempo, collocarem-se no mesmo parallello.

«Com a mira n'este subido alvo, e para mais seguro e promptamente o acertarmos, é que nos propozemos a organizar esta sociedade, cuja installação nos fez hoje reunir; pois a quem é occulto que nas sociedades com mais presteza se desenvolvem os talentos, com mais cuidado se estuda, com maior energia obra a emulação, com maior facilidade se augmentam as sciencias e aperfeiçoam as artes?

«Quando não tivessesmos outra demonstração d'estas verdades, bastaria lançarmos os olhos sobre o augmento e prosperidade das nações mais cultas da Europa, e ver que seus diversos ramos de sciencia e industria, cada um de per si, se acham reunidos em sociedades, resultando estarem muito adiantados em todos aquelles conhecimentos.

«Assim, animando-nos o espirito de sociedade, tornar-se-hão mais poderosos e efficazes nossos esforços. Trabalhando em commum, conseguiremos o que de balde tentariamos, la-

borando isolados. O chrysol da discussão, pelo qual devem passar as idéas, propostas por cada um de nós, as expurgará de qualquer erro que, porventura, contenham, e nos habilitará para apresentarmos, com mão segura, aos poderes publicos planos de melhoramento da nossa sciencia e classe; aos pharmaceuticos de todo o reino, em o jornal da sociedade, as mais interessantes doutrinas da sua profissão; e ao publico uteis avisos, tudo em beneficio da saude e industria do paiz. Contribuindo d'esta sorte para o bem da patria e progresso das luzes, em recompensa de nossas fadigas seremos abençoados por nossos concidadãos, e o genio da civilização gravará nossos nomes no templo da gloria.»

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 14 de maio de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão ás sete horas e meia da tarde.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão anterior.

O sr. *primeiro secretario* leu a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado, e deu conta da seguinte

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Antonio José de Araujo, sobre negocios da thesouraria. — Inteirada.

Ordem do dia

Propostas

1.ª Do sr. Joaquim Antonio Cunha, para admissão de um socio correspondente nacional. — Ficou para segunda leitura.

2.ª Do sr. Joaquim Urbano da Veiga, para admissão de um socio correspondente estrangeiro. — Á commissão de direito pharmaceutico.

3.ª Do sr. José Joaquim Alves de Azevedo, propondo tam-

tem um socio correspondente estrangeiro. — Teve destino igual ao da antecedente.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram dez horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 29 de maio de 1878

Presidência do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão ás sete horas e meia da tarde.

O sr. *presidente* convidou o socio Alfredo da Silva Machado a occupar o logar de segundo secretario, e declarou que não podia ler-se a acta porque o sr. segundo secretario a não tinha mandado.

O sr. *primeiro secretario* leu a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

Ordem do dia

Propostas

O sr. *Silva Machado* apresentou uma proposta para socio effectivo. — Ficou para ser votada na sessão seguinte.

Pareceres de commissões

O sr. director da commissão de direito pharmaceutico leu e mandou para a mesa dois pareceres sobre propostas para admissão de dois socios correspondentes estrangeiros.

Como estivesse annuciado nos avisos, em conformidade com as resoluções anteriormente tomadas, a discussão e votação d'estes pareceres, o sr. presidente disse que a sociedade tinha já em seu poder trabalhos dos propostos, pelos quaes podia ajuizar do merito d'elles; lembrou que um, entre outras cousas, escrevera uma noticia importante acerca da pharmacopêa portugueza, noticia de que todos os socios tinham já conhecimento; e que o outro, n'um trabalho tão desprezencioso como interessante, procurára prestar um serviço ao

povo com quem vive em contacto, fazendo-lhe conhecer os manejos e trapaças usadas pelos que o exploram, dizendo-se algebristas, bruchos, benzedeiros, mulheres de virtude, etc.

Procedendo-se em seguida á votação, foram eleitos socios correspondentes estrangeiros Mrs. H. Verhassel, residente em Anvers, Belgica; e Emile Gilbert, residente em Moulins, França. O primeiro socio fora proposto pelo sr. Urbano da Veiga e o segundo pelo sr. J. F. Alves de Azevedo.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram dez horas e meia da noite. — *Alfredo da Silva Machado*, servindo de segundo secretario.

Sessão de 11 de junho de 1878

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão anterior.

Ordem do dia

Pareceres de commissões

O sr. *Corréa* leu e mandou para a mesa o parecer da commissão de pharmacia sobre uns quesitos propostos pelo sr. *Pitta Simões*.

O sr. *presidente* consultou a sociedade sobre a conveniencia de se encetar a discussão do parecer que acabava de ser lido, por ser assumpto já conhecido o de que se tratava.

O sr. *Corréa* disse que era de opinião que se encetasse já a discussão do parecer, porque isto não era mais do que continuar uma discussão já principiada; lembrou á sociedade que o que se fizera n'uma das ultimas sessões fora suspender a discussão para se modificar o parecer no sentido indicado

por alguns oradores, e que eram essas modificações de que agora se tomava conhecimento que cumpria discutir.

O sr. *primeiro secretario* diz que a questão não é tão simples como se apresenta agora; que a sociedade não approvou ligeiras modificações, antes conformando-se com os alvitres apresentados por elle orador, resolveu que o parecer voltasse á commissão, não para se lhe fazerem modificações ligeiras, mas profundas e essenciaes, que requerem pausada discussão e maduro exame para se conhecer se se fizeram, o que lhe não parece, e pôr isso requer que, em conformidade com o regimento interno, tenha o parecer segunda leitura na proxima sessão, para haver tempo de os socios se habilitarem para o discutir.

O sr. *Corréa* sustenta ainda que o parecer se modificou no sentido indicado, e a conveniencia de entrar já em discussão; o sr. *primeiro secretario* reforça com novos argumentos a sua opinião relativamente a ter o parecer segunda leitura na proxima sessão e ser depois discutido.

O sr. *presidente* consulta sobre este assumpto a sociedade que approva os alvitres propostos pelo sr. *primeiro secretario*, isto é, que o parecer fique sobre a mesa para ter segunda leitura e entrar em discussão na sessão seguinte.

Eleições

O sr. *presidente* disse que se ía proceder á eleição de um socio effectivo proposto na sessão antecedente.

Corrida a cedula e seguidas as formalidades marcadas no regimento interno, foi votado e em seguida proclamado socio o sr. José Gomes de Mattos, pharmaceutico do hospital de S. José.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. *presidente* encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões, segundas leituras e discussão do parecer da commissão de pharmacia sobre os quesitos propostos pelo sr. Pitta Simões. Eram dez horas e meia da noite. = O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 22 de agosto de 1878

Presidência do sr. João José de Sousa Telles

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. primeiro secretario leu a lista dos objectos doados que foram recebidos com especial agrado e deu conta da seguinte:

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. presidente o ex.^{mo} sr. Joaquim Urbano da Veiga, dando parte de que, tendo que sair de Lisboa, por algum tempo, officiára ao sr. primeiro vice-presidente, para tomar o seu lugar. — Inteirada.

2.º Dois de mr. H. Verhassel, de Anvers (Belgica), agradecendo a sua nomeação de membro correspondente estrangeiro, accusando a recepção dos estatutos e do seu diploma. — Inteirada.

3.º De mr. Emile Gilbert, pharmaceutico em Moulins (França), agradecendo a sua nomeação para membro correspondente estrangeiro. — Inteirada.

4.º Dois do ex.^{mo} sr. procurador regio, participando que pelo juizo da 2.ª vara iam ser remettidos uns frascos contendo visceras humanas e uma marmita contendo arroz cozido para se verificar se n'estes objectos existe algum toxico. — Inteirada.

5.º Do ex.^{mo} sr. provedor da misericordia de Lamego consultando a sociedade sobre aferimento de pesos e medidas das pharmacias. — Respondido.

6.º Do ex.^{mo} sr. Miguel José de Sousa Ferreira, do Porto, referindo-se a assumptos de thesouraria. — Inteirada.

7.º Do ex.^{mo} sr. M. D. de Vasconcellos, referindo-se aos mesmos assumptos. — Inteirada.

8.º Do ex.^{mo} sr. José Correia da Costa Junior, de Poiares, agradecendo a sua admissão a socio, e referindo-se a assumptos de thesouraria. — Inteirada.

9.º Do ex.^{mo} sr. Joaquim Baptista de Lemos, do Porto, pe-

dindo para lhe ser remettido um numero do jornal do anno de 1875.— Remettido.

10.º Do ex.^{mo} sr. José Gomes de Matos, de Lisboa, agradecendo a sua admissão a socio.— Inteirada.

11.º Do ex.^{mo} sr. Francisco José de Oliveira, de Goes, dando parte de que, em virtude de officio recebido da sociedade, fica de nenhum effeito a resolução que tinha tomado de não continuar a ser socio.— Inteirada.

Ordem do dia

Eleição da commissão revisora de contas

O sr. *presidente* interrompeu a sessão para os socios fazerem as suas listas.

Reaberta a sessão e procedendo-se ao escrutinio saíram eleitos os srs. José Bento Coelho de Jesus, Augusto Ribeiro dos Santos Viegas e Alfredo da Silva Machado.

Propostas

O sr. *Machado Figueiras* apresentou uma proposta para admissão de um socio correspondente nacional, assignada pelo sr. Thomás de Aquino Alves, a qual, não trazendo nota de urgente o sr. Machado Figueiras, pediu para que assim fosse considerada.

O sr. *primeiro secretario* disse que, costumando sempre combater a urgencia d'estas propostas, pelos graves embaraços em que a sociedade, por vezes, se tem visto, votando-a, não podia deixar de impugnar a urgencia pedida para a presente proposta, apesar de ter o proponente e apresentante na maxima consideração e lhe merecerem toda a confiança. Não era para hostilisar estes cavalheiros que se oppunha ao pedido do sr. Machado, mas sim para não estabelecer principios que vão de encontro aos estatutos e que tanto podem prejudicar a sociedade.

O sr. *Machado* declarou que considerava muito o proponente e que por isso pedira a urgencia da proposta, mas que não queria ir contra os estatutos.

O sr. *presidente*, referindo-se á muita dignidade dos nossos consocios os srs. Alves e Machado, mostrou desejos de que a propôsta fosse considerada urgente.

O sr. *Coelho de Jesus* é da opinião do sr. primeiro secretario, que reforçou com novos argumentos.

Posta á votação a urgencia foi rejeitada.

O sr. *presidente* propoz que se fizessem as eleições dos funcionarios antes da sessão solemne, visto ter ella sido adia-da por motivos do dominio da sociedade, aliás bem justos.

Depois de breves discussão em que tomaram parte os srs. J. D. Corrêa, primeiro secretario e Assumpção, foi approvado.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras.

Eram dez horas da noite.

O segundo vice-secretario, *Augusto Simões de Abreu*.

PHARMACIA

Chloral contra ulceras atonicas

Pelo sr. Vallin

Hydrato de chloral..... 1 gram.

Glycerina..... 30 »

Agua..... 50 »

Misture.

Collyrio adstringente

Pelo sr. Desmarres

Acido tannico..... 0,50 gram.

Agua de loureiro-cerejeira..... 40,00 »

Agua distillada..... 50,00 »

Solva. Banhe o olho com este collyrio, introduza algumas gotas, de manhã e de tarde, entre as palpebras, na conjun-

ctivita catarrhal, quando os symptomas inflammatorios tenham diminuido.

Electuario tenifugo

Pelo sr. Du Plessis

Kamala.....	6 a 12 gram.
Polpa de tamarindo.....	30 a 40 »
Sumo de limão.....	q. b.

F. s. a. Para tomar de uma vez, de manhã em jejum.
A kamala, dotada de acção purgativa e muitas vezes drastica, narcotisa a tenia e expulsa-a.

Ergotina contra a atonia da bexiga

Pelo sr. Fort

Poção gommosa.....	125 gram.
Ergotina.....	4 »

Misture. Administra-se uma colher, de duas em duas horas. Fricções sobre o pubis, com o balsamo de Fioravanti.

Ergotina contra a metrorrhagia

Pelo sr. Terrier

Glycerina.....	15 gram.
Agua.....	15 »
Ergotina.....	4 »

Misture. Applica-se 20 gotas por dia, d'este soluto, em injecções subcutaneas.

Glycerado cathetico

Pelo sr. Muller

Sulfato de cobre em pó.....	0,50 gram.
Glycerado commum.....	15,00 »

Misture. Unções ligeiras sobre a borda das palpebras, na blepharita chronica das pessoas escrofulosas.

Linimento revulsivo

Pelo sr. Richard

Ammonia liquida.....	40 gram.
Essencia de terebinthina.....	45 »
Oleo de amendoas doces.....	45 »

Misture. Tres fricções por dia, durante quatro ou cinco minutos, contra a sciatica rebelde. Cobrir a parte doente com algodão em rama.

Linimento para fazer parar a secreção lactea

Pelo sr. Bertherand

Essencia de hortelã pimenta.....	6,00 gram.
Essencia de bergamotta.....	6,00 »
Camphora.....	2,50 »
Oleo de ricino.....	110,00 »

Solva. Friccione os peitos, tres vezes por dia, com este linimento.

Loção antiescrofulosa

Pelo sr. Glover

Bromo.....	1 a 3 gram.
Agua distillada.....	250 »

Misture. Aconselhada para apressar a cicatrização das ulceras escrofulosas. Regimen tônico, oleo de bacalhau e preparados de quina interiormente.

Loção contra os suores fetidos

Pelo sr. dr. Gallois

Permanganato de potassa.....	45 gram.
Agua distillada.....	1000 »

Solva. Lave os pés, duas vezes por dia, com esta loção, para combater o fetido da transpiração; depois de enxutos polvilhe-os com fecula de batata.

Loção contra a urticaria

Pelo sr. Hardy

Chloroformio	10 gram.
Oleo de amendoas doces	30 »

Misture. Para abrandar o prurido da urticaria. Nos casos rebeldes, o auctor recommenda as loções com o soluto seguinte:

Chloreto mercurico	10 a 15 centigram.
Alcool	10 gram.
Agua distillada	90 »

Solva. Prescreve-se tambem a medicação alcalina interiormente e, se não for sufficiente, a medicação arsenical.

O doente evitará cuidadosamente comer mexilhões, ostras e certos peixes.

Pilulas de tannino contra os vomitos incoerciveis da gravidez

Pelo sr. Duboué

Tannino	2 gram.
Conserva de rosas	q. b.

F. s. a. 20 pilulas prateadas. Para tomar duas pilulas de manhã, com uma hora de intervallo de uma a outra, e duas pilulas de tarde com o mesmo espaço de tempo.

Poção contra os vomitos nervosos

Pelo sr. dr. Gallois

Chlorhydrato de morphina	15 milligram.
Bicarbonato de soda	1 gram.
Agua de alface	75 »
Agua de loureiro-cerejeira	15 »
Xarope de acido tartarico	20 »

F. s. a. Para administrar ás colhêres, de meia em meia

hora, contra os vomitos nervosos. Pequenos pedaços de gelo, depois de cada colher da poção.

Pó contra a estomatita

Pelo sr. dr. Gallois

Acido salicylico	2 gram.
Assucar em pó.....	20 »

Misturê. Com um pincel, contendo este pó, faça tocar a mucosa bocal e gengival.

Xarope de brometo de zinco contra a epilepsia

Pelo sr. Charcot

Brometo de zinco.....	15 gram.
Xarope de casca de laranja azeda	150 »

F. s. a. Para tomar 4, 5 ou 6 colheres por dia.

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

ZOOLOGIA

Almíscar

Pelo sr. Cauvet, pharmaceutico

O animal porta-almíscar (*Moschus moschiferus*, L.) habita na Asia central, desde o norte até adiante do circulo polar, ao sul em o Népaul, Thibet, Pégu, Tonquin e mesmo na Cochinchina; de oeste a leste occupa a região montanhosa, que começa na planície central e termina: ao norte, no mar de Okhotsk; ao sul, na Cochinchina.

Tem a estatura do cabrito montez, côr ruiva-escura, misturada de cinzento e branco, que varia com a idade e mesmo com a localidade; o pello é espesso, grosso, muito fragil, ondulado na parte mediana; a cauda sempre nua inferiormente, nos machos adultos, é coberta de pellos nas femeas menos idosas.

Os dentes caninos são salientes da mandibula superior e

excedem sobre a mandíbula inferior; pouco curvos, arredondados adiante, aguçados a traz, muito bicudos.

O órgão moschifero existe no macho, está collocado entre o umbigo e as partes genitales; é ligeiramente elliptico, achatado superiormente, mais ou menos convexo inferiormente, conforme sua repleção; apresenta, do lado do membro genital, um rego assás profundo, para a recepção d'este órgão; exteriormente é recoberto pela pelle, cujos pellos dirigem-se obliquamente para o seu orificio; o interior da glandula é revestido de uma continuação da pelle, que se transforma em mucosa coberta de dobras, tortuosidades e tumescencias; na sua espessura são guarnecidas de grande numero de folliculos atrigueirados e de numerosos vasos; a bolsa está situada entre os tegumentos externos e os musculos abdominaes, uma tunica muscular recobre e constitue uma sorte de esphincter, em torno de seu orificio excretor.

O sr. Pereira tem descripto tres membranas no envolucro proprio da bolsa: uma externa, fibrosa; outra mediana, delgada, esbranquiçada; e mais outra interna, de natureza epithelial.

O almiscar, no estado recente, é semi-fluido, ruivo-atrigueirado; cheiro muito forte e sabor amargo; no estado secco, é solido, granuloso, unctoso ao tacto e de côr castanha-escuro. Existe no commercio sob duas fórmulas: incluído nas bolsas ou em *bexiga*, solto da bolsa ou *fóra da bexiga*; a primeira é a mais difficil de falsificar e portanto a mais estimado. São conhecidas varias especies, que se reduzem a duas principaes: *Almiscar Tonquin* e *Almiscar Kabardin*.

1.º *Almiscar da China* ou de *Nankin*: em bolsas arredondadas ou ovaes, pouco espessas, largas, de 5 a 6 centímetros; cobertas de pellos cinzentos-arruivascados, atrigueirados proximos do orificio da bolsa; de consistencia de massa granulosa e cheiro muito activo. É o mais estimado.

2.º *Almiscar Tonquin*: em bolsas menos largas e mais espessas que o precedente, cobertas de pellos alvadios muito curtos; é mais secco e menos odorifero que o de *Nankin*, e vem do Cantão.

3.º *Almiscar de Assam*: em bolsas chatas ou muito convexas, cujo orificio prende-se ao abdomen e parece ter sido muito contrahido, coberto de pellos brancos muito grossos; estas bolsas são cheias, duras e a materia côr de castanha-escura, de cheiro muito forte. Este almiscar vende-se em França, especialmente para a perfumaria.

4.º *Almiscar Kabardin, da Russia ou da Siberia*: parece provir dos montes Altaï e da vizinhança do mar Okhotsk, aonde o animal que o produz é chamado *Kabarga*. As bolsas são mais longas, mais seccas, mais achatadas; os pellos mais alvacentos e argenteos; o cheiro menos activo e pouco aromatico. É o menos estimado e consome-se na Allemanha.

As falsificações do almiscar são numerosas e frequentes, especialmente no que se encontra fóra da bexiga. Deve-se preferir o almiscar em bexiga e examinar escrupulosamente se as bolsas foram abertas, cosidas ou seguras com gomma. N'este ultimo caso, é necessario pôr as bolsas em agua tepida, que solve a mucilagem e faz cair os pellos, quando estes tenham sido pegados. No commercio são verificadas as bolsas atravessando-as com um grande alfinete, que attrahe o sabor, o aspecto e o cheiro especiaes do almiscar.

Pequena quantidade de substancia, deslocada pelo alcool a 40º, e deitando 2 ou 3 gotas d'este soluto sobre o dorso da mão, o alcool volatilisa-se em pouco tempo e o cheiro do almiscar desenvolve-se tanto mais quanto melhor fôr a sua qualidade.

O cheiro do almiscar desaparece quando misturado com a emulsão de amendoas amargas, e reaparece quando o acido cyanhydrico se tem dissipado; o enxofre dourado de antimonio faz-lhe perder o cheiro, e o kermes mineral produz-lhe o cheiro de cebola.

O almiscar é um estimulante da circulação e da innervação, especialmente recommendado contra as perturbações sensitivo-motores de natureza asthenica; torna-se, em certos casos, um auxiliar poderoso do opio e dos estimulantes diffusivos: ammonia liquida, ether, etc.; provoca a erupção mens-

trual e algumas vezes a nasal, e bem assim a diaphorese ou a diurese. Administra-se em pó, pilulas, tincturas (alcoolica ou etherea) e agua distillada.

Alguns auctores admittem que o Napu (*Moschus Napu*, Raffles; *Tragulus Napu*, Raffles); e o Kanchil (*Moschus Kanchil*, Raffles; *Tragulus Kanchil*, A. Miln.—Edw.) são moschiferos. Laboram em erro.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Declaração

Tendo visto no *Districto de Faro*, n.º 129, de 19 de setembro do corrente anno, e já reproduzido em outros jornaes, um protesto do ex.^{mo} sr. dr. Justino Cumano, com referencia á tisana de Zittmann, annunciada pelo pharmaceutico Freire, da rua de S. Lazaro, em Lisboa, em que diz existirem unicamente em poder do sr. José Maria de Assis as receitas da referida tisana; e tendo eu mandado publicar no *Jornal da sociedade pharmaceutica lusitana*, em maio do corrente anno, a pag. 88, a fórmula de Zittmann, modificada, com que o ex.^{mo} sr. dr. Constantino Cumano tratou n'esta cidade o primeiro caso de syphilis secundaria inveterada, e, não querendo que se duvide da authenticidade d'esta formula, pedi ao mesmo ex.^{mo} sr. dr. Justino Cumano que declarasse o que a este respeito sabe, o que elle fez seguinte modo:

Publica fórmula

«Tendo havido alguma duvida por parte do excellentissimo senhor João Agostinho Ferreira Chaves sobre o sentido das palavras do meu protesto contra o senhor Freire, pharmaceutico de Lisboa, e que diz respeito a tisana de Zittmann, modificada por meu irmão o doutor Constantino Cumano, declaro que o meu respeitavel amigo, senhor Chaves não está comprehendido nem podia ser, nas minhas censuras ácerca da receita do doutor Cumano que elle apresentou á sociedade

de pharmacia lusitana e vem publicada no jornal da mesma sociedade. Repito, porém, e sustento que a modificação feita ao decocto ou tisana de Zittmann não consiste n'uma receita só, mas que o doutor Cumano modificava segundo os casos e os individuos frequentes vezes. É tanto assim que podia citar ao meu prezado amigo e senhor Chaves mais uma receita existente em Albufeira, que é outra variante da mesma tisana, e que é também authentica de meu mano o doutor Constantino Cumano, a qual receita não deixa de ter suas diferenças da que foi applicada pela primeira vez em Faro na pessoa de Domingos José Alves = Justino Cumano. = Numero cento e dez = Pagou de sello sessenta réis = Faro, vinte e quatro de setembro de mil oitocentos e setenta e oito = O escrivão de fazenda = *Neves* = O recebedor = *João Velloso* = Reconheço a assignatura retro do doutor Justino Cumano, por verdadeira do proprio, e que dou fé. = Faro, vinte e quatro de setembro de mil oitocentos setenta e oito = Em testemunho de verdade (logar do signal publico) = O tabellião adjunto, *Francisco de Paula Perfeito.* »

Esta declaração é a prova mais completa que posso offercer ao publico de que a formula da tisana de Zittmann que eu publiquei no *Jornal da sociedade pharmaceutica* é a mesma que o dr. Constantino me deu para eu executar e ser empregada no tratamento de Domingos José Alves Braga.

A collecção de receitas a que a mesma declaração se refere, o proprio ex.^{mo} sr. dr. Justino Cumano diz que é a mesma *tisana em varias proporções segundo a organização dos doentes e circumstancias locais.*

Fica portanto demonstrado que esta receita não é actualmente segredo para ninguem. Quanto á collecção, claramente se vê que o dr. Constantino a fez variando simplesmente as proporções, porque tratava de a deixar a um ignorante, que de certo o não sabia fazer; circumstancia esta que se não dá na classe medica, que sabe muito bem como se variam as proporções dos componentes n'uma formula.

JOÃO AGOSTINHO FERREIRA CHAVES.

PEÇAS OFFICIAES

Acta da sessão solemne, commemorativa
do quadragesimo terceiro anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Em 3 de outubro de 1878, pelas oito horas e meia da noite, achando-se na sala grande numero de senhoras, os ex.^{mos} srs. ministro do reino, conselheiros Luiz Antonio Nogueira, José Silvestre Ribeiro e José Pedro Antonio Nogueira, os representantes da camara municipal de Lisboa, das escolas superiores, da sociedade das sciencias medicas, de outras associações scientificas, litterarias e artisticas, da imprensa, muitos cavalheiros pertencentes a todas as classes da sociedade, socios benemeritos, honorarios e effectivos, o sr. presidente abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o primeiro vice-secretario, Augusto de Oliveira Abreu, no impedimento do sr. segundo secretario, a fazer a leitura do seguinte:

Senhores:— O nosso digno segundo secretario, por causa extraordinaria, e de certo imperiosa, não pôde comparecer hoje na sessão, o que nos priva do prazer de o ouvirmos. É este o motivo por que eu, no desempenho de uma das obrigações que o regimento interno impõe aos vice-secretarios, venho ler o seu

Relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o quadragesimo
terceiro anno

Senhores:— Obsequiosamente honrado pela generosa espontaneidade dos membros d'esta tão sympathica corporação, não sem o ponderar hesitante, não sem a timidez dos fracos, pela segunda vez puz a minha insignificancia ao serviço inhereente ao cargo de segundo secretario.

Mais para testemunhar a elevada consideração que me prende á illustrada camaradagem dos meus collegas e consocios,

mais pelo desejo de assistir, de participar tambem de toda a actividade, tendente a ampliar o horisonte das nossas conquistas, mais finalmente por obediencia ás vossas decisões, do que por uma velleidade insensata, acceitei uma vez ainda a valiosa distincção d'este mandato, cujas attribuições diligencieei satisfazer do modo mais ao agrado de todos, e mais conforme ás disposições regulamentares do nosso regimento interno.

Muitas foram as faltas, muitos os erros a que a minha menos bem experimentada aptidão me induziu, no exercicio das funcções que me incumbiam, a impossibilidade, porém, não a negligencia, não a intenção determinou toda a improficuidade dos meus trabalhos. *Nemo dat, quod non habet.*

Assim expostos tão francamente todos os motivos que deram origem á imperfeição da minha pratica, seja-me licito invocar a vossa indulgencia, tão benevola sempre para com os noviços, que eu farei por bem saber usar d'esse grande sentimento chamado gratidão.

Senhores. — É hoje dia de festa, dia de jubilos e de adoravel recordação para todos os discipulos da sciencia denominada pharmacia, e nomeadamente para os membros d'esta sociedade, cuja installação completa hoje o seu quadragesimo terceiro anniversario.

Aqui reunidos, e fleis ás boas tradições dos nossos maiores, agradavel deve ser para vós a memoria de tão louvavel exercicio, festejando o numen e apóstolos d'este templo.

Numen o de todos os tempos, de todas as sociedades, de todas as religiões — esse é a sciencia; apóstolos bem devem ser os que, depondo as armas ainda quentes d'essas pugnas renhidas da liberdade contra o despotismo, largaram a espada para empunhar a penna, saindo da caserna para o laboratorio, da tutella para a emancipação!

Soldados de Marte, soldados de Minerva, varonis em ambos os campos, o triumpho coroou-lhes a fadiga. E assim deveria ser. Era mister que da revolução não brotasse apenas sangue e liberdade: a humanidade carecia de mais. Com ef-

feito, vieram em breve os beneficos resultados attestar do modo o mais lisongeiro a importancia d'aquella lueta em que se empenhava formidavel o espirito eminentemente revolucionario do progresso, nos dominios da pharmacia portugueza.

Era em 1835: o espirito associativo, obra até então exclusiva do elemento monachal por tantos e tão compridos seculos, como que se desprendera d'aquelle vinculo, e, rasgando novos horisontes, viera com seu poderoso influxo secundar o nobre empenho d'aquelles bravos lidadores, cujos principios mais conformes á republica, mais conducentes ao progresso foram successivamente recebendo a desejada sanção.

O estado das sciencias physico-naturaes, germinante apenas em Portugal, recebia já n'outros paizes um tão fervoroso culto, que o seu echo se não fez esperar entre nós. Portugal parecia querer acordar d'esse profundo lethargo, d'essa noite de escuridão a que o espirito se entregára descuidoso. O echo subia de ponto: a atmosphera scientifica ia em saturação, a propaganda engrossára de adeptos, e a sociedade portugueza finalmente, guiada pelo sentimento da reforma, entregára toda a sua energia ao labor das novas conquistas.

Não assistiu a classe pharmaceutica indifferente a esta dupla evolução do espirito: sciencia e associação; assim, um grupo de pharmaceuticos d'esta capital, inspirados pelo santo amor das liberdades patrias, e da sciencia que professavam, anciosos por generalisar a pratica de tão preciosos principios a toda a classe, animados pela mais vehemente energia para levar a cabo tão nobre empenho, aos 24 de julho de 1835 soltavam exultantes o grito da liberdade, ao mesmo tempo que lançavam os fundamentos d'esta sociedade. Nascêra, pois, com a liberdade, educava-se com a liberdade esta nossa associação.

Estava construido o templo, os sacerdotes animados da mais devota energia. E na verdade, estes famosos varões, os fundadores, os apóstolos verdadeiros da classe phar-

maceutica portugueza, antepondo a tudo o progresso da pharmacia em todas as suas manifestações, dirigiram os seus primeiros passos no sentido de reformar a instrucção, e de acabar de vez com a odiosa tutella da physicultura-mór; e conseguiram-n'o.

O trabalho não os cansava; eram de ferro aquellas organizações, de luz e abnegação aquelles caracteres.

A sua aptidão exercitava-se, já na reivindicação dos seus direitos politicos e civis, já nas muitas e variadas questões do fóro pharmaceutico, cuja elevação constituia o seu mais caro empenho. N'uma palavra, a sua actividade fez-se principalmente notavel, pelo trabalho bem conduzido, como o principal fundamento das sociedades; pela sciencia, como o principio de infallibilidade das modernas gerações. Trabalho e sciencia: eis os dois braços d'esse gigante impulsor, d'essa balança social, por onde se afere o merito relativo das differentes nacionalidades; alavanca sob cujo influxo o progresso se estabelecêra de modo o mais eloquente. Trabalho e sciencia, eis, senhores, os dois agentes, a base de organização d'esta sociedade, que mais tarde havia de constituir o famoso propugnaculo, o tribunal respeitavel que se abriu para a lucta do pensamento, para defender as prerogativas da classe. Bem hajam, bem hajam aquelles, que, desprezando as paixões mesquinhas, o egoismo, o proprio repouso, gastam a vida no cumprimento do dever e pelo dever.

Bem hajam, bem hajam aquelles que, encanecendo no estudo, souberam legar a seus filhos os pergaminhos do decoro, as condecorações da virtude.

Muitos foram os fundadores, e a todos pertence um quinão do nosso respeito e reconhecimento profundo.

D'entre elles, porém, destaca-se um que, pelas suas levantadas aspirações, pelo seu constante pugnar a bem da classe, pela sua extraordinaria actividade e dedicação á sciencia conquistou desde os seus primeiros passos a attenção dos homens da sua classe.

Chama-se José Dionysio Corrêa o varão conspicuo e in-

fatigavel, o grande propagandista das liberdades da classe, o grande lidador da associação, cujas lucubrações tanto têm contribuido para ennobrecer a pharmacia em Portugal.

Dedicado até ao fanatismo pelo engrandecimento da profissão que exerce, ninguem mais de alma e coração sabe cumprir a missão dos que trabalham e estudam.

Grandes têm sido os seus serviços, grande deve ser a sua gloria.

Nascido a 22 de setembro de 1808, o ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, logo de tenra idade mostrára grande desejo de estudar; e cursando com geral applauso os estudos preparatorios, que terminava aos treze annos de idade, n'essa epocha começava a praticar pharmacia, profissão a que dedicava particular affecto, e a frequentar os estudos de chimica, a cujo ensino se dera o notavel sabio Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. Tão notavel foi a sua applicação e aproveitamento, que em 1828 era convidado por alguns cavalheiros para operador de um laboratorio chimico, onde se houve com pericia e aptidão.

Em 1829, vagando, pelo fallecimento de José de Salles Cardoso, o lugar de administrador da botica do hospital de S. José, ali concorreu o ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, ao lado dos mais notaveis pharmaceuticos de então. E fez-se justiça, porque em pouco tempo era este cavalheiro despachado.

Foi desde então que o ex.^{mo} sr. Corrêa mais brilhantemente começou a evidenciar a robustez do seu ingenho.

Animado pelo seu genio emprehendedor e reformador, sentira logo, ao entrar para aquelle vastissimo estabelecimento, a necessidade absoluta de introduzir ali melhoramentos e modificações, mais conformes ao progresso da pharmacia e da hygiene. Esta idéa fixa e luminosa, que tanto occupava a sua attenção, foi com effeito coroada do melhor exito, e a elle devemos a posse de uma pharmacia que ainda hoje é considerada por todos quantos a visitam.

Muitas são as commissões de que tem sido encarregado.

Em outubro de 1834 foi eleito secretario de uma commissão encarregada de apresentar um plano de reforma pharmaceutica.

Foi d'esta commissão que nasceu o pensamento de crear a sociedade pharmaceutica lusitana, e ao ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa se deve a sua installação. E tão grandes foram os serviços que prestou á classe, que em 29 de dezembro de 1839 era-lhe conferido o diploma de socio benemerito.

Entre muitos logares que occupou com distincção, o ex.^{mo} sr. Corrêa serviu tambem como vogal do conselho de saude publica do reino.

Muito houvera ainda que referir e digno da nossa attenção, se os estreitos limites d'este trabalho e dos meus recursos m'o não vedassem. A historia da pharmacia se incumbirá um dia de mais minuciosamente descrever o muito que esta lhe deve.

Cumpre-me porém dizer ainda, para que não fique incompleta a historia da nossa sociedade, o que com relação a s. ex.^a se resolveu durante o anno findo. É para os vindouros apreciarem bem a justiça de tal resolução, que intencionalmente me referi a este nosso benemerito consocio e recordei os seus especiaes serviços.

Da geração actual poucos poderiam apreciar os melhor que o nosso primeiro secretario, o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira.

Este cavalheiro, socio ha quinze annos, é um dos que têm nos ultimos annos acompanhado a sociedade em quasi todos os seus trabalhos; sabe as luctas que ainda hoje é preciso sustentar para conseguir alguma coisa do muito a que temos direito, avalia as difficuldades que seria preciso vencer se não existisse a sociedade, e entendeu por isso que ella deveria galardoar os instituidores na pessoa do ex.^{mo} sr. Corrêa por ser o que, reunindo-os em volta de si com a sua poderosa iniciativa, fundou este centro. Conferira-se já ao ex.^{mo} sr. Corrêa a maior distincção de que a sociedade dispõe para premiar o merito e os serviços elevando-o á classe de socio benemerito, era por isso necessario crear uma outra que desse

bem a medida da nossa gratidão, e do desejo de a manifestar, e para que assim se fizesse propoz o sr. Felix Ferreira, em sessão de 24 de setembro de 1877¹, que ao venerando ancião, que todos nos habituámos a respeitar, se conferisse o titulo de presidente honorario. Esta proposta foi recebida com o maior enthusiasmo, e dois socios, o ex.^{mo} sr. José Mendes de Assumpção e eu, solicitaram a honra de a subscreverem tambem, no que o seu auctor consentiu da melhor

¹ Para que todos os dignos socios tenham amplo conhecimento do assumpto a que o illustre relator se refere, publica-se em seguida a proposta apresentada em sessão de 4 de setembro de 1877, e o parecer que a benemerita commissão de direito pharmaceutico deu sobre a mesma proposta.

A REDACÇÃO.

Senhores: — O sol da liberdade, que ha pouco tempo se erguera no horizonte do nosso querido paiz, vivificava já com o seu benefico calor quantos tinham preferido que, ás luctas sangrentas, ás perseguições, á forca, e a todos os vexames praticados em nome e á sombra de leis feitas ao arbitrio de quem se julgava por direito divino competente para as dictar, se substituísse o império da ordem regulada pelas leis que resultassem das luctas incruentas da palavra fallada e escripta, entre os eleitos do povo — no parlamento, os representantes dos diversos partidos — na imprensa, e os das classes — na associação, quando um pharmaceutico digno a todos os respeitos da nossa veneração quiz que na partilha de beneficios tão importantes, que as novas instituições promettiam e deviam produzir, tivesse larga parte a classe a que nos honrâmos de pertencer. Fadára-o Deus para as luctas porfiadas, não o acobardavam contrariedades, nem o desanimo lhe tomava as forcas ante quaesquer difficuldades, por isso soube com a sua iniciativa ousada, com a sua fé inquebrantavel no futuro, com o seu exemplo de dedicação pela classe reunir em volta de si alguns collegas entusiastas do progresso, e desejosos de que a pharmacia no nosso paiz, como nos outros mais adiantados, tivesse parte na communhão das sciencias de que andava tão arredada, e auferisse as vantagens de que já gosavam, ou deviam em breve gosar, todas as profissões.

O pharmaceutico que concebeu tão generoso pensamento, e, a custa de grande trabalho e inexcédível dedicação, alcançou realisal-o, fundando a sociedade pharmaceutica de Lisboa, que depois se chamou, e ainda hoje chama, sociedade pharmaceutica lusitana, é o nosso prezado e respeitado amigo o sr. José Dionysio Corrêa, com quem a mesma so-

vontade. A sociedade não podia, nem devia preterir as praes legaes, determinou-se por isso, depois de admittida a proposta, que fosse outvida a commissão de direito pharmaceutico.

Esta benemerita commissão apresentou na sessão seguinte, realisada a 10 de outubro, o seu parecer, favoravel á proposta, que foi então definitivamente approvada.

Tambem se resolveu que o titulo de *presidente honorario*

ciidade por este facto, e com ella a classe toda, contrahiou uma divida insolvel.

Para provarmos, pois, que nós todos, pertencentes pela maior parte a uma outra geração, somos reconhecidos a tão benemerito pharmaceutico pelo serviço que nos prestou, e ainda pelo zêlo, dedicação, e, ás vezes, sacrificio com que sempre tem continuado a servir a sociedade e a classe, já no exercicio dos cargos para que tem sido eleito, já na perseverante constancia com que assiste ás sessões, e lhes promove a concurrencia propondo alvitres para esse fim, têm os abaixo assignados a honra de propor o seguinte:

1.º Que ao sr. José Dionysio Corrêa, iniciador do pensamento de se fundar a nossa sociedade, e actualmente socio benemerito, seja conferido o titulo de *presidente honorario*;

2.º Que, se esta proposta for approvada, o titulo seja entregue ao nosso consocio em sessão solemne.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 24 de setembro de 1877. — (Assignados) *Antonio Augusto Felix Ferreira* — *João de Jesus Pires* — *José Mendes de Assumpção*.

Parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta dos srs. Felix Ferreira, Pires e Assumpção, para presidente honorario

Senhores:— A vossa commissão de direito pharmaceutico remetten o sr. segundo secretario uma proposta para se conferir o titulo de presidente honorario da sociedade pharmaceutica lusitana ao nosso consocio o sr. José Dionysio Corrêa, assignada pelos srs. Antonio Augusto Felix Ferreira, João de Jesus Pires e José Mendes de Assumpção.

Os signatarios da proposta, juizes competentissimos para aquilatarem o merito e os serviços que dão ao sr. José Dionysio Corrêa direito a uma honra, de que é credor, merecem á nossa sociedade tal confiança, que podia dispensar-se de consultar a sua commissão de direito pharmaceutico; mas respeitadora de todas as formulas estabelecidas nos nos-

fosse entregue ao ex.^{mo} sr. Corrêa em sessão solemne, e é a esta cerimonia que ides, senhores, assistir dentro em pouco tempo.

Devo agora, senhores, referir-vos os trabalhos que durante o quadregésimo terceiro anno occuparam a attenção d'esta sociedade.

Fiel aos sãos principios do luminoso programma que presidiu á installação d'este instituto, a sociedade pharmaceuti-

cos estatutos e regimento interno, quiz ouvir-a, e ella, desempenhando-se de tão agradável missão, vem hoje apresentar-vos o seu parecer.

Senhores, qualquer dos membros da commissão assignaria com orgulho a proposta que lhe enviastes, pela altissima significação que tem. Não se trata apenas de premiar alguns serviços, procura-se exaltar uma idéa — a do progresso pela associação — e de galardoar quem a iniciou, com um titulo não conferido ainda por nós a nenhum outro, porque tambem nenhum outro o mereceu como o respeitavel ancião para quem se pede.

Conferi-lh'o, senhores, que, apesar de honroso, pequeno é o premio, se o comparardes com as vantagens que tem resultado para a nossa classe da sociedade pharmaceutica lusitana, fundada á custa dos esforços d'elle, conservada pela sua dedicação e perseverança, já animando uns de nós a proseguir no caminho que nos traçou, já auxiliando outros com o exemplo e com o conselho. Conferi-lh'o, senhores, porque assim daes um publico testemunho de reconhecimento á memoria dos que, na ardua empreza de fundar a sociedade pharmaceutica, o auxiliaram, e aquelles que de tão honrosa phalange ainda restam, a certeza de que não são desagradecidos, e de que, como elles, confiaes ainda nos bons resultados que a classe pharmaceutica alcançará por intervenção da sociedade.

Podia a commissão, para justificar o seu parecer favoravel á proposta, citar um por um todos os serviços prestados á sociedade pelo socio benemerito o sr. José Dionysio Corrêa, mas não o faz porque melhor que ella conheceis a historia da sociedade, á qual, desde a sua fundação, tem sempre andado alliado o nome do nosso illustre collega.

Não concluiremos sem vos dizer que somos de opinião que seja tambem approvada a segunda parte da proposta, isto é, que o titulo de presidente honorario seja entregue ao nosso consocio em sessão solemne.

Sala das sessões da commissão de direito pharmaceutico, 10 de outubro de 1877. = *João Francisco Delicioso* = *Augusto de Oliveira Abreu*, relator.

ca lusitana, sempre solicita em promover o desenvolvimento moral e intellectual da classe o seu mais pronunciado empenho, a sua divisa mais caracteristica foi a insistencia com que por todos os meios ao seu alcance, tratou da reforma da instrucção pharmaceutica. Embora frustrados quarenta annos de esforços e de representações aos poderes publicos, todos tendentes a uniformisar, e a elevar á altura de tão nobre profissão os estudos pharmaceuticos, fez d'este empenho a sua questão maxima para no campo da sciencia, entre os seus mais dedicados cultivadores, ter logar condigno.

Ao poder legislativo se acha affecto um projecto de reforma, cuja approvação a sociedade tem solicitado, empregando o desvelo e assiduidade, que um assumpto de tanta magnitude demanda.

Pelo ex.^{mo} sr. director do instituto agricola d'esta capital foi enviado á nossa sociedade um officio, consultando-a sobre a importancia relativa das habilitações dos pharmaceuticos.

Suscitou esta consulta o embaraço no provimento de um logar de pharmaceutico, e a que concorreram candidatos diversamente habilitados.

O ex.^{mo} sr. presidente, expondo detidamente a questão á sociedade, submetteu-a á discussão, ficando a mesa encarregada de responder.

Corresponden esta aos desejos da sociedade informando o auctor da consulta sobre as disposições legais relativas a este assumpto.

Não são raros entre nós os factos d'esta natureza, e porventura augmentarão elles enquanto uma prudente e racional reforma não acabar de vez com a actual organização do ensino da pharmacia em Portugal, que ahí existe para eterno remorso dos seus auctores.

E note-se, quando me refiro á pharmacia, é de um modo absoluto.

Deus me livre de pensar, de suppor que nas chamadas escolas annexas a habilitação official satisfaça de um modo completo ás exigencias de tão seria e adiantada sciencia.

Temos pharmaceuticos que honram a nossa patria, as nossas boas letras e a sciencia, e cujos nomes poderia fartamente citar. Mas d'essa iniciativa tão particular, tão caprichosa pela instrucção, a uma habilitação rigorosa e obrigatoria vae a distancia que medeia entre o provavel e o possivel.

E como não ha de ser assim se os habilitados com os preparatorios, ao entrarem para as escolas que constituem o seu ultimo periodo de habilitação, entram tambem na posse da mais folgada vida, pois que já têm a certeza, baseada na inveterada lei dos factos, de que não são chamados á lição?

Tal é o estado do ensino pharmaceutico nos nossos estabelecimentos, e a consideração que ali se dá á nossa classe.

Dir-se-ia que da parte de algumas d'aquellas corporações ha o doce empenho de conservar a respeitosa distancia a individualidade pharmaceutica. . . .

O que ahi está acontecendo é a herança disfarçada d'esses tempos em que a apoplectica facundia da physicultura mór era um decreto de abstinencia por tudo que podesse significar desenvolvimento para esta desamparada classe! Assim eram as cousas, e assim continuarão, enquanto o ensino em Portugal não for confiado exclusivamente a individuos da especialidade.

Apraz-me ainda fallar-vos de assumptos que mereceram a particular attenção d'esta sociedade. D'entre elles citarei uma proposta sobre a lei de saude do ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, tendente a apresentar um projecto de reforma, em tudo mais conforme á justiça e dignidade da nossa profissão. Sendo duras, anachronicas, incompativeis algumas das disposições d'aquelle regulamento, seria para desejar que a junta consultiva reforçasse a iniciativa d'esta sociedade, promovendo a realisação de tão util quanto urgente reforma.

Sobre a referida proposta foi ouvida a commissão de direito pharmaceutico, que mais uma vez provou a sua notavel competencia n'aquelles assumptos, n'um proficientissimo parecer que foi impresso no nosso jornal.

Tambem o ex.^{mo} sr. Alfredo da Silva Machado, querendo

dar um testemunho de consideração aos collaboradores da pharmacopéa portugueza, mandou para a mesa uma proposta, ampliada pelo sr. Corrêa, elevando a membros benemeritos aquelles cavalleiros. Approvou unanime a sociedade esta proposta, conferindo gostosamente o respectivo diploma a tão prestantes cidadãos.

Igual titulo foi conferido ao ex.^{mo} sr. ministro do reino, sendo-lhe entregue o diploma por uma commissão nomeada *ad hoc*.

A nossa commissão de chimica, sempre zelosa pelo bom nome d'esta sociedade, firmou com a sua experimentada aptidão e auctoridade mais uma vez ainda a boa reputação de que goza, desempenhando varios trabalhos.

As demais commissões houveram-se com a sua habitual applicação no desempenho dos trabalhos que lhe foram confiados.

No laboratorio d'esta sociedade fizeram-se durante o anno sete analyses toxicologicas, cujas operações foram confiadas a membros d'esta sociedade, e por convite do ex.^{mo} sr. procurador regio.

As nossas relações com as diversas academias estrangeiras, têm-se estreitado; ora permutando as suas publicações, ora consultando-se reciprocamente sobre assumptos da sua competencia.

Para isso muito contribuiu a influencia e boa direcção, por parte do ex.^{mo} sr. Joaquim Urbano da Veiga, nosso digno presidente, e cavalleiro cuja illustração tem merecido os louvores e sympathia da classe.

A sociedade acompanhou á sepultura o seu socio benemerito Lazaro Joaquim de Sousa Pereira, ao qual não obstante os jubilos d'este dia me parece um dever consagrarmos um voto de saudade e gratidão.

Grande foi a-nossa mágua pela perda de tão preciosa vida.

Perdeu a sociedade ainda muitos outros socios correspondentes nacionaes, cuja falta lamenta: foram os srs. Antonio Gonçalves Canaveira, da Covilhã; Bernardo José Fer-

reira de Sousa, Porto; Francisco Gonçalves Barata, Alpalhão; Francisco Maria Xavier Rosa, Setubal; João Elisiario Antunes, Vialonga; José Maria Camanho de Carvalho, Melgaço.

Por ultimo, senhores, e relativamente ao nosso estado economico, é-me agradável asseverar-vos que é bastante prospero.

Para isto muito contribuiu a coadjuvação da classe, e particularmente os esforços, intelligencia e dedicação do nosso estimavel primeiro secretario, o ex.^{mo} sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, incansavel, e devotado a todos os melhoramentos, que possam interessar a nossa associação.

Foi a receita cobrada durante o anno economico de 1877 a 1878	1:077\$215
Despeza.....	880\$320
Saldo em 30 de junho.....	<u>196\$895</u>

Não se compraram inscrições durante este anno, e o saldo em 30 de junho de 1878 era de 8:300,000 réis nominaes. Disse.

Em seguida teve a palavra o sr. primeiro secretario, Antonio Augusto Felix Ferreira, para dar conta dos assumptos seguintes:

Programma das questões scientificas para o quadragésimo quarto anno

A sociedade pharmaceutica-lusitana, em observancia do § 8.º do artigo 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte:

Programma

Primeira questão

Qual o processo preferivel para a preparação dos extractos, de modo que representem as substancias de que são tirados?

Segunda questão

Posologia dos extractos seccos.

Terceira questão

Qual o meio de evitar a alteração dos hydrolatos?

Quarta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do azeite pelo oleo de amendoim?

Quinta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do oleo de amendoas doces?

Sexta questão

Influencia que os canos de ferro e de chumbo, actualmente empregados em Lisboa, podem ter nas propriedades physicas e chimicas das aguas potaveis, por elles conduzidas, demonstrada por analyses quantitativas, executadas e descriptas de modo que se não possa duvidar da sua veracidade?

A memoria em que se tratar este ponto poderá comprehender o estudo da influencia que as aguas potaveis, conduzidas por canos de ferro ou chumbo, exercem na economia animal.

Condições

Os premios consistirão em medalhas de oiro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscripção: «*Ao membro benemerito*», e do outro o timbre da sociedade e a legenda «*Sociedade Pharmaceutica Lusitana*». A estes premios terão direito os individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, receberão o diploma de membro honorario.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual

se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria for premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e alem d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo *Memorias da sociedade pharmaceutica lusitana*.

Finalmente, os premios confirmados aos concorrentes nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticó de que seus auctores desempenharam em geral o exigido pela sociedade nos seus programmas.

Lista dos doadores e objectos dados á sociedade durante o quadregésimo terceiro anno

Pelas redacções:

Annaes do club militar naval — *Boletim official do governo geral da provincia de Cabo Verde* — *Correio medico de Lisboa* — *Enciclopedia medico-farmacéutica de Barcelona* — *Estudos medicos* (orgão da «*sociedade dos estudos medicos*» de Coimbra) — *Gazeta dos hospitaes militares* — *Gazeta medica de Lisboa* — *O instituto, de Coimbra* — *Jornal de horticultura pratica, do Porto* — *Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa* — *Jornal da sociedade das sciencias medicas de Lisboa* — *La andalucia médica* — *La crónica oftalmológica* — *El restaurador farmacéutico* — *Revista farmacéutica, órgano de la «sociedad de farmácia argentina»* — *Tribuna pharmaceutica, órgão do Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro*.

Pela «*academia médico-farmacéutica de Barcelona*»:

Estatutos de la academia — *Reglamento interior de la academia* — *Acta de la sesion pública inaugural que la academia celebró el dia 10 de enero de 1877* — *Acta de la sesion*

pública inaugural de 11 de enero de 1878—Necrologia de D. José Duch, por D. Faustino Curós Alcantára.

Pela «academia de ciencias médicas de Cataluña»:

Acta de la sesion pública inaugural que la academia celebró en 4 de noviembre de 1877—Anales de la academia y laboratorio de ciencias médicas de Cataluña.

Pela Smithsonian institution:

Annual report of the board of regents.

Pelo sr. D. Federico Prats Grau:

Tratado de farmácia operatoria, por el dr. D. Raimundo Fors y Cornet, segunda edicion, aumentada por D. Federico Prats Grau.

Pelo sr. dr. D. Ramon Codina Langlin:

Medicamentos galénicos extrangeros.

Pelo sr. dr. Anet:

De la viruela y su profilaxis.

Por mr. Emile Gilbert:

Les sorciers en Bourbonnais.

Pelo sr. dr. Richard Godeffroy:

Studien uber die mikroskopischen—Reactionserscheinungen der China-Alkaloide—Archiv der pharmacie.

Pela camara municipal de Lisboa:

Archivo municipal de Lisboa—Orçamento supplementar ao do anno economico de 1877 a 1878—O matadouro municipal de Lisboa, por Joaquim Sabino Eleuterio de Sousa.

Pelo sr. dr. José Thomaz de Sousa Martins:

Questão de peritos no processo de Joanna Pereira—Questão de imperitos.

Pelo sr. dr. José Curry da Camara Cabral:

Discurso recitado na escola medico-cirurgica de Lisboa na sessão solemne de abertura do anno lectivo de 1877—1878.

Pelo sr. José Dionysio Corrêa:

Annuaire de thérapeutique pour 1878, par Bouchardat.

Pelo sr. José Tedeschi:

Acta de la sesion pública inaugural de la academia de ciencias médicas de Cataluña, celebrada el dia 4 de noviem-

brè de 1877 — *Acta de la sesion pública inaugural de la academia médico-farmacéutica de Barcelona de 11 de enero de 1878* — *Boletín del colegio de farmacéuticos de Barcelona* — *Boletim official do districto administrativo de Santarem* — *Bosquejo historico da escola medico-cirurgica de Lisboa, por Eduardo Augusto Motta* — *Bulletin des travaux de la société de pharmacie de Bordeaux* — *Calendario do dr. Ayer* — *Enciclopedia médico-farmacéutica de Barcelona* — *Estatística geral do serviço de saude do exercito no anno economico de 1874-1875* — *Estatutos de la «academia médico-farmacéutica de Barcelona»* — *Estudos medicos, orgão da «sociedade dos estudos medicos» de Coimbra* — *El médico contemporáneo, bosquejo pelo dr. D. Eduardo Bertran Rubio* — *Gazeta dos hospitaes militares* — *Gazeta medica da Bahia* — *Giornale di farmacia, di chimica e di scienze affini publicato dalla società di farmacia di Torino* — *Giornale di medicina militare* — *Instituto de Coimbra* — *Jornal da sociedade das ciencias medicas de Lisboa* — *La crónica oftalmologica* — *Los avisos, por D. Pablo Fernandez Izquierdo* — *Monte pio facultativo, instruccion sumaria del órden vigente en esta sociedad benéfica* — *Orçamento supplementar da camara municipal de Lisboa para o anno economico de 1877-1878* — *Petites affiches pharmaceutiques et médicales* — *Pulga penetrante, these por Leonardo Africano Ferreira* — *Quadros estatísticos do hospital da marinha, de 1875* — *Questão de imperitos* — *Reglamento interior de la «academia médico-farmacéutica de Barcelona»* — *Relatorio apresentado pela commissão de fazenda da camara municipal de Lisboa sobre o orçamento geral de 1877-1878* — *Relatorio da direcção da companhia das aguas, de 1877* — *Revista medica de Chili* — *Semanario farmacéutico de Madrid* — *Uma lição de medicina por mr. Déhaut* — *De la viruela y su proflaxis, por el dr. Anet.*

Pelo sr. José Pereira Rodrigues :

Annuaire pharmaceutique, par Réveil, de 1863 — *Diccionario portuguez das plantas, arbustos, animaes, gommas, me-*

taes, mineraes, etc., por José Monteiro de Carvalho—Dictionnaire des langues française & portugaise—Nouveau traité de pharmacie, par Soubeiran, 2.º tomo—Pharmacopœa lisbonense, por Manuel Joaquim Henriques de Paiva—Formulario do hospital de S. José, de 1844—Pharmacopée française, de 1837—Pharmacopœa hispana, editio tertia autor, de 1803—Pharmacopœia officinalis, por John Quincy, de 1749—Manuel de matière médicale, de thérapeutique et de pharmacie, par Bouchardat, 4.ª edição—Nouveau formulaire magistral, par Bouchardat, 9.ª e 11.ª edições—Traité élémentaire ou principes de physique, par Mathurin Jacques Brisson, 4.ª edição, de 1803—Planches du dictionnaire de physique de M. Brisson.

Alterações ocorridas no quadro da sociedade pharmaceutica lusitana, durante o quadragésimo terceiro anno da sua instituição

Foram admittidos

Para a classe de benemeritos

Conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro e secretario de estado dos negocios do reino.

Dr. Agostinho Vicente Lourenço.

Conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

Dr. Carlos Augusto May Figueira.

Claudino José Vicente Leitão.

Dr. Francisco José da Cunha Vianna.

Joaquim Urbano da Veiga.

Pedro José da Silva.

Para a classe de honorarios

Augusto de Oliveira Abreu.

Para a classe de effectivos

José Gomes de Mattos, Lisboa.

Para a classe de correspondentes nacionaes

Antonio Joaquim Rosado e Silva, Borba.

Elisario Augusto Lindsay, Villa Nova de Portimão.

Ezequiel Augusto Barata Taborda, Móra.
 Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, Marco de Canavezes.
 João Baptista Barbosa Gomes Osorio, Vallongo.
 José Alberto Marques Silva, S. Bartholomeu de Messines.
 José Corrêa da Costa Junior, Poiares.
 José Januario da Silveira e Costa, Borba.
 Julio Carlos Gonçalves, Soure.
 Manuel de Mattos Viegas, Santa Comba Dão.

Para a classe de correspondentes estrangeiros

Mr. Emile Gilbert, Moulins.
 H. Verhassel, Anvers.
 D. José Cases y Montserrat, Barcelona.
 D. Luiz Góngora, Barcelona.

Falleceram

Benemerito

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

Correspondentes nacionaes

Antonio Gonçalves Canaveira, Covilhã.
 Bernardo José Ferreira de Sousa, Porto.
 Francisco Lourenço Barata, Alpalhão.
 Francisco Maria Xavier Rosa, Setubal.
 João Elisiario Antunes, Vialonga.
 José Maria Camanho de Carvalho, Melgaço.

Resumo

Ficam existindo

Protectores.....	2
Benemeritos.....	30
Honorarios nacionaes.....	40
Honorarios estrangeiros.....	25
Effectivos.....	65
Correspondentes nacionaes.....	284
Correspondentes estrangeiros.....	32
Total.....	<u>478</u>

O sr. presidente effectivo nomeou o primeiro vice-secretario para acompanhar á mesa e n'ella tomar logar, o sr. José Dionysio Corrêa, presidente honorario.

Depois o mesmo sr. presidente effectivo convidou o sr. primeiro secretario a fazer a leitura do diploma conferido ao sr. presidente honorario, redigido nos termos seguintes:

REINO DE PORTUGAL

«A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, querendo dar um publico testemunho do alto apreço em que tem os serviços prestados á classe pelo ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, iniciador da idéa da fundação da mesma sociedade, confere-lhe o titulo de «Presidente Honorario».

«Em certeza do que, lhe mandámos passar o presente diploma, que vae assignado pela mesa e timbrado com o emblema de que usámos. Dado em Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 10 de outubro de 1877, 43.^o anno da sua instituição. = (Logar do timbre.) = O presidente, Joaquim Urbano da Veiga = O primeiro secretario, Antonio Augusto Felis Ferreira = O segundo secretario, João de Jesus Pires.»

Finda esta leitura, o sr. presidente, em nome da sociedade pharmaceutica lusitana, entregou o dito diploma ao sr. presidente honorario, o qual, ao receber tão distincta honra, leu o agradecimento seguinte:

Senhores:— Elevado pela benemerita sociedade pharmaceutica lusitana ao cargo de seu presidente honorario, e recebendo n'esta sessão solemne o respectivo diploma, sinto não poder traduzir as inspirações do meu coração por tão distincta honra, da qual participam todos os nossos consocios instituidores.

Profundamente grato ás demonstrações de tão affectuosa e dedicada estima, agradeço á sociedade a sua muita benevolencia, e bem assim a todos os dignos collegas e consocios que cooperaram para a realisação d'este acto, não só com a

proposta e respectivo parecer, mas ainda com as suas delicadas expressões.

Não ha louvor condigno d'este rasgo de bondade, ou, se o ha, não o sei eu. A linguagem humana, tão rica ás vezes, é pobre para exprimir acções tão generosas.

Se o acaso quiz que eu fosse o iniciador da fundação d'esta sociedade, se a tenho acompanhado sempre nas suas lidas e se lhe hei prestado alguns serviços, em tudo isto não tenho feito mais que cumprir os meus deveres.

São dignos dos maiores encomios todos os meus companheiros, que lançaram a primeira pedra n'este magestoso *edifício pharmaceutico*, companheiros, cujos corações vivificava a chamma do mais vivo e puro amor da sciencia que professámos; e não menos dignos são os novos campeões que, cheios de fé e de coragem, têm vindo alistar-se em volta do nosso pendão, hasteado em 24 de julho de 1835.

Á nova geração pharmaceutica está confiado o futuro d'esta sociedade; a recompensa dos vossos trabalhos achal-a-heis na vossa consciencia e na publica gratidão; porque, se a patria tem corôas de louro para os que a defendem no campo, tambem as tem de flores para os que no gabinete a servem.

Saúdo, pois, n'este acto tão solemne e de tão gratas recordações, a sociedade pharmaceutica lusitana pelo seu quadregésimo terceiro anniversario; faço votos pela sua conservação e engrandecimento; e agradeço ás damas e cavalheiros estranhos a esta associação o terem-se dignado honrar com a sua presença esta solemnidade.

Disse.

Havendo sido inscriptos para fallar n'esta sessão, os ex.^{mos} srs. Aleixo Tavano e João José de Sousa Telles, o sr. presidente deu a palavra ao sr. Tavano que, em nome da associação dos melhoramentos das classes laboriosas, leu a seguinte saudação á sociedade:

Senhores: — Chamado a substituir quem devêra satisfazer a missão que venho desempenhar, principiarei pedindo a benevolencia d'este illustrado auditorio para relevar-me as fal-

tas em que possa incorrer; por quanto, apesar de conhecer a minha insufficiencia, tive de obedecer ás determinações da associação, a que tenho a honra de pertencer.

Serei breve para vos não molestar.

No seio da sociedade pharmaceutica lusitana venho depor com extremo jubilo, como interprete dos sentimentos que acompanham n'esta hora a associação dos melhoramentos das classes laboriosas, o testemunho de consideração e respeito que tributa a um consocio, que, com a maxima prudencia e acerto, exerceu o cargo de presidente da sua direcção.

E hoje, senhores, a associação dos melhoramentos das classes laboriosas congratula-se de fazer parte da vossa solemne sessão, porque se inaugura nos annaes da sociedade pharmaceutica lusitana mais um capitulo, destinado a perpetuar o nome de um venerando ancião, nome engrinaldado de rescendentes virtudes tão singulares, que se tornaram dignas de ser narradas neste recinto com a voz eloquente de distinctos escriptores, bem conhecidos na republica das letras pela sua erudição, quaes os que me precederam, e o sr. João José de Sousa Telles, que vae seguir-se.

O dia de hoje, senhores, ficará memorado no animo de todos os consocios d'esta associação, porque lhes recordará o obreiro, que encaneceu no estudo e no desempenho de importantes commissões de interesse publico, que os poderes do estado e a sociedade por muitos annos lhe confiaram.

O dia de hoje ficará memorado nos fastos d'esta sociedade, porque revelará aos vindouros a sua feição caracteristica, a da gratidão, conferindo o devido premio a um consocio probo e intelligente, e incansavel operario do bem estar da humanidade.

O dia de hoje proclamará bem alto aos nossos descendentes, que o trabalho honrado, enthesourando os segredos da sciencia, constituiu no seculo xix o primeiro brasão dos filhos do povo, que nasceram sob o influxo dos raios do brilhante sol, que illumina o torrão lusitano.

E finalmente, meus senhores, o dia de hoje ficará gravado

com caracteres indeleveis na abobada d'este templo da actividade da mui illustre sociedade pharmaceutica lusitana, porque attestar a posteridade o seu zelo e dedicação ao desenvolvimento da sciencia, na parte que lhe competia; o seu louvavel empenho em promover o engrandecimento da sua classe; e o reconhecimento a um fundador d'esta sociedade, que sempre se manteve cidadão prestante, leal amigo, companheiro fiel, e firme defensor da patria liberdade; tal , meus senhores, o socio, o sr. Jose Dionysio Correa.

Companheiros do trabalho! Aceitae os parabens que, *ab imo corde*, a associação dos melhoramentos das classes laboriosas vos envia, como homenagem  nobreza dos vossos sentimentos, e como penhor de apreço s eminentes qualidades que vos incitaram a por em prática esta solemne festa.

Proseguir com energia no vosso glorioso labor! Pedi a Esculapio que vos sirva de guia!

Abri com o escalpello da s razão novos e profundos sulcos no descobrimento da verdade, entre os systemas dos sabios sobre a conservação da vida!

Aquecei as retortas do vosso laboratorio com as ardentes chammas da intelligencia, esclarecida por maduro estudo!

Alargae o horisonte dos conhecimentos humanos com minuciosas analyses, dirigidas pela experiencia e engenho!

Velae com acrisolado amor pelo progresso da sciencia que cultivaes com tanto esmero, que a patria e a sociedade, reconhecidas, tecero corôas de louro para offerecer áquelles que distinctamente contribuiram para a sua vitalidade; e de todos os angulos d'este edificio sentireis os echos repetindo aos vossos ouvidos os brados unisonos do povo: Salve! salve! benemerita sociedade pharmaceutica lusitana!

O sr. *Sousa Telles*, usando da palavra, fez a leitura do discurso seguinte:

Senhores: — Commemorando os dotes de um dos homens mais honrados, que tem nascido em Portugal, o venerando Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, dissera o principe dos poetas dramaticos portuguezes, o inimitavel visconde de

Almeida Garrett, por quem sempre o Tejo chora, que a vida dos homens publicos é parte da historia do seu paiz.

Ainda não ha um anno com estas mesmas palavras abriu o seu famoso discurso, recitado perante o corpo cathedratico da escola medico-cirurgica de Lisboa, e um numeroso e luzido concurso de sabios e estudantes, o talentoso e sympathico professor de anatomia pathologica, José Curry da Camara Cabral, ornamento d'aquella escola e da classe medica, cujo peregrino talento ninguem, que o conheça, deixará de admirar e appetecer. Das mesmas palavras me sirvo eu hoje para thema do breve discurso que a gratidão e o respeito, que consagro ao ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa me inspiraram, e que á vossa benevolencia peço me concedam recitar.

O auctor do *Fr. Luiz de Sousa, do Catão, da Merope, das Viagens na minha terra*, e de tantos outros primorosos monumentos litterarios, louvando um dos muitos heroes, aos quaes se deve o triumpho e consolidação das idéas liberaes, e a profunda transformação social, que de novo fez entrar Portugal no convívio das nações cultas, do qual se affastára depois de ter assombrado o mundo com suas descobertas e conquistas, e de ter andado muito tempo na vanguarda dos povos civilisados, concentrou a sua vista de aguia no individuo, e proclamou uma eterna e grande verdade, que infelizmente os historiadores quasi sempre esquecem, ou porque a vastidão do edificio, que tentam construir para a posteridade lhes não permite attender aos pormenores, embora valiosissimos, ou porque, fascinados pelos esplendores verdadeiros ou falsos, que se irradiam de certos vultos, condemnam ao olvido, infinitos outros tanto ou mais dignos, que os primeiros de figurarem sobre altos pedestaes no patheon da historia, recommendados á estima e veneração das gerações futuras pela tuba altisonante de Clio.

A philosophia moderna, inundando de luz a historia, transformou-a completamente, e imprimiu-lhe um caracter de severa mas serena e aprazivel austeridade. Baniu d'esta provincia dos conhecimentos humanos as mythologias anti-

gas, creadas pela brilhante imaginação dos orientaes, e vulgarizadas depois no occidente pela formosa lingua do povo romano, que as aprendêra na Grecia; proscreeu o maravilhoso das religiões; condemnou os mythos populares; despojou-a com mão impiedosa, porém justiceira, das flores e atavios da poesia, que, exornando-a, a falseavam, e reduziu-a ás condições de um monumento grandioso, como as pyramides do Egypto, e como ellas destinado a desafiar o embate violento das tempestades, e a dizer aos seculos, que hão de vir, em linguagem concisa e persuasiva, unicamente a verdade.

Affligem-se muitos com este demolir incessante, assustam-se com o estrondo, que os materiaes inuteis do velho edificio produzem ao desabar sob os golpes potentes dos arrojados devastadores do que não presta, cerrando os olhos para não verem, que no solo alastrado ainda de ruínas, enxameam os obreiros do futuro, illuminados pela resplandecente luz da idéa nova, reconstruindo o edificio da historia, com o mesmo entusiasmo, com que os vassallos de Dido, tão primorosamente cantados pelo Mantuano, erguiam Carthago sobre as despreziveis choças dos rusticos africanos.

A revolução de 1789 foi hontem, e comtudo d'esses obreiros infatigaveis do progresso, que convulsionaram o mundo social, e que fizeram em pedaços as pezadas algemas do dogmatismo theologico, para só prestarem culto á rasão esclarecida pela sciencia, uns prostrou-os a morte, extenuados de fadiga, mas aureolados de gloria, antes de verem concluida a sua obra, e resuscita-os a cada momento a nossa admiração, relendo seus escriptos: taes foram, entre infinitos mais, Voltaire, Rousseau e Montesquieu; outros, cumprida a sua missão providencial, eclipsaram-se, como astros, que, aberrando de suas orbitas, fossem illuminar novos e desconhecidos mundos, sem que ao menos lhes saibamos os nomes, ou aniquilaram-se, como plantas, que depois de terem perfumado a atmosphera com seus aromas, e encantado a vista com a gentileza de suas flores, perdido o viço e paralysada a seiva, se resolvessem em humus, confundidas com os detritos dos outros seres.

Confrange-se-nos o coração com o cynico desamor, com a proterva indiferença, com que se nega ao merecimento a veneration posthuma, a que tinha inquestionavel jus, e a vilissima adulação, que ousa engrinaldar de immarcessiveis hymnos homens, que as mais das vezes a cegueira do acaso assentou n'um throno aurilusente, e immortalisar-lhes o nome, condemnando a eterno esquecimento os que, nascidos em berço humilde e desprotegidos da boa fortuna, que a tantos immerecidamente exalta, fizeram da patria os seus amores, o seu idolo, o seu ideal, pondo ao serviço da communitate a intelligencia, o trabalho, o sangue e até os minguados haveres, em detrimento das esposas e dos filhos.

Felizmente a epocha em que vivemos é mais justiceira e rasoavel. Acatando a realeza, magistratura suprema instituida pelos povos no goso de seus inauferiveis direitos, e respeitando e amando os reis, quando elles pelos dotes da intelligencia, pelas qualidades do coração, pela inteireza do character, pelo cumprimento dos seus deveres publicos, e pela honestidade da sua vida domestica, são dignos do respeito e amor dos vassallos, reconhece e proclama quotidianamente a realeza da intelligencia, a realeza do trabalho e a realeza da virtude de qualquer cidadão, por mais humilde e obscuro que seja, sem inquerir se no sangue lhe circulam ainda alguns globulos fidalgos, sem lhe perguntar se procede de gente limpa e abastada, ou de paes incognitos, se ao sair do seio materno encontrou preparado para recebel-o um berço fôfo e quente, ou a dura e fria roda dos engeitados, triste receptaculo dos que a miseria e quasi sempre a horrenda ingratição dos paes arremessa para este oceano de turbulentissima proudeza chamado sociedade, á mercê do destino.

Para a realisacão d'este grande acto de justiça social, que eleva os humildes e lhes inscreve os nomes nobilitados pelo trabalho nos annaes da historia, tem principalmente concorrido a imprensa periodica e as sociedades scientificas.

D'ora em diante o historiador, digno d'este titulo, não terá mer. e de revolver e desempoeirar os documentos, que ja

zem nos archivos á espera de quem os interrogue; não terá sómente de solettrar a inscripção meio apagada; de interpretar os symbolos e legenda da moeda, que o alvião ou o arado trouxe á flôr da terra; de apreciar o valor de uns ossos desconjuntados e carcomidos, associando assim as letras dispersas do alphabeto com que ha de ler o passado.

De ora em diante terá também de examinar attento estas chronicas redigidas ao correr da penna que denominámos jornaes, e as memorias academicas, onde a devoção scientifica ergue modestos, mas sinceros monumentos aos benemeritos das sciencias, das letras, das artes, a todos, que se honraram e nobilitaram a patria, concorrendo com o seu contingente para bem da humanidade.

Convencido, pois, de que os annaes das corporações scientificas e litterarias hão de subministrar valiosos subsidios á historia, quer no tocante aos factos de que ellas se occupam, quer no relativo aos individuos, que mais se tiverem avantajado em serviços ás sciencias e ás letras, não me soffreu o animo assistir silencioso a esta solemnidade.

Usando da palavra, pretendo apenas erguer um singelo padrão commemorativo dos relevantes serviços, que a Portugal e á classe pharmaceutica tem feito o cavalheiro, que esta sociedade excepcionalmente distinguiu, elegendo-o por unanimidade seu presidente honorario; e saldar uma divida, antiga mas não prescripta, para que me não sejam applicaveis aquellas palavras do philosopho Seneca, a outro proposito citadas pelo nosso mavioso e correctissimo Bernardes:

«É ingrato o que nega haver recebido o beneficio; ingrato o que lhe não dá retorno; ingrato o que dissimula; porém ingratisimo o que d'elle se esquece.»

No centro d'esta sociedade, ha hoje muitos annos, sendo eu ainda estudante, foi o meu obscuro nome citado com imerecidos louvores, e engrandecido com phrases em extremo benevolas, pelo ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, que honrando a minha humildade e enchendo de jubilo, como era natural, o coração amantissimo de meu pae, propoz que fosse inserido

no jornal da sociedade pharmaceutica um escripto meu, que ousára publicar em obediencia á vontade do meu sabio e venerando mestre, o conselheiro Bernardino Antonio Gomes, cuja morte ainda assás não pranteámos, e cujo nome os seus biographos escreveram já com letras de oiro no catalogo dos famosos sacerdotes da medicina.

Permitti, pois, senhores, que o estudante de outr'ora, a cujos ouvidos soaram tão harmoniosamente os applausos não esperados, não pedidos, nem merecidos, d'aquelle honrado ancião, que n'elle se dignou pôr os olhos, seja o interprete dos sentimentos da grande familia pharmaceutica, que embora esteja espalhada por todo esse reino, em espirito está de certo n'esta hora unida a mim, e diguae-vos continuar a prestar-me a vossa attenção.

Não costumam as academias inventariar os serviços de seus benemeritos, nem lavrar-lhes solemne auto de agradecimento, se não depois que a pallida morte lhes abriu simultaneamente o estreito e melancholico jazigo e as altas portas da eternidade.

Seguindo esta pratica, privar-me-hei agora de colligir os factos, que lustram e esmaltam a vida do sr. José Dionysio Corrêa, com os quaes me seria não só facil mas summamente delectavel tecer-lhe a corôa, que alguem mais habil do que eu ha de fabricar um dia, que Deus afaste, para depôr sobre a sua sepultura orvalhada com as lagrimas de todos os seus collegas e amigos.

Outrem dirá, como, infante ainda, começou o estudo das humanidades, para realisar o qual não havia, antes da restauração liberal de 1833, meios tão numerosos e facéis, como hoje se deparam á meninice e á juventude; outrem dirá como se iniciou na pratica da pharmacia, n'aquelles tempos sujeita a rudes provas, longo e severo noviciado de que os actuaes estudantes não podem fazer idéa; como, conquistado o seu diploma, e pharmaceutico já, foi frequentar o notavel curso de physica e chimica, que Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, um dos portuguezes mais distinctos d'este seculo

pela vastidão dos seus conhecimentos e pela firmeza e independencia de seu character, como todos sabem, e bem alto o disse o primeiro bibliographo portuguez Innocencio Francisco da Silva, professou gratuitamente no anno de 1824 e seguintes, no real laboratorio de chimica da moeda; como pela sisudez do seu character e muita applicação grangeou a estima do grande chimico e notavel estadista até ao dia, em que falleceu, em consequencia dos ferimentos, que recebêra na acção pelejada em Torres Vedras a 22 de dezembro de 1846; como proficientemente exerceu a chimica n'um acreditado laboratorio, até entrar por concurso muito honroso a dirigir a pharmacia do hospital real de S. José de Lisboa, por todas as rasões o primeiro estabelecimento nosocomial do paiz.

Não esquecerão ao panigyrista do ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, a sua inexcedivel assiduidade no cumprimento dos deveres do seu cargo; o zêlo com que se dedicou ao engrandecimento e reforma d'aquella vasta e bella officina, nem a coadjuvação esclarecida, que prestou sempre a todos os cavalheiros, a quem foi confiada, em diversas epochas, a superintendencia do hospital e seus annexos.

Narrar-vos-ha, como sereno, tranquillo e armado da resignação heroica, que nasce da probidade professional, se conservou firme no seu posto de honra, assistindo sem empallidecer ás furiosas investidas de tres epidemias, uma das quaes o feriu tão cruelmente, que nunca mais readquiriu a anterior robustez.

Mostrar-vol-o-ha, repartindo o tempo, sem damno de nenhuma das suas obrigações, na direcção dos labores da pharmacia hospitalar; no ensino theorico e pratico na escola de pharmacia, annexa á escola medico-cirurgica, onde antecedeu o meritissimo professor o sr. José Tedeschi, e onde foi ferido por uma explosão do apparelho de Marsh, como pela explosão do apparelho de Thilorier foi ferido e morto em 1840, na escola de pharmacia de Paris, o esperançoso e infeliz Hervy; mostrar-vol-o-ha nas lides do conselho de saude publica do

reino; em muitas e mui espinhosas commissões de serviço publico; e no governo de sua casa e educação de seus filhos; e permita a Providencia, que na sua palheta encontre o artista, que houver de fazer-vos o retrato moral do ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, tintas bem finas e bem vivas para vol-o representar tal qual foi; delicadissimo, meigo e affectuoso, a não poder ser mais, com a esposa e filhos; castissimo na vida intima, e não menos na publica, onde a sua urbanidade não poderia ser excedida, enthusiastico, quasi fanatico, festejador do merito, onde o via, ou onde lhe parecia vel-o.

Se tantas e tão peregrinas qualidades, se tantos e tão uteis trabalhos, além do muitissimo, que me vejo obrigado a omitir, bastariam para a incontestavel gloria do nosso dignissimo presidente honorario, mais que tudo o ennobrece, e lhe sobreleva o valor o ter fundado a sociedade pharmaceutica lusitana.

E como possa acontecer, que algumas pessoas, ligando mais importancia do que merecem aos epigrammas de Bocage e Tolentino, e illudidas pelas injustas e grosseiras declamações da ignorancia, cujo alvo muitas vezes é a pharmacia e a medicina, julgem menos bem fundamentada a minha asserção, rasoavel me parece que em breves palavras lhes demonstre pelo raciocinio, e com a auctoridade insuspeita de abalisados escriptores, quão util e indispensavel é a sciencia pharmaceutica, e quão grandes serviços podem prestar á communitade os que a exercem.

Assim como na semente das plantas jazem confundidos os elementos phytogenicos, que, tocados pelo pollen e sob a influencia dos agentes telluricos e atmosphericos, pouco a pouco se discriminam em caulesinho e gemula, e vencida a resistencia da terra, se engrandecem em caule e folhas, e flores e fructos, assim estiveram no principio confundidas e assim vegetaram e cresceram a medicina, a cirurgia e a pharmacia, sem caracteres differenciaes, sem existencia propria, sem denominação especial.

Correram os seculos, e aquellas tres entidades, chegando

ao periodo da sua evolução, em que deveriam, sem se desligar de todo, ostentar vida independente, constituíram-se sciencias autonomicas e perfeitamente limitadas pelos fins peculiares, a que se destinavam, e pelos meios, que empregavam para os realisar; vindo portanto cada uma d'ellas a ter os seus factos, as suas theorias, os seus systemas, as suas applicações e conseguintemente os seus cultores, e verificando-se a seu respeito a formosa lei economica da divisão do trabalho intellectual e mechanic, com todos os seus importantes resultados.

Estudar as substancias medicamentosas, que a milhares e milhares nos offerecem o reino animal, vegetal e mineral; collhel-as, quando são indigenas, depural-as, pol-as em condições de boa conservação; prevenir as alterações, a que estão sujeitas; adquirir as drogas exoticas, reconhecer o seu valor medicinal, discriminial-as das especies commerciaes, com que podem confundir-se, preferir as melhores ás de somenos importancia, verificar as infinitas alterações, que naturalmente podem ter soffrido, e as infinitas sophisticações, que lhes fazem os negociantes de má fé; acondicional-as de modo que não percam as suas primitivas virtudes, extrahir d'ellas os principios activos; preparar os compostos chimicos, que a medicina utiliza em grandissimo numero, ou verificar a sua identidade e pureza, quando é mister pedil-os ao commercio; preparar os medicamentos officinaes e magistraes, e subministrall-os, bem como fazer ou adquirir e conservar numerosos apparatus e instrumentos, que a medicina operatoria exige, tal é o objecto da pharmacia, tomada a palavra pharmacia no sentido mais restricto.

Mas, na accepção lata, na sua verdadeira accepção, a palavra pharmacia é a geographia, principalmente a geographia commercial; a physica; a chimica mineral, organica e applicada; a mineralogia; a hydrologia; a meteorologia; a zoologia; a botanica, a pharmacologia ou historia natural das drogas simples; é a toxicologia e a pharmacia propriamente dita, ou pharmaceutica, como lhe chamou Cap.

Intimamente ligada com tantas e tão vastas e tão importantes sciencias, á pharmacia compete um logar eminente na categoria dos conhecimentos humanos, não só pelo valiosissimo thesouro de factos, que a enriquecem, mas tambem pelos incalculaveis serviços, que presta á commuidade, em toda a parte e em todas as circumstancias.

Esta verdade resolutamente a proclama Dupiney de Vorepierre no seu optimo livro, dizendo :

«Que a pharmacia é hoje uma sciencia exacta como a physica e a chimica ; e que a profissão pharmaceutica merece ser contada, não só entre as mais uteis, mas entre as mais honrosas, porque innegavelmente constitue uma profissão liberal, como se reconhece vendo a extensão e variedade de conhecimentos, que se exigem aos que pretendem o diploma de pharmaceuticos.»

Nem é menos expressivo e verdadeiro o testemunho do immortal Virey, pharmaceutico, medico e escriptor, que a França se orgulha de contar entre os seus filhos predilectos.

No breve mas substancioso artigo da *Encyclopedia moderna*, em que este sabio esboçou a historia da pharmacia, chegando ao seculo xvi, diz o elegante auctor da *Historia natural do genero humano* :

«Com o seculo xvi e xvii começa um periodo brilhante para a pharmacia e para os conhecimentos naturaes e chimicos.

«A historia das sciencias não póde esquecer que a arte pharmaceutica fez produzir grande numero de mineralogistas, de botanicos, de zoologistas e de chimicos celebres, aos quaes a posteridade deve o desenvolvimento de muitas artes e da sua industria actual.

«Foi no seculo xviii, que a pharmacia, herdeira dos trabalhos de tão illustres antepassados, concorreu poderosamente para o florescimento geral das sciencias. Seria impossivel expor aqui quanto estas devem aos immensos trabalhos de Rouelle, de Macquer, de Bergmann, de Scheelle, de Priestley, Kirwann, Bayen, Lavoisier, Fourcroy, Guyton de Morveau,

Berthollet, Klaproth, Parmentier, Proust, Davy, Baumé e a tantos outros, muitos dos quaes ainda estão vivos, trabalhos que tanto têm elevado os vastos conhecimentos conservadores da humanidade.

«É mister não esquecer, continua Virey, que todos os assumptos importantes da salubridade publica, a analyse das aguas, a analyse do ar, e a sua desinfecção, o exame especia dos productos naturaes e a sua composição chimica, o seu emprego diario na alimentação, na economia domestica e rural, que todas as artes nascidas da liberdade industrial são tributarias dos estudos pharmaceuticos e chimicos. A conservação dos alimentos e bebidas, e bem assim a sua melhor preparação; a extracção e purificação dos corpos gordos; a distillação dos liquidos espirituosos; a fabricacção dos saes, dos acidos, dos sabões e de outros productos; o fabrico do assucar e das côres, os processos tinturiae e a industria das materias texteis, e do seu branqueamento, e mil outros labores industriaes reclamam as luzes do pharmaceutico-chimico e naturalista, independentemente das suas especiaes attribuições, relativas á medicina e therapeutica.»

«É por isto, que a pharmacia conquistou um alto logar nas academias da Europa.»

Ineffavel prazer nos deve causar, o ouvir da bôca de tão intelligente, erudito e honrado medico e pharmaceutico, esta solemne asseveração, que a um tempo glorifica a pharmacia, e os que a exercem.

E assim como os descendentes dos grandes homens, que por seus heroicos feitos se immortalisaram, se sentem inundados de luz e cercados de gloria ao contemplarem as accções illustres dos remotos avoengos, assim tambem se devem ufanar os pharmaceuticos, quando, abrindo o grande livro da historia, n'elle virem em caracteres indeleveis na extensa lista de seus predecessores, nomes tão preclaros como os de Charas, cuja pharmacopeia foi traduzida em quasi todas as linguas e até na chineza; de Lamery, de quem foram discipulos, alem de muitos outros, Tournefort e o grande Condé; de

Macquer; de Bayen, o creador da pharmacia militar, que começando a aluir com suas experiencias a doutrina de Stahl, abriu o caminho ás gloriosissimas descobertas de Lavoisier; de Baumé, o inventor do areometro, a que o seu nome ficou vinculado; de Parmentier, o bemfeitor das classes pobres, de quem um escriptor notavel disse: «que era um philantropo na bella accepção da palavra», e que alem de muitos trabalhos importantissimos, conseguiu após uma lucta homérica contra a ignorancia e preconceitos de seus conterraneos, dotar a França de um alimento precioso, o *solanum tuberosum*, ou batata, cuja cultura em 1858 produzia n'aquelle paiz, graças aos inauditos esforços do sabio pharmaceutico, mais de 200 milhões de francos, entrando por um sexto na alimentação do povo francez; de Scheelle, que não obstante ser extremamente pobre, engeitou as propostas do rei da Prussia, que desejava tel-o a seu lado, e cujas memorias mereceram o epitheto de inimitaveis; de Proust, o companheiro de Pilatre de Rosiers, um dos fundadores da philosophia chimica, o descobridor do assucar de uvas; de Vauquelin, exemplo vivo de quanto podem o amor da sciencia e do trabalho, que começando como serviçal n'uma botica de Rouen, e entrando depois em Paris com o minguado peculio de seis francos, conquistou com a sua intelligente applicação á pharmacia, a amizade de Fourcroy, de quem foi collaborador e substituto, e os honrosos logares de membro da academia das sciencias, de professor da escola polytechnica, de inspector e professor de docimasia, na escola de minas, e de professor de chimica applicada ás artes no museu de historia natural; de Rouelle, mestre de Macquer, Darcet e Cadet, que teria tido a gloria de descobrir a lei de Wenzel, se como este conhecêra o emprego da balança nos estudos chimicos; de Davy, que creou a electro-chimica, que descobriu o potassium, o sodium e o calcium, e cujo nome os mineiros de todo o mundo devem abençoar por ter sido o inventor da lampada de segurança.

○ Não julgueis, porém, senhores, que a pharmacia, não

obstante a sua incontestavel importancia e esplendor, e apesar dos incalculaveis serviços que á civilisação têm feito seus cultores, haja sempre e em toda a parte conseguido sem esforços inauditos, e sem profiada lucta contra a ignorancia, contra a inveja, contra a indifferença, e contra o desamor de governos e povos, assumir o logar que lhe compete a par das outras sciencias.

«Se nos tempos heroicos, diz o nosso erudito collega o sr. Candido Joaquim Xavier Cordeiro, administrador do dispensatorio pharmaceutico da universidade de Coimbra, e irmão do melodioso e afamado poeta Xavier Cordeiro, a quem as musas inspiraram os primeiros versos entre os labores de uma pharmacia em Lisboa, se nos tempos heroicos os imperadores e os reis não desdenhavam cultivar a arte de curar as molestias e preparar os medicamentos, na idade de ferro e da barbaridade esta sciencia e seus cultores eram desprezados pelos grandes e só no leito da dôr eram acolhidos, e até procurados, o que lhes valeu a protecção e immuniidades, que mais tarde foram obtendo os medicos, conseguindo, que nas universidades, que depois do seculo XIII se foram estabelecendo na Europa, fosse professada a medicina, não sem viva opposição dos theologos e dos juristas, que não concediam á medicina o fôro de sciencia. Porém, se os chamados physicos obtiveram para si estas immuniidades, os cirurgiões e pharmaceuticos, que não tinham o mesmo acesso junto aos grandes, ficaram desprezados e esquecidos, por aquelles mesmos, que deveriam ser como irmãos e seus protectores natos. D'esta sorte enquanto os physicos, ostentando-se nos doutoraes com os seus novos collegas, os theologos e os juristas, monopolisavam todos os conhecimentos medicos, negando o pão do espirito a seus companheiros ou, se quizerem, coooperadores na mesma santa cruzada de alliviar a humanidade enferma, eram o exercicio da cirurgia e pharmacia equiparados aos mais mesquinhos officios e occupações.

«Em França, em 1560, foram os pharmaceuticos reunidos aos especieiros, ou o que vale o mesmo aos droguistas ou

tendeiros; e em 1656, os cirurgiões foram incorporados aos barbeiros.

«Esta falta de consideração, continua o sr. Xavier Cordeiro, deu em resultado, como era inevitavel o desgosto para o exercicio de taes artes e d'aqui a falta do pessoal necessario á saude e bem estar dos povos, chegando a tal ponto esta falta, em relação á pharmacia, que no nosso paiz depois de muitos clamores dos mesmos povos, se viu o rei obrigado, em 1449, a convidar um pharmaceutico de Africa, o mestre Ananiás, judeu, a vir para Portugal, como de feito veio, com sua botica e ajudantes, mediante a garantia de regalias e privilegios para si e seus successores. Isto concorreu para elevar a classe pharmaceutica á posição, que lhe competia, de que havia sido esbulhada, dando-se-lhe por lei todos os fóros de nobreza e isenções, que eram n'aquelle tempo concedidos aos medicos ou mestres physicos, regalias que em outros paizes se lhes outorgaram, como na Italia, onde aos medicos e pharmaceuticos a lei concedia, como aos nobres, trajar pelles de arminho.»

Se aquelle rei, obrigado pelas reclamações dos povos, como diz o sr. Xavier Cordeiro, desviou por um momento os olhos dos negocios politicos para os fixar na classe pharmaceutica, pouco ou nada attendeu, bem como os seus successores, ás suas mais urgentes necessidades, porque durante o larguissimo periodo de mais de tres seculos nenhuns estudos regulares se lhes proporcionaram.

Ainda assim desprotegidos e entregues aos proprios esforços, puderam alguns pharmaceuticos conquistar renome e honrar sobremodo a sua profissão; taes foram, entre outros, na Italia, Matheus Palmieri, pharmaceutico em Florença, escriptor notavel e por differente vezes escolhido como embaixador junto ao rei Affonso de Napoles, do pontifice Paulo II, e da republica de Veneza; e em Portugal, Thomé Pires, natural de Leiria, pharmaceutico do principe D. Affonso, infelizmente filho de D. João II, cuja morte desastrosa na Ribeira de Santarem, deu a el-rei D. Manuel o sceptro, que tão heroicamente empunhára o principe perfeito.

Thomé Pires, cujos altos dotes attestam João de Barros, o *Livio portuguez*, e Gaspar Correia, o auctor das *Lendas da India*, e a respeito do qual, como escrupulosamente averiguou o nosso douto consocio o sr. commendador José Tavares de Macedo, todos os historiadores portuguezes concordam em que, alem da sciencia, possuia muito bom juizo, e que era dotado de natural generoso, de aprazivel trato até nos negocios publicos, e muito curioso de aprender e examinar as cousas, com um espirito vivo para tudo, depois de ter sido encarregado pelo grande Affonso de Albuquerque, de varias commissões, de que sempre deu boa conta, foi escolhido pelo governador da India, Lopo Soares de Alvarenga, para ir como embaixador de Portugal ao rei da China.

E tal foi a maneira por que se houve n'aquella missão, por igual gloriosa e difficil, que, apreciando as suas qualidades como homem, como politico e como naturalista, assim se exprime o honrado e intelligente academico a quem ha pouco me referi:

«A embaixada da China, de que foi encarregado Thomé Pires, não era uma d'aquellas legações, em que o ministro vae já contando com as grandes festas, que lhe hão de fazer, e com o prazer, que espera gosar; retribuindo com grande fausto e apparatus os applausos que espera. Para a embaixada de Thomé Pires, era necessario um homem de alta intelligencia e de um saber positivo: tinha a observar os productos do paiz e a julgar d'elles por comparação com os das outras regiões; devia observar os costumes e estylos do paiz, devia tratar com uma corte civilisada, mas de costumes inteiramente diversos dos da Europa, e ainda dos outros reinos da Asia: era finalmente necessario que pela sua intelligencia nas negociações, e pelo seu modo de proceder não ficasse abaixo do que convinha ao nome portuguez, altamente elevado então na Asia pelos feitos do grande Albuquerque, a quem foi succeder Lopo Soares: e não é pequena gloria para a nação portugueza, que lhe não faltasse portuguez para uma tal commissão, nem é menos honroso para a nobre classe dos pharmaceuticos por-

tuguezes, que um dos seus membros fosse com rasão julgado o homem mais apto para tão difficil e alto encargo.»

Mas que importava que os pharmaceuticos dessem da sua aptidão e saber tão gloriosas provas, se o destino, para me servir da linguagem mythologica, ordenára, que a pharmacia e seus sacerdotes só ao cabo de innumeradas fadigas, e após desconsoladoras desillusões, conseguissem obter a instrucção methodica e larguissima, que a theologia, o direito, a philosophia e até as linguas mortas se julgavam com jus a monopolisar?!

Desprezada no seculo acolheu-se a pharmacia aos claustros.

Ali teve ella cultores respeitaveis por virtudes e saber; officinas espaçosas e bem providas de drogas e medicamentos; todos os apparatus então conhecidos para as manipulações pharmaceuticas e chemicas; e vastas livrarias, ricas do que as sciencias naturaes, medicas e pharmaceuticas possuíam n'aquelles tempos.

De ali saíram tambem pharmaceuticos habilissimos e dotados de muita probidade, que deve ser a principal virtude dos que se dedicam a qualquer dos ramos da medicina.

De entre os sacerdotes, que nos mosteiros praticaram a pharmacia e a ensinaram, ainda hoje são lembrados: fr. João de Alcobaça, de nação francez, exemplar de virtudes, tido em vida e depois da morte em conta de santo; D. Caetano de Santo Antonio, conego regente de Santo Agostinho, pharmaceutico do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, auctor da *Pharmacopéa lusitana*, da *Pharmacopéa lusitana reformada* e da *Pharmacopéa bateana*; D. Antonio dos Martyres, conego regente de Santo Agostinho, auctor do *Collectaneum pharmaceutico* e de outra *Pharmacopéa bateana*; fr. João de Jesus Maria, monge beneditino, e administrador da botica do mosteiro de Santo Thyrso, que escreveu a *Pharmacopéa dogmatica*; e fr. Christovão dos Reis, carmelita descalço, administrador da botica de Nossa Senhora do Carmo, da cidade de Braga, a cuja penna se devem as *Reflexões experi-*

mentaes methodico-botanicas, muito uteis e necessarias para os professores de medicina e enfermos.

Se em 1772, na reforma da universidade de Coimbra, realisada pelo grande estadista marquez de Pombal, a pharmacia obteve algum beneficio, legislando-se, que os que se destinassem á profissão de pharmaceuticos não seriam admittidos a praticantes na botica da universidade, sem terem primeiro trabalhado dois annos no laboratorio chimico, ouvindo ao mesmo tempo as explicações do lente; e que só depois se matriculariam, praticando sob a direcção do pharmaceutico administrador, podendo ao cabo de dois annos fazer exame perante o pharmaceutico administrador, o lente de materia medica e o seu demonstrador sobre tres pontos em chimica, e outros tres em pharmacia; e se se determinou que fossem creados dez partidos para aspirantes pharmaceuticos, e que aos habilitados por aquelle processo se dêsse a preferencia no provimento dos partidos das camaras; o legislador nem pretendeu levantar a pharmacia do abatimento, em que estava, antes só teve a peito servir a medicina, como muito bem ponderou o sr. Xavier Cordeiro, nem remediou com tão acanhada reforma os gravissimos defeitos da legislação pharmaceutica, a mais informe, cahotica, mesquinha e injusta de quantas regulam de ha muito em Portugal os varios serviços publicos.

Um pharmaceutico portuguez dotado de grande intelligencia e probidade, profundo e seriissimo investigador das cousas pharmaceuticas, e zelosissimo do decoro da sua classe de que é, incontestavelmente, um dos benemeritos, o sr. Pedro José da Silva, apreciando a reforma da pharmacia, feita pelo marquez de Pombal, exarou no seu precioso livro, no qual se admiram o zêlo intemerato do obreiro infatigavel, e os lampejos da sua critica, esclarecida e imparcial, as seguintes palavras, que são a genuina expressão da verdade, exposta com gentil e notavel desassombro:

«Nos estatutos de 1772, alguma cousa se incluiu tocante á pharmacia; mas, por singularidade inexplicavel, onde se de-

terminaram vastos horisontes de cultura das sciencias e ampla protecção e valiosas prerogativas em favor dos que as estudavam, introduziu-se o antigo *regimento dos médicos e boticarios christãos velhos*, cerceado e desfigurado em tudo, que elle tinha de bom, mesquinho de valor, e remisso de generosidade para os que se destinavam para pharmaceuticos.»

Infelizmente os factos justificam a opinião do nosso collega Pedro José da Silva.

Fiados na indifferença dos poderes publicos, muitos individuos, sem probidade e sem sciencia, quasi analphabetos, arrogam-se o titulo de pharmaceuticos, estabelecem pharmacias por todo o reino, deslustram a profissão, que nem conhecem, nem prezam, e compromettem a saude e vida de seus concidadãos, sem se lembrarem que já em tempo de D. João III, o povo, em sua linguagem chã e expressiva, dissera em côrtes, *que depois de Deus, a vida dos homens está nos pharmaceuticos*.

A lastimavel decadencia, a que a pharmacia chegára no reino e nos dominios do ultramar suscitou a creação da junta do proto-medicato, cujas providencias, relativas á pharmacia, exigindo como preparatorio, aos aspirantes de pharmacia, o latim, e regulando as visitas ás pharmacias, e os exames, deveriam ser de mui pouco alcance, a julgar pelo que ainda hoje se observa com profunda mágua dos pharmaceuticos dignos d'este nome, a respeito da instrucção e policia pharmaceutica.

Em 1808, resurge a physicultura mór do reino, e com o restabelecimento d'aquelle tribunal, aggrava-se sobremodo a situação da pharmacia.

Com sombrias côres, como o assumpto pedia, mas sem a minima exaggeração, pintou o sr. Rodrigues Cordeiro o periodo de 1808 a 1834:

«É triste e degradante para a pharmacia portugueza, diz o illustrado professor, este periodo de vinte e seis annos decorridos até 1834, em que começou uma era de esperança para os pharmaceuticos, que todavia ainda a não viram realisada!

«Não mais se exigiu habilitação para os exames; as visitas serviam só para extorquir aos pharmaceuticos uma pesada contribuição; os exames faziam-se em qualquer comarca, onde houvesse um delegado, e procuravam-se sempre os mais fa- ceis de contentar, ou de notorio desleixo, e não se faziam em uma officina publica, e com solemnidade, como muito bem estatuiria a junta do proto-medicato, mas sim na propria resi- dencia dos mesmos delegados, á porta fechada. Para este arremêdo de exame, apenas se exigia um simples e gracioso attestado de qualquer pharmaceutico estabelecido, sem mais matricula, nem nenhuma garantia de pratica. Todos busca- vam habilitações tão commodas; os proprios aspirantes, que tinham boa pratica nas pharmacias de melhor nota da capi- tal, e grandes cidades ou povoações, buscavam, pela maior parte, este meio facil de obter um diploma, sem se sujeitarem ao desar de uma reprovação, pela carencia de conhecimentos theoreticos.»

Eis o miserando estado, a que a pharmacia chegou em Por- tugal por culpa imperdoavel dos governos, que, permittindo e favorecendo tão intoleraveis abusos, se constituiram inscien- temente cooperadores de Junot, de Soult e de Massena, no aviltamento do nome portuguez, e que, enquanto os gene- raes do grande capitão humilhavam os nossos brios e nos es- poliavam, e pretendiam esmagar sob o peso da sua abomina- vel oppressão, iam lentamente inutilizando as forças intelle- ctuaes do paiz, e amortecendo a luz da sciencia, que em toda a parte e sempre tem sido o mais poderoso defensor da inde- pendencia e da justiça dos povos. Porém, assim como na idade média as sciencias fugiram espavoridas aos clarões si- nistros, que se reflectiam dos alfanges dos barbaros, e se re- fugiaram timidas e desalentadas nos claustros, para de ali se es- pandirem a illuminar a Europa, após tão longa e caliginosa noite; assim a verdadeira sciencia pharmaceutica foi cuida- dosamente mantida n'alguns modestos laboratorios, onde a in- telligencia e a honestidade lhe prestavam culto reverente, es- perando anciosas que raiasse o dia, em que lhe podessem er-

guer templo condigno, servido por levitas immaculados, e aproveitando todos os ensejos para realisarem tão louvavel proposito.

N'este intuito, e julgando opportunas as circumstancias do paiz, depois do triumpho da heroica revolução, que os liberaes haviam iniciado no Porto, e de que foram victimas os doze martyres do campo de Sant'Anna, e o venerando e valente general Gomes Freire de Andrade, vilmente enforcado e queimado em S. Julião da Barra, requereram em 1821 a reforma da sua faculdade.

Mallograda mais esta tentativa para se conseguir a regeneração da pharmacia portugueza, annullados os esforços dos liberaes de 1820, rasgada a constituição, que um congresso illustradissimo e porventura o mais notavel, que se tem reunido em Portugal, havia feito, inspirando-se nas grandes e generosas idéas democraticas, exaradas na constituição hespanhola de 1812, perturbado o paiz pelas revoluções do conde de Amarante e do infante D. Miguel, emancipado da tutela portugueza o vasto imperio, que Pedro Alvares Cabral descobrira, morto o soberano, e outorgada a carta constitucional pelo duque de Bragança, tornam os pharmaceuticos de Lisboa a fazer ouvir a sua voz, tantas vezes desattendida, pedindo energicamente a instrucção profissional, de que a classe carecia, e que obstinadamente se lhe negára sempre. Não era, diga-se a verdade, aquella quadra appropriada para tranquilas reformas scientificas.

Assombravam o horisonte densas nuvens, rasgadas a intervallos por sinistros relampagos, e ouvia-se ao longe o ribombo dos trovões, cada vez mais ameaçadores de proxima e horrenda tempestade.

Não tardou esta. Baldados os esforços dos homens livres do Porto, em 1828 os tres estados põem na frente do infante D. Miguel, a tantos respeitos parecido com o desditoso D. Sancho II, a corôa, que ao cabo de cinco annos havia de depor para ir com a cabeça encanecida e o coração de certo ralado de tristissimas recordações, e talvez de pungentes re-

morsos, dormir o ultimo somno na terra do exilio, longe do amavel céu da patria, que tão meigamente lhe sorrira na infancia.

Passemos em silencio os factos decorridos durante aquelle longo eclipse da liberdade.

Em 24 de julho de 1833, repete-se em Lisboa a singular façanha do 1.º de dezembro de 1640.

Um punhado de valentes, capitaneados pelo bravo duque da Terceira, depois de haverem hasteado o estandarte da liberdade sobre os velhos e ennegrecidos muros do castello de Almada, atravessam o Tejo e vem libertar Lisboa, onde poucas horas antes numerosissimos soldados, aguerridos, folgados e cheios de enthusiasmo pela causa, que defendiam, ameaçavam aniquilar a exigua expedição do Alemtejo, frustrando a homérica audacia do heroe da Asseiceira.

Dez mezes depois da libertação da capital, triumphava a liberdade em Evora Monte; e em 15 de agosto de 1834, reunidas côrtes em Lisboa, começa a correr o cyclo constitucional.

Emmudecida a artilheria, embainhadas as espadas, encostadas as espingardas nos armeiros, curadas as feridas, e extinctas as paixões e odios politicos, todos se convencem de que é chegada a occasião de recuperar o tempo perdido, e de fazer convergir os esforços de cada qual para a realisação de uma idéa grande e generosa: a exaltação da patria pelo desenvolvimento de suas naturaes riquezas, havia tanto tempo esquecidas senão malbaratadas.

Tudo estava por fazer, e o poder central não poderia acudir a tudo.

Á iniciativa individual e das classes cumpria, honrando o preceito fundamental da carta, pôr hombros á obra e empenhar-se em realisal-a.

Foi o que fez a bem do paiz e da classe pharmaceutica o ex.º sr. José Dionysio Corrêa.

Aproveitando a auctoridade do proprio nome, adquirida pela nobreza impolluta de seu character, convida os collegas

da capital e das provincias para que se associem e trabalhem de commum accordo para a regeneração da pharmacia portugueza por meio da educação e instrucção moral e scientifica, solidas e amplas, que, restituindo-lhe o quasi apagado esplendor, rehabilitassem ao mesmo tempo os pharmaceuticos, que seus oppressores haviam querido reduzir á miserrima condição dos antigos habitantes de Messenia e de Hellos.

Ao seu chamamento acodem pressurosos os pharmaceuticos de todo o paiz, sem distincção de partidos, e no dia 24 de julho de 1835, solemnisam a entrada das tropas libertadoras em Lisboa, inaugurando festivamente na pharmacia do hospital real de S. José a sociedade pharmaceutica lusitana, que hoje commemora o seu quadragesimo terceiro anniversario.

Se advertirmos em que nunca desde a fundação da monarchia a classe pharmaceutica tinha tido representação permanente e collectiva; que em nenhuma circumstancia a congregação dos cultores da pharmacia fôra mais necessaria e ao mesmo tempo menos provavel, attendendo ao cansaço das porfiosas luctas, que tinham extenuado o paiz, e aos dissabores, que as mesmas luctas teriam de certo causado a uma parte da familia portugueza; se nos lembrarmos de que não havia em terras de Portugal modelo, que se imitasse, para a organização de uma sociedade, cujos fins nem eram exclusivamente scientificos, nem exclusivamente economicos; e sobretudo se nos recordarmos de que n'aquella epocha poucos estavam convencidos das immensas vantagens da associação, quer como meio de promover a illustração e de propagar os conhecimentos uteis, quer como meio de prevenir os horrores da miseria e de preparar um futuro menos angustioso ás familias, que viessem a perder seus chefes; se pensarmos bem em tudo isto, forçosamente havemos de reconhecer e confessar a importancia da empreza fervorosamente começada e tenazmente proseguida até hoje pelo ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa; empreza que só se afigurará de facil realisação aos que, ignorando o passado e avaliando-o pelo presente, não

conhecerem a differença infinita que ha entre os tempos, que ora vão correndo, e os em que esta sociedade começou a existir.

Mas não é sómente pela idéa philantropica e imminetemente civilisadora, pelo impulso energico, pelo trabalho insano, pela cooperação incessante e valiosissima, pelo sacrificio da propria saude, do tempo e dos haveres; pelo exemplo de tantos annos, mezes e dias, pelos desgostos, que a todos os iniciadores e propugnadores das grandes idéas advem durante o seu infatigavel labutar; não é, repito, sómente por isto, que já seria muito, que o ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa tem incontestavel jus á gratidão da classe pharmaceutica, e da nação toda, de que é benemerito.

O que sobremodo realça a sua gloria e torna refulgente a sua corôa, que bem é que assim como a Roma antiga as conteria prodiga a seus predilectos, assim as concedâmos nós aos nossos varões insignes, é o ter a sua idéa vingado atravez de mil difficuldades, e produzido tantos e tão variados fructos, que impossivel me seria enumeral-os todos agora.

Direi apenas, que quando alguém se lembrar de escrever a historia das sciencias em Portugal, para a qual já temos valiosos subsidios dispersos, esperando quem os reuna e subordine a um plano methodico e philosophico, á sociedade pharmaceutica lusitana ha de caber um capitulo brilhante, e que ahi ficará consagrado o nome sympathico do ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa.

Abonam esta minha asserção, além dos testemunhos insuspeitos de muitos escriptores nacionaes e estrangeiros, os trinta e tres volumes do seu jornal, regularmente publicado até hoje, cujas numerosissimas paginas attestam o que pôde a vontade energica de um homem, mórmente quando, para conseguir o fim que se propoz, sinceramente o coadjuvam aquelles, a pró dos quaes trabalha, como tem acontecido ao fundador d'esta sociedade, que em cada pharmaceutico portuguez tem um sincero amigo.

Bastará folhear aquelle copioso registro dos trabalhos da

sociedade pharmaceutica lusitana para se adquirir a convicção de que nenhuma outra sociedade, nas especiaes circumstancias d'esta, se tem desempenhado melhor das obrigações, que contrahiu ao desfraldar a sua bandeira, na qual inscreveu o conhecido moto: *Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.*

E de facto nenhum assumpto profissional tem deixado de ser aqui maduramente estudado e largamente discutido, taes como a legislação pharmaceutica patria e estranha; os pontos difficeis do direito pharmaceutico; a chimica theorica; a chimica pratica, principalmente nas suas applicações á medicina legal, á toxicologia, á industria, á pharmacologia e á pharmacia; a historia natural em geral, e em especial a historia natural das drogas simples e compostas; a hygiene publica e privada; e a moralisação dos pharmaceuticos.

Tem sido constante empenho d'esta sociedade zelar os direitos dos pharmaceuticos, contra as invasões de muitos, que os pretendiam conculcar, para o que tem ella suscitado, repetidas vezes, do governo e das auctoridades subalternas medidas legislativas e administrativas, e acclarações muito uteis nos casos, em que as leis e regulamentos eram escuros, ou as auctoridades as interpretavam erradamente.

Repetidas vezes tem protestado com a maxima energia contra o charlatanismo, que hoje mais do que nunca vergonhosamente se pavoneia e brada nos annuncios e reclamos dos periodicos, com mágua dos bons pharmaceuticos, descredito do nome portuguez, e pura perda dos que se entregam ás mãos torpes dos que especulam com a saude e vida dos credulos.

Tambem ao passo que tem lavrado estes protestos e pareceres magistraes, em que expendeu a verdadeira doutrina ácerca dos remedios secretos, concedeu honrosas distincções aos pharmaceuticos, que louvavelmente se hão dedicado a enriquecer a pharmacia portugueza com medicamentos novos, ou aperfeiçoados, e que, depois de aturado estudo dos medicamentos de reconhecido merito, que as nações estran-

geiras exclusivamente preparavam e nos forneciam, conseguiram fazel-os tão bons ou melhores, e os apresentaram ao publico sem sombra de charlataneria.

Cuidadosamente tem informado os pharmaceuticos de quantos progressos a pharmacia e as sciencias accessorias têm feito nos outros paizes.

Grande gloria lhe cabe pela insistencia com que se empenhou na substituição da pharmacopéa do dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto; e por ter conseguido conjunctamente com a benemerita sociedade das sciencias medicas de Lisboa, que o illustrado ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, o ex.^{mo} sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, o Achilles da imprensa politica de Portugal, encarregasse uma commissão de medicos, pharmaceuticos e chimicos, socios da sociedade pharmaceutica e da sociedade das sciencias medicas, de redigir a nova pharmacopéa portugueza, a qual, feita com inexcédível esmero aqui, n'esta mesma sala, durante muitos mezes, e approvada por decreto de 14 de setembro de 1876, é tida por todos os entendedores na conta de um dos melhores livros d'aquelle genero.

Raro anno terá esta sociedade deixado de ser consultada pelo governo sobre variados assumptos theoricos e praticos; bem como pelos tribunaes judiciaes, pelos funcionarios superiores dos districtos do continente, ilhas e possessões do ultramar, e por differentes camaras municipaes e corporações scientificas e particulares, satisfazendo sempre briosamente aos pedidos que lhe foram dirigidos.

No intuito de elevar cada vez mais o nivel intellectual dos pharmaceuticos, facilitando-lhes a leitura de bons livros da sua especialidade e das sciencias que mais se approximam da pharmacia, fundou uma bibliotheca e dia a dia a enriquece com obras antigas e modernas, algumas das quaes nem todos os pharmaceuticos poderiam facilmente haver, ou por serem caras, ou pela sua raridade.

Se todos estes serviços prestados pela sociedade pharmaceutica lusitana e muitissimos outros, que me é forçoso omitir

tir, para não abusar mais da vossa benevolencia, provam até á evidencia a sua utilidade, e firmaram inabalaveis os seus creditos; mais do que todos elles a recommendam á justiça do governo e á estima do publico, os inauditos esforços, que sem um momento de descanso tem feito para conseguir a reforma da instrucção pharmaceutica.

Nem uma só vez esta sociedade tem incommodado os poderes do estado para que lhe galardoem os aturados e pres-tantes trabalhos, que ha desempenhado com exemplar isen-ção; nem uma só vez tem feito ouvir a sua voz nas altas re-giões do governo, diligenciando distincções honorificas para algum dos muitos, que n'ella se têm distinguido; nem uma só vez ha solicitado para a classe privilegios, melhorias, fa-vores, ou excepções, que a razão e as leis lhe não garantam; tem-se abtido escrupulosamente, como a sua lei lh'o ordena, e mais cuidadosamente do que a lei lh'o exige, de aproveitar os elementos, de que poderia dispor para fazer da politica partidaria alavanca, para vencer as fortissimas resistencias, que a seus intentos se têm opposto; mas o que tem sido o seu principal *desideratum*, no que tem empregado todos os es-forços perante os governos, perante as camaras legislativas, na imprensa politica, na imprensa scientifica, no seu jornal, nas suas sessões, sempre e em toda a parte, com a maxima energia e com a maxima dignidade, é em solicitar que dêem estudos regulares e serios aos que se dedicam á pharmacia.

Abstenho-me de historiar as irregularidades, os abusos, os crimes, que repetidas vezes se commettem em Portugal para obter diplomas de pharmaceutico, os quaes, apesar das repre-sentações d'esta sociedade, dos seus protestos, do escandalo publico e da evidencia dos factos, muitos conseguem, preju-dicando os interesses e direitos dos aspirantes honestos e es-tudiosos, corrompendo-os com tão nefastos exemplos; empanando o credito dos bons pharmaceuticos; obstando a que a pharmacia ostente a sua natural importancia; privando a sciencia e a republica dos beneficios, que deveriam receber dos pharmaceuticos instruidos; afugentando da profissão os

mancebos intelligentes; fazendo que as escolas estejam desertas e que invadam as officinas e laboratorios individuos, que mal sabem ler e peor ainda escrever.

A sociedade pharmaceutica lusitana, que tem feito quanto moralmente lhe é possivel para que se ponha cobro a tanto mal, reformando-se a lei na parte em que permite os exames sem previa frequencia das escolas e a reorganisação d'estas, ou antes a substituição das escolas annexas ás de medicina, por escolas especiaes, organisadas segundo os optimos modelos das nações cultas, espera da illustração do governo, da justiça da sua causa, da força invencivel da opinião publica e sobre tudo dos altos dotes do actual ministro do reino, que breve terá de solemnisar a redempção scientifica da classe, que representa, porque verdadeira redempção será levantar-a do abatimento em que jaz, dando-lhe a instrucção, de que tanto carece.

Senhores, que tão benevolmente tendes escutado as minhas humildes e desataviadas palavras, e a cuja bondade me confesso summamente agradecido, disse-vos o que é a sociedade pharmaceutica lusitana; como ella conserva acceso e activo o fogo sagrado da sciencia; como das difficuldades com que tem arcado tira força para novas empresas; advinhaes quão largos e ridentes horisontes hão de apresentar-se-lhe no futuro; parece-vos de certo escutar os applausos das gerações por vir aos sinceros e dedicados obreiros do passado; e ver a justiça immaculada estender o braço e offerecer uma corôa immarcessivel aos que a tudo antepozeram a gloria e o bem da sua patria; chegam a vossos ouvidos as vozes amigas dos que hão de vir depois de nós continuar a obra do progresso e da civilisação, entoando canticos festivaes aos que lhes arrotearam o campo, rasgando as carnes nos espinhos e abrolhos para lhes deixarem plantada a arvore, cujos fructos não haviam de saborear; afigura-se-vos raiando uma aurora tepida, mixto de oiro e rosas, precursora do grande dia, em que se ministrará aos famintos do saber o opiparo banquete de intelligencia entre os entusiasticos *hurrahs* e as benções

agradecidas d'aquelles para quem tanto e tanto trabalharam os pharmaceuticos da geração, que se vae sumindo nas sombras da sepultura.

Grande será o regosijo dos que nos succederem; grandes os affectos, grandes as saudades, virentes as palmas, esplendidas as corôas, que hão de consagrar á memoria de seus bemfeitores.

Pois todos esses applausos, que a imaginação nos faz presentes agora, todos esses jubilos, todo esse enthusiasmo, todas essas bençãos se conglobarão n'um hymno de alegres e meigas estrophes em honra do ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, que, fundando esta sociedade, foi a causa inicial de quantos bens ella tem produzido e ha de produzir.

Disse.

Finalmente, o sr. presidente Joaquim Urbano da Veiga recitou o seguinte

Discurso

Senhores: — A cerimonia a que acabaes de assistir tem para a classe pharmaceutica portugueza uma alta significação.

A sociedade pharmaceutica lusitana, conferindo ao sr. José Dionysio Corrêa o titulo de seu presidente honorario, teve em vista, não só remunerar os grandes e importantes serviços por elle prestados á classe, mas tambem mostrar a sua sympathia pela idéa de que elle foi iniciador.

Ha quarenta e tres annos que esta sociedade existe.

Foi no dia 24 de julho de 1835 que o sr. José Dionysio Corrêa, reunindo os pharmaceuticos de Lisboa, levantou o estandarte da nossa emancipação, inaugurando a sociedade pharmaceutica lusitana.

Tão sympathica á classe foi esta idéa, que pouco tempo depois a maior parte dos pharmaceuticos portuguezes tinha solicitado a sua admissão no gremio d'esta sociedade, secundando com os seus, os esforços dos instituidores.

D'estes já a maior parte deixou de existir. A todos os que restam já a sociedade conferiu o titulo de benemeritos.

Excepcionaes, porém, como foram os serviços do sr. Cor-

rêa, exigiam tambem uma recompensa excepcional. Foi por isso que o agraciou com o titulo de seu presidente honorario.

Agradeço á sociedade o ter-me fornecido o ensejo de por minhas mãos pagar esta sua velha divida.

A classe pharmaceutica portugueza deve grandes serviços a esta sociedade, e deve por isso ser grata ao seu instituidor.

Nascida no dia em que se celebrava o segundo anniversario da entrada do exercito libertador na capital, o seu maior empenho foi dar vida e liberdade á classe, que vivia vexada e opprimida pela physicultura mór do reino.

A oppressão foi tal, que provocou a reacção, mas esta foi tremenda.

A sociedade conseguiu derribar o colosso e com isso bem mereceu da classe.

A physicultura mór do reino, porém, deixou raizes, que quarenta e tres annos de liberdade não têm podido destruir!...

Ainda hoje a classe lueta com preconceitos que tiveram a sua origem na tyrannica supremacia, que aquelle ominoso tribunal quiz sempre exercer sobre ella.

Parece mesmo que cada dia se accentua mais a tendencia para fazer reviver estes preconceitos. E se mais se não consegue, devemos attribuil-o á epocha em que vivemos e ao systema de governo que rege o nosso paiz.

Quereis uma prova?...

Em 1872 deu-se em Lisboa um acontecimento desastroso.

Por um deploravel engano, morreu um homem envenenado, por ter ingerido um soluto de sulfureto de potassio em vez de uma bebida purgativa.

Uma troca de garrafas occasionou esta desgraça.

A auctoridade, tomando conhecimento do facto, soube que a troca se dêra em um estabelecimento não auctorisado como pharmacia.

Poucos dias depois, novo desastre.

Varios individuos residentes na mesma casa, sentiram sym-

ptomas de envenenamento, sabendo-se mais tarde que, por malevolencia de um dos habitantes, fôra envenenada a agua de que todos faziam uso.

A auctoridade, tomando tambem conhecimento d'este facto, soube que o toxico fôra vendido em uma drogaria.

Duas transgressões das leis policiaes, em assumpto tão melindroso, e em tão curto espaço, excitaram vivamente a attenção publica e alguns jornaes pediram providencias.

Estas não se fizeram esperar.

Dias passados, baixava ordem aos delegados de saude para procederem sem demora a uma rigorosa visita policial ás pharmacias!!!...

Não tendo as duas transgressões sido commettidas em pharmacias, que significava esta ira contra innocentes?

Que culpa tinham os pharmaceuticos de que, estabelecimentos não auctorizados a vender medicamentos, assim postergassem a lei?

Do modo como as visitas se fizeram, teve esta sociedade perfeito conhecimento pelas amargas e repetidas queixas que dos seus associados recebeu, e que a levaram a representar ao governador civil do districto, que se dignou attender a representação.

As drogarias, porém, não foram visitadas, nem mesmo, por excepção, aquelles estabelecimentos onde tinham sido vendidas as substancias que mataram um homem, e pizeram em risco a vida de muitos!!!

Apesar de tudo, as drogarias continuam a vender medicamentos e a aviar réceitas, com grande prejuizo para os pharmaceuticos legalmente estabelecidos, que assim soffrem concorrência illegal, e com grave risco para a saude publica...

Aqui tendes uma prova de que a nossa classe lucha ainda com velhos preconceitos.

Não podemos nem devemos insurgir-nos contra os actos da auctoridade, quando elles tenham por fim cumprir a lei. O que, porém, não é louvavel nem toleravel é que os pharma-

ceuticos constituam uma classe de excepção, para quem só haja rigores policiaes, desconfiança e oppressão.

Outro exemplo:

Em 1868 houve em Portugal uma febre de reformas e de economias.

Quasi todas as repartições publicas foram profundamente modificadas no seu modo de ser, reduzindo-se em umas o seu pessoal, dando-se a quasi todas nova fôrma.

O conselho de saude publica do reino foi por essa occasião extinto, sendo para o substituir creada uma junta consultiva de saude, composta de igual numero de vogaes, *mas todos facultativos*.

A nossa classe que sempre estivera representada no corpo superior de saude, viu-se esbulhada d'essa regalia, pois que foi extinto o unico logar de vogal pharmaceutico que ali existia, parecendo com isto querer indicar-se que elle era ali inutil.

Mas quando o governo desejar ser informado sobre assumptos da exclusiva competencia dos pharmaceuticos, com que consciencia poderá consultar uma junta composta de individuos estranhos a esta profissão?...

Policia pharmaceutica, regimento dos preços, visitas policiaes, etc., etc., são assumptos em que, por maior que seja a illustração da junta, lhe ha de faltar a competencia para informar o governo.

O decreto de 3 de dezembro de 1868 limitou-se a dizer que, extinto o logar de vogal pharmaceutico, o regimento dos preços dos medicamentos seria feito por dois pharmaceuticos de primeira classe e pelo professor de pharmacia, vogal extraordinario da junta!!!...

Logo o logar de vogal pharmaceutico no conselho de saude só servia para o caso de ser necessario fazer o regimento dos preços?!!!...

Contra este decreto representou energicamente a nossa sociedade ás côrtes, e tivemos satisfação de ouvir ali vivos protestos contra uma tal medida, que nenhum interesse publico

recommendava, que nenhuma rasão de bom senso aconselhava.

Mas as côrtes fecharam e o decreto caiu na voragem dos factos consummados.

Ha dez annos que a nossa classe foi violentamente esbulhada da regalia que sempre teve, de ser representada no corpo superior de saude!

Que vantagem tirou o paiz com uma tal medida, dizem-nos os factos.

Ainda não ha muito, desejando o governo ser esclarecido sobre as vantagens e inconvenientes da existencia de um regimento de preços dos medicamentos ou da sua suppressão, pediu á junta a sua opinião.

A junta, composta de individuos illustrados sim, mas não pharmaceuticos, não podendo convocar nem ouvir o seu vogal extraordinario, professor de pharmacia, porque a tanto não chegam as suas attribuições, respondeu que devia ser reduzida a taxa das manipulações e o preço de alguns medicamentos, que achava excessivo.

Outra e muito outra seria a informação da junta, se ali estivesse um pharmaceutico, que com os argumentos mais simples convenceria os seus collegas de que, se o regimento carecia de melhoramentos e de reformas, não era por certo no sentido de diminuir os interesses dos pharmaceuticos, já tão amesquinçados, já tão insufficientes para a sua sustentação.

Aqui tendes as bellezas da lei, ou antes aqui tendes como se cumpre a lei.

Não quero com isto dizer que, antes da extincção do conselho de saude, não podesse dar-se nenhum d'estes inconvenientes. O voto do unico vogal pharmaceutico podia e devia algumas vezes, pelo menos, de ser esmagado pela maioria. Mas ao menos a classe lá estava representada, lá tinha um delegado, que faria ver aos outros membros do conselho as vantagens ou inconvenientes d'esta ou d'aquella medida.

Em França, o conselho geral de salubridade publica é composto de igual numero de medicos e de pharmaceuticos. Nós,

que tanto desejamos imitar o que lá se faz, n'esta parte queremos ser *originaes!*

A consequencia inevitavel é que o voto da junta em assumptos pharmaceuticos não tem auctoridade. O governo, tendo ouvido a junta, não se atreveu a tomar uma deliberação, sem primeiramente consultar as sociedades pharmaceuticas do paiz. Honra ao actual ministro do reino, que assim deu uma prova de quanto o seu espirito é liberal e esclarecido.

Sobre um outro assumpto desejo eu mais particularmente chamar a vossa attenção, e é a instante necessidade de organisar o ensino profissional.

Ha quarenta e dois annos, estava a nossa classe completamente privada do ensino theorico official. A celebre physicultura mór do reino, que exercia sobre medicos e pharmaceuticos uma auctoridade quasi absoluta, era tambem quem por si e pelos seus delegados habilitava os pharmaceuticos e cirurgiões.

Em 1836 um decreto dictatorial creou as escolas medico-cirurgicas, e annexas a estas umas escolas de pharmacia.

Imperfeitas e incompletas como eram essas denominadas escolas de pharmacia, deveriam ellas ser o núcleo de escolas especiaes, se o decreto que as creou lhes tivesse dado condições de vida.

Mas crear escolas sem pessoal proprio, sem remuneração, sem dotação, sem edificio, e pretender que ellas por si se aperfeçoem é exigir um impossivel.

Qual é o pessoal da escola de pharmacia?

1.º O lente de materia medica da escola medico-cirurgica, a cujas lições são os alumnos pharmaceuticos obrigados a assistir;

2.º O pharmaceutico do dispensatorio da mesma escola que dirige o ensino pratico a que assistem os alumnos medicos e pharmaceuticos.

Nada mais!!!

Ora isto está longe de ser uma escola de pharmacia. É ape-

nas uma disposição que permite que nas escolas medico-cirurgicas se habilitem tambem pharmaceuticos. Mas para conseguir este fim nem ao menos se determinou que o ensino n'estas cadeiras tomasse uma feição mais em harmonia com as necessidades dos alumnos pharmaceuticos.

Os lentes de materia medica, quando explicam aos seus alumnos, dão ao ensino uma feição toda medica. Tocam de leve na descripção historico-natural, e explicam quasi exclusivamente therapeutica.

O alumno pharmaceutico, a quem nada importa a therapeutica, mas a quem muito interessaria a parte historico-natural, nada aproveita com a frequencia d'aquella cadeira, vendo-se obrigado a, por si, adquirir os conhecimentos de historia natural medica, que o jury do exame final lhe suppõe e exige.

Com respeito ao ensino pratico, é elle dirigido pelo professor de pharmacia, que, para conquistar aquelle logar é obrigado a passar por provas em nada inferiores ás por que passam os outros lentes; apesar d'isso, porém, nem tem os vencimentos de lente, nem ao menos lhe querem conceder tal categoria!

Ainda assim, taes como são estas escolas, ali se têm habilitado muitos pharmaceuticos que honram o paiz e a classe, e oxalá que só n'ellas se podesse adquirir o diploma de pharmaceutico.

Infelizmente, porém, o decreto que creou este simulacro de escolas não fechou de todo a porta aos alumnos que quizessem habilitar-se independentemente do curso n'ellas professado. Esta excepção, talvez no fundo justa, pelo menos em relação á epocha em que foi decretada, tem dado origem a abusos que têm annullado completamente as escolas.

Em 1854 promulgou-se uma carta de lei, ampliando um pouco mais os preparatorios exigidos para a primeira matricula nas escolas medico-cirurgicas.

Admittiu, porém, ainda excepções e é em virtude d'ellas que hoje se habilitam quasi exclusivamente os pharmaceuticos.

Ha seis annos, ou talvez mais, que a escola de Lisboa não

tinha um alumno matriculado. No anno lectivo findo teve um apenas. Entretanto, em Coimbra, mez houve em que se habilitaram vinte aspirantes, valendo-se da excepção que a lei de 12 de agosto de 1854 lhes concedeu.

Desde esta epocha nada se tem feito no sentido de aperfeiçoar o ensino pharmaceutico, mas têm baixado varias portarias tendentes a facilitar a aquisição do respectivo diploma.

Em 17 de março de 1856, uma portaria ordena que sejam admittidas as justificações administrativas para comprovar a pratica não registada nas escolas.

Em 27 de junho de 1862 outra portaria dispensa os exames de precedencia nos lyceus para os alumnos pharmaceuticos.

Em 20 de janeiro de 1864, outra portaria manda que a pratica comece a contar-se aos doze annos de idade.

Em 22 de junho do mesmo anno, outra portaria suscita a observancia da de 27 de junho de 1862.

Em 12 de abril de 1866, outra portaria determina que para os alumnos pharmaceuticos o exame de francez conste só de traducção, especificando-se na certidão que este exame só servirá para os pharmaceuticos.

Finalmente, em 15 de novembro de 1869, outra portaria manda simplificar o exame de arithmetica e suscita a observancia de todas as outras.

Em resumo, a proposito de cada pretensão, a proposito de cada pretendente, expede-se uma portaria.

Por mais indulgente que se queira ser, não é possivel fechar os olhos á evidencia. Se da parte dos poderes publicos não tem havido desejo de desconsiderar e desconceituar esta classe, tem ao menos conseguido este fim.

Uma unica rasão podia desculpar este proceder, seria a falta de pharmaceuticos; mas o que se vê é que no paiz ha pharmaceuticos em numero dez vezes superior ás necessidades das povoações.

As pharmacias accumulam-se em Lisboa e no Porto no

mesmo local, na mesma rua, e ha terras pequenas e pobres com tres e quatro boticas.

Como se explicam pois estas portarias?

Pois é crível que, crescendo todos os dias a necessidade de instrucção para todas as classes, só para a nossa haja necessidade de lh'a diminuir?!...

Se os governos não querem ou não podem crear escolas especiaes, ao menos façam cessar os exames vagos, e assim conseguirão tornar frequentadas as escolas que já existem.

Não é por certo a sociedade pharmaceutica lusitana a culpada d'esta incuria.

Não ha anno em que ella não dirija ao governo uma representação, pedindo a reforma do ensino. A resposta é sempre a mesma: temos muita razão, mas o estado da fazenda publica não permite um tal augmento de despeza... Isto na propria occasião em que se votam com mãos largas subsidios para emprezas de duvidosa utilidade, se criam logares e cadeiras nas outras escolas!...

É tempo, pois, de attentarmos seriamente no assumpto.

O nosso pedido é desinteressado. Nada queremos para nós. Pedimos instrucção e consideração para a nossa classe.

Se o empenho da sociedade é, e tem sido sempre, a emancipação da classe, convencei-vos que o meio mais conveniente para o conseguir é illustral-a.

Lembrae-vos que a cirurgia não teve mais nobres principios do que a pharmacia, e pelo estudo e trabalho conseguiu elevar-se. Os medicos que em principio desdenhavam a cirurgia, como ainda hoje desdenham a pharmacia, já recebem sem difficuldade o cirurgião como collega. Uns e outros formam hoje uma só classe, e é para o medico mais um titulo de recommendação o ser tambem cirurgião.

Quando, para conseguir o diploma de pharmaceutico, for necessario empregar esforços iguaes aos que se empregam para conseguir o de medico, a nossa profissão ha de ser tão considerada como a d'elles, porque nenhuma ha que preste tão importantes serviços ao publico como ella.

Convençamo-nos de que é fóra dos grandes centros da população onde a instrucção do pharmaceutico é mais necessaria.

Só o pharmaceutico é apto para resolver um grande numero de problemas de importancia vital para as localidades.

É aos medicos que cumpre auxiliar-nos, porque são elles os mais interessados em ter ao seu lado um pharmaceutico illustrado que os ajude, e que execute as suas prescripções, e só poderá fazel-o convenientemente tendo sufficiente instrucção.

No dia em que a sociedade pharmaceutica lusitana vir o ensino da classe devidamente organizado, poderá dizer que conseguiu o principal fim da sua instituição.

Disse.

Às dez horas e meia foi encerrada a sessão. — O primeiro vice-secretario, *Augusto de Oliveira Abreu*.

VARIEDADES

Collegio de pharmaceuticos de Madrid.— Com a devida venia transcrevemos da *Gazeta dos hospitaes militares*, que aquella associação celebrou, no dia 28 de novembro de 1877, o centesimo quadragesimo anniversario da sua installação official; lendo-se, por essa occasião, interessantes trabalhos de Muñoz e de Siboni.

Escola superior de pharmacia de Paris.— O sr. Bourgoin foi nomeado lente de pharmacia galenica para a mesma escola, por decreto de 8 de novembro de 1877.

O sr. Pihier foi nomeado preparador do curso de pharmacia da mesma escola, em substituição do sr. Patrouillard, fallecido.

Escola de pharmacia de Montpellier.— O sr. Malosse, pharmaceutico e licenciado em sciencias physicas, está encarregado provisoriamente das funcções de lente substituto.

Estatística do pessoal pharmaceutico em França.—Havia em França, em 1866, 5:661 pharmaceuticos e, em 1877, 6:232, sendo o augmento de 571 no periodo de dez annos.

Seine, 1 pharmaceutico para.....	2:958 habitantes
Bouches-du-Rhône.....	3:161 »
Alpes-Maritimes.....	3:337 »
Eure.....	3:696 »
Deux Sèvres.....	10:859 »
Hautes-Alpes.....	13:233 »
Haute-Loire.....	14:939 »
Morbihan.....	18:798 »

A media é de 1 pharmaceutico para 11:500 habitantes approximadamente.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 3 de julho de 1878). O sr. Planchon communicou á sociedade o trabalho do sr. Durand, pharmaceutico militar em Batna, ácerca da casca da raiz de romeira. O auctor obteve um principio crystallino, que possui as reacções dos alcaloides, e para o qual propõe o nome de *granatina*.

O sr. Stanislas Martin apresentou os fructos de um cardamomo oriundo da India, e amostras de uma resina proveniente de Java e de um lenho expedido do Senegal.

Os srs. Baudrimont e Planchon apresentaram duas theses, feitas pelos srs. A. Suin e H. Guyard, sendo uma sobre os oleos narcoticos e a outra contendo a analyse espectral das substancias medicamentosas coradas. Estas theses são destinadas ao concurso para o premio das theses de 1878.

O sr. Vry entreteve a sociedade com as pesquisas por elle feitas nas quinas das Indias. Segundo este socio, encontram-se os alcaloides nas cascas no estado de quinotannatos, soluveis na agua fria por intermedio do acido quinico livre que existe nas mesmas cascas.

O sr. Marty, em nome dos srs. Chapuis e Linossier, fez a

leitura de uma observação sobre a pesquisa do chumbo no subazotato de bismutho. Para evitar os inconvenientes do processo indicado, tem-se recorrido, para descobrir a presença do chumbo, á grande solubilidade do chromato de chumbo nas lixívia alcalinas e á sua insolubilidade no acido acetico.

O sr. Lamattina communicou á sociedade a carta, por elle enviada ao sr. Egidio Pollacci, sobre a absorpção do azoto atmosferico e o desenvolvimento do hydrogenio pelas plantas. Descreveu o apparelho de que se serviu e fez conhecer os resultados que tem obtido.

Modo pratico de conhecer se o café moído contém chicorea.— O café moído, vendido por baixo preço, tem sido misturado com chicorea. Esta fraude descobre-se pela maneira seguinte: enche-se um copo de agua, deita-se na superficie do liquido o café suspeito. Se o café não contém pó de chicorea, fica suspenso; se a contém, esta absorve a agua immediatamente, precipita-se e colóra o liquido de amarello.

Este processo é fundado sobre a textura differente dos dois productos, que absorvem a agua n'um espaço de tempo bem diverso. Examinado o pó humedecido e precipitado no fundo do vaso, vê-se que não tem a consistência do café e é molle.

Esmalte para a louça.— Oxydo de chumbo, 5 partes; argilla pura, 2 partes; enxofre, 1 parte. Empregue cada uma d'estas substancias em pó muito fino, misture e ajunte sufficiente quantidade de soluto de alcali caustico (lixívia dos saboeiros), para produzir massa liquida assás espessa.

Applica-se sobre a louça. A mistura deve ser feita com todo cuidado, para que se lhe não difference particula de oxydo de chumbo.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
Balancete do 4.º trimestre de 1878

Receita		Despeza	
Saldo em cofre em 1 de outubro de 1878.....	121,5090	Impressão do jornal.....	13,5050
Quotas dos membros contribuintes.....	96,5000	Analyses toxicologicas.....	126,5000
Juros de inscripções.....	124,5500	Encadernação de livros para a bibliotheca.....	2,5360
Analyses toxicologicas.....	165,5000	Renda da casa (1.º semestre de 1879).....	100,5000
Assignaturas do jornal.....	5,5910	Iluminação.....	3,5590
Diferença da renda da casa, relativa ao 1.º semestre de 1879.....	10,5000	Ordenado do continuo.....	45,5000
		Gratificação ao jardineiro.....	1,5500
		Gratificação ao escripturario.....	9,5000
		Estampilhas para jornadas e correspondencia.....	3,5395
		Despezas de expediente.....	8,5510
		Compra de moveis, utensilios e concertos.....	98,5700
		Gratificações por diversos serviços extraordinarios.....	10,5000
		Diversas despezas.....	52,5650
	525,5500		474,5155
		Saldo para o 1.º trimestre de 1879.....	51,5345
			525,5500

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 31 de dezembro de 1878.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felix Ferreira.

O thesorreiro,

João Francisco Delicioso.

Centro de Documentação e Informação em Farmacologia

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

Açafrão. 36.
Acido citrico. 58.
Acido cyanhydrico normal. 40.
Acido salicylico (estudo sobre a transformação do) ingerido pelo homem. 15.
Acido tartarico. 80.
Acido tartarico (pesquisa do) no acido citrico. 34.
Acta da sessão da sociedade, na qual se tratou de elevar a dignidade de membros benemeritos, os ex.^{mos} srs. ministro do reino e os vogaes da commissão que redigira a *Pharmacopéa portugueza*. 22.
Acta da sessão solemne, commemorativa do quadragésimo terceiro anniversario da sociedade. 181.
Actas das sessões litterarias da sociedade (extracto das). 4, 21, 41, 61, 166.
Agradecimento feito á sociedade pelo presidente honorario o sr. José Dionysio Corrêa, ao receber o seu diploma. 200.
Agua de alcatrão. 153.
Agua-ardente antiarthritica. 28.
Alcaloide descoberto no pão de milho alterado. 104.
Alcool. 100.
Algumas considerações acerca dos actuaes interesses dos pharmaceuticos portuguezes, pelo sr. D. A. Pitta Simões. 5.
Almiscar. 176.
Aloës. 119.
Alterações occorridas no quadro da sociedade, durante o 43.º anno. 198.
Althea. 98.
Ambar. 38.
Analyse (sobre a) do assucar na urina. 15.

Analyses e falsificações diversas. 138.
Angelica. 118.
Apozêma purgativa. 65.
Ar-necessario ao homem (quantidade de) e o meio de conhecer a alteração do ar que respira. 102.
Araroba (pesquisas sobre a arvore que produz a). 150.
Arsenico (separação do) de outros metaes. 112.
Assucar (novo methodo de doseamento do). 141.
Assucar na urina (sobre a analyse do). 15.
Auto de installação da sociedade pharmaceutica de Lisboa, intitulada sociedade pharmaceutica lusitana desde 7 de maio de 1838. 161.
Aviso da sociedade aos srs. pharmaceuticos, sobre o modo de fazer o preço dos medicamentos preparados pela *pharmacopéa portugueza*. 3.

B

Balancetes da receita e despeza da sociedade, respectivos aos 1.º, 2.º e 4.º trimestres de 1878. 60, 140, 242.
Balsamo opodeldoch com arnica. 141.
Balsamo peruviano. 154.
Balsamo de Tolú. 36.
Biantimoniato de potassa. 58.
Bismutho (purificação do). 17.
Bolos anti-blennorrhagicos. 121.

C

Café moido (modo pratico de conhecer se contém chicorea). 241.
Cafeina (extracção rapida da). 73.
Caixa de reactivos. 37.

Cantharidas. 76.
 Carbonato de ferro. 37.
 Carbonato de lithia. 80.
 Carta de lei, de 6 de maio de 1878, pela qual sanciona o código administrativo. 81.
 Carta de lei, de 7 de maio de 1878, pela qual cria na ilha das Flores o lugar de sub-delegado e guarda-mór e o de pharmaceutico. 83.
 Carta de lei, de 23 de maio de 1878, pela qual cria nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores, logares de sub-delegados de saude publica e guarda-mór, e logares de pharmaceuticos. 84.
 Casca da raiz de romeira. 116.
 Chá da China. 42.
 Chloral contra ulceras atonicas. 172.
 Chloroformio. 135.
 Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza. 81.
 Clyster de aloés. 29.
 Clyster de chloral. 105.
 Clyster de chloroformio. 65.
 Clyster opiado camphorado. 48.
 Código administrativo. 81.
 Collegio de pharmaceuticos de Madrid. 239.
 Collodio cór de rosa. 122.
 Collodio hemostatico. 105.
 Collyrio adstringente. 172.
 Compostos metallicos (sobre a presença dos) nas substancias alimenticias. 14.
 Conservas (envenenamento proveniente das). 103.
 Cyaneto de potassio. 20.

D

Das causas dos erros que podem sobrevir na pesquisa toxicologica dos saes de zinco. 131.
 Declaração do sr. dr. Justino Cumano, com referencia á tisana de Zittmann. 179.
 Dessecação dos ovos. 136.
 Diferentes caracteres pelos quaes se póde distinguir os vinagres de vinho dos de cerveja, cidra, etc. 101.

Diploma e timbre (desenhos do) para os socios, approvados em sessão de 27 de setembro de 1835. 86.

Diploma conferido ao presidente honorario o sr. José Dionysio Corrêa. 200.

Discurso feito na sessão solemne, commemorativa do 43.º anniversario da sociedade, pelo presidente o sr. Joaquim Urbano da Veiga, 230.

Discurso feito pelo sr. João José de Sousa Telles, na sessão solemne, commemorativa do 43.º anniversario da sociedade, contendo o elogio historico do presidente honorario o sr. José Dionysio Corrêa. 203.

Discurso feito pelo sr. José Dionysio Corrêa, na installação da sociedade pharmaceutica de Lisboa, em 24 de julho de 1835. 162.

Doadores (lista dos) e objectos doados á sociedade durante o 43.º anno. 195.

Doseamento do gluten das farinhas. 73.

Doseamento da theina no chá. 16.

E

Electuario diuretico. 106.

Electuario tenifugo. 173.

Elixir antiasthmatico. 27.

Embrocção contra a alopecia. 48.

Emplastro narcotico. 106.

Emplastro phenicado. 123.

Emprego do iodeto de potassio para combater as entoxicações produzidas pelos metaes venenosos. 133.

Envenenamento proveniente das conservas. 103.

Ergotina contra a atonia da bexiga. 173.

Ergotina contra a metrorrhagia. 173.

Escamonéa. 18.

Escola de medicina e de pharmacia de Alger. 157.

Escola de medicina e de pharmacia de Limoges. 39.

Escola de medicina e de pharmacia de Marseille. 39, 77.

Escola de medicina e de pharmacia de Poitiers. 38.

Escola de medicina e de pharmacia de Tours. 38.

Escola superior de pharmacia de Montpellier. 119, 239.

Escola superior de pharmacia de Nancy. 39, 160.

Escola superior de pharmacia de Paris. 39, 138, 239.

Esmalte para a louça. 241.

Espermacele. 117.

Essencia de aniz. 20.

Essencia de cajepute. 98.

Essencia de cravinho. 18.

Essencia de eucalypto. 134.

Essencia de flor de laranjeira. 57.

Essencia de terebinthina. 40.

Estatistica do pessoal pharmaceutico em França. 240.

Estofos de algodão tintos. 47.

Estrychnina. 160.

Estudo sobre a transformação do acido salicylico ingerido pelo homem. 15.

Ether sulfurico. 136.

Extração rapida da cafeina. 73.

Extracto da acta da sessão da sociedade, na qual se tratou de elevar á dignidade de membros benemeritos os ex.^{mos} srs. ministro do reino e os vogaes da commissão que redigira a *Pharmacopéa portugueza*. 22.

Extracto das actas das sessões litterarias da sociedade. 4, 21, 41, 61, 166.

Extracto duro de alcaçus. 20.

Extractos (preparação dos) sem intervenção de calor. 32.

Faculdade de medicina e de pharmacia de Lille. 39.

Filtro de carvão siliceo. 138.

Fuchsina (modo de reconhecer a presença da) nos vinhos, succos de fructos e xaropes corados por esta substancia. 34.

G

Gargarejo adstringente. 49.

Gargarejo alcoolico. 7.

Gargarejo contra a estomatita. 8.

Gargarejo deterativo. 48.

Gargarejo iodurado. 141.

Gargarejo resolutivo opiado. 50.

Gargarejo resolutivo tannizado. 50.

Gargarejo com sublimado corrosivo. 141.

Gluten das farinhas (doseamento do). 73.

Glycerado cathetico. 173.

Glycerado contra a blépharita ciiliar. 8.

Glycerado desinfectante. 123.

Glycereo contra o eczéma. 92.

Gomma gutta. 134.

Gotas antispasmodicas. 50.

H

Hospitales civis de Paris. 39, 156.

Hydrato de chloral. 99.

I

Injecção adstringente. 30.

Injecção antiblennorrhagica. 28, 49.

Injecção antileucorrhéica. 8, 106.

Injecção contra a blennorrhéa. 8.

Injecção vaginal calmante. 9. Iodo. 134.

K

Kino. 98.

L

Legião de Honra. 79, 154.

Licor americano contra a calvicie. 49.

Linimento albuminoso. 9.

Linimento antinervalgico. 123.

Linimento calmante. 65, 92.

Linimento contra o coryza. 9.

Linimento contra as fendas. 92.

Linimento contra a queimadura. 50.

Linimento iodado vesicante. 142.

Linimento revulsivo. 142, 174.

Linimento rubefaciente. 106.

Linimento para fazer parar a secreção lactea. 174.

Liquefacção dos gazes julgados permanentes e liquefacção e solidificação do hydrogenio. 59.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade, durante o 43.^o anno. 195.

Loção antiescrofulosa. 174.

Loção antipruriginosa. 142, 143.

Loção contra o prurido da vulva. 143.

Loção contra os suores fetidos. 174.
Loção contra a urticaria. 175.
Loção resoliativa. 107.
Loção resoliativa contra a acnéa. 51.
Louças de barro vidradas. 102.
Lycopodio. 19.

M

Madeira (processo para conservar a). 127.
Meio de reconhecer o oleo de amendoas doces. 74.
Metaes venenosos (emprego do iodo de potassio para combater as intoxicações produzidas pelos). 133.
Methodo (novo) de doseamento do assucar. 111.
Methodo de extracção dos pigmentos de origem animal. 126.
Methodo (novo) de separação do arsenico de outros metaes. 112.
Mirra. 76.
Mistura antidyspeptica. 29.
Mistura contra a tosse convulsa. 92.
Mistura diuretica. 66.
Modo pratico de conhecer se o café moido contém chlicorea. 241.
Modo simples de reconhecer a presença da fuchsina nos vinhos, succos de fructos e xaropes côrados por esta substancia. 34.
Morphina. 135.
Morphina (processo para descobrir pequenas quantidades de). 33.

N

Nota acerca do subnitrate de bismutho. 146.
Noticia importante. 38.
Oleo de amendoas doces (meio de reconhecer o). 74.
Oleo de bacalhau desinfectado. 123.
Oleo de cacáo. 100.
Oleo de figado de bacalhau. 39.
Oleo de noz moschada. 19.
Oleo de ovos. 137.
Oleo phenicado. 124.
Opio. 57.
Oxydo de magnésio. 97.
Oxydo de zinco. 118.

P

Pão de milho alterado (alcaloide descoberto no). 104.
Parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre a proposta para serem elevados á dignidade de membros benemeritos da sociedade os ex.^{mos} srs. ministro do reino e os vogaes da commissão que redigira a *Pharmacopéa portugueza*. 25.
Parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta dos srs. Felix Ferreira, Jesus Pires e Mendes de Assumpção, para presidente honorario. 188.
Parecer da commissão encarregada de apresentar o desenho de diploma para os socios, assim como o do timbre, approved em sessão de 27 de setembro de 1835. 86.
Pastilhas absorventes. 9.
Pastilhas de acido tannico. 40.
Pepsina. 115.
Perigo do uso da semente de tremoceiro como vermífuga. 103.
Pesquisa do acido tartarico no acido cítrico. 34.
Pesquisa do pigmento biliario na urina. 34.
Pesquisas sobre a arvore que produz a araroba. 150.
Pharmacia portatil ou de campo. 79.
Pharmacopéa italiana. 79.
Pharmacopéa portugueza. 56.
Phosphato de cal. 99.
Pigmento biliario na urina (pesquisa do). 34.
Pigmentos de origem animal (methodo de extracção dos). 126.
Pilulas de aconito. 10.
Pilulas anti-hiliosas. 29.
Pilulas anti-dyspepticas. 143.
Pilulas anti-gastralgicas. 93.
Pilulas anti-ictericas. 66, 93.
Pilulas anti-nervalgicas. 124.
Pilulas anti-spasmodicas. 51.
Pilulas catharticas. 66.
Pilulas contra a cephalalgia. 107.
Pilulas contra a chorea. 51, 52.
Pilulas contra a constipação. 66.
Pilulas contra o psoriasis. 143.
Pilulas contra a retenção de urina. 144.

Pilulas emmenagogas. 52.
Pilulas estomachicas. 52, 53.
Pilulas ferruginosas. 53.
Pilulas ferruginosas compostas. 53.
Pilulas purgativas. 67.
Pilulas de tannino contra os vomitos incoerciveis da gravidez. 175.
Pó alcalino. 10.
Pó alterante. 30.
Pó amargo digestivo. 30.
Pó anti-acido. 93.
Pó contra a choréa. 53.
Pó contra a constipação. 67.
Pó contra a estomatita. 176.
Pó contra a tosse convulsa. 94.
Pó desinfectante. 94, 124.
Poção absorvente alcalina. 11.
Poção alcoolica. 11.
Poção anthelmintica. 31.
Poção anti-acida. 30.
Poção anti-asthmatica. 31.
Poção anti-blennorrhagica. 31.
Poção bromada. 107.
Poção de chloral. 108.
Poção de chloroformio. 67.
Poção contra a albuminuria. 54.
Poção contra a albuminuria escarlatinosa. 54.
Poção contra a anorexia. 54.
Poção contra o *delirium tremens*. 94.
Poção contra a diphteria. 53.
Poção contra a dysmenorrhéa. 95.
Poção contra a gotta aguda. 108.
Poção contra a tosse convulsa. 95.
Poção contra os vomitos nervosos. 175.
Polygala. 116.
Pomada adstringente. 108.
Pomada anti-hemorrhoidal. 109.
Pomada anti-nervalgica. 124.
Pomada anti-septica. 11.
Pomada contra a calvicie. 68.
Pomada contra as escoriações. 95.
Pomada contra o herpes circular. 109.
Pomada contra o prurido. 144.
Pomada contra a sarna. 96.
Pomada contra a surdez. 125.
Pomada estimulante. 13, 125.
Pomada de extracto de aconito. 12.
Pomada de oxydo de zinco camphorada. 109.
Pomada resolutiva. 68, 125.
Pomada resolutiva fundente. 114.

Pomada de sub-azotato de bismutho. 69.
Pomada da viuva Farinier. 109.
Prateadura do vidro. 128.
Preparação dos extractos sem intervenção de calor. 32.
Presença do chumbo no sub-azotato de bismutho. 128.
Presença (sobre a) dos compostos metallicos nas substancias alimenticias. 14.
Processo para conservar a madeira. 127.
Processo para descobrir pequenas quantidades de morphina. 33.
Programma das questões scientificas para o 44.º anno da sociedade. 193.
Proposta para serem elevados á dignidade de membros benemeritos da sociedade, os ex.^{mos} srs. ministro do reino e os vogaes da commissão que redigira a *Pharmacopéa-portugueza*. 23.
Proposta do primeiro secretario, o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, subscripta pelos consocios os srs. João de Jesus Pires e José Mendes de Assumpção, feita em sessão de 4 de setembro de 1877, para que a sociedade conferisse o titulo de presidente honorario ao socio fundador o sr. José Dionysio Corrêa. 187.
Purificação do bismutho. 17.
Purificação do sulfato de zinco. 16.

Q

Quadro da sociedade (alterações occorridas no) durante o 43.º anno. 198.
Quantidade de ar necessario ao homem e o meio de conhecer a alteração do ar que respira. 102.
Questões scientificas (programma das) para o 44.º anno da sociedade. 193.
Quinas. 136.

R

Rafania. 38.
Relatorio dos trabalhos da sociedade durante o 43.º anno, feito

pelo segundo secretario, o sr. João de Jesus Pires. 181.
Resina de escamonda. 64.
Resina de guayaco. 49.

S

Sabina. 36.
Saes de zinco (das causas dos erros que podem sobrevir na pesquisa toxicologica dos). 131.
Salicina. 145.
Sangue de drago. 35.
Santonina. 117.
Sassafrás. 38.
Saudação feita á sociedade pelo ex.^{mo} sr. Aleixo Tavano, em nome da associação dos melhoramentos das classes laboriosas, na sessão solemne em que foi entregue o diploma de presidente honorario ao sr. José Dionysio Corrêa. 201.
Semente de tremoeiro (perigo do uso da) como vermífuga. 103.
Sentenças judicias em França. 33, 96.
Sessão da sociedade na qual se tratou de elevar á dignidade de membros benemeritos os ex.^{mos} srs. ministro do reino e os vogaes da commissão que redigira a *Pharmacopéa portugueza*. 22.
Sessão solemne, commemorativa do 43.^o anniversario da sociedade. 181.
Sessões litterarias da sociedade (extracto das actas das). 4, 21, 41, 61, 166.
Sociedade de pharmacia de Paris. 77, 119, 137, 139, 153, 155, 157, 159, 240.
Solar espermacete. 118.
Soluto de albuminato de ferro. 111.
Soluto alcalino concentrado de alcatrão. 145.
Soluto anti-gottoso. 110.
Soluto anti-herpético. 13.
Soluto anti-septico. 12, 145.
Soluto contra a diphtheria. 55.
Soluto contra a pityriase. 13.
Soluto contra o prurido. 145.
Soluto desinfectante. 146.

Subazotato de bismutho (presença do chumbo no). 128.
Subnitrito de bismutho (nota acerca do). 146.
Substancias alimenticias (sobre a presença dos compostos metallicos nas). 14.
Sulfato de atropina. 160.
Sulfato de quinina. 75.
Sulfato de zinco (purificação do). 16.
Suppositorio de acido tannico. 96.
Suppositorio anti-hemorrhoidal. 110.
Suppositorio laxativo. 69.
Synthese dos corpos organicos. 69.

T

Terebinthina copahiba. 115.
Theina no chá (doseamento da). 16.
Tinctura amarga estomachica. 31.
Tinctura dentifricia. 12.
Tinctura de kino. 121.
Tisana diuretica. 69.
Tisana forte de Zittmann, modificada pelo dr. Constantino Cumano. 88.
Tisana fraca de Zittmann, modificada pelo dr. Constantino Cumano. 89.
Tisana de Zittmann (declaração do sr. dr. Justino Cumano, com referencia á). 179.

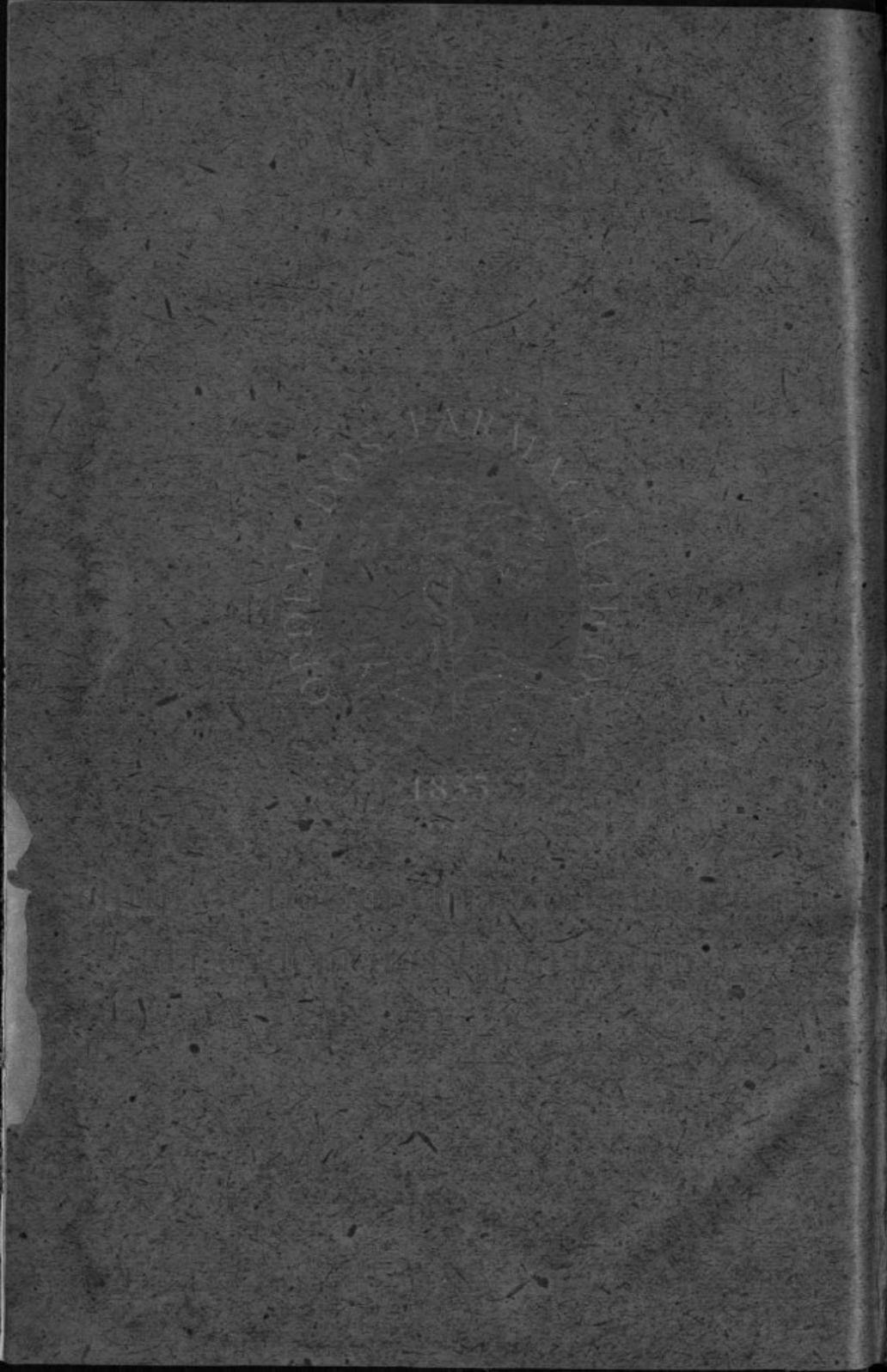
V

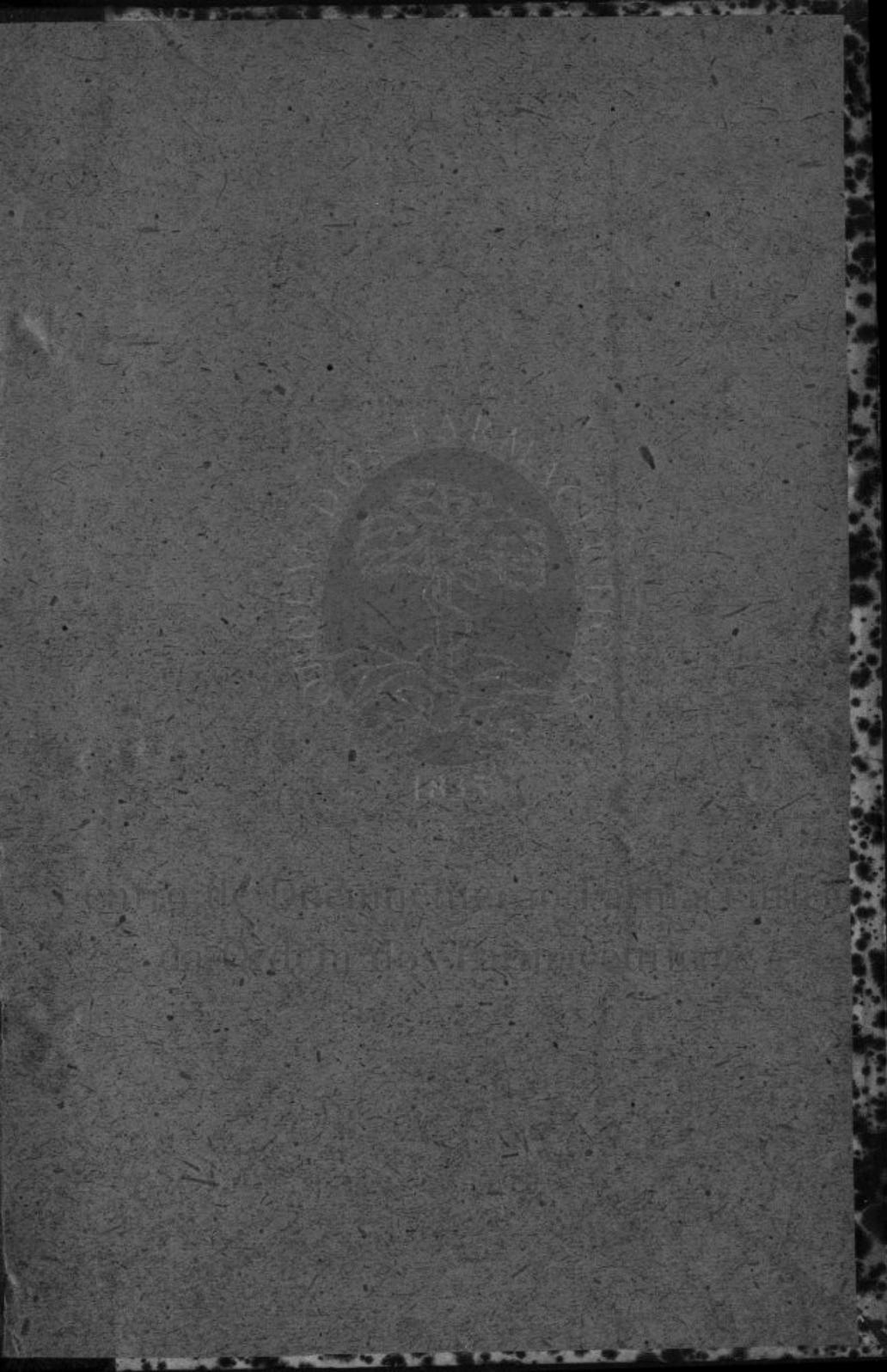
Valerato de zinco. 99.
Valerianato de quinina. 137.
Veratrina. 97.
Vinagre de cerveja. 101.
Vinagre de cidra. 101.
Vinagre de vinho. 101.
Vinho tónico amargo. 55.

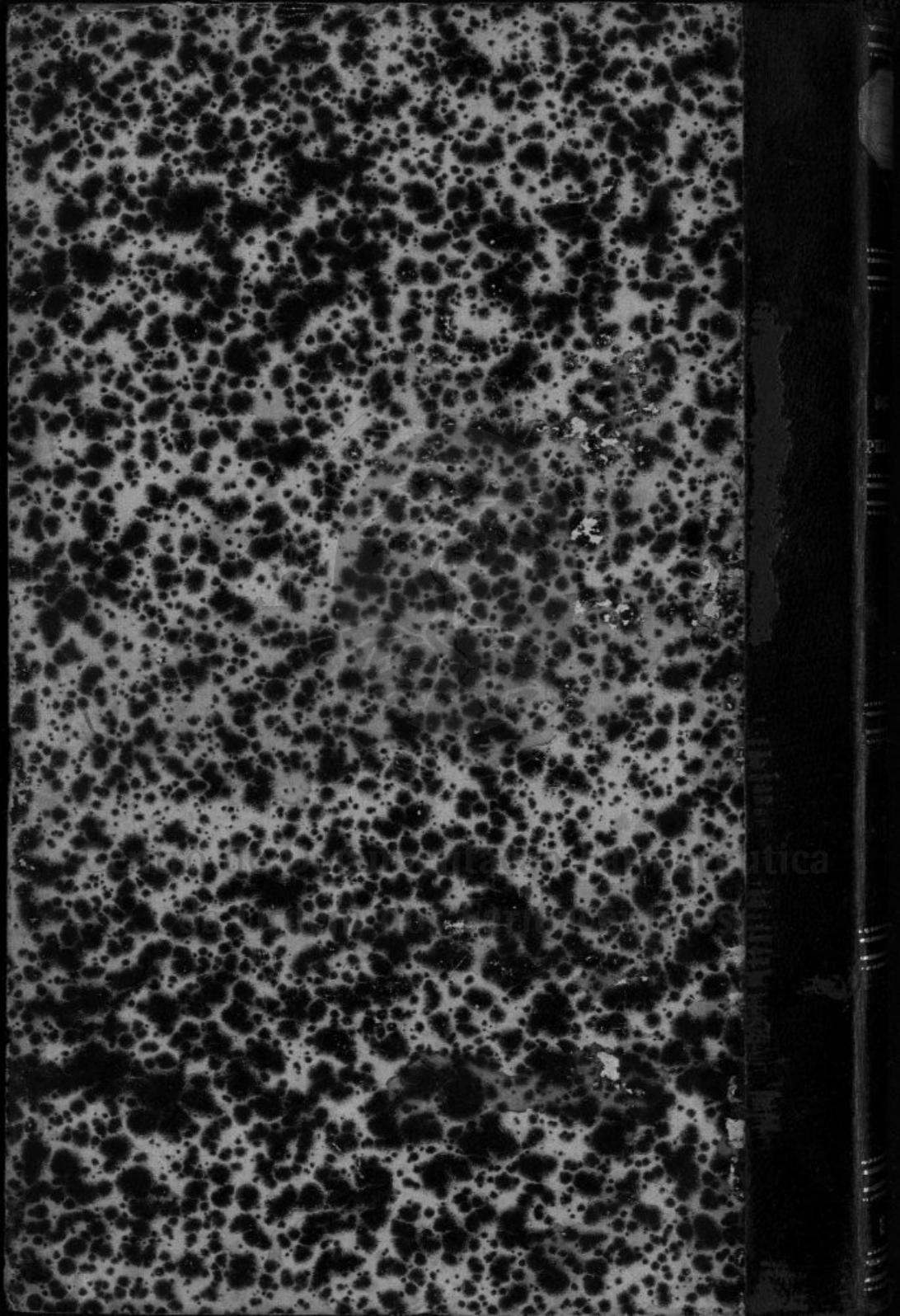
X

Xarope alcalino. 13.
Xarope de brometo de zinco contra a epilepsia. 176.
Xarope de chloroformio. 110.
Xarope de lithina. 96.









JORNAL

DA

SOCIEDADE

PHARMACEUTICA

1850

1878

N. PH. 1